

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO**

TESE DE DOUTORADO

**INFORMAÇÃO, COMUNICAÇÃO, MEMÓRIA E CIDADE:  
LEMBRANÇAS E ESQUECIMENTOS NAS NARRATIVAS TURÍSTICAS SOBRE PORTO ALEGRE  
E SEU PATRIMÔNIO CULTURAL**

LUIS FERNANDO HERBERT MASSONI

PORTO ALEGRE

2021

LUIS FERNANDO HERBERT MASSONI

**INFORMAÇÃO, COMUNICAÇÃO, MEMÓRIA E CIDADE:**

LEMBRANÇAS E ESQUECIMENTOS NAS NARRATIVAS TURÍSTICAS SOBRE PORTO ALEGRE  
E SEU PATRIMÔNIO CULTURAL

Tese elaborada como requisito parcial para obtenção do título de Doutor em Comunicação e Informação, pelo Programa de Pós-graduação em Comunicação da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Orientador: Prof. Dr. Valdir Jose Morigi.

PORTO ALEGRE

2021

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

Reitor: Prof. Dr. Carlos André Bulhões Mendes

Vice-Reitora: Profa. Dra. Patricia Helena Lucas Pranke

**FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO**

Diretora: Profa. Dra. Ana Maria Mielniczuk de Moura

Vice-Diretora: Prof. Dra. Vera Regina Schmitz

**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO**

Coordenadora: Profa. Dra. Elisa Reinhardt Piedras

Coordenadora substituta: Profa. Dra. Samile Andrea de Souza Vanz

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Massoni, Luis Fernando Herbert  
Informação, comunicação, memória e cidade:  
lembranças e esquecimentos nas narrativas turísticas  
sobre Porto Alegre e seu patrimônio cultural / Luis  
Fernando Herbert Massoni. -- 2021.  
212 f.  
Orientador: Valdir Jose Morigi.

Tese (Doutorado) -- Universidade Federal do Rio  
Grande do Sul, Faculdade de Biblioteconomia e  
Comunicação, Programa de Pós-Graduação em Comunicação  
e Informação, Porto Alegre, BR-RS, 2021.

1. Informação e memória. 2. Narrativa. 3.  
Patrimônio cultural. 4. Turismo. I. Morigi, Valdir  
Jose, orient. II. Título.

Elaborada pelo Sistema de Geração Automática de Ficha Catalográfica da UFRGS com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Programa de Pós-Graduação em Comunicação

Rua Ramiro Barcellos, 2705, segundo andar – Bairro Santana

CEP 90035-007 – Porto Alegre, Rio Grande do Sul (RS)

Telefone: (51) 33085116

E-mail: ppgcom@ufrgs.br

Luis Fernando Herbert Massoni

**INFORMAÇÃO, COMUNICAÇÃO, MEMÓRIA E CIDADE:**

LEMBRANÇAS E ESQUECIMENTOS NAS NARRATIVAS TURÍSTICAS SOBRE PORTO ALEGRE  
E SEU PATRIMÔNIO CULTURAL

Tese elaborada como requisito parcial para obtenção do título de Doutor em Comunicação e Informação, pelo Programa de Pós-graduação em Comunicação da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Aprovada em 20 de maio de 2021.

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof. Dr. Valdir Jose Morigi – UFRGS (Orientador)

---

Profa. Dra. Vera Dodebei – UNIRIO

---

Profa. Dra. Patrícia Kayser Vargas Mangan – UNILASALLE

---

Profa. Dra. Marcia Heloisa Tavares de Figueredo Lima – UFRGS

---

Profa. Dra. Karla Maria Muller – UFRGS

---

Profa. Dra. Ilza Maria Tourinho Girardi – UFRGS (Suplente)

*Dedico esta tese a todas as professoras e a todos os professores que já passaram pela  
minha vida. Sem elas e eles, ela não seria possível – e eu não seria eu.*

## AGRADECIMENTOS

Sou apaixonado pela vida acadêmica, com seus desafios, tropeços e conquistas, mas jamais conseguiria vivê-la se não fosse pelo apoio incondicional da minha família amada: meus pais, *Lucia* e *José*; meus irmãos, *Gisa* e *Fabio*; meus cunhados, *Rogério* e *Gilvane*; meus sobrinhos, *Bernardo*, *Enzo*, *Isadora* e *Alícia*; minha prima *Neuza*; minha querida tia *Liria* (*in memoriam*); e meu amado namorado, *Rafael*. A elas e eles dedico os primeiros agradecimentos desta tese.

Os amigos e amigas, família que escolhemos, também são muito importantes nesse processo. Agradeço aos que, especialmente nos últimos quatro anos, estiveram presentes, me amparando e divertindo: *Luciana Milani*, ex-orientanda, coautora e gentil amiga, por sonhar junto comigo (e realizar muitos sonhos também); *Eduardo Michalany*, sensível e fraterno amigo, sempre lutando por seus ideais e por aqueles que lhe são queridos; *Ketlen Stueber* (e *Inácio*), minha coirmã do mestrado, sempre tão gentil e fraterna, especialmente pelo apoio que me deu na mudança para POA; *Geise Ribeiro*, por toda parceria, comilanças e carinho que marcam nossa amizade; *Jocelaine Sena*, pela amizade tão gostosa e sincera, sempre com muitos conselhos e palavras de encorajamento; *Bruna Vieira*, estagiária docente que se tornou amiga; *Luziane Martins*, querida amiga e parceira de conquistas acadêmicas e profissionais (e de Ocidente também!); *Claudina Tosi*, pela confiança e pelo carinho que marcam nossa amizade; *Amanda Witt*, *Andressa Bones* e *Camila Moura*, amigas amadas que a Biblioteconomia me proporcionou; *Priscila Chagas*, parceira de reflexões a respeito dos desafios e das oportunidades que as tecnologias nos apresentam; *Catiele Souza*, parceira de orientação, de vegetarianismo e de espumantes; *Allan Gonçalves*, querido amigo, sempre disposto a me auxiliar; *Laurence Pilati*, amigo, vizinho e companheiro de caminhadas.

Agradeço às professoras que se tornaram amigas, em especial: *Marcia Tavares*, por todo apoio, confiança e generosidade (e por me permitir cuidar do amado *Nino*); *Martha Bonotto*, que transborda afeto, gentileza e sabedoria; *Nara Magalhães*, sempre afetuosa e animada; *Gloria Ferreira*, *Helen Rozados* e *Eunice Polonia*, pelo incentivo, torcida e por vibrarem junto com minhas vitórias.

Como a amizade não se importa com distâncias, tenho o prazer de desfrutar do carinho de amigos que, mesmo morando longe, estão sempre junto: *Madalena Zambini*, fraterna e calorosa amiga, dona do melhor abraço que já conheci; *Marina Damin*, coautora e querida amiga, sempre de alto-astral; *Ana Paula Sehn*, pela amizade agradável e pela confiança de ter me alugado seu apto em 2019, passo importante para meu amadurecimento; *Aline Kintschner*, sempre animada e pronta para um rolê, quando vem a POA; *Francisco Arrais*, coautor e parceiro de reflexões sobre as discussões de gênero na Ciência da Informação; *Andrea Marinho*, minha pernambucana favorita, tão fraterna e que me apresentou a pessoas incríveis, como a *Vida Vânia* e a *Vildeane Borba*; *Lilian Fontanari*, pelas companhias em eventos e pela bela amizade.

Também agradeço muito ao meu Clã amado, pelas boas energias que sempre trocamos e pela força que damos uns aos outros: *Sabrina Medeiros*, *Mirela Zanona*, *Geise Ribeiro*, *Serafina Medeiros*, *Nina Lovise* e a cerejinha do bolo, *Marilete Nicoli* (*in memoriam*). Agradeço, também, aos amigos que trago desde a infância, *Jaqueline Cardoso*, *Verônica Maslinkiewicz* e *Eduardo Bica*.

Agradeço à CAPES pela bolsa que me foi concedida, tanto durante o período de mestrado como de doutorado; à UFRGS, essa universidade de excelência, a qual sempre terei orgulho de dizer que sou filho; à FABICO, minha segunda casa durante tantos anos (um especial agradecimento às equipes de portaria e limpeza, cruciais para tornarem nosso ambiente agradável), bem como a todo seu corpo docente, especialmente dos cursos de Biblioteconomia e Museologia; ao PPGCOM, pela acolhida que me permitiu expandir minha visão sobre o mundo e sobre os processos comunicacionais e informacionais que o compõem, em especial à coordenação, à secretaria, à representação discente e aos colegas que se tornaram amigos. Também agradeço aos docentes com os quais tive o prazer de aprender ao longo do doutorado, *Elisa Piedras*, *Moisés Rockembach* e *Simone Paulon* – essa última, que se tornou uma amiga querida e fraterna, pela acolhida e por ter me apresentado a uma Psicologia doida e libertadora.

Deixo um agradecimento muito especial às turmas das disciplinas *Informação e Memória Social* (2017/2) e *Cultura, Cidadania e Ambiente* (2018/1), com as quais tanto

aprendi nos estágios docência ao longo do doutorado. Também agradeço aos amadíssimos e amadíssimas estudantes das disciplinas *Introdução à Biblioteconomia*, *Normalização de Documentos* e *Gestão do Conhecimento*, que venho ministrando enquanto substituto na FABICO. Do mesmo modo, agradeço aos docentes do DCI, pela acolhida que tiveram comigo quando do início da minha experiência como substituto e pelo compartilhamento de materiais de aula, especialmente às professoras *Caterina Pavão*, *Rita Laipelt*, *Samile Vanz* e *Maria Lucia Dias*.

Agradeço aos professores e colegas do curso de Museologia, em especial à turma 2018/1, da qual fui professor e, depois, colega – e sempre aprendi muito com todas e todos, até porque conhecimento não difere hierarquias. Aproveito para deixar meu fraterno obrigado pela acolhida gentil e pela parceria dos professores que ministraram essas disciplinas junto comigo, *Marcia Tavares*, *Júlio Francisco* e *Valdir Morigi*. Registro também meu carinho aos colegas do curso de Museologia, que vêm me acompanhando nesse novo desafio que é a segunda graduação, em especial *Lizandra Caon*, *Alisson Almeida*, *Cristine Hobus*, *Isadora Guarnier*, *Morgana Bartz*, *Izabel Rachelle*, *Carmen Brunel*, *Cinara Koch*, *Rosângela Ramos* e *Marta Busnello*. Agradeço à *Vera Dodebei* e à *Marina Damin*, pela acolhida em nossas viagens ao Rio de Janeiro, pelas parcerias de pesquisa e por todo carinho com o qual sempre trataram a mim e ao professor Valdir. Agradeço à *Miriam Moema Loss*, por todo carinho, que vem desde a época em que fui bolsista na Biblioteca da FABICO.

Agradeço à banca desta tese pelos apontamentos, críticas e sugestões e por aceitarem dialogar conosco sobre as memórias da cidade: *Vera Dodebei*, *Patrícia Mangan*, *Marcia Tavares*, *Karla Muller* e *Ilza Girardi* (suplente). Por fim, agradeço ao professor *Valdir Morigi*, pelo apoio ao longo de todo o período da minha formação como pesquisador, por acreditar no meu potencial e investir nele!

Peço desculpas aos que tenham sido importantes em minha formação e que eu tenha esquecido. Como esta tese tanto afirma, assim é a memória: incompleta, falha e rodeada por esquecimentos. A todas e todos, o meu sincero agradecimento!



## Sobre as Memórias

A memória se apresenta de diversas formas / Individual, coletiva, social, virtual  
Por isso é melhor falarmos em “memórias” / Sempre no plural

As memórias estão nos livros / Estão em nossos corpos e também na cidade  
Estejam onde estiverem / Elas precisam representar nossa diversidade

As memórias estão nos objetos e nos textos / As memórias são pedra, carne, sangue  
Em seus diversos contextos / Elas são tudo, menos estanques

As memórias são o tato, o olfato, o paladar / Envolvem todos nossos sentidos  
Nessa constante experiência do estar / São formadas pelos significados atribuídos

As memórias não são heranças / Pois as formamos em nossa ação  
Elas estão abertas às mudanças / Frutos de nossa representação

As memórias são o passado / Mas também o presente e o porvir  
Elas são constantemente ressignificadas / Nos movem e nos fazem transgredir

Não podemos resgatar as memórias / Pois elas estão em constante transformação  
Enquanto protagonistas dessa história / Trazemos as memórias na mão

As memórias são complexas / Halbwachs, Nora, Gondar  
Todos desejam estudá-las / Mas ninguém, no fundo, consegue as explicar

Há as memórias do torturado / E também as do torturador  
Estudá-las é tarefa árdua / Pois nos revelam o horror

As memórias são dialéticas / Suscetíveis às intempéries do tempo  
Sua concepção é política e ética / Mas sempre moldada pelo nosso pertencimento

Há os lugares de memória / Repletos de informação  
Mas o que os categoriza como tal / É a nossa acreditação

As memórias são a lembrança / Mas também são o esquecimento  
Provocam fúria, pavor, esperança / Ou qualquer outro sentimento

Existe, claro, uma memória fisiológica  
Neurônios e processos químicos explicados pela razão  
Mas a memória que me toca e que me trouxe até aqui  
Até parece não estar no cérebro, mas sim no coração

*Luis Fernando Herbert Massoni*

## RESUMO

Esta pesquisa objetiva estudar as práticas informacionais do turismo de Porto Alegre, pensando sobre as diferentes narrativas produzidas sobre as memórias da cidade e seus patrimônios culturais, tanto pelos entes públicos como pelos entes privados. A partir de uma perspectiva interdisciplinar, articula uma concepção sociocultural do conceito de informação a conceitos como memória, memória virtual, comunicação, representações sociais, narrativa, cidade, patrimônio cultural e turismo. A proposta deste estudo é comparar duas narrativas no âmbito do turismo, uma oficial e outra não-oficial, de modo a evidenciar no que elas assemelham-se e no que se distinguem, quais memórias reforçam e quais silenciam, promovendo o seu esquecimento. Metodologicamente, é um estudo qualitativo e faz uso da narratologia, método que analisa narrativas a partir dos elementos que as compõem, quais sejam: narrador, tema, enredo, cenários, personagens e tempos. O *corpus* de pesquisa é composto pelo áudio reproduzido ao longo do roteiro Centro Histórico, do *city tour* Linha Turismo, da Prefeitura de Porto Alegre, bem como as dicas deixadas pelos usuários do aplicativo *Foursquare* nas páginas dos lugares que são ponto de parada do ônibus, quais sejam: Viaduto Zumbi dos Palmares, Parque Farroupilha, Parque Moinhos de Vento, Mercado Público, Usina do Gasômetro, Estádio Beira-Rio e Barra Shopping Sul. O recorte temporal inclui as dicas deixadas pelos usuários no aplicativo desde 2009, início do aplicativo, até março de 2020. Os resultados evidenciam que a narrativa da Linha Turismo é fortemente amparada em uma perspectiva histórica, enquanto as dicas dos usuários possuem um viés mais calcado na narração das sensibilidades do lugar em seu cotidiano, na apropriação que os cidadãos fazem dele. Além disso, identificou-se que a narrativa oficial é mais homogênea, apresentando a cidade de forma panorâmica, enquanto que as dicas dos usuários são mais ricas em detalhes sobre o cotidiano e tensionadas por conflitos de opiniões. Conclui-se que a informação estrutura as narrativas contemporâneas que constituem as representações sobre os patrimônios culturais, influenciando e conformando as memórias construídas sobre a cidade habitada.

**Palavras-chave:** Informação e Memória; Narrativa; Patrimônio Cultural; Turismo.

## ABSTRACT

This research aims to study the informational practices of Porto Alegre tourism, thinking about the different narratives produced about the memories of the city and its cultural heritages, both by public and private entities. From an interdisciplinary perspective, it articulates a sociocultural conception of the concept of information with concepts such as memory, virtual memory, communication, social representations, narrative, city, cultural heritage and tourism. The purpose of this study is to compare two narratives in the field of tourism, one official and the other unofficial, in order to show what they resemble and what they distinguish, which memories reinforce and which silence, promoting their forgetfulness. Methodologically, it is a qualitative study and makes use of narratology, a method that analyzes narratives from the elements that compose them, namely: narrator, theme, plot, scenarios, characters and times. The research corpus consists of the audio reproduced along the itinerary Centro Histórico, of the city tour Linha Turismo, of the City of Porto Alegre, as well as the tips left by the users of the Foursquare application on the pages of the places that are the bus stop point, which are: Zumbi dos Palmares Viaduct, Farroupilha Park, Moinhos de Vento Park, Mercado Público, Usina do Gasômetro, Beira-Rio Stadium and Barra Shopping Sul. The time frame includes the tips left by users in the application since 2009, beginning of the application, until March 2020. The results show that the Linha Turismo narrative is strongly supported in a historical perspective, while the users' tips have a more biased approach in the narration of the sensibilities of the place in their daily lives, in the appropriation that citizens make of it. In addition, it was identified that the official narrative is more homogeneous, presenting the city in a panoramic way, while the users' tips are richer in details about daily life and tensioned by conflicts of opinion. It is concluded that the information structures the contemporary narratives that constitute the representations about cultural heritage, influencing and shaping the memories built about the inhabited city.

**Keywords:** Information and Memory; Narrative; Cultural Heritage; Tourism.

## LISTA DE SIGLAS

<b>BDTD</b>	Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações
<b>CAPES</b>	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
<b>DCI</b>	Departamento de Ciências da Informação
<b>DECOM</b>	Departamento de Comunicação
<b>ESPMSP</b>	Escola Superior de Propaganda e Marketing de São Paulo
<b>FABICO</b>	Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação
<b>IBGE</b>	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
<b>IBICT</b>	Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia
<b>MST</b>	Movimento Sem Terra
<b>OMT</b>	Organização Mundial do Turismo
<b>PNAD</b>	Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios
<b>POA</b>	Porto Alegre
<b>PUCRS</b>	Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul
<b>PUCSP</b>	Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
<b>SMC</b>	Secretaria Municipal da Cultura
<b>SMDET</b>	Secretaria Municipal de Desenvolvimento Econômico e Turismo
<b>SMTUR</b>	Secretaria Municipal de Turismo
<b>TCC</b>	Trabalho de Conclusão de Curso
<b>TIC</b>	Tecnologias de Informação e Comunicação
<b>TRS</b>	Teoria das Representações Sociais
<b>UCB</b>	Universidade Católica de Brasília
<b>UERJ</b>	Universidade do Estado do Rio de Janeiro
<b>UFJF</b>	Universidade Federal de Juiz de Fora
<b>UFMG</b>	Universidade Federal de Minas Gerais
<b>UFPB</b>	Universidade Federal da Paraíba
<b>UFPE</b>	Universidade Federal de Pernambuco
<b>UFRGS</b>	Universidade Federal do Rio Grande do Sul
<b>UFSC</b>	Universidade Federal de Santa Catarina
<b>UFSM</b>	Universidade Federal de Santa Maria
<b>UMESP</b>	Universidade Metodista de São Paulo
<b>UNB</b>	Universidade de Brasília
<b>UNESP</b>	Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”
<b>UNISINOS</b>	Universidade do Vale do Rio dos Sinos
<b>USP</b>	Universidade de São Paulo

## LISTA DE FIGURAS

- Figura 1 Os Elementos Constitutivos e o Modo de Produção das Representações.....43
- Figura 2 Ônibus das Linhas Turismo Centro Histórico e Zona Sul .....103
- Figura 3 Fluxo Informacional da Avaliação no Aplicativo *Foursquare* .....108

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1 Resultados da Pesquisa Bibliográfica na BDTD .....	83
Quadro 2 Datas e Períodos Citados no <i>City Tour</i> Linha Turismo Centro Histórico.....	133
Quadro 3 Síntese dos Dados Coletados no <i>Foursquare</i> .....	137
Quadro 4 Síntese Comparativa Entre as Narrativas da Linha Turismo e do <i>Foursquare</i> ....	191

## LISTA DE MAPAS

Mapa 1	Percurso do Roteiro Centro Histórico da Linha Turismo .....	116
Mapa 2	Edificações Citadas no <i>City Tour</i> Linha Turismo Centro Histórico .....	118
Mapa 3	Ruas e Avenidas Citadas no <i>City Tour</i> Linha Turismo Centro Histórico .....	123
Mapa 4	Áreas Verdes e Paisagens Citadas no <i>City Tour</i> Linha Turismo Centro Histórico .....	125
Mapa 5	Monumentos, Trechos Urbanos e Eventos Citados no <i>City Tour</i> Linha Turismo Centro Histórico .....	127
Mapa 6	Lugares Mencionados no <i>Foursquare</i> sobre o Largo Zumbi dos Palmares .....	144
Mapa 7	Lugares Mencionados no <i>Foursquare</i> sobre o Parque Farroupilha.....	146
Mapa 8	Lugares Mencionados no <i>Foursquare</i> sobre o Parque Moinhos de Vento .....	150
Mapa 9	Lugares Mencionados no <i>Foursquare</i> sobre o Mercado Público .....	153
Mapa 10	Lugares Mencionados no <i>Foursquare</i> sobre a Usina do Gasômetro .....	156
Mapa 11	Lugares Mencionados no <i>Foursquare</i> sobre o Estádio Beira-Rio .....	159
Mapa 12	Lugares Mencionados no <i>Foursquare</i> sobre o Barra Shopping Sul .....	163

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INICIANDO UM TRAJETO</b> .....	17
<b>2</b>	<b>UM TRAJETO TEÓRICO: INFORMAÇÃO, REPRESENTAÇÃO, MEMÓRIA E TURISMO</b> ..	24
2.1	UMA PERSPECTIVA SOBRE AS PRÁTICAS INFORMACIONAIS .....	24
2.2	INFORMAÇÃO, COMUNICAÇÃO E NARRATIVA: O TEMPO E O ESPAÇO.....	31
2.3	REPRESENTAÇÕES E MEMÓRIA: UM PERCURSO EM COMUM .....	39
2.4	SOBRE O ESQUECIMENTO, O SILÊNCIO E A AUSÊNCIA .....	50
2.5	AS MEMÓRIAS SOBRE A CIDADE E SEU PATRIMÔNIO CULTURAL NAS NARRATIVAS TURÍSTICAS .....	59
2.6	MEMÓRIAS VIRTUAIS, SEUS ESQUECIMENTOS E AS NARRATIVAS DA CIDADE .....	73
2.7	ESTUDOS PRÉVIOS EM COMUNICAÇÃO E CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO .....	82
<b>3</b>	<b>UM TRAJETO METODOLÓGICO: A NARRATOLOGIA NO ESTUDO DAS MEMÓRIAS DA CIDADE</b> .....	91
3.1	COLETA DOS DADOS .....	96
3.2	ANÁLISE DOS DADOS .....	98
<b>4</b>	<b>LEMBRANÇAS E ESQUECIMENTOS NAS NARRATIVAS DO SETOR TURÍSTICO: UMA COMPARAÇÃO ENTRE A LINHA TURISMO E O APLICATIVO <i>FOURSQUARE</i></b> .....	102
4.1	A LINHA TURISMO DE PORTO ALEGRE: UMA NARRATIVA OFICIAL E SEUS NARRADORES.....	102
4.2	O <i>FOURSQUARE</i> : UMA NARRATIVA NÃO-OFICIAL DIGITAL E SEUS NARRADORES ....	107
4.3	A NARRATIVA DA LINHA TURISMO.....	111
<b>4.3.1</b>	<b>Temas da Cidade nas Narrativas da Linha Turismo</b> .....	111
<b>4.3.2</b>	<b>Cenários da Cidade nas Narrativas da Linha Turismo</b> .....	115
<b>4.3.3</b>	<b>Personagens da Cidade nas Narrativas da Linha Turismo</b> .....	129
<b>4.3.4</b>	<b>Enredos da Cidade nas Narrativas da Linha Turismo</b> .....	131
<b>4.3.5</b>	<b>Tempos da Cidade nas Narrativas da Linha Turismo</b> .....	133
4.4	AS NARRATIVAS DO <i>FOURSQUARE</i> .....	136



4.4.1 Temas da Cidade nas Narrativas do <i>Foursquare</i> .....	140
4.4.2 Cenários da Cidade nas Narrativas do <i>Foursquare</i> .....	143
4.4.3 Personagens da Cidade nas Narrativas do <i>Foursquare</i> .....	165
4.4.4 Enredos da Cidade nas Narrativas do <i>Foursquare</i> .....	173
4.4.5 Tempos da Cidade nas Narrativas do <i>Foursquare</i> .....	184
4.5 COMPARAÇÃO ENTRE AS NARRATIVAS DO SETOR TURÍSTICO .....	190
5 ENCERRANDO UM TRAJETO .....	195
REFERÊNCIAS.....	202
APÊNDICE A – <i>E-mails</i> Enviados à Secretaria de Desenvolvimento Econômico.....	211

## 1 INICIANDO UM TRAJETO

Inspirada nos estudos de imaginários urbanos à luz do pesquisador colombiano Armando Silva, a pesquisa *Porto Alegre Imaginada* teve início em 2007, coordenada pela professora Dra. Nilda Jacks. O projeto desenvolveu-se a partir de uma união de forças e interesses em comum de professores do Departamento de Ciência da Informação (DCI) e do Departamento de Comunicação (DECOM) da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação (FABICO), da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

Envolvendo pesquisadores dos campos da Ciência da Informação e da Comunicação Social, essa pesquisa objetiva conhecer o imaginário da cidade de Porto Alegre por meio do cruzamento das representações dos cidadãos com as informações veiculadas pelos mais variados meios de comunicação, tanto impressos como virtuais. Nesses mais de dez anos de projeto, que se encontra sob a coordenação do professor Dr. Valdir Jose Morigi, a cidade, suas informações e memórias foram estudadas a partir de diversas teorias e através de variados métodos de pesquisa.

Dezenas de professores e estudantes de pós-graduação dedicaram-se ao projeto, que já contou com a colaboração de diversos bolsistas de Iniciação Científica, dentre os quais o autor desta tese que, apaixonando-se pela problemática da construção das memórias da cidade a partir dos fluxos informacionais, decidiu fazer dessa temática o objeto de pesquisa de sua vida acadêmica. Meu engajamento nesta pesquisa teve início em 2013, quando, enquanto bolsista, passei a me dedicar às atividades de coleta e análise de materiais veiculados pelo jornal Zero Hora. Esse trabalho, além de me render duas premiações nos Salões de Iniciação Científica da UFRGS (2013 e 2014), também teve como fruto o meu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) de Biblioteconomia (MASSONI, 2014), no qual analisei as informações sobre os patrimônios culturais da cidade mediadas pelo referido jornal.

Além disso, coorientei o TCC de Jocelaine Sena (SENA, 2015), já enquanto estudante de mestrado, que versou sobre as memórias virtuais das ruas de Porto Alegre a partir das informações contidas em uma página da rede social *Facebook*. Em minha dissertação de mestrado (MASSONI, 2017), defendida no Programa de Pós-graduação em Comunicação e Informação (PPGCOM) da UFRGS, investiguei as

memórias virtuais de Porto Alegre a partir das narrativas sobre a cidade formadas pelas informações publicadas pelos usuários do aplicativo *Foursquare*. Assim, tenho contribuído para mapear as narrativas sobre a cidade de Porto Alegre contidas em diversos meios de informação e comunicação, sejam estes impressos ou virtuais, institucionalizados ou não.

Refletindo sobre essas vivências de pesquisa, bem como meus próprios erros e acertos, percebi que era chegada a hora de lançar novos desafios, pensando em conceitos e abordagens até então não enfocados nesses estudos. A cidade vem sendo pensada por nós a partir do que é lembrado sobre ela pelas instituições e agentes produtores das informações. Entretanto, minimizamos o *esquecimento*, elemento igualmente constituinte da memória social. Configurando-se como um desafio teórico e metodológico, pesquisar o esquecimento pode nos ajudar a compreender melhor os processos e tentativas de apagamento de certas memórias da cidade. Chega o momento de pesquisar, também, o que não é representado nas representações (ou o não-dito), aqui compreendido como tudo o que foge às representações instituídas e visíveis construídas pelos agentes públicos e sujeitos narradores da cidade.

A partir desse constructo, objetivamos, mais uma vez, aproximar as teorias sobre representações sociais das teorias sobre memória social, compreendendo que o *não representado* na primeira pode ser compreendido como *esquecimento*, quando pensado à luz da segunda. Ou seja, a informação relegada ao *não-dito* das representações sociais é a mesma que configura o *esquecimento* e os *silêncios* da memória social.

Desta forma, fez-se necessário um estudo que evidenciasse a dimensão daquilo que não era dito sobre o patrimônio cultural da cidade de Porto Alegre, revelando as tensões entre lembranças e esquecimentos. Para tanto, realizamos um estudo comparativo entre uma narrativa institucionalizada e uma narrativa construída pelos próprios cidadãos, não institucionalizada. Por óbvio, destacamos que ambas passam por processos de seleção, tendo em vista que qualquer sujeito da cidade, seja uma instituição, um cidadão local ou um turista, sempre construíra a sua narrativa sobre ela a partir de processos de seleção, exclusão e esquecimento. Entretanto, ponderamos que uma narrativa institucional sobre os patrimônios culturais da cidade, como a dos órgãos públicos – tais como a Prefeitura, passa por processos ainda mais seletivos,

tendo em vista os interesses políticos e econômicos, algo que nem sempre identificamos nas narrativas construídas pelos cidadãos locais.

Escolhemos, para tanto, informações sobre os patrimônios culturais da cidade divulgadas por instituições oficiais e não-oficiais – as narrativas dos cidadãos que vivem a cidade. Tomamos para estudo o segmento de turismo, tendo em vista o seu papel na visibilização dos patrimônios culturais. As informações sobre eles voltadas para o turismo local são o foco de nosso estudo, sendo aqui compreendidas como elementos constituidores das representações sociais sobre a cidade, responsáveis pela ativação das memórias (as lembranças e os esquecimentos). O estudo tem como objetos de pesquisa empíricos as narrativas oficiais sobre a cidade veiculadas pelos órgãos públicos, através do roteiro Centro Histórico da Linha Turismo de Porto Alegre, bem como as narrativas não-oficiais dos cidadãos, publicadas no *Foursquare*, aplicativo de celular.

A Linha Turismo é um serviço oferecido pela prefeitura que consiste na realização de um trajeto percorrido de ônibus por alguns pontos selecionados da cidade. Já o *Foursquare* é um aplicativo de celular onde os próprios usuários publicam informações sobre a cidade. As informações que produzimos e explicitamos em nossas representações sobre a cidade caracterizam-se como narrativas e seu compartilhamento em ambientes virtuais pode ser compreendido como um ato narrativo. Tendo isso em vista, analisamos essas informações à luz dos pressupostos metodológicos da narratologia, interpretando as narrativas por meio da observação da sua estrutura e dos elementos que as compõem.

O estudo está calcado na análise do trajeto realizado durante o *city tour* Centro Histórico, trajeto da Linha Turismo que explora a zona central da cidade. Paralelamente, analisamos o que é mencionado sobre alguns lugares da cidade pelos usuários do aplicativo *Foursquare*, comparando os enquadramentos dados pelas diferentes narrativas e compreendendo o que é lembrado e esquecido/silenciado na narrativa institucional, apresentada pela Linha Turismo, bem como na narrativa não-oficial, tendo em vista que os usuários do aplicativo também produzem e reproduzem esquecimentos em suas narrativas.

O tema desta pesquisa são as informações sobre os patrimônios culturais da cidade e suas memórias, os enquadramentos que lançam sobre ela e,

consequentemente, os esquecimentos que produzem ou reforçam. Mediante isso, lançamos o seguinte questionamento: **De que modo as informações constroem narrativas turísticas que produzem e reproduzem lembranças e esquecimentos acerca das memórias sobre a cidade e seus patrimônios?**

Esta pesquisa se justifica pela necessidade de estudarmos os fenômenos urbanos a partir dos fluxos e das tramas de informações que os engendram e constituem. Consideramos que a Ciência da Informação e a Comunicação Social têm um grande potencial de contribuição para refletirmos sobre as problemáticas do urbano<sup>1</sup>, tendo em vista que a informação e a comunicação são elementos fundamentais de nossas práticas socioculturais cotidianas. A memória social é aqui pensada enquanto fenômeno fundamental na constituição do que chamamos de cidade, tendo em vista que é a nossa vivência com o urbano que forma a nossa cognição, através das nossas representações sobre ele, tecendo imaginários urbanos que se cristalizam na memória da população.

Estudar representações sociais sobre a cidade é fundamental para compreendermos os processos urbanos, tendo em vista que as representações moldam a forma como compreendemos o contexto sociocultural em que estamos inseridos, orientando nossas ações sobre ele. Se compreendemos que, na qualidade de cidadãos, somos centrais na atribuição de valor à cidade (ARANTES, 2009) e que é por meio deste processo que são moldadas as memórias com o urbano, então é fundamental entendermos nossos pontos-de-vista na sensível e complexa relação que estabelecemos com o lugar habitado.

A decisão de estudar as memórias sobre a cidade a partir do que os cidadãos produzem de informações sobre ela se justifica pelo fato de que, mais do que referentes históricos, essas memórias são formadas pelas interações cotidianas com o lugar, contexto no qual os aromas, paisagens e afetos corriqueiros são tão importantes quanto a história registrada. Assim, os cidadãos se constituem como fonte de informação privilegiada sobre a cidade.

---

<sup>1</sup> Embora seja adjetivo, o termo “urbano” é usado como substantivo nos estudos sobre as apropriações da cidade pelos cidadãos, representando os modos de vida, as sensibilidades e a cultura construída na cidade, constituindo uma realidade social (GASTAL, 2006).

A opção de estudar tais memórias a partir dos enquadramentos realizados pela Linha Turismo e pelos usuários do aplicativo *Foursquare* é devido à relevância da primeira, como forma de apresentação oficial da cidade, por parte da Prefeitura de Porto Alegre; e da segunda, como um exemplo de construção colaborativa de memórias sobre a cidade, a partir do olhar de seus cidadãos. Além disso, tal comparação evidencia as disputas pela memória, apontando o jogo de interesses e as intenções, tanto dos entes públicos como privados, que permeiam as narrativas sobre o patrimônio cultural.

O objetivo geral desta pesquisa é estudar as práticas informacionais no âmbito do turismo de Porto Alegre, tendo em vista as diferentes narrativas produzidas acerca das memórias sobre a cidade e seus patrimônios culturais, tanto pelos entes públicos (roteiro Centro Histórico da Linha Turismo, da Prefeitura) como pela população (informações publicadas pelos usuários do aplicativo *Foursquare*). Por sua vez, nossos objetivos específicos são:

- a) comparar a narrativa institucional do roteiro Centro Histórico da Linha Turismo com as narrativas dos usuários do aplicativo *Foursquare*;
- b) identificar quais patrimônios e/ou lugares da cidade são lembrados e quais são esquecidos nas narrativas turísticas e o que é a eles associado;
- c) identificar as estratégias de comunicação utilizadas pela Linha Turismo e pelo *Foursquare* ao referirem-se aos patrimônios da cidade;
- d) articular as teorias sobre representações sociais e memória social à narrativa e à informação;
- e) construir uma cartografia das memórias de Porto Alegre no setor turístico.

No âmbito da Teoria das Representações Sociais (TRS), de Serge Moscovici, a ideia de que as representações auxiliam na construção de memórias tem nos norteado até então. Neste estudo, lançamos mão especialmente dos escritos de Denise Jodelet, seguidora da perspectiva moscoviciano que teorizou sobre o papel das representações sociais na constituição das memórias das cidades. Nesse sentido, pensamos desde a herança teórica de Émile Durkheim, até as contribuições de autores como José Francisco Valencia, que tece uma aproximação entre os campos da representação

social e da memória social, Sandra Jovchelovitch e Gerard Duveen, que entrelaçam as representações sociais à comunicação, além de Ana Carolina Dias Cruz e Angela Arruda, que investigam a ausência nas representações sociais.

Enquanto categoria teórica, o conceito de *informação* é central neste trabalho e, para tanto, nos amparamos, especialmente, no campo da Ciência da Informação, por entendermos ser esta a principal área interessada nesse fenômeno. Nos estudos informacionais, seguimos uma perspectiva sociocultural, privilegiando a visão de autores como Rafael Capurro, Birger Hjørland, Bernd Frohmann, Maria Nélida González de Gomez, Regina Maria Marteleto, Gustavo Saldanha, Carlos Alberto Ávila Araújo e Robert Logan.

Também nos dedicamos à aproximação teórica entre os conceitos de informação, comunicação e narrativa, pensando as relações temporais e espaciais imbricadas nesses conceitos, articulando as clássicas concepções de Walter Benjamin, Paul Ricoeur, Cornelius Castoriadis e Milton Santos aos olhares contemporâneos de Luis Gonzaga Motta, Marcio Ferreira Barbosa, Carlos Reis, Patrícia Ceolin Nascimento, Valdir Morigi e Martha Bonotto. Esse olhar sobre o tema é fundamental para a articulação com o aporte teórico do campo transdisciplinar (GONDAR, 2016) da Memória Social, pensando especialmente no conceito de *esquecimento* e as suas formas de produção, lançando mão de autores como Henri Bergson, Maurice Halbwachs, Joel Candau, Paul Ricoeur, Pierre Nora, Michael Pollak, Mário Chagas, Jô Gondar, Lucia Villas Bôas e Eduardo Ismael Murguia.

O turismo é pensado por nós como pano de fundo deste estudo, contexto no qual são construídas narrativas que entrelaçam e dão sentido à cidade e aos seus patrimônios. Lançamos um olhar transdisciplinar sobre o setor turístico, tendo em vista seu papel comunicativo do patrimônio cultural urbano, amparado nas memórias da cidade, a partir das reflexões de autores como Néstor García Canclini, Maurício de Almeida Abreu, José Newton Coelho Meneses, Zilá Mesquita, Valéria Pereira da Silva, Susana Gastal, Juliana Mendes Prata, Antônio Augusto Arantes, Maria Amália Silva Alves Oliveira, María José Pastor Alfonso, Rudimar Baldissera, Luiz Celso dos Santos Júnior, Valdir Jose Morigi, Carmen Lucia Oliveira Costa, Raniery Silva Guedes de Araujo, Carina Sousa Gomes, Adriana de Menezes Tavares e Rebecca de Nazareth Costa Cisne.

Ainda nesse escopo, debruçamo-nos sobre o estudo dos fluxos informacionais que, com a inserção progressiva das Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC) em nosso cotidiano, são responsáveis pelo surgimento de novos lugares e meios de memória, em que as redes sociais e os ambientes virtuais caracterizam-se como espaços de afloramento de práticas memorialísticas. Os processos de virtualização da memória, a partir de conceitos como *memória em rede*, *memória digital*, *memória virtual* e *patrimônio digital*, são aqui pensados a partir das contribuições de Federico Casalegno, Maria Cristina Ferraz, Denise Schittine, Vera Dodebei, Patrícia Mangan, Lucas Roxo, Magda Cunha, Valdir Morigi e Luis Fernando Massoni.

Entendemos que a prática informacional de construir narrativas sobre a urbe constitui-se em um processo de enquadramento do ambiente urbano, caracterizado pela seleção e consequente exclusão de elementos da cidade. Sob um olhar informacional, poderíamos afirmar que esses elementos deixam de compor a narrativa sobre a urbe em algum momento do fluxo informacional que a constrói; sob a perspectiva da TRS, eles comporiam o não-representado; sob o viés dos estudos em memória social, eles seriam relegados ao *esquecimento*. Articulado essas três perspectivas teóricas, entendemos que há sujeitos, lugares e características da cidade que são lembrados, enquanto outros são esquecidos, ou ficam em um segundo plano, invisíveis, encobertos ou “emudecidos”.

A partir disso, nossa tese é a de que as informações que constituem as narrativas turísticas oficiais e não-oficiais acerca das memórias sobre a cidade e seus patrimônios culturais, comunicadas por diferentes agentes, constroem e reforçam lembranças e esquecimentos que tencionam representações e influenciam a forma como os cidadãos apropriam-se do lugar.



## 2 UM TRAJETO TEÓRICO: INFORMAÇÃO, REPRESENTAÇÃO, MEMÓRIA E TURISMO

O presente estudo está calcado especialmente nos conceitos de *informação*, *representações sociais*, *memória social*, *esquecimento* e *turismo*. Nesta seção, teceremos as articulações entre diferentes perspectivas teóricas necessárias para compreendermos as relações que se estabelecem entre eles, ou seja, como as informações, no âmbito do setor turístico, atuam perante as memórias da cidade, através de representações sociais que produzem e/ou reproduzem lembranças e esquecimentos de certas características, indivíduos e patrimônios culturais, seja em mídias impressas ou virtuais.

### 2.1 UMA PERSPECTIVA SOBRE AS PRÁTICAS INFORMACIONAIS

Os estudos informacionais foram historicamente pautados por uma matriz tecnicista, enfocando na organização e recuperação da informação, bem como nos processos de comunicação científica. Essas discussões encontram-se em um estágio bastante desenvolvido, especialmente alavancadas pelos desenvolvimentos tecnológicos das últimas décadas. Entretanto, informação não se restringe a essa seara: a informação que propomos pensar aqui é aquela que, amparada na memória social, constitui nossas representações e permeia todas as nossas práticas socioculturais.

Analisando as diferentes abordagens sobre o conceito de informação, Rafael Capurro e Birger Hjørland (2007) nos lembram algumas perspectivas importantes que atuaram na constituição das correntes contemporâneas de compreensão da informação. Esses estudos desenvolveram-se partindo de concepções mais matemáticas e impessoais, passando pela discussão de questões cognitivas, até os olhares mais atuais, afetados pelo entrecruzamento da Ciência da Informação com a Hermenêutica, a Semiologia e o campo dos domínios.

A distinção mais importante acerca do conceito de informação, para Capurro e Hjørland (2007), é entre informação como um objeto ou coisa e informação como algo subjetivo, como um signo que depende da interpretação do agente cognitivo. Conforme os autores, “a visão interpretativa desloca a atenção dos atributos das

coisas para os *mecanismos de liberação* para os quais aqueles atributos são relevantes.” (p. 193, grifo dos autores). Nosso estudo, por óbvio, adentrando no campo dos afetos e sentimentos que permeiam a construção das memórias, aproxima-se mais da segunda opção apontada. Entretanto, isso não significa que nos comprometemos com um viés individualista, na medida em que, como destacado pelos próprios autores, o significado é determinado nos contextos sociais e culturais.

Independente da corrente teórica a ser seguida, Capurro e Hjørland (2007) atentam para a necessidade de cercar a informação para análise de modo a não considerá-la como um conceito isolado, mas compreendendo suas relações com outros conceitos, como “documentos” e “mídia”. A abordagem que propomos aqui, por sua vez, é interpretar o conceito de informação a partir de suas relações com conceitos como cultura, memória e representações.

Em sua conhecida divisão epistemológica do campo da Ciência da Informação, Capurro (2003) identifica três paradigmas que norteiam os estudos na área, sem considerá-los, necessariamente, como uma evolução ou desenvolvimento histórico, na medida em que se entrecruzam em diferentes períodos. Para o autor, a área nasce em meados do século XX, inicialmente com um paradigma físico, posteriormente questionado por um enfoque individualista (o paradigma cognitivo), que depois perde espaço para um paradigma social e pragmático. O paradigma social, no qual temos especial interesse neste estudo, propõe uma valorização dos condicionantes sociais e materiais do existir humano (CAPURRO, 2003), compreendendo que os diferentes contextos dos indivíduos e as relações que estabelecem entre si são fundamentais para entendermos a apropriação e a circulação da informação.

Lançando um olhar panorâmico sobre a área, Carlos Alberto Ávila Araújo (2018) afirma que a Ciência da Informação não nasceu como um campo de estudos tipicamente social, tendo aproximado-se das perspectivas das Ciências Sociais ao longo dos anos, conforme assumia uma postura de valorização dos sujeitos como principais atores e objetos dos sistemas de informação. Após a inclusão do sujeito como elemento fundamental das práticas informacionais, ganhou espaço a discussão acerca da interação entre diferentes sujeitos, seus interesses e atos, bem como a aplicação da informação em contextos específicos, tornando necessária uma reflexão a partir de uma perspectiva ainda mais complexa e abstrata.

Conforme Araújo (2018), as tendências contemporâneas de pesquisa na área têm inserido a informação no escopo da ação humana, buscando refletir sobre seus contextos socioculturais concretos. Trata-se de um viés intersubjetivo que investiga a dimensão informacional dos processos socioculturais.

A ciência da informação tem caminhado para a consolidação de perspectivas calcadas em aspectos do chamado paradigma social. Isso evidencia uma tendência, que é também um olhar mais atento à complexidade dos fenômenos, ao interrelacionamento de seus elementos e dimensões, bem como aos novos aspectos das realidades empíricas que demandam novos modelos explicativos. (ARAÚJO, 2018, p. 93).

Essas discussões estão no cerne da questão epistemológica no campo da Ciência da Informação. Para Regina Marteleto e Gustavo Saldanha (2016), os estudos informacionais encontram no terreno das práticas e da circulação social dos documentos um caminho promissor para a fundamentação de seu discurso epistemológico. Conforme os autores, o pensamento informacional, ao longo do século XX, metamorfoseou-se de uma concepção sintática do conhecimento, passando por uma abordagem cognitiva, até a emancipação da base crítica, evidenciando os usos sociais da informação, seus efeitos e significados.

Essa base crítica possibilita observar a informação a partir de seus usos em nossas práticas cotidianas, do compartilhamento de saberes que realizamos no plano social. Essa é uma percepção que concebe a cultura como elemento crucial dos processos informacionais, moldada por redes de informação que estruturam e dão sentido à realidade (ou ao que as representações informacionais nos fazem compreender como realidade). Essa matriz de pensamento aproxima-se do que Marteleto e Saldanha (2016) compreendem como um estatuto epistemológico sociocultural da informação.

Isso significa assumir que a informação não está apenas na ciência, no rádio, na TV ou em outros meios de comunicação, científicos ou não, mas sim que ela é formadora e mediadora de tudo o que está à nossa volta. Conforme Bernd Frohmann (2008), uma importante tarefa dos estudos informacionais é conciliá-los com os fenômenos decorrentes das práticas sociais e públicas e das realidades políticas,

econômicas e culturais que nos cercam. Para compreender essas articulações, o autor utiliza o termo “regime de informação” para referir-se aos atores, instituições, veículos e cenários temporais e espaciais que formam um determinado ordenamento das ações e políticas de informação. Tais regimes representam relações sociais e formas específicas de poder que são exercidas em sua abrangência, no tempo e no espaço, por meio de discursos, relações sociais e práticas científicas e tecnológicas.

Explorando esse conceito, Maria Nélida González de Gómez (2002) disserta sobre as vinculações políticas da informação, a partir de suas inscrições documentais e tecnológicas, pensando a sua relação com o modelo moderno de soberania, onde compreende-se o Estado como agente principal de produção e disseminação de informações. Ao assumir esse papel, o poder público passa a gerir esse “capital informacional”, assegurando seu poder sobre outras instâncias sociais. A informação, nessa perspectiva, é objeto de disputas políticas, na medida em que dominá-la significa dominar os grupos sociais. O domínio sobre a informação, enquanto expressão de poder, é alvo de disputa política entre diferentes atores.

Do ponto de vista da relação entre política e informação, não se poderia falar de um momento *a posteriori* no qual, já dada a informação, estabelece-se seu valor, prioridade ou finalidade de acordo com estruturas ou posições de poder; enquanto ‘informação’ implique seletividade e escolha, a ‘politicidade’ estaria presente no âmago da emergência de conteúdos, ações, tecnologias, produtos e serviços de informação. (GONZÁLEZ DE GÓMEZ, 1999, p. 4).

Por óbvio, a subjetividade é um aspecto presente nos regimes de informação, pois a ideia de uma informação “verdadeira” cai por terra quando constatamos que, como lembra González de Gómez (1999), indivíduos, atores coletivos e organizações constroem valores de informação a partir da seleção e decisão sobre o que informar. Conforme a autora, espera-se desses sujeitos uma autonomia informacional, atrelada a uma postura ética e política, mas o que se percebe é o desenvolvimento de regimes de informação com tendências monopolistas e hegemônicas.

Um fenômeno, processo ou construção informacional possui “camadas” ou “estratos”, que incluem uma pluralidade de linguagens, contextos materiais e tecnológicos e instâncias e organizações que regulam os fluxos informacionais, bem

como produtores, intermediários e usuários que definem o valor informacional (GONZÁLEZ DE GÓMEZ, 1999). O valor de informação é formado pela seleção, individual e social, que possui um caráter emocional, cultural, prático e gnoseológico.

A informação seria constituída numa ação local, onde obtêm significado e valor, e não só localmente interpretada. A diferença que faz a diferença requer o reconhecimento de um julgamento seletivo de relevância, pelos agentes envolvidos. E isso acontece em contextos e situações específicas. (GONZÁLEZ DE GÓMEZ, 2012, p. 55).

Sob o ponto de vista dos regimes de informação, toda prática informacional é orientada por interesses que envolvem diferentes agentes, sejam esses públicos ou privados, individuais ou coletivos. Esta pesquisa, como o capítulo metodológico apresentará em breve, propõe um estudo sobre as práticas informacionais no âmbito do turismo, tendo em vista as diferentes narrativas produzidas, tanto pelos entes públicos (a Prefeitura de Porto Alegre) como pelos entes privados (o aplicativo *Foursquare*).

Em uma concepção antropológica da informação, Regina Maria Marteleto (2002; 2007) a compreende como um fenômeno da ordem do conhecimento e da cultura, sendo um artefato material e simbólico que produz sentidos e está social e coletivamente enredada, configurando-se pelas representações e ações dos sujeitos envolvidos com sua produção e divulgação. Sem desconsiderar ou rejeitar o caráter material e funcional da informação, essa perspectiva a entende como fato cultural e político, e não meramente técnico. A autora utiliza o conceito de “cultura informacional” para refletir sobre os processos macrossociais e microssituacionais da informação no contexto de autonomização dos campos sociais, de formação de uma esfera pública e da divisão dos segmentos sociais em produtores e consumidores de matérias informacionais (notícias, discursos e bens culturais).

Nesse sentido, a cultura informacional tanto se refere à ordem instituída, produtiva e necessária das informações, quanto aos modos singulares dos embates e apropriações situadas dos sentidos produzidos socialmente. Cultura, nesse modo de entendimento da realidade social de produção de sentidos, tem dimensões simbólicas

e, ao mesmo tempo, instrumentais, quando a associamos aos modos de produção da informação. (MARTELETO, 2007, p. 20)

Ou seja, põe-se em questão não apenas os processos referentes ao fluxo informacional (produção, disseminação, uso, etc.), mas também os usos sociais e particulares da informação, as apropriações contextualizadas da informação e os significados a ela atribuídos pelos diferentes sujeitos. Para Marteleto (2007), as últimas décadas nos apresentam um contexto de desestatização dos regimes de informação, que vêm sendo cada vez mais geridos por sujeitos sintonizados com o mercado. O Estado e seus agentes deixam de serem os grandes produtores e gestores de informações, pois perdem espaço para a especulação mercadológica que, visando interesses financeiros, utiliza-se dos estoques informacionais para produzir e vender bens e serviços. Obviamente, instalam-se disputas de interesses, pois qualquer tipo de ruptura social sempre é acompanhado por resistências.

Ainda nessa perspectiva cultural, podemos compreender que a informação não é fixa, pois precisa de um contexto. Conforme Robert Logan, na medida em que a cultura está em constante transformação, concede-se à informação um caráter de relatividade, não a restringindo a um conceito unitário que independe dos fenômenos que ela mesma descreve. Em uma definição “ideacional”, a cultura pode ser entendida como:

Cultura consiste na informação simbólica que atua como uma ferramenta de adaptação mental e é exclusiva dos seres humanos. Cultura é o mecanismo pelo qual a aprendizagem das gerações anteriores é passada para a geração seguinte através da comunicação e da interação social. (LOGAN, 2012, p. 99)

A concepção apontada pelo autor dá conta da cultura como um processo fundamentalmente formado por informações que, articulando as memórias do passado, é responsável pela coesão social e manutenção de valores, constantemente tecidas pela interação entre os membros do grupo social. O viés apontado pelo autor ainda destaca o caráter altamente valorativo e contextual da informação – que já não é apenas “informação”, mas sim “informação simbólica”, na medida em que, em sua própria construção e divulgação, ela já possui um valor simbólico agregado.

Essa perspectiva compreende a informação mais como um processo ou um verbo do que como um substantivo ou uma coisa, pois a informação simbólica do pensamento humano e da cultura é não material, configurando-se como um padrão de símbolos. Para Logan (2012), essa informação surge através da linguagem falada e vem e vai, preservando-se apenas na memória das pessoas envolvidas na conversação.

Embora não sejam temáticas novas, a relação entre informação e memória se consolidou recentemente. De acordo com Vera Dodebei (2010), é a partir do século XX que o mundo passou a ser visto como espaço informacional e memorial, pois informação e memória configuram a face imaterial da economia representada pelo consumo de bens encontrados nas redes sociais ubíquas, ao mesmo tempo em que são a face material da valorização de bens culturais e da preservação de patrimônios.

Quer se articule ao plano da oralidade ou ao da escrita, a transmissão da informação sempre esteve atrelada às condições de memória da humanidade. Do exercício da memória individual – jogos de mnemotécnica, passando pelas memórias auxiliares coletivas – arquivos, bibliotecas e museus, encontramos no século XXI com o dilema de conviver com uma memória que é informação e com uma informação que já é memória. Os meios de produção, armazenamento e circulação de memórias/informações são números em sua essência e imagens em sua aparência. (DODEBEI, 2010, p. 60).

O campo de estudos em memória é vasto e diversas são as abordagens que identificamos acerca dos processos mnemônicos e dos fenômenos que os circundam. Dodebei (2010) lembra alguns termos identificados no campo: memória coletiva, memória social, quadros sociais da memória, memória individual, arte da memória, mnemotécnica, memória comunicativa e comemoração. Além desses, cabe lembrar, há diversos outros que identificamos na literatura, tais como memória neurofisiológica, memória cultural, memória histórica, falsas memórias, memória institucional, memória familiar, memória nacional, memória profissional, etc.

Independente da área de estudo ou da abordagem feita pelos autores, há um termo que sempre é lembrado nas diferentes teorias sobre memória: informação. Para além do campo da Ciência da Informação, que tem nesse conceito seu mote de estudos, todas as teorias sobre memória, das mais diversas áreas do conhecimento, referem-se à informação como elemento constituinte dos processos mnemônicos. Isso

de deve ao fato de que a informação, carregada de elementos simbólicos, constitui narrativas que reforçam e, ao mesmo tempo, estão amparadas na memória.

## 2.2 INFORMAÇÃO, COMUNICAÇÃO E NARRATIVA: O TEMPO E O ESPAÇO

Concebemos a informação como um elemento construtor de sentidos, significados e representações, passível de compreensão apenas quando analisamos com cuidado os diversos contextos socioculturais em que ela está presente e as intencionalidades que movem os sujeitos e/ou instituições que a divulgam, publicam ou compartilham. A informação é a matéria-prima de notícias, permeia discursos e é, para nós, o elemento constituinte das narrativas que produzimos. Entendemos aqui narrativas como as histórias que contamos, a partir de nossas experiências, bem como de informações que acessamos e reproduzimos. Informação e memória são, assim, a força motriz da narrativa, que se apresenta na forma de um relato, concebido a partir de representações.

Cabe frisar a contribuição de um importante autor que, influenciado pelo marxismo, debruçou-se sobre as relações entre informação, narrativa e memória, que é o filósofo e sociólogo Walter Benjamin. Na crítica como reflexão estética e política que realiza, o autor (1994) reflete sobre o ato de narrar a partir de um contexto de pós-guerra, marcado por desesperança e devastação, condicionando-o a olhar para o passado com esperança, idealizando-o, em uma visão nostálgica que o faz pensar no desaparecimento progressivo da figura do narrador.

Em um momento marcado pelo ritmo acelerado das sociedades industrializadas e pelo aumento da automação, o autor se contrapõe a essas tendências, entendendo que o romance e o texto jornalístico, bem como a informação de modo geral, são responsáveis pela morte da narrativa (BENJAMIN, 1994). Para ele, a arte de narrar estava em extinção, bem como a sabedoria, pois as ações de experiência estavam em baixa: “é como se estivéssemos privados de uma faculdade que nos parecia segura e inalienável: a faculdade de intercambiar experiências.” (p. 198). Reféns do relógio, correndo contra o tempo para dar conta de jornadas exaustivas de trabalho, Benjamin compreende que os sujeitos já não possuem a capacidade de narrar, pois, para isso, é



necessário ter experiências de vida, e a experiência já não acontece, devido à superficialidade com que as pessoas cada vez mais vivem.

As pessoas abreviaram a narrativa ao tirarem a densidade do conteúdo, demonstrando uma aversão cada vez maior ao trabalho prolongado, e a informação, pelo seu caráter efêmero e objetivo, prejudicaria a narrativa, pois independeria da experiência (BENJAMIN, 1994). O autor aponta várias oposições entre a informação e a narrativa: a informação é efêmera, enquanto a narrativa perpassa o tempo; a informação é objetiva, enquanto a narrativa é moldada pelo narrador (o narrador imprime suas marcas na narrativa, como a mão do oleiro na argila do vaso, o que aproxima o ato de narrar de um fazer manual, perceptível em expressões usadas pelo autor, como “trabalho manual”, “arte manual”, “ofício manual”); a informação sempre está acompanhada de explicações, enquanto a narrativa as evita ao máximo. Assim, na concepção benjaminiana, cada vez menos pessoas saberiam narrar devidamente.

Na Modernidade, estando a experiência em vias de extinção, cada vez mais impossível de ser praticada com plenitude, haveria espaço apenas para a vivência, uma forma de interação mais superficial com o ambiente. Mediada por informações, a narrativa seria menos densa e completa, pois apenas fruto da vivência – e assim, também, aprendemos a vivenciar o mundo através de informações, sem ter com ele a experiência própria. É importante lembrar que qualquer pensamento é sempre temporal e circunstancial, tornando-se necessário analisar o contexto do autor para compreendê-lo. Benjamin certamente realiza uma leitura inteligente e aprimorada de seu contexto, tanto que suas considerações continuam válidas, mesmo após quase um século de sua escrita. Levando-se em consideração o desenvolvimento tecnológico e a aceleração de nossas vidas, podemos considerar que o quadro criticado pelo autor não apenas se manteve, como foi agravado: cada vez mais vivemos imersos em um mundo orquestrado por fluxos informacionais incessantes, e o trabalho continua a dificultar a concretização de nossas experiências de vida, devido ao tempo que demanda.

Concordamos com o autor sobre a experiência, em vias de extinção, ser a matéria-prima da narrativa. A informação, da forma como a concebemos, não é necessariamente objetiva, pois não possui esse compromisso com a verdade. Aliás, cabe lembrar que, no campo das Ciências Humanas e Sociais, a própria concepção de “verdade” é questionada, na medida em que intencionalidades permeiam toda e

qualquer prática humana, causando distorções em qualquer história contada. Na Ciência da Informação, especificamente, a concepção de que informação é um constructo social, enredado por tensões, também não é nova. Ademais, cabe lembrar que, quando falamos em memória, o caráter imaginativo sempre se faz presente, na medida em que realizamos uma leitura mental de nossas experiências, atribuindo diferentes significados a cada acontecimento de nossas vidas, a partir de nossos princípios e valores. A informação, a memória e a narrativa são, assim, sempre parciais, incompletas, por vezes incoerentes, mas nem por isso menos importantes, pois são elas que engendram nossas visões de mundo, o que justifica o seu estudo.

Amparados em uma concepção próxima à de Benjamin (1994), poderíamos compreender que a informação, intensificando a impressão contemporânea de aceleração do tempo (e da história), seria um impeditivo para a possibilidade de experiências reais com a natureza, a cidade e com o outro. Entretanto, esse pressuposto também precisa ser relativizado, pois nossa própria relação com o tempo não é tão linear e objetiva como se pensa. Conforme Paul Ricoeur (2012), o caráter temporal da experiência humana é o que está em jogo em toda narrativa, pois o tempo é articulado de modo narrativo e são as condições da existência temporal que dão sentido aos relatos.

Os paradoxos que afligem nossa experiência humana do tempo vão mais além do caráter puramente linear e cronológico – ou antes cronométrico – do tempo. Eles acompanham toda tentativa de elaborar a relação dialética entre passado, presente e futuro, e a relação dialética entre parte e todo temporal. (RICOEUR, 2012, p. 301).

Conforme o autor, o tempo está sempre presente na alma: o passado, graças às imagens de eventos anteriores que chamamos de lembranças; o futuro, graças às imagens de antecipação ou expectativa; e o presente é essa junção de memória e expectativa. Assim, podemos compreender que a narrativa é tecida pelo tempo do presente, com nossas lembranças e impressões sobre o tempo passado e também nossos anseios com relação ao tempo futuro. A intriga possui um papel mediador entre os eventos isolados e a história narrada.

Uma intriga faz a mediação entre os eventos ou incidentes isolados e uma história tomada como um todo. Esse papel mediador pode ser lido em dois sentidos: uma história é feita de... (acontecimentos) na medida em que a intriga transforma esses acontecimentos em... (uma história). Um acontecimento, desde então, deve ser mais que uma ocorrência singular e única. Ele recebe sua definição a partir de sua contribuição para o desenvolvimento de uma intriga. Uma história, por outro lado, deve ser mais que uma enumeração de eventos em uma ordem sucessiva, ela deve aferir um todo inteligível dos incidentes, de tal sorte que seja sempre possível perguntar qual é o 'tema' ou o 'sujeito' da história. (RICOEUR, 2009, p. 303).

O suceder da história, que é tecida pela intriga, combina duas dimensões temporais, uma cronológica e outra não: a *dimensão episódica*, que diz respeito aos eventos/episódios; e a *dimensão da configuração*, através da qual a intriga constrói significados por meio desses eventos (RICOEUR, 2009). A primeira pende para a representação linear do tempo, em um suceder de episódios regidos pela ordem do tempo comum aos eventos humanos, enquanto a segunda apresenta traços temporais resultantes da transfiguração ou da metamorfose das sucessões, sendo que o arranjo configurante transforma essa sucessão em uma totalidade significativa (uma análise em conjunto).

Valdir Morigi e Martha Bonotto (2004) refletem sobre de que modo a informação, presente em manifestações e produtos culturais, está imbuída de subjetividade e afetividade:

[...] a informação tem inscrito em si um percentual de afetividade e subjetividade, o que confere a ela um caráter subjetivo e afetivo, impedindo que tenha um caráter exclusivamente imparcial, isento e objetivo. Por esse motivo, na informação histórica está presente, por mais que os próprios historiadores digam o contrário, também a informação afetiva. (MORIGI; BONOTTO, 2004, p. 148).

As informações que acessamos, como as que constituem narrativas, não sendo isentas e imparciais, influenciam nossas representações sobre os acontecimentos passados. Conforme os autores, elas atualizam e reordenam as impressões sobre o presente e modificam as representações sobre o tempo passado, atualizando os imaginários e o acervo cultural, caracterizando a mediação entre o passado e o presente. Os autores compreendem que as lembranças evocadas pela memória

possuem relação íntima com o tempo imaginário ou significativo, que é uma das dimensões do tempo instituído, tomando as concepções de Cornelius Castoriadis. O autor compreende que há o tempo identitário e o imaginário. O tempo identitário é o das medidas, dividido e segmentado em tempos iguais, do calendário, representado pelos fenômenos periódicos do estrato natural, como dia, mês, ano, etc., sempre com referência a fenômenos espaciais. Já o tempo imaginário, para Castoriadis (1982), é indefinível, inapreensível e maleável, não sendo a simples repetição de um acontecimento, pois é instituído pela sociedade, pelas forças que o animam e pelos momentos privilegiados da atividade social.

Esses tempos, entretanto, não são simplesmente separados, pois, conforme Milton Santos, os diversos tipos de tempos comunicam-se entre si, convergindo na experiência humana e divergindo na análise, pois o tempo é social. O tempo do sujeito, individual, por exemplo, conforme Santos (2002), é um tempo sonhado, vendido e comprado, simbólico, mítico e das sensações, mas limitado porque não é passível de avaliação se não for referido ao tempo histórico, da sucessão, que é o tempo social, marcado pelo ontem, hoje e amanhã.

A visão do autor nos permite compreender um pouco como se dá essa relação do tempo com a cidade: “[...] a paisagem é toda ela passado, porque o presente que escapa de nossas mãos, já é passado também” (SANTOS, 2002, p. 21). Para ele, o tempo é ordenado pelas periodizações, que nos permitem pensar nas gerações urbanas e nas cidades que se sucedem, construídas de acordo com diferentes ideologias, usando diferentes materiais e de diferentes formas. Mas a cidade, pelo seu caráter espacial, também é modeladora de outros tempos:

[...] paralelamente a um tempo que é sucessão, temos um tempo dentro do tempo, um tempo contido no tempo, um tempo que é comandado, aí sim, pelo espaço. [...] O espaço impede que o tempo se dissolva e o qualifica de maneira extremamente diversa para cada ator. (SANTOS, 2002, p. 22).

Assim sendo, esses tempos imaginários, frutos de representação e significação aos quais os autores anteriores referem-se, é moldado pelas nossas práticas no espaço – em especial, aqui nos referimos ao espaço urbano. No espaço, conforme Santos (2002), pessoas e instituições com temporalidades diversas funcionam no espaço da

cidade, nunca de forma harmoniosa, mas de forma harmônica, pois o espaço atribui a cada um formas particulares de comando e de uso do tempo e do espaço. Ou seja, o espaço é coordenador das diversas organizações do tempo.

Alguns movimentam-se segundo tempos rápidos, outros, segundo tempos lentos, de tal maneira que a materialidade que possa parecer como tendo uma única indicação, na realidade não a tem, porque essa materialidade é atravessada por esses atores, por essa gente, segundo os tempos, que são lentos ou rápidos. Tempo rápido é o tempo das firmas, dos indivíduos e das instituições hegemônicas e tempo lento é o tempo das instituições, das firmas e dos homens hegemônizados. A economia pobre trabalha nas áreas onde as velocidades são lentas. Quem necessita de velocidades rápidas é a economia hegemônica, são as firmas hegemônicas. (SANTOS, 2002, p. 22).

A concepção do autor nos faz perceber que a questão temporal, nas cidades, muito distante da mera casualidade e não sendo simplesmente uma questão cronológica, é sempre permeada por relações de poder. A cidade, moldada e modeladora do tempo, é constituída por engrenagens que funcionam porque cada sujeito que nela opera, tanto individual como coletivo, possui um tempo próprio. Assim, os tempos da cidade expressam as relações de poder constituídas no urbano. Isso significa que a temporalidade na cidade não é apenas histórica, pois é moldada pelas nossas formas de ser e estar no lugar. Há, sim, um tempo cronológico, marcado por períodos como o dia, o mês, as estações e os anos, mas também há os tempos que, mais do que medidos, são sentidos e vividos, lineares ou cíclicos, mas sempre permeados pelos imaginários engendrados pela vivência urbana.

A narrativa se constitui em um fenômeno humano presente em todas as culturas e em todos os tempos. Conforme Luis Gonzaga Motta (2013), narrar é relatar eventos de nosso interesse enunciados em um suceder temporal que se encaminha a um desfecho, evidenciando que a narrativa segue uma determinada ordem – início, meio e fim. As narrativas tecem nossas vidas, nos entrelaçam, envolvem e constituem, atuando na representação de nós mesmos e de nossas identidades individuais, o que caracteriza o estudo da narrativa também como um estudo de nossas memórias. Nas palavras do autor:

O homem narra: narrar é uma experiência enraizada na existência humana. É uma prática humana universal, trans-histórica, pancultural. Narrar é um metacódigo universal. Vivemos mediante narrações. Todos os povos, culturas, nações e civilizações se constituíram narrando. Construimos nossa biografia e nossa identidade pessoal narrando. Nossas vidas são acontecimentos narrativos. O acontecer humano é uma sucessão temporal e causal. Vivemos as nossas relações conosco mesmos e com os outros narrando. Nossa vida é uma teia de narrativas na qual estamos enredados. (MOTTA, 2013, p. 17).

O ato narrativo está, assim, presente em todas as instâncias de nossas vidas, suscetível às nossas vontades e desejos, moldado pelo nosso olhar sobre o objeto ou fenômeno narrado. Isso faz com que, enquanto narradores, tenhamos o controle na produção de silêncios e esquecimentos em nossas narrativas, pois destacamos alguns aspectos em detrimento de outros, evidenciando a subjetividade das informações que produzimos e reproduzimos no ato narrativo. Para Motta (2013), a inclusão e a exclusão de elementos em nossas narrativas variam de acordo com a imagem moral que desejamos construir ou passar. Ou seja, a mediação das informações varia de acordo com os efeitos que se intenciona causar.

Marcio Ferreira Barbosa (2003) corrobora com essa concepção, destacando que a narrativa constrói versões parciais da história narrada porque se encontra em tensão com a experiência. Assim como a memória, a narrativa é sempre uma representação sobre o mundo, uma versão dos fatos, um fragmento, uma concepção dentre as muitas possíveis a respeito dos objetos e fenômenos narrados e memorados. Conforme Barbosa (2003), ao lidarmos com a experiência atual, somos influenciados por experiências passadas, embora o armazenamento delas nunca ocorra de forma mecânica, na medida em que há sempre um processo de releitura e atribuição de novos significados quando interpretamos o passado. Memória e narrativa têm em comum o fato de serem marcadas pelo tempo, constantemente influenciadas e reformatadas pelo presente. Embora narrem fatos que, em geral, dizem respeito ao passado, são construídas por pessoas que possuem visões de mundo e expectativas com relação a um futuro a ser vivido.

Assim, as narrativas são moldadas pelo tempo em que são produzidas, pelos valores dos sujeitos narradores e seus lugares de fala, constantemente suscetíveis a enquadramentos, vontades e intencionalidades. Para Motta (2013), sujeitos, grupos e

instituições narram e interpretam sua realidade a partir dos lugares históricos em que estão situados, ocupando uma posição de poder em que um é narrador e o outro é destinatário, evidenciando a correlação de forças que permeia o ato narrativo. O autor argumenta que a análise da narrativa, no contexto de sua configuração, permite a compreensão desses jogos de poder.

Lançando um olhar midiático sobre essa questão, Patrícia Ceolin Nascimento entende a mídia opera através de escolhas sobre o que deve ou não ser veiculado, sendo que elas produzem significações específicas e pretendidas no público. Para Nascimento (2007), a mídia não opera como mediadora, mas como agente em um processo de demarcação de poderes, constituindo seu discurso com informações (verdadeiras), que seriam responsáveis por lhe garantir autoridade e credibilidade. Ou seja, o estatuto de “verdade” da informação é o que lhe torna valorosa para a comunicação. Ainda de acordo com a autora, as mídias não são neutras, pois valoram e editam a informação.

[...] as informações não podem ser tomadas como dados isolados, passíveis de mediações ou atribuições de valores quantitativos, mas, antes, devem ser pensadas como micronarrativas que ao se concatenarem na cena midiática estabelecem determinadas significações, representativas de demandas já latentes nesse ambiente discursivo. (NASCIMENTO, 2007, p. 5).

A informação, no âmbito midiático, é compreendida como um processo comunicativo, responsável por estruturá-la e configurá-la como tal. A informação é objeto de troca simbólica no universo midiático por caracterizar-se como narrativa, composta por um conjunto de relações significativas, uma trama em torno do (acon)tecido social. Para Nascimento (2007), as informações interessam por constituírem um modelo narrativo, sendo que as trocas midiáticas são tramadas justamente pelas narrativas, pois só é possível informar devido à configuração narrativa da informação, responsável pela troca (fios, relações e laços sociais).

Deparamo-nos, assim, com o desafio de entender como é possível analisarmos essas narrativas. Compreendemos ser necessário apreendê-las pela forma como se manifestam: através de informações. Ou seja, observar as informações mediadas em nossa sociedade seria uma forma de entender como as narrativas são construídas e

socialmente partilhadas, em um viés no qual analisar informações é desvendar camadas narrativas. Orientando-nos por esse olhar, compreendemos ser o ato de narrar uma prática de mediação informacional, pois cada narrativa que chega até nós só o faz porque está enredada em um conjunto de informações que são mediadas por sujeitos e instituições, que a enquadram conforme seus valores e visões de mundo.

Essa relação entre informação e narrativa faz com que a história da primeira incida sobre a forma de construção e comunicação da segunda. Os caminhos percorridos pela informação, inclusive através das TIC, dão vazão a novas práticas narrativas, originando mudanças nas formas de narrar e de ser narrado. Mediar uma informação é comunicar uma narrativa, obstruí-la significa silenciar essa mesma narrativa. E, nessa prática de mediação, mesmo um simples ato representa algo: quando compartilhamos uma informação em nossa página nas redes sociais, por exemplo, não estamos apenas informando ao outro sobre aquilo, pois deixamos rastros da nossa concepção sobre o que compartilhamos. Enquanto mediadores, demarcamos nosso lugar de fala e, assim, reforçamos, questionamos ou até enfraquecemos aquela narrativa. Constituídas por informações, as narrativas reforçam as memórias socialmente partilhadas, cristalizadas nas representações, responsáveis por conformar nossas visões de mundo e orientar nossas práticas socioculturais.

### 2.3 REPRESENTAÇÕES E MEMÓRIA: UM PERCURSO EM COMUM

Compreendemos que a constituição das memórias ocorre através da criação e do compartilhamento de representações, responsáveis por nutri-las e, ao mesmo tempo, sendo mantidas por elas. Nesse sentido, tecemos aqui uma articulação teórica entre os estudos sobre representações coletivas/sociais e pressupostos do campo da memória coletiva/social, objetivando traçar uma linha de pensamento que aproxime tais estudos.

Para dar conta de compreender a vida do operário do século XIX e, assim, melhor analisar a estrutura social vigente na época, o sociólogo Émile Durkheim concebeu o conceito de “representações coletivas”, objetivando referir-se às formas de saber constituídas no âmago dos grupos sociais e que orientavam as ações dos indivíduos. Durkheim (1979) compreendia que a vida coletiva era feita de



representações, que se distinguem dos demais fenômenos da natureza por características particulares e contrariam qualquer método ou os tratam como se não existissem. As representações, para o autor, são responsáveis por orientar nossas práticas:

Aquilo que nos dirige não são as poucas ideias que ocupam presentemente nossa atenção; são, isto sim, os resíduos deixados por nossa vida anterior; são os hábitos contraídos, os preconceitos, as tendências que nos movem sem que disso nos apercebamos, são, em uma palavra, tudo aquilo que constitui nossa característica moral. (DURKHEIM, 1979, p. 20).

O autor também aponta para a autonomia das representações, pois, uma vez existindo, elas continuam a existir por si, independente do estado dos centros nervosos que as produziram na memória cognitiva. Segundo Durkheim (1979), as representações coletivas são exteriores às consciências individuais, pois não derivam dos indivíduos isoladamente, mas da cooperação deles. Assim, na fusão do fenômeno social, as características individuais são neutralizadas e apagadas, restando apenas as propriedades mais gerais da natureza humana.

Aproximadamente um século após os postulados de Durkheim, sua teoria é repensada no campo da Psicologia e ganha uma nova roupagem, mais preparada para compreender os fenômenos de uma sociedade industrializada, em que fenômenos como a informação atravessam as representações e as transformam constantemente. Estamos nos referindo ao conceito de “representações sociais” proposto por Serge Moscovici (2003) na década de 1960, importante teoria para pensarmos os processos sociais de produção do conhecimento. O autor teorizou sobre o “poder das ideias” que orientam as práticas sociais a partir das concepções de mundo compartilhadas pelo senso comum, forma de conhecimento geralmente relegada pela ciência.

Preocupado em compreender como os grupos sociais constroem visões sobre o mundo que os cerca, o autor elaborou o conceito de representações sociais, que seriam sistemas de valores, ideias e símbolos responsáveis por ordenar nossa ação no mundo material e social. As representações convencionalizam e categorizam objetos, pessoas e acontecimentos, possibilitando a comunicação entre os membros de uma sociedade, ao mesmo tempo em que compõem nossa realidade e a representam. As

representações, na concepção moscoviana, classificam o mundo, codificando e nomeando os fenômenos com os quais nos deparamos no cotidiano.

Para Moscovici (2003), as representações são fenômenos, meios pelos quais recriamos a realidade, estruturas dinâmicas que operam relações e comportamentos, valendo-se menos da razão do que da memória e da convenção social. As representações estão presentes em nosso cotidiano e influenciam diretamente nossas atitudes perante o outro e o ambiente, além de nossos modos de ser e estar. O autor da Teoria das Representações Sociais desejava desvendar de que modo construímos um mundo estável e previsível, ainda que sua origem advenha de uma sociedade diversa.

Aprofundando a perspectiva Moscoviana, Denise Jodelet aproxima a TRS do conceito de memória, compreendendo a representação social como uma produção mental com o objetivo de preencher a ausência de um objeto que não está presente (objeto aqui compreendido como coisas, pessoas, grupos, fenômenos, etc.). Na visão de Jodelet (2001), a percepção dos sujeitos sobre determinado objeto é crucial na construção das representações, influenciada por processos de simbolização e interpretação.

Abordar os sujeitos no campo das representações sociais é referir-se a dimensões físicas e cognitivas, levando-se em consideração a subjetivação inerente à compreensão das representações que os sujeitos, sejam individuais ou coletivos, atribuem aos objetos que constituem seu meio social e material (JODELET, 2009). Os sujeitos, na concepção da autora, não podem ser concebidos como indivíduos isolados, mas como atores sociais ativos, constantemente afetados por diferentes aspectos da vida cotidiana. Assim, compreende-se como a memória é importante na formação das representações, na medida em que: do ponto de vista do sujeito, ele constrói representações a partir das impressões que mantém em sua memória; do ponto de vista social, as representações só emergem em grupo porque há uma memória coletiva responsável pelo compartilhamento de impressões entre os sujeitos, em uma concepção que nos remete ao conceito de Halbwachs.

Esse compartilhamento de impressões, por sua vez, ocorre através da comunicação. Moldando as informações que produzimos e compartilhamos uns com os outros, as representações constituem a comunicação humana, pois, conforme

Gerard Duveen, as representações estão presentes na mídia que lemos e olhamos, inserindo-se em nosso cotidiano, sendo estruturadas e transformadas pela comunicação. O ato comunicativo se caracteriza por fluxos informacionais, possibilitando a dialogicidade necessária à construção das representações.

As representações são sempre um produto da interação e comunicação e elas tomam sua forma e configuração específicas a qualquer momento, como uma consequência do equilíbrio específico desses processos de influência social. Há uma relação sutil, aqui, entre representações e influências comunicativas [...]. (DUVEEN, 2003, p. 21).

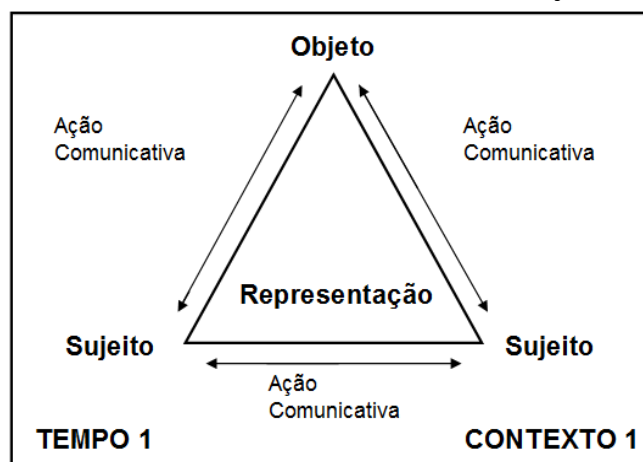
A TRS reserva à comunicação um lugar de destaque, embora seu papel seja controverso: ao mesmo tempo em que as representações podem ser o produto da comunicação, sem elas, não há comunicação (DUVEEN, 2003). As práticas comunicativas mantêm as representações em circulação e permanente transformação, alterando a estabilidade de sua organização e estrutura, em um contexto no qual novas práticas comunicativas propiciam a emergência de novas representações.

Também refletindo sobre essas relações, Sandra Jovchelovitch nos lembra da ideologia que permeia as representações, que são utilizadas em disputas de poder, comunicando as representações com o objetivo de influenciar opiniões. Isso torna as representações heterogêneas, por serem fruto das tensões entre os diferentes sujeitos sociais, que reorganizam o mundo através de novas formas de representar o representado (JOVCHELOVITCH, 2008). Para a autora, as representações são constituídas sob a influência dos estoques prévios de representações, com ideias pré-existentes sobre o representado, sendo criadas em esferas públicas destradicionalizadas, em que há o confronto decorrente da diversidade, onde o novo é característica cotidiana, por isso são abertas e instáveis.

A autora ainda afirma que as representações são construídas a partir do *status* e do posicionamento dos interlocutores dos processos comunicacionais, os laços emocionais e as assimetrias entre eles (JOVCHELOVITCH, 2008). As representações nos apresentam uma visão sobre o passado, mas também influenciam em nossas práticas futuras, pois se fundam na memória do passado e são construídas em um contexto presente que orienta as decisões. Assim, conforme Jovchelovitch (2004), elas

envolvem: produtores e sujeitos do saber, com suas identidades, interesses, acesso a recursos e poder; meios de produção do saber e as relações sociais entre as pessoas e seu ambiente social e natural; e os produtos e objetos do saber, quais sejam os objetos físicos ou abstratos que constituem o meio ambiente simbólico e material de uma comunidade humana. Assim, a produção e a recepção das representações são mediadas, estando a representação social imersa em uma ação comunicativa (JOVCHELOVITCH, 2004), conforme observamos na Figura 1.

Figura 1 – Os Elementos Constitutivos e o Modo de Produção das Representações



Fonte: Jovchelovitch, 2004, p. 23.

A representação ocorre através do vínculo entre os sujeitos e o objeto representado, sendo que cada sujeito cria sua representação, que é modificada de acordo com as comunicações estabelecidas. A autora compreende que a representação não se faz nos cantos do triângulo, mas no “entre” dos elementos que o constituem, compondo uma estrutura de mediação na qual o trabalho comunicativo constrói símbolos através dos sentidos e significados atribuídos (JOVCHELOVITCH, 2004). Por óbvio, tudo isso ocorre em um tempo e contexto definidos, como consta na figura.

Em sua aproximação entre a representação social e o campo da memória, José Francisco Valencia (2005) explica que ambos se desenvolveram a partir do questionamento de visões epistemológicas estáticas e de formas individualistas e simplistas de compreensão das dinâmicas sociais. Ambos se desenvolveram a partir do campo da Psicologia, inicialmente com uma perspectiva individualista que, quando

dava conta do social, opunha-o ao individual, como se indivíduo e coletividade fossem duas categorias distintas e independentes. O autor explica que, na perspectiva dos psicólogos, o *ato de memória* era tido como um processo psicológico ou artifício cognitivo com a função de auxiliar o indivíduo na retomada da informação do passado, tal como ela ocorreu, atribuindo à memória uma função de instrumento preciso de recuperação, com força evocativa inquestionável.

Nesse ponto, identificamos uma questão a ser pensada: a memória como resgate do passado. Esse é um viés que hoje já não encontra respaldo nos estudos em memória social, pois compreendemos que lembrar é sempre um processo de atribuição de novos significados, ou seja, é olhar para o passado com as lentes do presente, tendo em vista um futuro desejado. O ato de rememorar, em si, é sempre permeado por limitações, imperfeito por natureza, pois o passado não pode ser simplesmente restituído, tendo em vista que toda reconstrução é sempre marcada pela dúvida. Assim sendo, não há espaço para “resgates”, na medida em que o passado não pode ser reconstruído, pois nada sobrevive intacto à passagem do tempo. Tudo muda e se transforma de acordo com cada novo contexto e o que sobra para pesquisarmos e contarmos a história são versões dos fatos, fragmentos, representações individuais e coletivas que, quando pesquisadas, dão conta de uma narrativa sobre o ocorrido, nunca o regeneram em sua integridade, pois a memória não pode ser cristalizada.

Não é à toa que essa perspectiva se mostrou insuficiente já na década de 1930, pois o próprio Henri Bergson, filósofo precursor dos estudos contemporâneos de memória, já a compreendia como relativa, um lugar de encontro entre passado e presente, tendo a memória o papel de prolongar o passado no presente (VALENCIA, 2005). Cabe lembrar, também, que Bergson inspirou seus estudos em Durkheim (1979), que já no século XIX tecia apontamentos sobre o papel da memória cognitiva na construção das representações, compreendendo que era um equívoco reduzir a memória a apenas um fator orgânico. Ele afirmava que a memória era responsável por preservar as representações passadas e que o ato de rememoração não consistia em uma criação nova e original, mas em uma nova manifestação perante a claridade da consciência. Ainda assim, cada nova lembrança era um fenômeno absolutamente novo, configurando-se em uma sensação original, não restando exatamente aquilo que

ocorreu inicialmente. Seguindo nessa perspectiva, os estudos de Maurice Halbwachs evidenciaram que a memória era atividade construtiva, lembrando o passado por meio de marcos compartilhados para sua compreensão – os quadros sociais da memória.

Imbuído das ideias de Bergson do ponto de vista filosófico e de Durkheim do ponto de vista sociológico, Halbwachs (1990) estudou os problemas do nível de vida e da evolução das necessidades sociais a partir da observação de uma camada social específica: os operários. O autor propôs o conceito de “memória coletiva”, compreendendo que existiam tantas formas de viver e de se relacionar com os bens materiais quantos os grupos sociais. Estes teriam uma "memória coletiva" que asseguraria a conservação desses modos de viver, embora essa memória não impedisse que as mudanças ocorressem nos grupos face aos contextos econômicos e sociais.

A concepção de representações coletivas de Durkheim (1979) e o conceito de memória coletiva de Halbwachs (1990) possuem uma origem em comum: o estudo dos operários e das suas práticas sociais, visando compreender o que havia por detrás das estruturas que os mantinham unidos enquanto grupo social. Esses indivíduos, mesmo que relativamente heterogêneos, pois cada um possuía anseios e desejos próprios, compartilhavam de representações em comum que estavam enraizadas em uma memória coletiva responsável por gerar uma coesão social importante para a manutenção desse grupo e de suas condições de trabalho.

A partir da explanação do conceito de Halbwachs, percebemos que o autor já compreendia a sociedade como um organismo vivo, no sentido de que está aberta às mudanças e é justamente por isso que se faz necessária a memória coletiva: assegurar a manutenção dos laços sociais que, de outro modo, poderiam enfraquecer-se com o tempo. Nas palavras do autor, “[...] se pode falar de memória coletiva quando evocamos um fato que tivesse um lugar na vida de nosso grupo e que víamos, que vemos ainda agora no momento em que o recordamos, do ponto de vista desse grupo.” (HALBWACHS, 1990, p. 41). Nossas vidas, nessa perspectiva, só podem ser pensadas a partir das relações que estabelecemos uns com os outros, pois nos caracterizamos essencialmente pelo nosso grau de integração no tecido das relações sociais – daí o fundamento do conceito de memória coletiva: nunca estamos sós.

No primeiro plano da memória de um grupo se destacam as lembranças dos eventos e das experiências que dizem respeito à maioria de seus membros e que resultam de sua própria vida ou de suas relações com os grupos mais próximos, os que estiveram mais frequentemente em contato com ele. (HALBWACHS, 1990, p. 51).

Compomos grupos sociais (família, amigos, faculdade, trabalho, futebol, etc.) e, mesmo quando fisicamente distantes deles, somos regidos por suas regras e agimos como se ao seu lado estivéssemos. Ou seja, mesmo quando estamos sós fisicamente, emocionalmente não o estamos, pois continuamos orientando nossos comportamentos de acordo com os grupos dos quais fazemos parte. Não é o indivíduo em si ou alguma entidade social que recorda, mas ninguém pode se lembrar realmente a não ser em sociedade, pela presença ou pela evocação, portanto recorrendo aos outros ou a suas obras. Em outras palavras, a memória coletiva existe porque carregamos uns aos outros em nossas mentes e em nossos corações.

Além disso, lembramos que cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva. Para Halbwachs (1990), compartilhamos lembranças em comum com outras pessoas, que nos ajudam a recordá-las e nos voltamos a elas para melhor recordar: adotamos seus pontos de vista, entramos em seus grupos, dos quais continuamos a fazer parte, e experimentamos sua influência, encontrando em nós mesmos muitas das ideias e modos de pensar que não possuiríamos sozinhos. Para o autor, é comum que imagens impostas pelo meio em que vivemos modifiquem a impressão que guardamos de um fato.

É muito comum atribuímos a nós mesmos, como se apenas em nós se originassem, as ideias, reflexões, sentimentos e emoções que nos foram inspiradas pelo grupo social. [...] já não sabemos onde está o ponto de partida das vibrações, se em nós ou nos outros. (HALBWACHS, 1990, p. 64).

Do mesmo modo, a representação, seja coletiva (DURKHEIM, 1979) ou social (MOSCOVICI, 2003), é maior do que as representações individuais e as influencia, mas ela não se trata simplesmente de uma soma de representações individuais. Em vez de soma, ela pode ser interpretada como síntese, na medida em que é o atravessamento das representações individuais que forma as representações coletivas/sociais e não apenas a sua junção. Além disso, os autores também compreendiam que não era

possível apontar onde começa uma representação e a outra acaba, pois elas se interpenetram no curso contínuo de representações (DURKHEIM, 1979). Esse aspecto é fundamental para entendermos a premissa de que uma representação nunca é isolada, ela sempre é mantida e reforçada por outras representações, estando em permanente interação com elas. As representações são suscetíveis de agir umas sobre as outras, combinando-se conforme as leis que lhes são próprias.

Indivíduos que compartilham de representações em comum não necessariamente possuem as mesmas concepções sobre os fenômenos representados, pois não compartilham conteúdos e significados em sua totalidade, uma vez que o que as representações proporcionam é a dialogicidade entre os membros do grupo social (MOSCOVICI, 2003). Do mesmo modo, Halbwachs (1990) compreende que os indivíduos que compõem um determinado grupo social não partilham de todos os elementos da memória coletiva formada, pois cada um se apropria de forma diferente dela, como se em cada sujeito houvesse resquícios da memória compartilhada, mas nenhum deles a detém em sua completude.

Quando pensamos as relações e as aproximações entre representações e memória, precisamos considerar que as representações sociais engendram, ao mesmo tempo, flexibilidade e estabilidade, permanência e mudança, sempre dependentes do passado, através da ancoragem, mas sem jamais deixarem de se modificar a partir dos diferentes contextos (VILLAS BÔAS, 2015). A memória opera por caminhos semelhantes, ao proporcionar a estabilidade necessária à permanência do grupo social, sem, no entanto, engessá-lo em torno da sacralização de um passado a ser simplesmente memorado.

A partir das concepções durkheimianas, passamos a perceber uma sinonímia entre representação coletiva e memória coletiva, uma perspectiva que reduzia a memória a um arquivo de representação. Entretanto, Jô Gondar (2016) salienta que essa perspectiva é um equívoco, pois a representação não dá conta dos processos microsociais. Para a autora, reduzir a memória a um campo de representações é desprezar as condições processuais de sua produção. Nessa concepção, memória social é um processo no qual as representações são apenas uma parte: aquela que foi cristalizada e legitimada em uma coletividade. A autora faz um apontamento importante, mas convém destacar que ela se refere apenas à representação na



concepção durkheimiana, não abordando a perspectiva moscoviana que, como visto anteriormente, a confere um caráter menos estático e homogêneo. De qualquer forma, o argumento da autora de que memória e representação não são sinônimos nos parece verídico.

Memória e representação são fenômenos complementares, na medida em que um depende do outro para existir. De acordo com Eduardo Ismael Murguia (2010), os estudos sobre memória individual centralizam-se nas representações que os sujeitos fazem do passado, ao passo que os estudos sobre memória coletiva focam na negociação realizada para a construção de uma memória que faz uso do passado para a criação de uma identidade coletiva. Nesse sentido, a representação está a serviço da memória e da construção de discursos, necessária à coesão social desejada pela identidade coletiva.

[...] a memória seria uma espécie de cordão que amarraria nossos atos e pensamentos, permitindo uma continuidade que, ao longo de um período de tempo, articulasse nossa existência. Existência no sentido de podermos construir um *eu* racional, capaz de perceber nossa própria individualidade. Assim, presentificando o passado de forma contínua e constante, somos capazes de lembrar acontecimentos, ideias, fisionomias, etc. vivenciados recentemente, ou num passado remoto, permitindo a formação de pensamentos e a experiência de sentimentos. (MURGUIA, 2010, p. 19).

Ainda de acordo com o autor, o próprio pensamento é constituído pela representação da linguagem, sendo a memória uma representação de algo longínquo no espaço e no tempo. A memória se utiliza de imagens cristalizadas através de representações, mas se distingue da imaginação porque é possível lembrar ou esquecer apenas do que existe ou existiu – ou pelo menos assim acreditamos. Já a imaginação, mesmo que às vezes utilize-se de vivências passadas, remete a um futuro, a um poder-ser (MURGUIA, 2010). O caráter imaginativo compõe a memória, assim como compõe a representação, o que enaltece o valor da memória enquanto fruição e lugar de manifestação de nossos desejos.

Salientamos que os processos de exclusão e seleção de memórias estão relacionados às representações construídas pelos sujeitos envolvidos – ou nas representações que eles, voluntaria ou involuntariamente, desejam perpetuar. No

âmbito da TRS, encontram-se conceitos que se aproximam do que o campo da memória social compreende como *esquecimento* e *silêncio*. Termos como *não-dito* e *zona muda*, por exemplo, dão conta das ausências que identificamos nas narrativas que circulam socialmente.

Em seu estudo sobre a ausência em mapas mentais, Ana Carolina Dias Cruz e Angela Arruda (2008) salientam que a temática do ausente já era pensada desde o livro germinal de Moscovici, *A Representação Social da Psicanálise*, em que o autor concebia que a ausência permitia compreender como valores morais dos grupos atuavam na seleção do que compõe sua representação. Conforme as autoras, termos como *não-dito* e *zona muda* foram posteriormente utilizados por Denise Jodelet e Jean Claude Abric, para se referir aos “[...] elementos das representações que dificilmente aparecem nos discursos por não coincidirem com as normas sociais ou por ameaçarem o grupo de alguma forma” (CRUZ; ARRUDA, 2008, p. 802). Para as autoras, as ausências podem ter diversas funções, mas justamente por estarem escondidas, identificá-las requer um esforço metodológico.

Uma coisa é certa: a ausência é parte do processo de seleção. E nesse sentido, esquecimento e negação são instâncias muito próximas. São diversas e demasiadas as informações que nos chegam: a mídia, a escola, as conversas diárias, etc., nos assolam com dados todo o tempo. Os dados que selecionamos para formular nossas concepções dos objetos sociais não são tomados ao acaso. Eles fazem parte de uma complexa e intrincada teia de conhecimentos, valores e afetos. Por isso, deve-se pensar a ausência não como inexistência, mas sim como escolha. (CRUZ; ARRUDA, 2008, p. 802).

As representações são enquadramentos do mundo que utilizamos para formar nosso conhecimento. Cognitivamente, apreendemos porque representamos os objetos, pessoas e demais fenômenos que nos circundam, sendo a representação um sistema de categorização. As representações são, assim, responsáveis pela construção de nossas memórias, sendo armazenadas nelas em forma de informações, estando posteriormente disponíveis para serem lembradas ou esquecidas, suscetíveis ao passar do tempo e às vontades. Por sua vez, essas vontades e enquadramentos, que resultam em produção de esquecimentos e silêncios, merecem uma discussão à parte.

## 2.4 SOBRE O ESQUECIMENTO, O SILÊNCIO E A AUSÊNCIA

A memória é concebida neste estudo como fruto de uma reflexão recente, especialmente impulsionada pelo sociólogo Maurice Halbwachs. Entretanto, é importante traçarmos uma distinção entre memória e lembrança, na medida em que uma não é equivalente à outra. Isso porque a memória, imprecisa e suscetível aos equívocos do tempo e silêncios da vontade, não é apenas formada por lembranças, mas também por esquecimentos. Assim, em vez de pensarmos na operação “memória = lembrança”, consideramos mais correto “memória = lembrança + esquecimento”, na medida em que o esquecimento compõe a memória na mesma intensidade que o seu oposto, a lembrança.

Os estudos do filósofo francês Henri Bergson foram um marco nas reflexões acerca da memória humana e de suas manifestações. Em uma concepção inédita para seu tempo (final do século XIX e início do século XX), o autor concebeu a memória a partir de uma perspectiva que transcende o corpo, adentrando no campo do espírito. Bergson (1999) acreditava no espírito como algo além da matéria, sobreposto a ela e alimentado pelas nossas lembranças. Para ele, a memória possui um vínculo com a materialidade do corpo, mas não se reduz a ela, compondo-se de imagens virtuais que formamos a partir de nossas experiências corporais: “tudo se passa como se, nesse conjunto de imagens que chamo universo, nada se pudesse produzir de realmente novo a não ser por intermédio de certas imagens particulares, cujo modelo me é fornecido por meu corpo.” (1999, p. 12).

O corpo não armazena lembranças, mas as escolhe, trazendo-as à reserva memorialística presente em nosso espírito. Sendo o espírito nutrido pelas lembranças, nele não há espaço para o esquecimento, pois a memória é composta por imagens virtuais provenientes de nossas experiências (BERGSON, 1999). Tal percepção serviu como fundamento para a projeção de Halbwachs, que mais adiante postulou acerca do caráter social da memória.

Quando pensou o conceito de memória coletiva, Halbwachs (1990) já apontava para o fenômeno do esquecimento, atrelando-o ao convívio com o coletivo. Se, para o autor, a memória coletiva era fruto do pertencimento e do compartilhamento de lembranças em comum dos sujeitos que compunham um grupo social, o esquecimento

estaria relacionado justamente à ruptura com o grupo ou seu convívio, na medida em que ele ocorreria pela impossibilidade de ancorarmos no outro as nossas lembranças. Esquecemos um período de nossas vidas porque perdemos contato com os que então nos cercavam, sendo que as representações do presente influenciam nesse fenômeno.

Nesse sentido, a perspectiva de Halbwachs (1990) acerca do esquecimento dá conta do vazio que se instaura na memória quando não fazemos mais parte dos grupos sociais – ou seja, a falta do outro é um dos fatores de produção do esquecimento. Para ele, o simples testemunho do outro não é capaz de reconstituir a lembrança que apagamos de nossa memória, por mais precisa e detalhada que seja. Do mesmo modo que a falta de apoio do outro nos fará lembrarmos de impressões que não comunicamos a ninguém, ou seja, não compartilhamos com o grupo social – assim, não a incluímos na memória coletiva, restringindo-a à nossa memória individual. É na articulação entre o individual e o coletivo, pensando em suas limitações e dificuldades, que Halbwachs (1990) explica o fenômeno do esquecimento.

Já Joel Candau (2005), em sua antropologia da memória, revisita o pensamento de Halbwachs e destaca que “[...] aquilo a que chamamos a memória coletiva é frequentemente o produto de um empilhamento de estratos memoriais muito diversos, podendo essas camadas sedimentares ser alteradas quando das perturbações de memória.” (p. 91). Nesse conceito, o autor aponta um aspecto importante sobre a memória coletiva, que são as perturbações às quais ela está suscetível, dentre as quais o esquecimento, enquanto fenômeno que distingue uma memória individual da outra.

Adentrando no campo do esquecimento, o autor enfatiza que, quando se trabalha com memória coletiva, é um equívoco esquecer que há sempre algo sendo esquecido, porque a recordação manifestada não é a integridade da recordação memorizada: sempre estamos passíveis de esquecer algo quando expressamos nossas lembranças por escrito, verbalmente ou de qualquer outra maneira. Essa concepção reforça a ideia defendida acima de que “memória = lembrança + esquecimento”, por entender que o esquecimento sempre está presente em qualquer memória manifestada. Candau (2005) enfatiza que o que é evocado não é a totalidade do que é recordado. Assim, compreendemos que o esquecimento é tanto uma condição natural como fruto de um desejo de esquecimento, ou seja, podemos esquecer algo porque

realmente não lembramos ou porque, propositalmente, desejamos não lembrar ou não incluir determinada lembrança em nossa memória evocada.

Os apontamentos de Candau (2005) tensionam ainda mais as concepções apontadas por Halbwachs: para o antropólogo, o esquecimento é mais coletivo do que a própria recordação, pois os membros de um grupo social têm mais em comum coisas que esquecem do que coisas que lembram. Nas palavras do autor, “no fundo, a única coisa que os membros de um grupo ou de uma sociedade partilham realmente é aquilo que eles esqueceram do seu passado comum” (CANDAU, 2005, p. 92). Nessa percepção, a memória coletiva é mais a soma dos esquecimentos do que a soma das recordações. Mais do que apontar o esquecimento como elemento constituinte da memória coletiva, percebemos que o autor concede a ele um lugar de destaque, ao inverter a lógica de concepção da memória socialmente partilhada.

Considerando o esquecimento um elemento importante da memória, o historiador Paul Ricoeur dará a ele o mesmo nível de atenção dado aos conceitos de “memória” e “história”, tradicionalmente mais evidenciados. O esquecimento é compreendido como dano à confiabilidade da memória, sua fraqueza ou até uma lacuna na rememoração que ela promove, perspectiva essa que entenderia a memória justamente como luta contra o esquecimento (RICOEUR, 2007). Concebido como um desafio a ser superado, o esquecimento é tido como disfunção ou distorção da memória, responsável pelo apagamento de rastros mnemônicos, e é contra ele que a memória trabalha.

O autor entende que o esquecimento está associado à memória e seu estatuto torna impossível classificá-lo como simples apagamento de rastros: “o esquecimento não seria, portanto, sob todos os aspectos, o inimigo da memória, e a memória deveria negociar com o esquecimento para achar, às cegas, a medida exata de seu equilíbrio com ele?” (RICOEUR, 2007, p. 424). Nessa concepção, o esquecimento está tão estreitamente relacionado à memória e pode ser concebido como uma de suas condições. Assim, a memória não seria o oposto ao esquecimento ou a luta contra ele, na medida em que ele seria constituinte da própria memória.

É justamente preocupado com esse jogo entre lembrar e esquecer que o historiador francês Pierre Nora (1993) pensará a diferença entre memória e história. Para ele, a oralidade das sociedades tradicionais era responsável pela manutenção de

uma “memória viva”, passada de geração em geração. O autor inverte a lógica de análise das sociedades tradicionais, valorizando-as enquanto portadoras de uma memória “autêntica”, na medida em que não precisa de registros para se perpetuar, mantendo-se viva nas práticas e nos saberes.

Em contraposição a essas “sociedades-memória”, o autor compreende que há as “sociedades-história” que, sufocadas pela industrialização e pela “aceleração da história”, mostram-se incapazes de manter uma memória viva através da oralidade. Essas sociedades são dependentes da escrita e, portanto, constroem uma memória que não é memória, mas sim história – esta que está registrada nos livros, enciclopédias, etc.

A memória é a vida, sempre carregada por grupos vivos e, nesse sentido, ela está em permanente evolução, aberta à dialética da lembrança e do esquecimento, inconsciente de suas deformações sucessivas, vulnerável a todos os usos e manipulações, susceptível de longas latências e de repentinas revitalizações. A história é a reconstrução sempre problemática e incompleta do que não existe mais. A memória é um fenômeno sempre atual, um elo vivido no eterno presente; a história, uma representação do passado. (NORA, 1993, p. 9).

O ponto que nos interessa dessa discussão apontada por Nora (1993) é que é justamente o esquecimento o fenômeno que impulsiona a criação de seu mais caro conceito: “lugares de memória”. Em oposição aos meios de memória, que seriam maneiras espontâneas de compartilhamento dessa “coletividade-memória por excelência” (p. 7), os lugares de memória surgem como formas artificiais de preservação da memória, instituídas pelas sociedades contemporâneas que temem o esquecimento. Em suas palavras, “se habitássemos ainda nossa memória, não teríamos necessidade de lhe consagrar lugares” (NORA, 1993, p. 8). Por não conseguirem manter uma memória viva em suas práticas, as sociedades-história criam lugares de memória, que são pensados desde sua concepção para serem depositários da memória do grupo social. Bibliotecas, arquivos e museus são exemplos clássicos desses lugares, assim como livros, enciclopédias e demais objetos ou instituições sobre os quais recaia uma “aura de creditação” por parte da sociedade ou dos órgãos responsáveis, originando uma memória cristalizada.

Imbuídos do pensamento de Nora (1993), compreendemos que nossa sociedade está condenada ao esquecimento do passado, devido à mudança, mantendo viva apenas a história, que é vestígio, trilha, resto. Movidos pelo medo do esquecimento, decretamos instituições, objetos e celebrações como sendo os portadores de uma memória que não consegue eternizar-se por si mesma. Nessa concepção, poderíamos compreender o esquecimento como um fenômeno negativo, mazela da qual desejamos nos precaver, seja enquanto indivíduos isolados ou grupo social.

Entretanto, convém percebermos que o esquecimento não é sinônimo apenas de mazelas. Ao contrário, por vezes sua presença é necessária e fundamental para nossa sobrevivência. Esse é o fundamento da terceira proposição sobre memória social apresentada por Jô Gondar (2016, p. 25), para quem “[...] a memória implica o esquecimento”. A concepção clássica de memória que herdamos dos gregos nos faz compreender a lembrança como algo positivo e o esquecimento como um fenômeno negativo, a ser evitado, pois nos afastaria de modelos perfeitos, ideias ou formas puras. “Assim, é necessário lembrar para que os modelos possam persistir contra a força das cópias que os degradam, para que a imutabilidade possa se perpetuar contra a força do devir, enfim, para que seja possível reencontrar a origem e a identidade.” (p. 26). Nessa percepção, conforme a autora, as referências e os modos de vida perdidos é que seriam os melhores, sendo que o esquecimento poderia apagar justamente aquilo que configuraria nossa memória “pura”.

Para Gondar (2016), essa concepção clássica se deve à tradição de pensar o campo da memória social a partir de binarismos simplistas: lugar e meios (ou memória e história), de Nora; indivíduo e sociedade, de Halbwachs; lembrança e esquecimento. A autora critica as visões que compreendem a sociedade como condenada ao esquecimento, considerando-as nostálgicas e catastróficas, responsáveis por julgar os fenômenos contemporâneos através de uma lógica que não mais os explica. Autores que seguem esse viés percebem o presente como declínio do passado, não identificando a positividade presente nas experiências atuais (GONDAR, 2016). O problema dessa concepção é o apego ao ato memorialístico como simples capacidade de lembrar, desconsiderando que memória é sempre uma perspectiva sobre o ocorrido, uma narrativa amparada em um posicionamento ético e político sobre o que

se deseja lembrar. Nesse sentido, perspectiva e escolha sempre resultam em esquecimento, sendo ele um elemento que compõe a memória, em vez de enfraquecê-la, como fazem supor alguns teóricos.

O esquecimento seria, assim, necessário à vitalidade da memória, concebida como processo em constante mutação e não como apego ao passado ou a uma herança cultural que se deve preservar. Gondar (2016, p. 27) afirma que, na atualidade, assim como algumas memórias se retraem (memória nacional, memória comunitária, por exemplo), “[...] outras modalidades ganham força, como a memória digital, a memória dos fluxos, das mídias, do corpo e dos vestígios”. Para a autora, é preciso atribuir uma função positiva ao esquecimento, pois as perdas são indispensáveis à transformação da memória, aberta à dimensão criadora do tempo.

[...] esquecer é um ato que se encontra invariavelmente presente em qualquer construção mnemônica. Para que uma memória se configure e se delimite, coloca-se, antes de mais nada, o problema da seleção ou da escolha: a cada vez que escolhemos transformar determinadas ideias, percepções ou acontecimentos em lembranças, relegamos muitos outros ao esquecimento. Isso faz da memória o resultado de uma relação complexa e paradoxal entre processos de lembrar e de esquecer, que deixam de ser vistos como polaridades opostas e passam a integrar um vínculo de coexistência paradoxal. (GONDAR, 2016, p. 29).

Em outras palavras, a abordagem de Gondar nos faz compreender o esquecimento como elemento não apenas constituinte, mas também fundamental para o bom funcionamento da memória, entendida aqui como capacidade criativa, fenômeno imperfeito por natureza, assim como os humanos que a projetam e compartilham. Afinal, a memória precisa, ainda hoje, ser concebida como essa capacidade quase sobre-humana de passar adiante, de geração em geração, as tradições? Ou podemos compreendê-la como mutável e maleável e justamente valorizá-la por isso, por assim ser fundamental às transformações que ensejamos promover em nossa sociedade? Se adotamos a primeira concepção, então o esquecimento precisa ser evitado; se adotamos a segunda, ele sempre fará parte de nossos estudos memoriais.

Individual e fisiologicamente, o esquecimento não é apenas um fenômeno comum, mas necessário, na medida em que é impossível lembrar de tudo o que



vivemos. Entretanto, socialmente, para pensar o esquecimento é necessário refletir sobre as intencionalidades e desejos que o promovem, tendo em vista que o esquecimento, nesse caso, é fruto de uma seleção que geralmente atende a vontades deliberadas. De acordo com o museólogo Mário Chagas<sup>2</sup>, memórias e esquecimentos podem ser semeados e cultivados, frutos de um processo de construção que envolve diversas forças, dentre elas o poder. Para Chagas (2002), frequentemente justificamos a memória pela ameaça do esquecimento, desconsiderando que não se tratam de fenômenos opostos, mas complementares, estando a serviço dos sujeitos. O poder, nesse contexto, é semeador e promotor de memórias e esquecimentos.

Memória e poder são fenômenos que se articulam, tendo a memória uma “deficiência imunológica” em relação ao “contágio virótico” do poder, ao passo que o segundo sofre de “dependência química” pelo “entorpecimento” da memória (CHAGAS, 2002). A concepção que se adota de memória volta ao cerne da questão, pois uma memória focada em preservar e manter estruturas sociais nada tem a ver com a memória enquanto resistência e alternativa de empoderamento de determinados grupos sociais. Mais do que reconhecer o poder da memória, para o autor, é preciso que as instituições de memória, seus pesquisadores e trabalhadores se coloquem a serviço do desenvolvimento social, compreendendo a memória como ferramenta de intervenção social – mais uma vez, a memória compreendida mais como possibilidade de ruptura e transformação criativa do que como acesso a bens culturais acumulados, preservação de valores tradicionais e poderes institucionalizados.

É a influência do poder sobre a exclusão de grupos sociais desfavorecidos que move os estudos sobre memória do sociólogo Michael Pollak, que enfatiza a memória a partir da observação das hierarquias e classificações que a estruturam. Tirando o foco da construção puramente coletiva que forma a memória a partir do pertencimento não-coercitivo a uma comunidade afetiva, Pollak (1989) enfatiza

---

<sup>2</sup> No âmbito das práticas memorialísticas de museus, o autor relembra de que modo, ao longo da história, os museus foram espaços de disputa e construção de uma memória selecionada, que visava construir um *status* social que privilegiasse certos grupos (homens livres, burgueses bem sucedidos), em detrimento de outros. Quem não detinha saber e poder ou não apreciava as artes ou não se identificava com os monumentos eram “bárbaros” ou “escravos”, fadados à exclusão política da construção da memória e, conseqüentemente, ao esquecimento.

justamente o caráter excludente das ditas memórias coletivas – tais como a memória nacional. Em oposição a essas, o autor busca compreender as memórias que se opõem a elas ou que não são devidamente representadas por elas: as ditas “memórias subterrâneas”, pertencentes às culturas minoritárias e dominadas, que não têm acesso ao poder para contarem a sua versão dos fatos e muito menos perpetuarem-nas, evidenciando o caráter destruidor, uniformizador e opressor da memória coletiva.

As memórias subterrâneas às quais o autor se refere possuem um trabalho de subversão, atuando no silêncio, colocando a memória em disputa, devido ao conflito e à competição entre memórias concorrentes. Para Pollak (1989), elas vêm à tona através de uma erupção de ressentimentos acumulados, refletindo dominação e sofrimentos que não puderam ser expostos publicamente, gerando memórias “proibidas”, “clandestinas”, “marginalizadas”, lembranças transmitidas no quadro familiar, em associações ou redes de sociabilidade afetiva ou política, mas nunca na memória oficial. Entretanto, uma vez expostas, emergem reivindicações múltiplas e pouco previsíveis que se acoplam à disputa da memória, gerando ruídos na manutenção da memória oficial anterior. Pensando nessas memórias, o autor articula as concepções de esquecimento e silêncio: embora tais lembranças tenham permanecido confinadas ao silêncio e transmitidas de geração em geração apenas através da oralidade, elas se mantêm vivas.

O longo silêncio sobre o passado, longe de conduzir ao esquecimento, é a resistência que uma sociedade civil impotente opõe ao excesso de discursos oficiais. Ao mesmo tempo, ela transmite cuidadosamente as lembranças dissidentes nas redes familiares e de amizades, esperando a hora da verdade e da redistribuição das cartas políticas e ideológicas. (POLLAK, 1989, p. 5).

Nesse sentido, percebe-se uma diferença entre silêncio e esquecimento: algo silenciado não se encontra necessariamente esquecido, mas apenas impedido de manifestar-se, mas muitas vezes pronto para tal. Obviamente, são dois processos próximos e podemos compreender que um leva ao outro, embora não sejam sinônimos. O esquecimento pode ocorrer através de um processo natural ou por meio de forças externas (inclusive o poder), enquanto o silêncio se apresenta como diretamente fruto de uma coerção, interna ou externa, mas sempre deliberada.

A coerção interna à qual nos referimos diz respeito ao silêncio posto por vontade própria, ou seja, quando o sujeito decide manter silêncio sobre suas lembranças, seja por medo, vergonha, arrependimento ou outro motivo. Pollak (1989) percebe essa postura no caso do nazismo, quando judeus advindos dos campos de concentração mantinham silêncio para não constranger aos que assistiram ou concordaram com sua deportação, pouco fizeram para ajudá-los ou mesmo colaboraram com os massacres. Assim, o silêncio possui tanto razões políticas como razões pessoais e, por trás dele, existem coisas que estão nas lembranças de uns e outros, ocupando zonas de sombra, espaços de “não-dito”.

As fronteiras desses silêncios e ‘não-ditos’ e o esquecimento definitivo e o reprimido inconsciente não são evidentemente estanques e estão em perpétuo deslocamento. Essa tipologia de discursos, de silêncios, e também de alusões e metáforas, é moldada pela angústia de não encontrar uma escuta, de ser punido por aquilo que se diz, ou, ao menos, de se expor a mal-entendidos. (POLLAK, 1989, p. 8).

Esse jogo de poderes em torno da memória evidencia seus enquadramentos, tendo em vista que o passado é reinterpretado em função dos combates do presente e do futuro, mesmo que essa leitura dos fatos seja enquadrada por uma exigência de credibilidade construída através de discursos sucessivos (POLLAK, 1989). No que tange ao silêncio, esse aspecto reforça ainda mais o apagamento de outras memórias, que encontram resistência para se apresentarem como alternativas à memória oficial. Assim, reforça-se a dificuldade em promover transformações sociais, tendo em vista que uma memória coletiva imposta e enquadrada é, conforme o autor, um ingrediente a favor da perenidade do tecido social e das estruturas institucionais formadoras de nossa sociedade.

Através dessa leitura do conceito de esquecimento a partir de alguns autores clássicos no campo da memória social, percebemos não se tratar de um fenômeno natural (embora possa parecer), pois é muitas vezes influenciado por sujeitos e instituições que, em suas narrativas, enquadram memórias e selecionam o que desejam informar a seu respeito. Assim, o esquecimento está suscetível às narrativas, de acordo com propósitos e vontades, sendo necessário refletir sobre quais interesses as memórias representam. Um dos setores econômicos que gera e utiliza informações

a partir de memórias e, com isso, tece narrativas, é o turismo, sobre o qual discutiremos a seguir.

## 2.5 AS MEMÓRIAS SOBRE A CIDADE E SEU PATRIMÔNIO CULTURAL NAS NARRATIVAS TURÍSTICAS

Ao nos apropriarmos do espaço e dotarmos ele de valores e sentidos especiais, fazemos dele um lugar. O lugar, sua paisagem e suas imagens, conforme Zilá Mesquita e Valéria Pereira da Silva, reapresentam para nós emoções que guardamos em nossas lembranças, pois “o lugar é um centro de significados que mobilizam nosso intelecto e nossas emoções” (MESQUITA; SILVA, 2004, p. 121). Ele é um *locus* de vivências afetivas que evocam sua presença, mesmo quando ausente diante de nós, através da memória, embora, como reforçado pelas próprias autoras, alguns lugares da cidade escondem de seus habitantes atuais as imagens que representam vivências distintas das contemporâneas.

A cidade é constituída por uma trama complexa de relações afetivas e de poder estabelecidas entre os cidadãos que nela vivem ou por ela transitam. O grupo urbano configura-se como um corpo social que reproduz a forma material da cidade na qual está inserido, sendo a memória coletiva apoiada em imagens espaciais, não existindo memória coletiva sem um quadro espacial (HALBWACHS, 1990). A memória da cidade é moldada pelo mosaico de memórias individuais que, articuladas e em interação, formam uma memória coletiva que se mantém viva porque está amparada nas ruas, esquinas, prédios, alamedas e demais elementos que configuram o ambiente citadino.

Conforme Jodelet (2002), “a contemporaneidade é [...] definida pela extensão do tecido urbano, pela multiplicação dos transportes e das comunicações, pela uniformização das referências culturais e pela planetarização da informação e da imagem” (p. 33). O urbano configura a interface espacial de nossas práticas socioculturais, nos entrelaça e nos molda, ao mesmo tempo em que é moldado por nós.

A problemática do urbano, assim, também está atrelada a outras discussões, como a suposta aceleração do tempo pela qual passamos. Não é à toa que Jodelet (2002) salienta que a cidade, em sua forma atual, dificulta a criação dos laços sociais e

as relações simbólicas com os outros. Esse viés está calcado em uma visão nostálgica, presente em algumas teorias dos estudos de história, memória e do urbano, que compreende a passagem do tempo como um elemento que nos desenraiza, empobrecendo nossa identidade cultural e nossa memória. Tal perspectiva encontra respaldo nas teorias sobre globalização que dão conta de um processo massificador e homogeneizante, que descaracteriza as diversas nações e as empobrece culturalmente, em nome de uma cultura global.

Compreendemos que esse posicionamento faz parte de uma crítica necessária ao modelo de comunicação e intersecção cultural que estabelecemos. Entretanto, pensamos a cidade sempre como ambiente de construção, reconstrução e identificação, o que permite novas formas de criação. É justamente o contato com o urbano, seus elementos e transeuntes, que possibilita as práticas responsáveis pela formação da memória social. O urbano nos atravessa, impõe obstáculos e o instigante desafio de dialogar com o diferente, algo fundamental na construção da memória, que está sempre no porvir, e não apenas na manutenção das estruturas do passado. Urge a necessidade de compreender a cidade dessa forma e de explorar situações em que a cidade se abra à criatividade.

A questão, pois, é saber em que condições a cidade pode aparecer como um lugar que possa ser definido por seu caráter identificador; um lugar que permita que seus habitantes se reconheçam e se definam por meio dele, que, por seu caráter relacional, permita a leitura da relação que os habitantes mantêm entre si, e por seu caráter histórico, possibilite que os habitantes reencontrem os vestígios de antigas implantações, seus sinais de filiação (JODELET, 2002, p. 33).

Os estudos urbanos eram amparados até então na metáfora da cidade como um corpo, uma visão orgânica, um corpo com coração, centro, periferias, suas artérias, sistemas funcionais, etc. Tratava-se de uma metáfora globalizadora, pois, além de remeter a uma influência global da cidade sobre seus habitantes, apresentava conotações individualistas, pois abordava as relações de indivíduos com a forma de uma cidade, não pensando o funcionamento urbano em forma de rede, nem as particularidades da apropriação do espaço a partir das diversidades sociais e culturais (JODELET, 2002). Nesse contexto, uma nova metáfora surgiu, levando em conta os

jogos identitários inscritos no território através da pluralidade das formas de experiências e das práticas sociais. É a do folheamento, implicando camadas distintas, permitindo uma representação mais complexa e descontínua das identidades e das práticas que obedecem às lógicas plurais, orientando relações diferentes com grupos e com cidadãos, tendo em vista suas formas de apropriação específicas (JODELET, 2002).

O espaço representa uma ordem social, prestando-se ao jogo das interpretações, passível de ser analisado através das representações construídas pelos sujeitos sociais (JODELET, 2002).

Essas representações estão estreitamente relacionadas com as formas materiais e com a marcação social dos espaços. Os laços existentes entre a aparência física de uma cidade e seus elementos humanos são originários tanto da afirmação da especificidade do estilo de vida, do ambiente social e das atividades que dão sua unicidade à materialidade dos lugares quanto da inscrição das características sociais dos habitantes, que dão ao quadro urbano sua identidade e modulam seu valor físico (JODELET, 2002, p. 35).

A ligação entre memória e cidade passa sempre pela identidade, tanto na identificação com o lugar como nas afirmações identitárias que surgem como respostas às imposições dos planos de urbanização sobre os espaços coletivos (JODELET, 2002). Tais afirmações identitárias podem provocar apropriações particularizadas e plurais do espaço. Para a autora, a memória é importante para a cidade porque ela pode se tornar um lugar de liberação, criatividade e individuação. A liberação diz respeito ao livramento do quadro do passado e do peso coletivo das rotinas e dos costumes, a criatividade autoriza as inovações e as experimentações, enquanto que a individuação trata da constituição de um indivíduo móvel, inventivo e flexível, capaz de se adaptar à rapidez das mudanças e de se expor a riscos.

Conforme Jodelet (2002), a cidade é portadora de três tipos de memória: memória eventual, em que lugares são emblemáticos dos acontecimentos dos quais foram palco, sendo uma memória lembrada constantemente pela existência dos lugares; memória coletiva dos grupos, sobre a qual Halbwachs escreve, expressa nos vestígios presentes nas edificações ou lugares urbanos e que mantém uma certa ideia de seu povo e de seus costumes; memória monumental, expressas nas construções que guardam em si os vestígios do passado e se relacionam com ele.

Embora comumente usados como sinônimos, no plano teórico, *cidade* e *urbano* são conceitos distintos. É o que nos diz Susana Gastal, que, amparando-se em David Harvey e Henri Lefebvre, compreende a cidade como o espaço físico e as relações sociais e econômicas ali desenvolvidas, representando uma realidade imediata, enquanto que o urbano diz respeito ao modo de vida, à sensibilidade e à cultura, compondo uma realidade social (GASTAL, 2006). Assim, a cidade seria o plano físico, tangível, enquanto o urbano seria fruto de uma construção social, simbolicamente demarcada. Para a autora, o urbano nasceu na cidade, mas espalhou-se para além dos seus limites, inclusive porque é alimentado pelos imaginários.

Mas cidade e urbano não são facetas diferentes da mesma moeda, pois se entrecruzam, um depende do outro para ser o que é, o que nos leva a perceber que estudar o urbano é uma forma de compreendermos a própria cidade, pois “percorrer a construção de significados do urbano pode ser uma maneira enriquecedora de alcançar uma aproximação mais precisa para a compreensão da cidade” (GASTAL, 2006, p. 61). Para a autora (2005), a cidade é um texto a ser lido, por ser, antes de tudo, a concretização de um imaginário urbano e a materialização de um sonho de cidade. Esse texto é o urbano, que precede à própria cidade propriamente dita, e lê-lo significa pensar a cidade a partir de seu imaginário urbano, adentrar em uma cidade por uma via que não seja a do seu aspecto físico, refletindo sobre as interrelações sociais, econômicas e culturais que a formam.

O urbano se materializa no espaço através da cidade, mas essa materialização não se restringe aos elementos físicos (praças, igrejas, monumentos, casas, ruas, etc.), pois os movimentos em torno e ao redor dos fluxos (circulação de pessoas, mercadorias, manifestações culturais, relações sociais, etc.) constituem os fluxos que, junto aos fixos, constituem a cidade (GASTAL, 2005). Esses fluxos apontados pela autora também compreendem os deslocamentos dos cidadãos pela cidade, pois não apenas o lugar de moradia e o lugar de trabalho são apropriados por eles, mas também o trajeto, compondo seu universo sensível. Mais do que isso, a autora salienta que a cidade não é a mera soma de fluxos e fixos, mas também se constitui nos conflitos entre eles. E é a partir dessas interações que a cidade se constitui em um lugar. Ainda de acordo com Gastal (2006), a história e a identidade do lugar são questões urbanas materializadas no monumento, que é intimamente associado à

cidade. Ou seja, o patrimônio não pode ser estudado dissociado da cidade, pois ele é importante na construção de significação e identidade dos lugares.

Essa vertente nos leva à ideia de patrimônio cultural, mas é importante expressarmos o que queremos dizer quando nos referimos a ele, especialmente tendo em vista o papel central que a cidade em seu entorno possui na sua própria constituição enquanto tal. Segundo Juliana Mendes Prata (2009), o adjetivo *cultural* é utilizado de forma ampla e substitui outros termos, como *histórico* e *artístico*, ampliando os valores que se reconhece nos objetos considerados patrimônio. Para a autora, patrimônio cultural é o bem/objeto, seja material ou imaterial, que reconhecemos como possuidor de um determinado valor, sendo este atribuído por nós mesmos. A partir disso, conforme Prata (2009), é que se pode pensar que tipo de valor possui esse bem, se histórico, artístico, arquitetônico, afetivo, ambiental, paisagístico, etc. Essa concepção desloca o viés monumentalista do patrimônio cultural para melhor compreendê-lo a partir das dinâmicas desenvolvidas nas cidades contemporâneas.

Afastando-nos de concepções tradicionais sobre o patrimônio, que o concebem como herança cultural de caráter histórico que deve ser preservada geração após geração, convergimos com o olhar de Antônio Augusto Arantes. Em uma perspectiva antropológica, o autor afirma que, ao transitarmos pela cidade, atribuímos valores diferenciados aos diferentes elementos que a compõem, sendo estes tanto estruturas edificadas como elementos da natureza. Essa atribuição de valor, para Arantes (2009), é tecida a partir da forma como esses elementos balizam nosso território, ancoram nossas visões de mundo, materializam crenças e testemunham episódios marcantes de nossa memória coletiva.

Assim, o patrimônio cultural é constituído a partir de um complexo processo de atribuição de valor que ocorre na esfera pública. O objeto específico dessas reflexões, para o autor, passa a integrar representações simbólicas de identidade e participar de processos culturais, políticos e econômicos. Os usos sociais do patrimônio (ARANTES, 2009) são uma questão central nesse aspecto, pois, se lançamos mão da ideia de que o cidadão é um protagonista na constituição de seu patrimônio cultural, temos como resultado o fato de que a simples proteção oficial do patrimônio não lhe garante um lugar seguro, pois são seus usos coletivos que determinarão seu estatuto enquanto patrimônio. Ou seja, se a população não se importa com a preservação de um



determinado bem, as ações movidas pelo Estado com o intuito de protegê-lo podem acabar surtindo pouco efeito. Assim, o patrimônio cultural está sempre em um campo de disputas, em que diferença, diversidade e conflito emergem como fenômenos característicos de sua própria instituição.

Em seus estudos sobre as memórias das cidades, Maurício de Almeida Abreu evidencia que, em meio a uma tendência até então percebida de se cultuar apenas o que é novo, a temática do passado das cidades tem assumido uma posição de destaque nas discussões contemporâneas, o que se justifica pela necessidade de preservar a “memória urbana”. Tendo como lugar de fala a geografia, Abreu (1998) afirma que o Brasil é um país de cidades novas, pois a maioria de seus núcleos urbanos desenvolveu-se ao longo do século XX, embora outras tenham mais de 400 anos.

A memória da cidade, para o autor, diz respeito às lembranças que estão eternizadas na paisagem e nos registros de um determinado lugar, sendo passíveis de reapropriação por parte da sociedade (ABREU, 1998). Da forma como a compreendemos aqui, ela não se limita aos seus referentes históricos, pois nos importamos mais com as apropriações que os cidadãos fazem da cidade em sua completude, a partir de suas práticas socioculturais, em uma perspectiva mais antropológica do que histórica, em um contexto no qual o presente é mais relevante do que o próprio passado.

Entretanto, é válida a afirmativa de Abreu (1998) acerca da valorização do passado através da preservação de seus resquícios, objetivo perseguido por diversos agentes, com destaque para os governos municipais. Mas é outro agente que nos interessa nessa discussão: o turismo. A imagem urbana é trabalhada pelo setor turístico como uma mercadoria, objetivando a geração de lucros, tanto que, conforme o autor (1998), mesmo cidades europeias modernas se redescobriram ao longo do século XX, transformando-se ou voltando a ser “burgos medievais” para atrair mais visitantes.

Esses pressupostos teóricos nos fazem perceber que há memórias inscritas sobre os marcos referenciais das cidades, sendo estas constituídas e mantidas pelas representações que os cidadãos constroem sobre o ambiente urbano. Entretanto, tais representações também são atravessadas por intencionalidades, tendo em vista os

discursos que tecem outras representações: as dos setores envolvidos na constituição da imagem do urbano, como é o caso do turismo.

Conforme José Newton Coelho Meneses (2009), a atividade turística leva a mídia a adjetivar as cidades antigas como “históricas”, dando a elas (e apenas a elas) o *status* de guardiãs de nossas memórias, revelando uma concepção restrita de história e um patrimônio cultural interpretado por especialistas distantes da vivência cotidiana do lugar. O autor critica essa visão, compreendendo que tudo tem sentido, significado e história, ou seja, todas as cidades são históricas, pois todas guardam segredos e memórias de si mesmas e de seus cidadãos. Para o autor, as histórias dos lugares são diferentes, ressaltando construções distintas, de acordo com cada especificidade e contexto. As cidades são construídas e reconstruídas no tempo, que não é necessariamente cronológico e medido pelo relógio:

As cidades memorizam tempos distintos e diversos em sua paisagem. Mas elas não são apenas paisagens: são lugares, são territórios. Isso significa que elas compõem-se de materialidades edificadas e de relações humanas ricas e diversas que traduzem tempos históricos (não apenas cronológicos) dignos de interpretação. São pedra e cal argamassadas por vidas e por representações sociais. (MENESES, 2009, p. 34).

Como afirma Meneses (2009), o contexto histórico de outro tempo é gestualizado no presente e deve ser interpretado como história em permanente construção, algo que especula sobre o ter sido, mas nunca ignora o devir. Ou seja, precisamos ir além de imagens fixas, cristalizadas, acerca dos acontecimentos históricos interpretados. Para o autor, os edifícios, objetos e pessoas não devem apenas ser expostos à curiosidade do turista, pois precisam estimular o pensamento sobre a dinâmica construção da cultura visitada, sob o risco da fruição tornar-se superficial – caminho no qual, conforme o autor, o destino é o esquecimento do produto interpretado.

No âmbito dos estudos culturais, as reflexões de Néstor García Canclini nos ajudam a compreender de que modo o turismo atua na construção de representações sobre a cidade e seus patrimônios. O lugar, para o autor, é cenário de identificação, produção e reprodução cultural (GARCÍA CANCLINI, 2009), espaço em que construímos processos de identificação conformados pela experiência urbana. Para o autor (1994),

juntamente com as indústrias culturais, a mercantilização e o desenvolvimento urbano, o turismo não deve ser concebido como uma ameaça, mas como um novo contexto, propício para questionarmos a própria concepção de patrimônio cultural.

Enquanto partícipe do setor econômico, ele atua na disputa pelo patrimônio, que é, conforme García Canclini (1994), utilizado e concorrido econômica, política e simbolicamente pelo setor privado, pelo Estado e por movimentos culturais. Pela necessidade de acumulação econômica, o setor privado muitas vezes explora indiscriminadamente o ambiente natural e urbano, através da expansão voraz da especulação imobiliária, apropriando-se do patrimônio sob uma ótica setorial e competitiva. Já o Estado valoriza o patrimônio visando seu potencial enquanto integrador da nação, às vezes movido pela necessidade de frear a especulação, noutras pelo prestígio dos monumentos ou mesmo pela mera complacência cenográfica da cidade. Já os movimentos sociais surgem recentemente para recuperar bairros e edifícios, lutando para manter o espaço urbano habitável, embora seu interesse dependa muito do quanto se sintam ligados ao patrimônio ou representados por ele.

A visão do autor nos faz perceber que o turismo não atua como um “vilão” ou mero usurpador do patrimônio, tendo em vista sua simples mercantilização e a produção capitalista através da exploração da cidade. O turismo atua em conjunto com os meios de comunicação, num processo de difusão da própria cultura através da informação. Nesse sentido, possui um papel importante e até benéfico na promoção das culturas locais, além de sua função no fortalecimento de identidades e no desenvolvimento econômico de muitas cidades.

É preciso lançar um olhar mais complexo sobre a relação entre o turismo e a cidade, tendo em vista, inclusive, o caráter temporal, na medida em que o fazer turístico rompe com o cotidiano. Conforme Maria Amália Silva Alves Oliveira:

[...] o fenômeno turismo encaixa-se na perspectiva de um evento social, pois rompe com o cotidiano de uma população nativa, ainda que essa possa ser, em alguns casos, pouco impactada pela atividade turística. Rompe-se também com o cotidiano daqueles que vão empreender a viagem turística, tendo em vista que é prerrogativa básica para a ocorrência do fenômeno, o rompimento das atividades relacionadas à teia de compromissos em que o agente da futura ação está imerso em sua vida diária. (OLIVEIRA, 2015, p. 41).

Além disso, conforma a autora, os processos turísticos, embora gerenciados pelo mercado, não são espontâneos, pois são construídos culturalmente. Assim, o turismo não é um mero acontecimento cotidiano, pois está engendrado por intenções e construções narrativas que o complexificam. O impacto do turismo é tão grande que, em razão dele, os grupos sociais modificam seu entorno e sua cultura, atribuindo novos significados aos seus patrimônios. Esse processo nos leva a uma categoria mais específica de turismo, o turismo cultural, compreendido por María José Pastor Alfonso (2003) como uma atividade relacionada a interesses concretos que alguns turistas têm ao visitar determinados lugares. Conforma a autora, a Organização Mundial do Trabalho define por turismo cultural a possibilidade que as pessoas possuem de adentrar na história natural, no patrimônio humano e cultural, nas artes, na filosofia e nas instituições de outros países e regiões, sendo que:

[...] aqueles que se dedicam a praticar o turismo cultural consomem aspectos do patrimônio de uma determinada localização com a intenção, supõe-se, de compreender tanto o lugar como os que vivem ou viveram nele. E isso deveria ocorrer através das imagens que avistam no lugar e das informações complementares que obtém mediante folhetos e guias escritos, guias humanos, documentais, etc.; mas também mediante o contato com os anfitriões. (PASTOR ALFONSO, 2003, p. 104).

A postura dos turistas perante o patrimônio é bastante variada, na medida em que cada pessoa possui interesses diferentes, incluindo com maior ou menor intensidade os patrimônios culturais do destino visitado em seu roteiro. Os que mais se interessam pelo patrimônio são minoria e, para Pastor Alfonso (2003), visitam os lugares com informações prévias sobre o que virão, demonstrando maior sensibilidade e respeito pelos patrimônios. Mas a maioria dos turistas visita ocasionalmente esses bens, inserindo-os como alternativa nas férias planejadas com outros fins, detendo pouca ou nenhuma informação sobre eles e sem interesse em desfrutá-los, pouco se preocupando com seu significado ou o respeito que deveria ter por eles.

Nas relações estabelecidas entre os habitantes de um lugar e os turistas que o visitam, conforme Pastor Alfonso (2003), a cultura dos primeiros pode servir como atração, especialmente a arquitetura monumental, sua produção artesanal e gastronômica. Tratam-se das marcas específicas da identidade do cidadão local que

podem ser facilmente captadas pelo turista, embora isso dependa da publicização adequada para chegar ao público pretendido. Assim, é a comunicação do bem cultural que o caracteriza como um bom patrimônio a ser trabalhado pelo setor turístico.

Conforme Valdir José Morigi e Carmen Lucia Oliveira Costa, a informação, no âmbito do turismo, segue uma ótica midiática que opera transformando os monumentos da cidade e seus lugares de memória em uma narrativa do espetáculo. Para os autores, essa visão constitui a matéria-prima de agentes sociais (administradores) responsáveis pela elaboração dos planos municipais de gestão turística, influenciando a gestão da memória social, revendo as formas de lembrar e esquecer os acontecimentos e marcos de significação do cotidiano dos sujeitos sociais.

Ainda de acordo com Morigi e Costa (2010), a fonte das informações turísticas são os saberes da cultura local sobre a cidade, articulando e mediando as construções identitárias, o que mobiliza e reforça imaginários, mantendo e preservando a memória social sobre as pessoas e o seu lugar. Para os autores, o turismo opera construindo narrativas sobre o lugar, amparadas em informações qualificadas que criam uma imagem da localidade ou região.

O conhecimento social, que compõe o acervo da memória e abastece o imaginário dos sujeitos, objetiva-se através das narrativas de um espaço vivido no presente (lugar onde se vive), no passado (rituais da vida coletiva, momentos compartilhados), e também das projeções sobre o futuro (expectativas de um lugar a ser conhecido, vivido e experimentado). (MORIGI; COSTA, 2010, p. 6).

Essa informação é calcada na memória do lugar e, ao mesmo tempo em que a apresenta ao viajante, também a reforça e atualiza perante os cidadãos, sendo que “[...] as informações turísticas se constituem num elemento mediador ao possibilitar múltiplas interações culturais dentro de uma localidade” (p. 6). Enquanto prática cultural, o turismo é efetivado pela mediação da informação, através de práticas comunicacionais que possibilitam a interconexão dos turistas com o contexto local. Sobre a apropriação que os meios de comunicação fazem da cidade, lembramos que:

A Cidade [...] está cada vez mais reduzida à imagem vista da janela do carro, do ônibus ou do trem, no percurso entre a moradia e o trabalho, um espaço de desaparecimento e, nesta contingência, um vazio

a ser preenchido por imaginários. A questão dialética é a inversão: o imaginário Urbano, apropriado pelos meios de comunicação, apresenta-se como imagem e, assim, é ele a Cidade. E a Cidade, que deveria se dar ao sensorial como imagem, na desmaterialização a que é submetida no percurso, torna-se espaço aberto ao preenchimento por imaginários. (GASTAL, 2005, p. 212).

Os meios de comunicação, sendo uma presença efetiva na construção e reprodução do imaginário urbano, são cada vez mais marcantes do próprio texto que é a cidade e, conforme Gastal (2005), o conflito entre fluxos e fixos ocorre porque a tecnologia, especial a de comunicação, vive do urbano. Em suas reflexões sobre comunicação, Luiz Celso dos Santos Júnior e Rudimar Baldissera (2007) compreendem que o turismo, através da comunicação turística, representa a cultura de um lugar e a identidade da comunidade local. Conforme os autores, de toda complexidade que é a cultura de um grupo, somente algumas características, eventos, saberes e fazeres ganham o *status* de “atrativos” e o privilégio de serem comunicados pelo turismo.

[...] algumas materializações culturais são avalizadas e valoradas como potencialmente vendáveis em detrimento de todo o restante. [...] Assim, ocorre sua sobreposição ao restante das manifestações, que passam a ser apenas traços secundários, pouco interessantes para o turismo. Como representação cultural, passam a identificar o local, tornando-o específico, diverso, particularmente interessante para se conhecer em turismo. (SANTOS JÚNIOR; BALDISSERA, 2007, p. 123).

Essa escolha, conforme os autores, segue uma estratégia na qual são selecionadas as características que diferenciam o lugar, ou seja, que dizem respeito apenas a ele, lhe são particulares, específicas. Esse conjunto de características é apresentado ao turista como sendo um resumo da identidade local, mesmo que ela seja muito maior e mais diversa do que isso.

Debruçando-se sobre a problemática da comunicação no âmbito do turismo, Baldissera (2010a) compreende que pensar sobre turismo é pensar sobre comunicação, pois ela é basilar no ser e fazer turístico. É através da comunicação, para o autor, que o atrativo, produto ou polo turístico passa a existir socialmente, pois sua existência anterior à comunicação tende a ser reduzida a uma existência localizada, tangível ou intangível. Ou seja, a comunicação é fundamental no processo de

visibilidade e valorização do bem cultural turístico e, também, na conscientização sobre a importância de sua preservação.

Assim sendo, para o autor, a própria ideia de “turístico” só existe a partir de uma construção cultural que passa pela comunicação do lugar, através do estabelecimento de relações. Do ponto de vista do patrimônio cultural, compreendemos que o papel da comunicação é construir essa relação entre ele e a cidade, seus cidadãos e sua história. Na visão do autor, a comunicação perpassa um processo de construção e disputa de sentidos entre agentes ativos enredados em relações de força e exercício de poder que se realizam no ato comunicativo. Quando aplicada ao turismo, ela visa persuadir e seduzir o visitante para que consuma produtos e serviços. Nessa concepção,

[...] a comunicação turística consiste no processo de construção e disputa de sentidos no âmbito das relações de turismo. Ou seja, não se trata apenas de dar conta da comunicação oficial / formal gerada racionalmente pelos setores público e privado, particularmente no que tange às ações de divulgação, promoção e comercialização de produtos e serviços em turismo. A comunicação turística abarca toda comunicação que se materializa em diferentes lugares do ser e fazer turístico, ou seja, compreende a comunicação formal, mas também os processos informais. (BALDISSERA, 2010a, p. 11-12).

A comunicação pode ser pensada a partir de diferentes enfoques e níveis de complexidade, dentre os quais é possível analisar “[...] as tensões entre a comunicação oficial (formal) e a comunicação não-oficial (informal)” (BALDISSERA, 2010a, p. 7). A fala não-oficial e informal, no turismo, costuma ser relegada a segundo plano, desconsiderada ou desqualificada, conformando uma comunicação turística que, dando espaço apenas à fala oficial, torna-se homogênea e linear, ainda muito amparada em uma perspectiva retrógrada de comunicação, com emissores ativos e receptores passivos. O autor critica esse contexto:

[...] já não se trata de apenas pensar a comunicação oficial, planejada, formalizada, mas de também atentar para outros fluxos comunicacionais que se atualizam no acontecer, informalmente, em todo lugar (entre turistas, entre turistas e comunidade local, entre diferentes indivíduos da comunidade local, entre investidores e poder público, entre gestores e funcionários, entre funcionários e

turistas, entre turistas e seus familiares/amigos/agentes de viagem, etc.). (BALDISSERA, 2010b, p. 68-69).

Para o autor, basta que se atualizem sentidos nas relações de turismo para que haja comunicação turística, independente de sua qualidade, das intenções e competências de seus produtores, dos espaços e processo em que ela se realiza (formais ou informais) ou dos suportes e mídias que utiliza. A comunicação turística oficial é planejada, feita por especialistas e por entes autorizados. Mas também há uma comunicação que, mesmo quando dispersa, espontânea, irreverente e não autorizada, fertiliza no acontecer e na cotidianidade, seja aquela entre o turista e o transeunte, o diálogo entre os diferentes sujeitos da comunidade, entre os turistas ou mesmo nas comunidades da *internet* relacionadas ao destino turístico (BALDISSERA, 2010b). São fontes de informação diferentes e possuem estatutos diferentes, enquanto práticas comunicativas.

Os pressupostos apontados até aqui autor são fundamentais para compreendermos que o setor turístico produz narrativas sobre a cidade que são moldadas por intencionalidades, representando diferentes lugares de fala e percepções sobre a urbe, mas também relações de poder, em um jogo no qual a informação é comunicada de modo a produzir sentidos, sempre tendo um fundo político e ideológico.

O aspecto econômico permeia essa discussão, na medida em que o turismo se coloca como uma atividade que surge no cruzamento de interesses do grupo social cidadão, do Estado e de empresas. Em uma reflexão sobre as produções de lembranças e esquecimentos no âmbito do turismo, Raniery Silva Guedes de Araujo afirma que o planejamento turístico é regido pelo poder do grande empresariado, com investidores que influenciam as diretrizes do turismo, desconsiderando a opinião da população local. Isso ocorre, de acordo com Araujo (2016), devido ao superdimensionamento dos fatores econômicos em detrimento dos socioculturais, reflexo da “memória mundial do Turismo”, que reforça uma “memória oficial” e é endossada pela Organização Mundial do Turismo (OMT).

Por muitas vezes, destinos turísticos tentam se categorizar enquanto instituições oficiais de memória, buscando inclusive estabelecer uma visão cultural homogênea e hegemônica, um imaginário pautado em



*slogans*, que, de maneira reducionista, evidencia o elemento cultural priorizado, em detrimento de uma diversidade de memórias subterrâneas. (ARAUJO, 2016, p. 6).

Inspirado nos estudos de Pollak, o autor enfatiza a necessidade de ampliar o olhar do turismo, para englobar as “memórias subterrâneas” dos grupos socialmente excluídos nos destinos turísticos, de modo a enfraquecer o que o autor considera o caráter destruidor, uniformizador e opressor que decorre da exaltação econômica da prática turística. Ainda nesse sentido, Araujo (2016) complementa que os conflitos que emergem nessa disputa pela memória são decorrentes da transformação de localidades em *points* turísticos, em um contexto de total desconhecimento ou silenciamento intencional da cultura popular.

A narrativa turística visibiliza alguns elementos em detrimento de outros, que são relegados ao esquecimento, tendo em vista a promoção da cidade. Conforme Carina Sousa Gomes, essa dualidade é importante, pois a promoção da cidade está imersa em processos de seleção e visibilidade de algumas características do local, produzindo esquecimento ou desprezo por outras. Para a autora (2008), isso ocorre tendo em vista a construção de imagens que constituam um imaginário turístico atrativo, sejam estas coerentes ou não com a história do lugar. Nesse processo, tudo é passível de ser apropriado, produzindo relações de sentido e envolvendo componentes estéticos e simbólicos, ação percebida tanto da parte dos agentes turísticos, como dos próprios turistas.

A narrativa turística é expressa através do roteiro construído para apresentar o lugar. Os roteiros, para Adriana de Menezes Tavares (2002), são compostos por uma sequência que apresenta atrativos merecedores de serem visitados. Mais do que isso, o roteiro turístico é compreendido por Rebecca de Nazareth Costa Cisne como:

[...] a força motriz da atividade turística. Cabe aqui ressaltar que na física, força (ou potência) motriz refere-se àquilo usado para produzir um efeito de movimento. Portanto, o roteiro turístico, tendo sido planejado ou não, se faz na prática do deslocamento do turista (roteiro empírico), produzindo um ‘efeito de movimento’. (CISNE, 2016, p. 2).

O turismo opera transformando patrimônios culturais em atrativos, elementos que marcam a singularidade e até o caráter inusitado do lugar. Os roteiros turísticos

representam a paisagem e são moldados para chamar atenção do visitante, influenciando, inclusive, em suas futuras experiências com a cidade. Além disso, a atividade turística atua na própria instituição de novos patrimônios, na medida em que seu destaque a determinados elementos da cidade pode fazer com que o turista os valorize de forma diferenciada. Assim, os enquadramentos do turismo potencializam as disputas em torno do patrimônio cultural, pois o setor turístico utiliza as informações sobre ele, produzindo e/ou reproduzindo memórias a partir das narrativas que constrói sobre a cidade.

## 2.6 MEMÓRIAS VIRTUAIS, SEUS ESQUECIMENTOS E AS NARRATIVAS DA CIDADE

Como anteriormente citado, o campo transdisciplinar de estudos em memória social se caracteriza pelas diferentes apropriações e interpretações que diversos autores fazem de suas teorias, termos e tendências de pesquisa. O aumento massivo do uso das TIC em diversas instâncias de nossas práticas socioculturais influenciou os estudos sobre memória, na medida em que ela passou a ser concebida também a partir dos fluxos informacionais e do uso de novos dispositivos digitais.

Em meio às cinco proposições que apresenta a respeito da memória social, Gondar (2016) ressalta que a Era Digital evidenciou que a construção da memória depende de interesses sociais, políticos e culturais, mas também dos meios de comunicação e técnicas empregadas em seu registro. Lidar com a memória torna-se uma atividade cada vez mais complexa, na medida em que, conforme a autora, vivemos em uma era de reescrita contínua, com apagamento e reconstrução de lembranças de forma incessante, não sendo mais possível distinguir com precisão a lembrança do esquecimento.

A era digital, contudo, coloca em jogo uma outra relação entre lembrar e esquecer: não mais uma oposição simples nem tampouco uma oposição dialética, mas o borramento da linha clara que os distinguia, de forma que os dois processos passam a se apresentar numa relação de coparticipação e convivência paradoxal. (GONDAR, 2016, p. 29).

Tendo em vista os desafios que se apresentam perante os estudos memorialísticos na Era Digital, discutiremos brevemente alguns termos e conceitos utilizados por diferentes autores, de diferentes áreas do saber, para se referirem às novas manifestações da memória e do patrimônio em ambientes virtuais. Esse esforço se faz necessário para compreendermos, a partir de uma mirada panorâmica, as concepções e diferenças de abordagens que caracterizam esses estudos.

Refletindo sobre as relações entre memória, comunidade e comunicação, Federico Casalegno (2006) propõe uma visão ecológica sobre a memória em rede. Para o autor, o desenvolvimento dos sistemas de comunicação, modificando o acesso e a estocagem de informações, redefiniu a memória, tornando seus contornos mais frouxos e imprecisos, na medida em que nos possibilita fazer parte de uma comunidade que é local e planetária ao mesmo tempo. A abordagem ecológica à qual o autor se refere é necessária para compreender o jogo sutil que se desenvolve entre técnicas de comunicação e memória, tornando-nos sensíveis ao acesso universal e à superposição do território real com as informações do ciberespaço.

Entusiasta dessas novas formas de construção das memórias, Casalegno (2006) as compreende como uma possibilidade de promover a partilha da memória cotidiana, tornando acessível a memória informal, vivida e interpretada pelos seres humanos. Sua concepção é a de um sistema aberto, que “vibra e vive” com as contribuições das pessoas, acompanhando seu cotidiano através das “alamedas imprecisas” do vivido social, em um ideal no qual toda a coletividade acessa e nutre a memória coletiva. Para o autor, esse compartilhamento de memórias fortalece os laços de proximidade, permitindo maior comunicação com o ambiente sociocultural imediato, pois o ciberespaço é fruto de uma sinergia cooperativa entre as pessoas, configurando-se como uma superposição e não como uma exclusão mútua entre o real e o cibernético.

[...] estamos diante (se assim podemos dizer...) de uma nova cena ‘virtu-real’, que permite aos atores sociais interpretar as memórias sociais, de exteriorizar e de interiorizar as memórias, ao mesmo tempo individuais e coletivas, vivas e sedimentadas. Aflora, portanto, um novo tecido conectivo, instalado na cidade pós-moderna. (CASALEGNO, 2006, p. 29).

São os sujeitos, enquanto internautas, que criam memórias ao enviar informações, acessar fontes de conhecimento e criar suas afiliações tribais na rede, constituindo uma memória que é “respondente” e não “registradora” (CASALEGNO, 2006). Cada membro da comunidade se percebe como criador de mitos, tornando-se um narrador que nutre a memória coletiva. O termo *memória em rede*, como podemos perceber, é utilizado pelo autor para se referir a um processo de democratização da construção e do acesso às memórias, em uma visão quase utópica de uma memória que, não estando circunscrita simplesmente pela história, é construída através da contribuição dos sujeitos sociais que vivenciam o cotidiano – daí o título de seu livro, *Memória Cotidiana*.

Em sua análise que desloca a concepção de *virtualidade* da modernidade à contemporaneidade, Maria Cristina Franco Ferraz reflete sobre as novas problemáticas da memória no contexto da cibercultura. Para a autora, a relação entre memória e virtualidade à qual Bergson se referia em seus textos difere da discussão atualmente tecida acerca dessa temática: se a virtualidade bergsoniana era uma analogia à fisiologia humana e ao espírito, hoje o assunto diz respeito às máquinas cibernéticas:

[...] a ‘virtualidade’ que, em Bergson, emerge como presença constante de uma memória total – fonte inesgotável de invenção de novos horizontes futuros – uma vez realizada nas tecnologias desenvolvidas no século XX, nas máquinas cibernéticas e informáticas, parece favorecer o esquecimento. Ou estaríamos ante uma mutação da função humana da memória, paulatinamente deslocada para um novo suporte, para máquinas de informação digitalizada? (FERRAZ, 2005, p. 55).

A autora compreende que as tecnologias “do virtual” reforçam e reeditam uma visão localizacionista de memória, mais passiva e menos humana. Ferraz (2005) também enfatiza as novas problemáticas em torno do esquecimento que é produzido – e também temido – nesse novo cenário, na medida em que, se os computadores possuem capacidade de “armazenar” cada vez mais memória, também surge uma intensa preocupação com lapsos de memória. Entretanto, a autora destaca que esses comportamentos não advêm apenas de nossas interações com os suportes tecnológicos, pois fazem parte de um processo histórico maior, responsável por alterar nossa forma de vivenciar a temporalidade.

Em seu texto sobre memórias virtuais, Denise Ventura Schittine lembra-nos um importante aspecto acerca da memória: sendo um “organismo vivo”, ela é fugidia e inconstante por si só, atua de forma rebelde e serve mais em sua causa própria do que aos indivíduos que a possuem. Devido a isso é que surgiram os mecanismos de organização das lembranças, que foram se transformando ao longo do tempo, até chegarem aos formatos contemporâneos, que incluem arquivos de computador, agendas eletrônicas, *palmtops*, *blogs*, páginas pessoais, etc. Esse contexto é propício, conforme Schittine (2009), ao desenvolvimento de uma ansiedade generalizada por arquivamento, devido à angústia contemporânea frente a um mosaico de memórias, um labirinto onde os arquivos estão guardados nos cantos e nas dobras, o que facilita a sua perda.

Percebemos que, assim como Ferraz (2005), a autora também levanta a questão da preocupação em torno da preservação das memórias em ambientes virtuais. Isso porque o esquecimento está cada vez mais presente, pois quanto mais rápido o fluxo informacional, mais rápido esquecemos, sendo maior o risco de cairmos na amnésia. Nesse cenário, o papel das mídias e das tecnologias é dúbio:

[...] ao mesmo tempo em que realizam a manutenção da memória são responsáveis também pela sua perda. São elas que disponibilizam uma quantidade de arquivos diariamente através de imprensa, televisão, CD-Rom e internet. Arquivos que acabam ajudando a provocar a amnésia. (SCHITTINE, 2009, p. 156).

Nessa complexa relação entre lembrar e esquecer, a memória parece se transformar em algo efêmero e deficiente, pois não dá conta do fluxo informacional incessante. A virtualidade não atua apenas através da presentificação do passado: Schittine (2009, p. 154) entende que a memória virtual é responsável pela atualização do instante, do presente, pois “[...] a velocidade dos processos virtuais e eletrônicos é capaz de acompanhar a aceleração de informação.” Para a autora, a memória em rede, na internet, está atrelada a uma modificação das noções de tempo e espaço: o lugar deixa de ser real para se tornar virtual, enquanto o tempo diz respeito sempre ao presente, ao agora, que vira um “acúmulo de passados”. A internet é caracterizada por um imediatismo no qual a lembrança dos fatos gerais é armazenada em tempo real, possibilitando a formação de arquivos pessoais na rede. Entretanto, a autora salienta

que a memória psíquica, original, torna-se preguiçosa e começa a delegar tarefas à memória artificial construída na *web*.

A 'velha memória', fruto do exercício da lembrança e do esquecimento, que se constrói pelo movimento de grandes repousos e eventuais despertares vai precisar sofrer ajustes. Isto não significa que ela tenha desaparecido, ou vai desaparecer [...], mas que ela vai precisar conviver e tentar trocar informações com a memória artificial. As idas e vindas, as lacunas ou a descoberta inesperada de lembranças esquecidas por uma memória 'indomável' são, aos poucos, auxiliadas por uma memória artificial que permite a seleção prévia de lembranças. É como se o usuário pudesse escolher arbitrariamente dentro da rede aquilo que quer memorizar e colocasse no arquivo de 'favoritos' para acessar num clique quando quisesse trazer uma lembrança à tona. (SCHITTINE, 2009, p. 158).

Ao abordar o conceito de memória virtual, a autora apresenta um pressuposto do qual compartilhamos, que diz respeito à necessidade de vivência da informação disponível em meio virtual para caracterizá-la como memória virtual, e não apenas como uma informação depositada (ou uma memória "morta"). É necessário, conforme a autora, que se dê uso à memória, através do acesso e compartilhamento de seus arquivos. Mais do que estarem disponíveis a todos, essas informações precisam ser partilhadas, complementadas e utilizadas pelos usuários. Outro contributo da autora para a discussão a respeito da virtualização das memórias diz respeito ao caráter coletivo das informações em ambientes virtuais, pois formamos comunidades que partilham de uma memória em comum – que tem um aspecto de globalidade. É a transposição da concepção de Halbwachs para o contexto das redes de computadores.

Amparada nas teorias de Henri Bergson, Pierre Lévy e Maurice Halbwachs, no âmbito da Ciência da Informação, a pesquisadora Vera Dodebei vem se debruçando sobre os estudos da memória em ambientes virtuais, especialmente pensando o comportamento informacional dos sujeitos e instituições nesse contexto e de que forma são atribuídos novos sentidos aos documentos no contexto da cultura digital. Os estudos da autora nos fazem repensar os usos e as novas configurações da memória e do patrimônio com a chegada do século XXI.

Em um cenário arquitetado pela informação, o patrimônio, enquanto categoria, está localizado no espaço virtual, sendo vivenciado em tempo real e compreendido

pelo meio digital como objeto informacional em constante desenvolvimento, circunstancial, efêmero, único e virtual (DODEBEI, 2006; 2008). O patrimônio, para a autora, encontra-se desterritorializado na virtualidade, sendo criado por meio do compartilhamento no ciberespaço, sendo que “[...] deve ser apreendido como um objeto e também como um valor de informações sobre o objeto, seja a natureza deste material ou imaterial.” (2008, p. 12).

Se a sociedade deseja preservar bens patrimoniais para as gerações futuras, é necessário considerar que objetos do cotidiano têm sido, em ritmo exponencial, produzidos em meio digital. Preservar, então, corresponde a tornar possível a troca de informações armazenadas numa memória de mundo. (DODEBEI, 2008, p. 12).

Assim, a autora concebe que a representação digital do patrimônio protege-o do perigo da perda, além de garantir sua autenticidade, mesmo que siga sendo circunstancialmente processual (DODEBEI, 2006). A autora identifica dois termos que surgem desse contexto, advindos da inclusão dos adjetivos “virtual” e “digital”, oriundos da filosofia e da cibernética, respectivamente, embora, até o momento, não houvesse consenso na literatura acerca das diferenças e possíveis sinonímias entre eles (DODEBEI, 2008). A partir do conceito de memória documentária, a autora concebe o patrimônio digital como um “composto de informação que transita no ciberespaço.” (p. 28). A virtualização do patrimônio, que seria sua transposição para o espaço virtual, possibilita que os documentos possam ser acessados em tempo real por um número cada vez maior de pessoas, que se apropriam dele, reformatam-no e devolvem ao ciberespaço novas informações a seu respeito, em um processo no qual o valor patrimonial está mais nos significados atribuídos pelos sujeitos do que no seu referente material.

Este novo patrimônio é constituído por bens culturais criados somente em ambiente virtual ou por bens duplicados na representação da *web* e cobre materiais digitais que incluem textos, bases de dados, imagens estáticas e com movimento, áudios, gráficos, *software*, e páginas *web*, entre uma ampla e crescente variedade de coleções que representam desde objetos pessoais a acervos tradicionais de instituições de memória. (DODEBEI, 2006, p. 1).

A autora chega ao conceito de memória virtual, constituída de estoques informacionais formados por documentos que, ao ingressarem no ciberespaço, transformam-se em recursos informacionais (DODEBEI, 2006), tendo como atributo essencial a constante reformatação, o que influencia nos jogos de lembrança e esquecimento (DODEBEI, 2008). Essa concepção é fundamental para compreendermos que a vivacidade é uma característica sempre presente nas memórias virtuais, por se encontrarem em constante transformação, reinvenção e reescrita. Muito mais do que bases de dados, essas memórias caracterizam-se, conforme Dodebei (2006), como centros de conhecimento, onde não se encontram depósitos arqueológicos de informação. Isso ocorre porque essas memórias estão repletas de significados que são atribuídos pelos usuários que as constroem em suas práticas informacionais, nas narrativas que constroem acerca de suas próprias experiências de vida. Em seu texto com Rosali Maria Nunes Henriques (2013, p. 263), as autoras afirmam:

As pessoas normalmente narram suas histórias de forma a montar um mosaico da sua própria vida. E, nesse caso, a tendência é sempre para o uso da linearidade das lembranças dos fatos ocorridos, pois a narrativa sempre é feita no tempo presente sobre [...] um tempo passado. Nesse caso, é a visão atual do mundo que é passada na narrativa. (HENRIQUES; DODEBEI, 2013, p. 263).

A interação com essas memórias, entretanto, não necessariamente segue uma ordem cronológica, na medida em que o movimento infinito dos percursos de acesso à informação não é memorizado, proporcionando dispersão e fragmentação, uma vez que o leitor percorre o ciberespaço ao acaso (DODEBEI, 2006). Essa leitura não-linear, entretanto, não é algo necessariamente novo, tendo em vista que o trabalho com memória muitas vezes caracteriza-se por não seguir um padrão ou caminho – vide o leitor que, cansado ou impaciente, folheia algumas páginas de um livro até encontrar algo que seja de seu interesse; ou o visitante de um museu que não segue o percurso indicado pela expografia e aventura-se sem uma ordem pré-definida. Entretanto, a desterritorialização do documento, evidentemente, reforça essa característica.

Na articulação filosófica e fenomenológica que Lucas Costa Roxo faz entre memória, linguagem e imaginação, compreende-se que a memória está em virtualização, que não é dada apenas pelas mídias e suportes tecnológicos



informativos, mas pela ação humana de presentificar o ausente, em formas estáticas de representar a memória. Na concepção de Roxo (2011), o modo como interpretamos o mundo e o lembramos origina duas formas de virtualização da memória: ela é exteriorizada pelo virtual midiático e tecnológico, mas também invertida, pois interpretamos as experiências da memória como irrealidades, assim como tratamos o mundo virtual dos computadores como real. O virtual midiático cria a sensação de que a realidade é uma ilusão. O autor possui uma visão acerca da virtualização que se difere um pouco da forma como propomos pensar nesse estudo, pois a virtualização, para nós, está mais atrelada ao compartilhamento da memória em redes.

Nesse sentido, um contributo mais significativo para nós é o de Patrícia Kayser Vargas Mangan que, lançando um olhar a partir da cibercultura, apresenta definições importantes acerca das diferenças e relações entre a memória digital e a memória virtual. A primeira, para a autora, é determinada por um suporte computacional, relacionada a questões técnicas e à tecnologia da informação, enquanto que a segunda é determinada pela conexão e dispersão da internet, pois transcende o espaço físico, aproximando-se mais das tecnologias da comunicação (MANGAN, 2010). Assim, a memória digital antecede a memória virtual, sendo necessária para que esta exista, tendo em vista que um registro digital possui significado como memória social apenas se for virtualizado, tornando-se acessível a um número maior de pessoas. Ainda de acordo com a autora, a divulgação do material/documento em formato digital através de sua virtualização implica em um processo comunicativo, tornando-o passível de reescrita coletiva, configurando um novo espaço de memórias virtuais.

Aprofundando-se nesse compartilhamento de memórias, especialmente em redes sociais, Vera Dodebei e Inês Gouveia (2008) afirmam que os sujeitos compartilham nelas relatos e depoimentos que permitem o registro de memórias individuais. Para as autoras, essa prática converte o privado em público, o que possibilita a reformação das memórias e a divisão da coautoria das informações compartilhadas, tendo em vista que o principal atributo do ciberespaço enquanto centro virtual da memória do mundo é o fato de ser coletivo. Esse domínio coletivo faz com que a informação seja constantemente atualizada, caracterizando o ciberespaço como a dimensão contemporânea de comunicação, através de uma articulação entre informação, tecnologia e memória.

Esse contexto é favorável ao fenômeno da reconexão, como apontado pela pesquisadora Magda Rodrigues da Cunha, segundo a qual vivemos na era da reconexão, pois nunca estivemos tão conectados e, assim, reconectados com o passado, especialmente devido ao uso das redes sociais virtuais (CUNHA, 2011). Contrapondo-se à ideia de que a abundância de informações geraria uma “era do esquecimento”, a autora compreende que a memória pressupõe encontros, desencontros e reencontros, caracterizando um contexto marcado pelo paradoxo da superinformação e da amnésia.

Sobre o uso de tecnologias móveis de compartilhamento de informações, a autora entende que nos tornamos narradores do espaço, contribuindo para a formação de uma memória sobre o espaço partilhada pelas redes sociais. Essas mesmas tecnologias atuam como instrumentos de consulta remota sobre toda e qualquer informação. Entretanto, Cunha (2011) compreende que esses espaços configuram-se como meios de memória não pelo armazenamento de informações ou por serem de fácil acesso, mas pelos vínculos que pessoas criam através das narrativas ali contadas.

Esses novos meios de construção memorial também possibilitam a quebra das ditas “memórias oficiais”, seletivas e aceitas como “verdade”. Conforme Cunha (2011), se antes estudar a memória era o mesmo que estudar a história, agora significa descascar camadas histórias através da reescrita no presente. Essa reescrita das memórias em escala coletiva, planetária e não-linear energizada pelas tecnologias e redes sociais torna-se universal, mesmo não sendo totalizante, empoderando aqueles que nunca imaginaram que seriam responsáveis pela escrita de memórias em um tempo presente (CUNHA, 2011; 2013).

Em nossos estudos enfocados nas memórias virtuais da cidade, eu e Valdir Jose Morigi compreendemos que as memórias, inicialmente individuais, interagem e passam a fazer parte de uma memória maior, coletiva e multifacetada, que é a memória da comunidade virtual, transformando nossas concepções de mundo (MORIGI; MASSONI, 2015). Essa memória virtual da cidade é formada pelas informações que compartilhamos a seu respeito, estabelecendo ligações entre o passado e o presente, sempre influenciada por nossas projeções em relação ao futuro e à cidade que desejamos vivenciar.

Essas informações são marcadas por nossas representações, sendo mais 'orgânicas' e mais próximas dos sujeitos narradores que as produzem, pois são fruto do olhar subjetivo sobre a cidade. Mais do que meros depósitos de dados ou documentos, tais memórias se caracterizam por um acelerado processo de transmutação. Subjetivas, abertas, dinâmicas e facilmente acessíveis, essas memórias se constroem através de nossas narrativas e parecem ser uma tendência adequada ao fluxo informacional incessante característico da sociedade contemporânea. (MASSONI; MORIGI, 2017, p. 7).

As memórias das cidades são construídas no ir e vir de nossos corpos, nos olhares, esbarrões e acenos que transcorrem em suas ruas e esquinas. Nessas experiências, o afeto é o principal ingrediente na formação das representações sobre a cidade e seus patrimônios culturais, pois o lugar é transpassado pelas relações que estabelecemos nele e com ele. A vivacidade da cidade jamais pode ser esquecida, sendo que somos nós que damos cor, cheiro e voz a ela.

Seja no mundo *offline* ou *online*, as memórias das cidades são moldadas por nossas representações, medos, anseios e sonhos. Sobre o ambiente recaem nossos desejos e insatisfações, representados nas informações que produzimos e reproduzimos a ser respeito. Obviamente, essas informações são moldadas por processos de seleção, o que reforça seu caráter subjetivo e parcial, estando à mercê de vontades e intenções.

## 2.7 ESTUDOS PRÉVIOS EM COMUNICAÇÃO E CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO

Para melhor compreendermos o estado atual das pesquisas que abordam os conceitos explorados nesta tese, realizamos uma pesquisa bibliográfica a fim de traçar um panorama desses estudos nas áreas de Comunicação e Ciência da Informação. Para tanto, pesquisamos por alguns conceitos junto à Base de Dados de Teses e Dissertações (BDTD) do Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT), levando em consideração todas as produções sobre esses assuntos desenvolvidas nos programas de pós-graduação no Brasil, desde 2000 até 2020.

Quadro 1 – Resultados da Pesquisa Bibliográfica na BDTD

Expressão de Busca	Total	Área		Instituições	Tipo	
		CI	COM		Tese	Dissert.
turismo E informação / informação turística	13	13	0	IBICT (2) UFMG (4) UFPE (1) UFSC (3) UNESP (2) PUC CAMPINAS (1)	3	10
turismo E comunicação / comunicação turística	34	1	33	ESPMSP (2) PUCRS (4) PUCSP (4) UCB (1) UERJ (1) UFJF (8) UFPE (1) UFSM (1) UMESP (5) UNESP (1) UNISINOS (2) USP (4)	10	24
esquecimento E informação	4	4	0	UFPB (2) UFPE (2)	0	4
esquecimento E comunicação	5	0	5	PUCSP (3) UFMG (1) UNESP (1)	1	4
silêncio E informação	0	0	0	-	0	0
silêncio E comunicação	2	0	2	UMESP (1) UNISINOS (1)	1	1
lembrança E informação	0	0	0	-	0	0
lembrança E comunicação	2	0	2	PUCSP (2)	1	1
narrativa turística	1	0	1	UFJF (1)	0	1
discurso turístico	0	0	0	-	0	0
memória virtual	0	0	0	-	0	0
memórias virtuais	2	2	0	UFMG (1) UFRGS (1)	0	2
narrativa E informação	3	2	1	UFSC (1) UNB (1) USP (1)	2	1
narrativa E comunicação	11	0	11	ESPMSP (6) UFJF (2) USP (3)	4	7
<b>TOTAL</b>	<b>77</b>	<b>22</b>	<b>55</b>	-	<b>22</b>	<b>55</b>

Fonte: elaborado por Luis Fernando Herbert Massoni, 2021.

Os termos de busca utilizados foram “turismo E informação”, “turismo E comunicação”, “esquecimento E informação”, “esquecimento E comunicação”, “silêncio E informação”, “silêncio E comunicação”, “lembrança E informação”, “lembrança E comunicação”, “informação turística”, “comunicação turística”, “discurso turístico”, “narrativa turística”, “narrativa E informação”, “narrativa E comunicação”, “memória virtual” e “memórias virtuais”. Empregamos os campos de busca *título* e *assunto*, de modo a recuperar todas as ocorrências em que houvesse a expressão de busca em pelo menos um desses campos. Com as buscas feitas, descartamos os trabalhos que não fossem das áreas de Comunicação ou Ciência da Informação, bem como os resultados duplicados, resultando em um total de 77 trabalhos, sendo 22 de CI e 55 de Comunicação, compondo 22 teses e 55 dissertações, como exposto no Quadro 1.

Não encontramos resultados para as expressões de busca “silêncio E informação”, “lembrança E informação”, “discurso turístico” e “memória virtual”. Dentre os 77 resultados obtidos, realizamos uma leitura sistemática de seus títulos e resumos, selecionando os que mais se aproximavam da perspectiva que adotamos em nosso estudo, os quais destacamos a seguir.

Na dissertação *Memória e esquecimento na ciência da informação: um estudo exploratório*, Adriana Buarque de Holanda (2011), defendida na UFPE, estuda as abordagens teóricas e conceituais das temáticas *memória* e *esquecimento* na área da Ciência da Informação. É um estudo documental, com pesquisa bibliográfica e análise de conteúdo de artigos de periódicos em destaque na produção científica nacional da área. Como resultados, a autora identificou que há uma maior incidência do tema memória na produção pesquisada, enquanto que esquecimento ainda é abordado de maneira tímida.

Também defendida na UFPE, a dissertação *Hemeroteca esquecida: fenômeno social do esquecimento na perspectiva da ciência da informação*, de Tony Bernardino e Macedo (2013), estuda a prática do esquecimento decorrente da não concretização do fluxo informacional por parte de instituições memorialísticas, quando estas não promovem o acesso e o uso das informações que detém. Trata-se de uma pesquisa bibliográfica em que o autor atenta para a falta de estudos sobre esquecimento na área de Ciência da Informação, o que corrobora os apontamentos de Holanda (2011).

Já na dissertação intitulada “*Tudo sobre a Ditadura Militar*” e, sobretudo, a *ditadura militar: memória e esquecimento no jornal Folha de S. Paulo*, elaborada junto à UFMG, Carolina Souza Macedo (2018) analisa as narrativas do da Folha de São Paulo acerca da ditadura militar, fazendo uso da análise de conteúdo e da análise de semiótica. O estudo utilizou os escritos de Paul Ricoeur e seus conceitos a respeito do esquecimento, tais como “memória impedida”, “lembança encobridora” e “abuso de esquecimento”, para compreender de que forma o jornal moldou a memória coletiva sobre esse período político.

Também na UFMG, a tese de Juliana Medaglia (2017), intitulada *Os desafios do uso qualificado da informação em turismo: o caso da pesquisa de demanda turística real de Diamantina/MG*, a autora realiza um estudo de caso em que compreende por *informação turística* como a informação que apoia o uso das atividades dos turistas para fins comerciais. Ela também se refere à *informação em turismo*, que seria aquela que possibilita o alcance de metas ao prover dados que descrevam a atividade dos atores do turismo, incluindo dados sobre os turistas que dão suporte estatístico a pesquisas sobre demanda turística.

Em perspectiva semelhante, a tese de Elder Lopes Barboza (2019), intitulada *Contribuições dos fluxos de informação para o turismo de Bonito-MS* e desenvolvida na UNESP, explora os *fluxos informacionais*, compreendidos por ele como o caminho pelo qual as informações trafegam em distintos setores e níveis organizacionais. O autor utilizou o Método Sistêmico Soft, tendo como instrumentos de coleta de dados a entrevista, a análise de documentos e a observação. Esse estudo segue a perspectiva da gestão da informação, identificando e caracterizando os ambientes de informação. Assim, percebemos que tanto Medaglia (2017) como Barboza (2019) enfocam a informação enquanto constituinte dos subsídios para a prática turística, não abordando a informação em uma perspectiva social, que constrói narrativas, como focamos em nosso estudo.

Na tese de Natália de Sousa Aldrigue (2016), elaborada na UNISINOS e intitulada *Mediatização das práticas turísticas: estudo de caso sobre o site Tripadvisor e a página Trip Tips*, a autora examina práticas turísticas, estudando dois ambientes virtuais de comunicação turística, percebendo de que modo operações midiáticas vêm os modificando. Com seu estudo de casos, a autora percebe nesses ambientes novas

formas de fazer turismo, com interações expostas em circuitos, revelando apropriações sociais dos dispositivos e dos processos interacionais, evidenciando relações entre mídias e sociedade. Embora utilize um outro referencial teórico para compreender os fenômenos em análise, percebemos que a autora está preocupada com questões que também nos movem, como os usos sociais do turismo e a produção de informações por parte dos turistas e dos cidadãos comuns, algo que destacamos em nosso estudo. Conforme a autora, no turismo midiaticizado, o “[...] amador/turista é quem desencadeia as práticas e, com isso, os saberes são conduzidos para além das referências instituídas, trazendo para o âmbito da produção de conhecimento o sujeito midiaticizado” (ALDRIGUE, 2016, p. 167). Assim, o turista é coprodutor de enunciados que chegam aos experts, através da circulação de conteúdos que seguem novos protocolos.

Na dissertação *O turismo nas mídias digitais: contratos enunciativos com o turista da atualidade*, defendida na PUCRS por Andréia Ramos Machado (2017), temos um estudo que, através da análise de discurso, investiga como o setor turístico comunica-se com os turistas através de mídias digitais. A perspectiva da autora aproxima-se da nossa, na medida em que, além de destacar o turismo como um segmento relacionado com a memória, também explora a informação, a virtualização e a comunicação digital no contexto das práticas turísticas.

Seu estudo enfoca *blogs* de viagem e “quem” eles fazem falar, pensando em sua produção, no contexto enunciativo e nos contratos em que se situam. A autora percebe uma transformação na forma de fazer e comunicar turismo através dessas mídias, onde os discursos são construídos de modo a prestar informação ao leitor, utilizando referências que contemplam o turista da atualidade. Chama atenção que a autora ainda percebe que os turistas possuem maior confiança nesse tipo de informação, compreendendo os autores desses *blogs* como espécies de consultores de viagens, papel até então restrito aos profissionais de empresas turísticas. Esse estudo segue uma linha muito próxima ao que propomos em nossa tese, pois, ao estudarmos o aplicativo *Foursquare*, estamos justamente explorando esse tipo de informação, compartilhada por uma comunicação não-oficial e tendo como fonte a experiências das pessoas.

Na dissertação intitulada *O turismo e a reconfiguração de linguagem no ciberespaço: uma análise do portal Visit Brasil*, defendida por Vanessa Tonelli da Silva (2017) na UFJF, a autora relaciona o contexto cultural de convergência e participação com mudanças no setor turístico, mais especificamente, na comunicação turística brasileira. Fazendo uso do método da semiótica para analisar um portal da *web*, a autora pensa nas novas formas de comunicação dos destinos turísticos, especialmente a troca de informações entre os próprios consumidores e a forma como o portal trabalha a imagem do país a partir de fotografias que publica, sendo algumas delas publicadas pelos próprios usuários na rede social *Instagram*. Este estudo se aproxima do nosso, na medida em que evidencia as relações entre formas de comunicação turística, uma oficial e outra não-oficial.

Na PUCSP, a tese *Memórias em trânsito: confrontos entre lembrança e memória nos ambientes propostos pelos Centros de Memória e Cultura na Zona Leste do município de São Paulo*, defendida por Regina Tavares de Menezes dos Santos (2015), pesquisa a dimensão comunicacional da memória, tratando-se de um estudo de caso sobre espaços físicos da cidade de São Paulo. A autora compreende que os patrimônios culturais arquitetônicos são impactados pela mídia enquanto veículos comunicativos necessários à evolução e à guarda da memória, pensando isso no contexto de uma comunidade. Embora pense o papel da comunicação perante a manutenção e o compartilhamento da memória social, esse estudo se afasta de nossa perspectiva, pois aborda a memória a partir de entes institucionais, ao passo que, em nosso estudo, desejamos tensionar uma fonte de informação oficial com uma não-oficial.

Débora de Paula Falco (2010), na dissertação *Identidades em trânsito na narrativa jornalística: percepções dos deslocamentos contemporâneos de turistas e migrantes*, defendida na UFJF, analisa reportagens de capa sobre Nova York para refletir sobre o papel do jornalismo na construção de representações sobre o turismo na cidade, através de suas narrativas. Usando a análise de conteúdo, a autora percebeu aspectos da construção identitária do estrangeiro e da nação, identificando como experiências identitárias e culturais são vividas por sujeitos em trânsito.

Na dissertação *Informação e participação social no turismo sustentável: o caso da zona portuária da cidade do Rio de Janeiro*, Yolle Vacariuc Bittencourt (2014) estuda



a informação perante a participação social na implantação da atividade turística, destacando o papel do turismo perante as políticas urbanas, visando alavancar a economia local e promover a cidade no mercado internacional. Através de entrevistas e análise de documentos, ela investiga as dinâmicas informacionais e comunicacionais de atores sociais envolvidos na implantação do projeto Porto Maravilha, na zona portuária do Rio de Janeiro. Tece uma articulação entre turismo sustentável, informação e participação social, pensando que a turistificação de um lugar deve ser democrática e inclusiva, com a participação da população local. Através da análise das informações produzidas por moradores, órgãos oficiais e parceiros do governo, identificaram-se diversos discursos em um território marcado por lutas e conflitos sociais. Os moradores, por sua vez, fizeram uso de mídias sociais para organizar sua mobilização e resistência, podendo difundir seus pontos de vista.

Na UFSC, a dissertação *Narrativa no fluxo de informação durante o compartilhamento de conhecimento em MPEs: um estudo multicaso nos núcleos setoriais e câmaras da ACIF*, defendida por Tatiana Cristina Siqueira dos Santos (2014), a autora realiza um estudo de casos em que analisa a narrativa no fluxo informacional. Sendo um estudo aplicado no contexto empresarial, compreende a narrativa como uma prática de criação e disseminação de conhecimentos usada frequentemente no ambiente organizacional através da oralidade, principalmente pelos gestores, bem como mensagens. É um estudo que aproxima os conceitos de *informação* e *narrativa*, mas num enfoque empresarial, de gestão.

Na tese de Jackson da Silva Barbosa (2014), *Narrativas desenraizadas: comunicação pública e representação da memória social na linha imaginária do Equador*, defendida na USP, o autor analisa de que modo a comunicação pública, especialmente a produzida e difundida pelo Estado, constrói narrativas sobre a memória social. Trata-se de um estudo que, através da narratologia, tensiona jornalismo, memória e narrativa, entendendo que a narrativa jornalística enquadra a memória social.

*No balanço das redes dos contadores de histórias: competência narrativa e competência em informação no século XXI* é a tese de Meri Nadia Marques Gerlin (2015) defendida na UNB, em que a autora relaciona a competência para narrar à competência em informação, entendendo que o narrador estabelece relações com

seus pares, apoiadores e público, seja em interações presenciais ou virtuais, enquanto aprende a lidar com a informação, através de sua busca, recuperação, produção e compartilhamento. Sendo uma pesquisa participativa operada através da aplicação de questionários, debruça-se sobre análise das redes às quais os contadores de histórias participam, bem como propõe um modelo de rede colaborativa que gira em torno da prática narrativa desses narradores. Nesse estudo, a autora aproxima os conceitos *narrativa* e *informação*, especialmente a partir das competências expressas em cada uma delas.

Já na tese de Patrícia Ceolin Nascimento (2007), *A informação como narrativa: mídia e troca simbólica*, defendida na USP, a autora nos traz uma relevante contribuição teórica ao articular os conceitos de *informação* e *narrativa*. A partir do aporte teórico das ciências da linguagem e fazendo uso da narratologia, a autora compreende que as informações que circulam nas mídias materializam-se como narrativas e, sendo produtoras de significação, constituindo a rede midiática que perfazida por uma troca simbólica.

Em minha dissertação, intitulada *A construção das memórias virtuais da cidade: narrativas sobre Porto Alegre no aplicativo Foursquare* e defendida na UFRGS, analisei como os usuários desse aplicativo de celular constroem memórias sobre a cidade a partir dos fluxos informacionais, amparando-me, especialmente, no conceito de memória virtual (MASSONI, 2017). Utilizando como método a narratologia, pude perceber quais espaços da cidade são lembrados pelos usuários, que não são especialistas na urbe, mas cidadãos comuns que utilizam o aplicativo pra produzir e compartilhar informações sobre a cidade, sempre amparadas em suas vivências com a urbe.

Através dessa breve exposição dos trabalhos desenvolvidos nas áreas de Ciência da Informação e Comunicação Social no Brasil, identificamos que boa parte dos autores justifica seus estudos defendendo o turismo como atividade econômica importante, pensando o papel dos fluxos informacionais na sua promoção. Embora verídico, não objetivamos destacar esse aspecto nesta pesquisa, pois nos detemos ao estudo do turismo como promotor de uma construção narrativa sobre a cidade, a partir de uma perspectiva mais sociocultural. Nesse sentido, os estudos que mais se

aproximam de nossa perspectiva são os de Aldrigue (2016), Machado (2017), Silva (2017), Bittencourt (2014), Gerlin (2015) e Nascimento (2007).

Entretanto, não identificamos estudos que abordem o fenômeno das informações no turismo a partir da perspectiva da memória social, em especial, relacionados ao esquecimento. Esse aspecto fortalece a relevância desta tese, uma vez que o tema ainda não foi abordado sob a perspectiva aqui proposta. Além disso, apenas os estudos de Nascimento (2007) e Barbosa (2014) e minha própria dissertação (MASSONI, 2017) fizeram uso da narratologia, o que evidencia que incursionamos por um caminho metodológico bastante incipiente, tanto na CI como na Comunicação.

### **3 UM TRAJETO METODOLÓGICO: A NARRATOLOGIA NO ESTUDO DAS MEMÓRIAS DA CIDADE**

Tendo em vista a importância de se analisar narrativas, especializamo-nos na narratologia, método de estudo das narrativas a partir da observação de sua estrutura. Esse método é originário de e comumente utilizado em estudos literários, embora suas aplicações possam ser as mais variadas possíveis, pois as narrativas não se encontram apenas nos livros, mas em todas as instâncias de nossas vidas. A narratologia, conforme Carlos Reis (2006), não se interessa apenas sobre a análise de narrativas literárias, pois desde seus primórdios, que remontam à década de 1960, seu escopo já incluía a análise de diversos campos, como o cinema, o relato de imprensa, o mito, a narrativa policial, a publicidade, dentre outros. A interdisciplinarização dos estudos narrativos é compreendida pelo autor como uma requalificação do método, que se viu aplicado em diferentes contextos, dando origem a estudos sobre narratologias cognitivas, narrativas em linguagem natural, narratologias feministas, narrativas midiáticas, etc.

O objetivo da narratologia é compreender como construímos de modo intersubjetivo nossos significados pela apreensão, representação e expressão narrativa da realidade, caracterizando-se como um método de análise de práticas culturais (MOTTA, 2013). As narrativas devem ser estudadas, conforme o autor, para entendermos quem somos, a partir de nossas percepções; para verificarmos como discursos narrativos representam o real e o irreal, seja nas narrativas literárias ou historiográficas; e para entendermos de que modo indivíduos e sociedades atuam perante o consensual e o excepcional, tornando o não-familiar em familiar. Assim, o estudo das narrativas nos permite entender de que modo memórias são enquadradas a partir da mediação de informações que reforçam representações sociais acerca dos fenômenos narrados.

Essas representações constituem nossas visões de mundo e estão presentes nas memórias individuais, que se conectam às memórias dos grupos sociais dos quais fazemos parte, nunca esquecendo que a memória sempre está aberta à dialética entre a lembrança e o esquecimento e entre o real e o imaginado. Assim como entendemos que há manifestações de memória no virtual e no digital (vide nosso capítulo teórico),

também compreendemos que nossas experiências e narrativas transformam-se de acordo com o contexto tecnológico. A memória não morreu com o desenvolvimento das TIC; em vez disso, surgiram novos lugares e meios de memória. Do mesmo modo, estamos diante do surgimento de novos meios de produção e de compartilhamento de narrativas.

As redes sociais virtuais apresentam-se como espaços de construção de narrativas, tendo em vista os relatos que nelas fazemos acerca de nossas experiências – e das próprias experiências com elas. Vislumbramos o instigante desafio de observar a comunicação narrativa mediada pelos meios tecnológicos que possibilitam o surgimento de formas narrativas criativas e inovadoras (MOTTA, 2013). No contexto das narrativas construídas em ambientes virtuais, Claudia Schirmbeck Peixoto compreende que as narrativas, especialmente as de caráter transmidiático, marcadamente presentes atualmente, foram potencializadas pela internet, que se tornou seu principal suporte externo.

O hipertexto permite uma navegação pela *web* de forma não-linear, possibilitando conexões entre diferentes documentos, mas nem sempre é uma obra autoral, pois pode ser fruto da inteligência coletiva. Para Peixoto (2017), ao contrário de formas clássicas de narrativas, nem sempre ele possuirá início, meio e fim bem definidos, pois está à mercê da vontade do sujeito que navega pelo conteúdo, tornando-o também um autor do conteúdo que acessa, tornando a narrativa do hipertexto a expressão da efemeridade da era da informação. Além disso, cabe destacar que, conforme Schittine (2009), a densidade dessas narrativas varia de acordo com o repertório de leitura e os conhecimentos de quem as cria. Para a autora, o ato narrativo nos ambientes virtuais possibilita o compartilhamento de informações e essa comunicação pode criar laços e vínculos, assim possibilitando o cruzamento das memórias pessoais com as coletivas, originando novas histórias.

A narrativa é uma das condições fundadoras da memória porque é generosa, é feita pensando no Outro, para atingir o Outro. E é tão atual que se torna imprescindível para a construção da memória independente do suporte onde ela está inscrita. Memória coletiva, partilhada, é obtida pela partilha de experiências coletivas. E estas são exteriorizadas, tomam forma através do relato. A narrativa divide

experiências entre as pessoas independente do espaço e do tempo. (SCHITTINE, 2009, p. 166).

O aspecto tecnológico, por óbvio, representa um novo contexto, com novos lugares de compartilhamento de narrativas. O ato narrativo não se reduz a isso, pois está presente na cultura, enquanto elemento que a constitui, dando sentido às nossas práticas socioculturais. Seja no mundo *offline* ou *online*, em menor ou maior grau, encontramos-nos no papel de narradores de nossas vidas e daquilo que vivenciamos, apreendemos e por tudo o que desenvolvemos afeto. A cidade, enquanto palco de nossas práticas cotidianas, não escapa a esse cenário, pois somos narradores de nossos afetos por ela.

Para estudar as representações sobre a cidade, suas memórias e patrimônios a partir da análise das narrativas turísticas, compreendemos que uma abordagem qualitativa seja mais adequada, na medida em que estamos lidando com afetos, paixões e intencionalidades que engendram os enquadramentos que os sujeitos fazem da cidade, produzindo lembranças e esquecimentos em suas vivências urbanas. Trata-se de um campo constituído por subjetividades e intersubjetividades, características melhor explicadas por uma análise mais sensível, possibilitada pelo viés qualitativo.

Nosso intuito foi compreender como os fluxos informacionais atuam na construção dessas narrativas, seja na fala dos agentes institucionais, como a Prefeitura de Porto Alegre, responsável pela divulgação de uma narrativa oficial; ou pelo olhar dos cidadãos, que apresentam uma narrativa não-oficial, não institucionalizada – mas nem por isso menos parcial ou até mesmo tendenciosa. Esse é um esforço de compreender a cidade a partir do que seus cidadãos “têm a dizer” sobre o lugar. No âmbito de nossas pesquisas sobre as memórias das cidades, compreendemos que:

Ao entender as informações sobre a cidade produzidas pelos cidadãos como narrativas que contam histórias sobre a cidade, a narratologia nos fornece categorias de análise que estruturam os dados coletados (temas, cenários, personagens, enredos e sequências cronológicas). Consideramos que essas categorias e as possibilidades de análise que delas decorrem são satisfatórias para a análise das representações sobre a cidade. (MASSONI, 2016, p. 15).

Assim sendo, escolhemos o método da narratologia por nos apresentar categorias de análise e possibilidades de observação dos dados que facilitam a operacionalização da pesquisa. As narrativas contam uma história, constituindo-se por um suceder de fatos que ocorre em um tempo definido, com personagens definidas, em um determinado lugar, refletindo sempre um pano de fundo. Elas se constituem em uma série de elementos coerentemente articulados, o que dá o sentido desejado pelo narrador. Conforme Motta (2013), a análise empírica de narrativas requer alguns movimentos, que apresentamos a seguir:

- a) compreender a *intriga*: analisar como o *enredo* organiza as partes, compreendendo os encadeamentos básicos e os contornos da narrativa. Observar recursos de linguagem, como hipérboles, metáforas, comparações e ironias, além de recursos visuais, como mapas, gráficos e fotos. Identificar conflitos dramáticos de teor político, psicológico, religioso ou ideológico. Compreender como o narrador se posiciona perante o tema retratado, sua visão e os enquadramentos que realiza;
- b) compreender a *lógica da narração*: perceber de que modo as partes se articulam na narrativa em seu contexto comunicativo, como um projeto dramático constituinte de uma realidade. Observar ações, tensões, surpresas, clímax, um começo, meio e fim, embora nem sempre as narrativas apresentem uma lógica, rompendo com a linearidade;
- c) identificar os *episódios*: eles são unidades temáticas intermediárias, coesas e que relatam ações relativamente autônomas, abrangendo transformações e progressões no transcorrer da história, sempre conectadas ao todo;
- d) perceber o *conflito dramático*: eles são o enquadramento, a perspectiva ou o ponto de vista pelo qual o narrador narra. Os conflitos (psicológicos, interpessoais, políticos, ideológicos) revelam interesses contraditórios, rompimentos de equilíbrio ou estabilidade, gerando tensões;
- e) analisar as *personagens*: são elas que realizam os enfrentamentos, assumem um tipo, traços singulares que caracterizam certos sujeitos arquetipos, às vezes fortalecendo estereótipos. Importante compreender porque uma personagem possui qualidades e defeitos e porque de suas atitudes;

- f) identificar as *estratégias argumentativas*: a narrativa nunca é ingênua e neutra, sendo fundamentada na argumentação e movida por propósitos. É necessário perceber o uso intencional de recursos linguísticos, identificando marcas e pistas que evidenciem a estratégia do narrador e os jogos de poder;
- g) identificar as *metanarrativas*: a narrativa é circunscrita em um fundo ético e moral, atrelado a questões culturais anteriores à narrativa e que a influenciam. As narrativas revelam mitos que habitam nossas metanarrativas culturais (o crime não compensa, a nação é soberana, o trabalho enobrece, etc.). Trata-se do pano de fundo em que se desenvolve o enredo sobre determinado assunto.

Para Cândida Vilares Gancho (2002), a estrutura que compõe as narrativas é formada por cinco elementos fundamentais. Há um *enredo*, com um conjunto de fatos narrados na história, também chamado de ação, intriga, tema, etc. Esse enredo é vivenciado por *personagens*, responsáveis por fazer a ação descrita – pode-se dizer que eles dão “vida” à narrativa. Eles podem ser seres humanos ou outros animais, além de coisas/objetos, que são definidos pelo que fazem ou falam, apresentando características físicas, sociais, psicológicas, ideológicas e morais. Essas personagens atuam em um determinado *espaço*, que é o cenário onde as ações transcorrem, situando as personagens e se relacionando com elas. Tudo isso ocorre em um determinado *tempo*, o que engloba a época em que a história ocorre, sua duração, as relações entre passado, presente e futuro e as percepções do tempo, englobando tanto a cronologia como o tempo psicológico. Por fim, tudo é narrado por um *narrador*, que é o elemento estruturador da história, seja em primeira ou terceira pessoa.

Além desses elementos citados pela autora, também há o *tema*, que expressa a ideia sobre a qual a história é desenvolvida. Dentro do tema, há o *assunto*, que é a forma como o tema é desenvolvido, ou seja, sua concretização na narrativa (GANCHO, 2002). Obviamente, esses elementos são pensados para dar conta de narrativas literárias, que são a forma estudada pela autora. Assim, a aplicação dessas categorias em nosso estudo, pelas necessidades e especificidades das narrativas que propomos estudar, requer alterações para que o método melhor assimile o contexto estudado, pois o método deve se adequar aos dados analisados, e não o contrário. Conforme



Motta (2013), ao fazermos uso da narratologia, não devemos nos engessar pelos rigores de propostas formais ou consolidadas da literatura, muito menos ter receio de inovar e criar metodologias diferentes. Assim sendo, a narratologia serviu como base para nosso delineamento metodológico e propomos alguns caminhos para adequá-la à melhor análise de nosso objeto de estudo.

### 3.1 COLETA DOS DADOS

A coleta dos dados desta pesquisa se deu, inicialmente, pela realização do percurso junto à Linha Turismo Centro Histórico, em que observamos a narrativa apresentada no áudio reproduzido ao longo do trajeto. O áudio foi gravado com o auxílio de um *smartphone*, para posterior análise. Salientamos que a escolha do percurso pela zona central da cidade se dá em decorrência de ser essa linha a principal, com mais horários, enquanto a Linha Turismo Zona Sul é menos utilizada, com horários mais espaçados.

Através dessa observação, tivemos a vivência necessária para perceber como os lugares percorridos são mencionados e as entonações e destaques que são dados pela voz que narra a cidade e seu patrimônio. Com esses dados coletados, foi possível fazer uma análise geral da narrativa apresentada pela Linha Turismo, identificando, através das categorias fornecidas pela narratologia, como a cidade e seus patrimônios são narrados. Contrapomos essas lembranças com alguns exemplos de patrimônios, cenários, personagens e episódios esquecidos.

Dado o número significativo de lugares (bairros, ruas, edificações, etc.), tendo em vista que nossa proposta foi comparar o que é citado no áudio com a narrativa dos usuários do aplicativo *Foursquare*, selecionamos alguns desses lugares. Analisamos alguns elementos de ambas as narrativas e identificamos que o melhor recorte a ser feito seria analisar, no *Foursquare*, as páginas dos pontos de embarque e desembarque do passeio da Linha Turismo Centro Histórico, quais sejam: Largo Zumbi dos Palmares, Parque Farroupilha, Parque Moinhos de Vento, Mercado Público, Usina do Gasômetro, Estádio Gigante da Beira-rio e Barra Shopping Sul. Optamos por esse recorte para que nossa escolha não fosse arbitrária, ou seja, para que não fôssemos nós a escolher de forma livre quais os lugares que seriam analisados, tendo em vista que, se assim o

fizéssemos, nós mesmos estaríamos produzindo esquecimentos na observação do ambiente urbano, reforçando assimetrias que justamente desejamos problematizar.

Nossa intenção era realizar o passeio em março de 2020, mas, devido à pandemia de coronavírus que ocorreu a partir da segunda metade do mês de março e fechou o comércio de bens e serviços, esse passeio não pôde ser realizado e, até a data de escrita desta tese, não havia previsão de quando o serviço voltaria a operar. Foram feitos contatos por telefone e *e-mail*, antes e depois da troca de titulares da Secretaria responsável pelo serviço (a troca ocorreu devido à posse do novo prefeito, após a eleição municipal de 2020), mas não obtivemos retorno de nenhum *e-mail* enviado. Os *e-mails* enviados encontram-se no Anexo A.

A falta de acesso ao áudio ou à sua gravação impediria a realização do estudo, impossibilitando a escrita da tese, o que acarretaria na necessidade elaboração de um novo projeto. Isso só não ocorreu e pudemos continuar a pesquisa porque o orientador deste estudo, Valdir Morigi, e sua orientanda de mestrado e amiga do autor, Luciana Milani, haviam realizado o percurso e feito anotações em uma análise preliminar que ocorreu em 2018, quando, em coautoria com o autor desta tese, escreveram dois artigos sobre a Linha Turismo (MORIGI; MASSONI; MILANI, 2019; MORIGI; MILANI; MASSONI, 2020). Ou seja, os dados analisados dizem respeito a anotações feitas em 2018, devido à impossibilidade de realizar a viagem no ônibus e à falta de acesso ao áudio e/ou sua transcrição.

Já a consulta ao aplicativo *Foursquare* ocorreu em abril de 2020, quando coletamos as dicas deixadas pelos usuários nas páginas dos lugares selecionados para análise. No aplicativo, é chamada de “dica” a informação que o usuários publica sobre a cidade, a partir de suas vivências com ela. Nosso recorte temporal incluiu as dicas deixadas por eles desde o início do funcionamento do aplicativo, em 2010, até março de 2020, incluso. Essa escolha se deu por ser março o mês de aniversário de Porto Alegre, sendo uma data emblemática para a cidade. Além disso, foi o período imediatamente anterior ao início de uma pandemia que mudou a forma como nos relacionamos com as cidades.

### 3.2 ANÁLISE DOS DADOS

Após estarem devidamente armazenados, de forma a evitar a perda dos dados devido à efemeridade das informações disponíveis em meio virtual, esses materiais (dicas dos usuários) foram analisados e, por uma prerrogativa ética, resguardamos a identidade dos sujeitos que publicaram as dicas no aplicativo. Esse procedimento não desqualificou o trabalho, na medida em que o que nos importava era o conjunto das dicas, pois ele é que constituía a narrativa que desejávamos analisar.

A análise das narrativas sobre os lugares foi feita em diferentes etapas, partindo da observação das informações sobre eles veiculadas pelo áudio do *city tour* e também das dicas publicadas pelos usuários no aplicativo. Em sua teoria da narratologia, Motta (2013) apresenta algumas instâncias de análise pragmática de narrativas, a partir das quais nos guiamos para analisar aspectos como os recursos de linguagem utilizados (metáforas, comparações, ironias, exclamações, etc.) e as metanarrativas que permeiam as histórias narradas (panos de fundo dos discursos). A observação desses elementos permitiu um olhar mais aprimorado a respeito das possíveis intencionalidades por trás da produção dessas narrativas.

Observando esses aspectos, nossa análise foi estruturada e organizada de acordo com os elementos das narrativas. O primeiro elemento, por ser mais geral, são os narradores, quais sejam a Prefeitura de Porto Alegre, no caso das informações veiculadas pela Linha Turismo; e os usuários do *Foursquare*, no caso das dicas deixadas no aplicativo. Como nosso estudo está amparado apenas nas informações, não realizamos entrevistas com esses sujeitos.

Após apresentar esses narradores, nossa análise concentrou-se nos demais elementos: temas, com os assuntos citados (segurança, desigualdade social, clima, violência, poluição, etc.); enredos, com os acontecimentos, ações e atividades que movimentam a cidade (celebrações, assaltos, manifestações, feiras, obras, alagamentos, etc.); cenários, que dizem respeito aos lugares públicos e privados destacados (praças, ruas, casas, etc.); personagens, englobando os sujeitos citados nas narrativas, com a caracterização que é feita deles em termos de seus aspectos psicológicos, morais, econômicos, políticos, etc.; tempos, observando de que modo

são feitas referências ao passado, presente e futuro da cidade e de seus cidadãos, seja o tempo cronológico ou imaginário.

Esses elementos auxiliaram na estruturação dos resultados e facilitaram na observação sobre o que é lembrado e o que é esquecido em ambas as narrativas. Ou seja, quais personagens da cidade são destacados na narrativa oficial e, comparando-a com a narrativa não-oficial, quais são esquecidos? Quais lugares são destacados e quais são esquecidos nelas? Quais assuntos são destacados ou enaltecidos nas narrativas? Quais atividades são citadas e sobre quais recai o peso do silêncio? Como o tempo é descrito nelas? Como se dão as referências ao passado, ao presente e ao futuro da cidade? Trata-se apenas de um tempo histórico, marcado pelo relógio, ou também um tempo subjetivo, sentido pelas pessoas?

Essas observações nos permitiram identificar informações e visões hegemônicas sobre a cidade e seus patrimônios, o papel dos cidadãos na dinâmica da cidade (quais são importantes para ela e quais não são), bem como as tensões que se sobressaem quando da comparação entre as duas narrativas. Essas contradições possibilitam uma reflexão a respeito dos processos de enquadramento da cidade, de suas memórias e patrimônios a partir da narrativa do setor turístico.

Construímos mapas para ilustrar os lugares mencionados ao longo do trajeto, para que os leitores e leitoras possam compreender melhor essas representações sobre a cidade. Esses mapas foram construídos inspirados nos estudos de cartografias da memória e de sensibilidades urbanas, pensando nos escritos de Sandra Jatahy Pesavento, Daniela Marzola Fialho, Cleusa Maria Gomes Graebin e Danielle Heberle Viegas. Fazer o passado existir no presente significa observar as sensibilidades de *um outro tempo* e de *um outro no tempo*, sendo possível a reconfiguração do passado através da inserção das sensibilidades no signo da alteridade e da diferença no tempo (PESAVENTO, 2005).

As sensibilidades corresponderiam a este núcleo primário de percepção e tradução da experiência humana que se encontra no âmago da construção de um imaginário social. O conhecimento sensível opera como uma forma de reconhecimento e tradução da realidade que brota não do racional ou das construções mentais mais elaboradas, mas dos sentidos, que vêm do íntimo de cada indivíduo. (PESAVENTO, 2005, *online*).

Fugindo ao mero enquadramento de variáveis e à observação rigorosa do mundo, o estudo das sensibilidades aborda as sensações, emoções e subjetividades, valores e sentimentos que transbordam o campo limitado da racionalidade, partindo da percepção individual, mas se convertendo em sensibilidades partilhadas. Conforme Pesavento (2005), as sensibilidades são as formas pelas quais nos percebemos, um reduto de representações da realidade por meio das emoções e dos sentimentos. Representar as fontes e os testemunhos do sensível é um desafio para o estudo das sensibilidades, algo que realizamos através da construção de mapas da cidade. Para tanto, inspiramo-nos, também, nos estudos cartográficos.

[...] fazer cartografia é fazer o múltiplo e sempre desenhar mapas heterogêneos com infinitas conexões. A cartografia trata-se, sobretudo, de uma prática. Prática, nesse caso, do fazer de uma história rizomática que se refere às estratégias de formação do desejo no campo social da urbanização de uma região, manifestadas em determinados territórios de existência. (GRAEBIN; VIEGAS, 2012, p. 131-132).

Qualquer fala é sempre captada a partir de um determinado ângulo e, nas redes de falas, encontram-se segmentos, articulações e mesmo espaços vazios, os quais podem ser desvendados através da cartografia (GRAEBIN; VIEGAS, 2012). A cartografia, pelo seu caráter multidisciplinar, é reivindicada atualmente pelas subjetividades latentes e que merecem ser trabalhadas pela academia. A partir dessa apropriação dos pressupostos da cartografia, é possível efetivamente construir mapas que representem imagetivamente esse conjunto de falas e textos sobre a cidade, tendo em vista que:

[...] os mapas das cidades são produzidos como ideário de representação, registro de memória, inventário do imaginário, narrativa histórica da geografia e da paisagem urbana. Vistos, assim, como discurso, os mapas produzem as identidades do espaço urbano e suas mudanças ao longo do tempo, ao darem visibilidade a significados constituídos historicamente. (FIALHO, 2007, *online*).

Os mapas seriam, assim, uma forma de manifestação das sensibilidades urbanas, orientando e dirigindo a percepção, compreendendo-se a cartografia como

um dispositivo criado para produzir efeitos específicos, configurando-se como prática política e cultural (FIALHO, 2007). Ainda sobre os mapas, é fundamental compreendermos que são sempre construções subjetivas e intencionais, na medida em que são um olhar sobre o mundo, fruto de uma leitura interessada (FIALHO, 2007).

Neste estudo, os mapas foram feitos a partir de intervenções no Mapa Digital Oficial da cidade (PORTO ALEGRE, [201-?]) e no mapa colaborativo elaborado pelo projeto *OpenStreetMap* (OPENSTREETMAP FOUNDATION..., [202-?]), uma iniciativa que visa criar e promover dados geográficos livres, através de mapas de ruas e cidades disponíveis para qualquer um de forma gratuita e *online*. A *Fundação OpenStreetMap* é uma organização internacional sem fins lucrativos que apóia o mapa, mas não o controla, tendo em vista que são os próprios usuários do sistema que adicionam lugares e alteram os elementos já assinalados nele. Ou seja, funciona de forma semelhante ao *Wikipedia*, mas em forma de um mapa com dados geográficos.

Nossa análise sobre as narrativas do setor turístico acerca dos patrimônios culturais de Porto Alegre é dividida em três momentos. Primeiramente, apresentamos os narradores, quais sejam a Prefeitura de Porto Alegre e os usuários do *Foursquare*. Após, apreciamos os elementos das narrativas: temas, cenários, personagens, enredos e tempos citados no áudio reproduzido ao longo do passeio. Por fim, selecionamos alguns dos patrimônios citados, que são os pontos de embarque e desembarque da Linha, e observamos o que é dito sobre eles nas dicas publicadas pelos usuários do aplicativo *Foursquare*, comparando às informações apresentadas ao longo do trajeto de ônibus.

#### 4 LEMBRANÇAS E ESQUECIMENTOS NAS NARRATIVAS DO SETOR TURÍSTICO: UMA COMPARAÇÃO ENTRE A LINHA TURISMO E O APLICATIVO *FOURSQUARE*

Para compreender como o setor turístico realiza as mediações através das informações sobre os patrimônios culturais da cidade, considerando que essas informações constituem-se em narrativas, precisamos apresentar quais são as narrativas em análise e quais sujeitos produzem-nas. Estamos estudando as narrativas turísticas oficiais e não-oficiais sobre a cidade, sendo elas produzidas por sujeitos diferentes e constituídas por elementos diferentes, a partir de interesses diversos. A narrativa oficial escolhida é a apresentada pela Linha Turismo, um serviço prestado pela Prefeitura de Porto Alegre a quem deseje conhecer a cidade em uma rápida visita de ônibus. Já a narrativa não-oficial é a do aplicativo *Foursquare*, uma narrativa digital sobre a cidade, onde qualquer pessoa que disponha de um celular com acesso à internet pode publicar informações sobre o lugar.

##### 4.1 A LINHA TURISMO: UMA NARRATIVA OFICIAL E SEUS NARRADORES

Contemporaneamente, o turismo se caracteriza como uma atividade com grande potencial no muito inteiro. No limiar entre a cultura e a economia, esse setor vem crescendo, enquanto fonte de geração de emprego e renda, na perspectiva das agências de turismo e hotelaria; e de entretenimento, na perspectiva dos turistas. Cidades como Paris, Rio de Janeiro, Ouro Preto e Gramado possuem um setor turístico bastante desenvolvido, enquanto Porto Alegre, mesmo sendo polo de negócios, ainda busca formas de se consolidar na qualidade de polo turístico no Brasil, embora disponha de uma grande quantidade de patrimônios e um repertório cultural agitado.

Como visto na seção teórica, o turismo faz grande uso dos patrimônios culturais locais para apresentar a cidade a quem a visita. Para tanto, ele constrói uma narrativa sobre o lugar, que varia de acordo com a finalidade do roteiro traçado e o público que se deseja alcançar. No caso de Porto Alegre, as atividades turísticas são desenvolvidas pela Diretoria de Turismo e Eventos, vinculado à Secretaria Municipal de Desenvolvimento Econômico e Turismo (SMDET), que é responsável por “[...] planejar, formular, implementar, fomentar, coordenar, fiscalizar, articular, controlar e

acompanhar as políticas públicas para o desenvolvimento econômico e turismo.” (PORTO ALEGRE, 2021, *online*). Salienta-se que, anteriormente, essa área possuía uma pasta própria, que era a Secretaria Municipal de Turismo (SMTUR), extinta em 2017, no início do governo de Nelson Marchezan Júnior.

A cidade possui um serviço de Qualificação Turística, estruturado em torno de duas ações: Porto Alegre Turística (palestra sobre o turismo na cidade, com apresentação dos atrativos locais e passeio no ônibus da Linha Turismo) e Turismo Fazendo Escola (passeio no referido ônibus e visita ao Museu Joaquim José Felizardo). Também há o Selo de Turismo Aquaviário, em que a Secretaria, por meio da Diretoria de Turismo e Eventos, autoriza embarcações a executarem roteiros turísticos regulares usando a costa de Porto Alegre para atracação (PORTO ALEGRE, 2021).

No que tange aos projetos e ações desenvolvidos, há o Centro de Informações Turísticas (CIT), um espaço de oferta de informações turísticas para moradores e visitantes. Como podemos perceber, há uma gama de serviços prestados pela área de turismo da Prefeitura. Envolvendo informação e turismo, configuram-se como fenômenos relevantes a serem estudados pelo campo da CI. Entretanto, nesse momento, nossa atenção recai sobre um serviço específico, que é a Linha Turismo. O *city tour*, como é chamado, tornou-se um serviço adotado por diversas cidades no mundo inteiro que buscam apresentar aos turistas, de forma rápida, um condensado de sua história, arquitetura e patrimônio.

Figura 2 – Ônibus das Linhas Turismo Centro Histórico e Zona Sul



Fonte: MORIGI, 2018.



A Linha Turismo de Porto Alegre consiste em um passeio pela cidade a bordo de um ônibus (Figura 2) adequado para tal propósito: com quatro metros de altura, vista panorâmica e o segundo andar aberto, a cidade é apresentada ao turista a partir de outro ângulo, possibilitando conhecer informações históricas e curiosidades sobre personagens, bairros, ruas, praças, monumentos e demais atrativos dos roteiros disponíveis (PREFEITURA DE PORTO ALEGRE, 2019).

O serviço funciona de terças a domingos (inoperante durante o período de pandemia de Covid-19), proporcionando aos turistas uma forma “especial” de se conhecer a cidade. O *ticket* para embarcar no ônibus custa R\$ 30 e está disponível em alguns locais da cidade: CIT do Terminal Linha Turismo, CIT do Mercado Público, Brick Hostel, Solas 63 Hostel e Chalé da Praça XV. Há uma política de desconto de 50% para estudantes, estudantes internacionais, crianças de três a 12 anos, pessoas acima de 60 anos, pessoas com deficiência e servidores públicos municipais da cidade; e de 20% para operadoras de viagens, agências de viagem e turismo e participantes de eventos apoiados pela Diretoria de Turismo e Eventos. Além disso, crianças de até dois anos e 11 meses são isentas, bem como guias de turismo. O passeio tem classificação livre e, para grupos acima de 10 pessoas, é necessário realizar reserva pelos canais informados no *site*.

A Linha Turismo disponibiliza duas alternativas de roteiros aos cidadãos e turistas para conhecer os pontos turísticos e “atrativos” da cidade: um pela Zona Sul e outro pela Zona Central. Ao longo de ambos os trajetos, é reproduzido um áudio através de caixas de som instaladas nos dois andares do ônibus. Além de informar o nome de alguns locais pelos quais se passa, o áudio narra um pouco das suas histórias e curiosidades. Durante o passeio, há o acompanhamento de equipe formada por motorista e dois funcionários do CIT.

O roteiro pela Zona Sul não possui paradas e enfoca nas paisagens naturais da cidade, destacando a praia de Ipanema, algumas propriedades privadas dos “Caminhos Rurais” e o Santuário de Nossa Senhora Mãe de Deus, no morro da Pedra Redonda, de onde é possível avistar a cidade em 360°. Este trajeto é percorrido em aproximadamente duas horas. Entretanto, o foco deste estudo é o trajeto realizado pelo *city tour* pela região central da cidade: a Linha Turismo Centro Histórico. Esta

linha explora a região mais antiga da cidade, contemplando vias e bairros situados na parte mais conhecida de Porto Alegre. Realizado de terça a domingo, há viagens de hora em hora, entre às nove horas e às 16 horas, independente da ocorrência de chuvas ou demais intempéries do tempo. O trajeto apresenta os principais marcos e pontos históricos e culturais da região, bem como grandes espaços comerciais, denominados pela narrativa turística de “atrativos” da cidade.

Ao contrário do trajeto percorrido pela Zona Sul, no trajeto Centro Histórico é possível embarcar e desembarcar em alguns pontos de parada. Assim como no outro roteiro, o ponto de chegada e de partida está localizado no Largo Zumbi dos Palmares, popularmente conhecido como Largo da Epatur, antiga Empresa Porto-alegrense de Turismo, no bairro Cidade Baixa, embora o passeio possa ser iniciado em qualquer uma das paradas previstas no trajeto.

O trajeto percorrido abrange 11 bairros de Porto Alegre, em um percurso de aproximadamente 26 quilômetros. Dentre os espaços visitados, destacam-se prédios históricos, monumentos, parques, praças e demais edificações com diferentes finalidades: culturais, políticas, religiosas, comerciais, etc.

Partindo do Terminal da Linha Turismo, é visitado o Parque Farroupilha, popularmente chamado de Redenção; o Parque Moinhos de Vento, conhecido como Parcão; a antiga Cervejaria dos irmãos Bopp, posteriormente adquirida pela Cervejaria Brahma, onde atualmente está situado o Shopping Total; a Praça da Matriz, a Praça da Alfândega, o Mercado Público Central; e o Cais do Porto. Na sequência, o prédio da Usina do Gasômetro, o Estádio Gigante da Beira-rio, a Fundação Iberê Camargo e o Barra Shopping Sul. Os pontos de embarque e desembarque previstos no roteiro estão localizados no Parque Moinhos de Vento, no Mercado Público Central, na Usina do Gasômetro, no Estádio Gigante da Beira-rio e no Barra Sul Shopping (o ponto localizado na Redenção é disponibilizado apenas nos finais de semana).

Pelo seu caráter público e institucional, esse serviço oferece uma narrativa oficial sobre a cidade, ou seja, formada pelas informações coletadas e mediadas pelos entes públicos responsáveis. Ela utiliza fontes de informação tradicionais, como livros de história e artigos científicos, além de dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), mesmo que, em alguns momentos, perceba-se a presença de

dúvidas ou incertezas com relação à origem e à história dos fatos narrados (em alguns casos, a dúvida é apresentada para despertar o interesse pela cidade).

A narrativa oficial caracteriza-se pelas citações de dados demográficos, datas históricas precisas, menções à origem da cidade e ao seu desenvolvimento, além de informações sobre a geografia do lugar. Mesmo que imbuída de uma intenção de valorizar a cidade, percebe-se que ela é constituída por dados reais, por ser fruto de pesquisas históricas e geográficas feitas por especialistas. Seus narradores são profissionais que atuam junto à Secretaria responsável, técnicos especialistas que pesquisam a história da cidade. Embora oficial e fidedigna, essa informação não é necessariamente neutra, tendo em vista que é moldada por interesses econômicos, políticos e ideológicos dos órgãos responsáveis pela sua elaboração.

As informações produzidas e/ou mediadas pelos órgãos públicos são respeitadas e tomadas como verídicas, possuem credibilidade, o que não é atribuído às fontes alternativas. Seus canais de comunicação, como seu *site*, suas páginas em redes sociais ou mesmo os serviços prestados, como é o caso da Linha Turismo, sempre são tomados como verídicos. Ter domínio sobre a narrativa oficial é um privilégio e expressa uma relação de poder, pois, por terem um lugar de fala privilegiado, esses narradores podem conformar a história do lugar, impondo a narrativa turística a ser majoritariamente aceita e difundida sobre a cidade. Salvo raras exceções, esta narrativa, pela sua filiação institucional, tende a uma visão mais homogênea sobre a história da cidade, apresentando poucos questionamentos à história reproduzida pelos órgãos e/ou registros oficiais, pouco explorando as tensões entre as diferentes visões sobre o urbano.

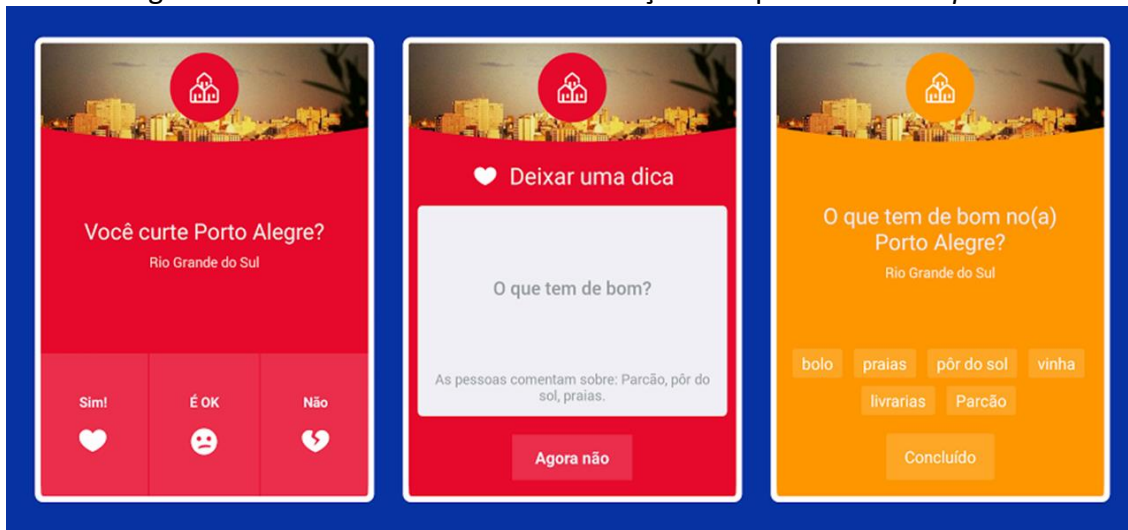
Este é um estatuto de produção narrativa calcado na seleção planejada das versões da história que deseja perpetuar, pois, tendo acesso à pesquisa sobre a cidade, as lembranças e os esquecimentos de suas narrativas são propositais e intencionais, nunca obra do simples acaso. Quando essa narrativa silencia alguma história, não é por mero equívoco, mas por tratar-se de um projeto de esquecimento. Contrapondo-se a esta narrativa tão bem articulada, temos o aplicativo *Foursquare*, que possui um outro estatuto enquanto fonte de informação.

#### 4.2 O *FOURSQUARE*: UMA NARRATIVA NÃO-OFICIAL DIGITAL E SEUS NARRADORES

O *Foursquare* apresenta-se como uma rede social virtual acessada através de uma interface na *web* e também em forma de um aplicativo tecnológico gratuito, recomendado para pessoas a partir de 12 anos, que utiliza a localização do usuário para proporcionar experiências com a cidade. A empresa *Foursquare* tem sua sede em Nova Iorque e o aplicativo foi criado por Dennis Crowley e Naveen Selvadurai, em 2008, tendo sua versão final publicada em 2009. A empresa conta com dois aplicativos disponíveis nos sistemas operacionais *Android*, *iOS*, *Windows Phone*, *BlackBerry* e *Windows*, quais sejam o *Foursquare* e o *Swarm*.

Através do *Foursquare*, é possível descobrir novos lugares por meio das recomendações deixadas pelos outros usuários, com a promessa de proporcionar “a melhor experiência em qualquer lugar do mundo”. A partir de 2009, o *check-in* e o compartilhamento de localização em tempo real foram incorporados ao aplicativo, sendo esta função transposta, em 2014, para o aplicativo *Swarm*, que se caracteriza como um jogo no qual os jogadores ganham pontos e adesivos, concorrendo com pessoas conhecidas, de acordo com o local frequentado.

O *Foursquare* permite acesso a recomendações deixadas por usuários, seja de um lugar próximo à localização atual do usuário ou de um lugar específico, distante, pelo qual o usuário pesquise. Diversos são os tipos de lugares que possuem suas páginas no aplicativo, tais como ruas, praças, cidades, *shoppings*, museus, monumentos, bares, casas, condomínios, dentre outros. O aplicativo descreve informações básicas sobre os lugares, como endereço real e virtual, número de frequentadores (no aplicativo), telefone, horários movimentados, além da possibilidade de explorar um mapa em que os locais ficam assinalados. No momento em que o usuário acessa a página de um determinado lugar, é possível avaliá-lo, o que gera uma nota ao lugar, a partir da média das avaliações. A avaliação do lugar é feita através de um fluxo informacional (Figura 3), no qual o usuário expressa o quanto “curte” o lugar, podendo publicar uma dica a seu respeito. Além de escrever um texto, também é possível postar uma foto do local.

Figura 3 – Fluxo Informacional da Avaliação no Aplicativo *Foursquare*

Fonte: adaptado do aplicativo *Foursquare*.

Quando do acesso às dicas deixadas por outros usuários, é possível recuperá-las através de *tags*, que são sugeridas de acordo com algumas das palavras mais presentes nas dicas deixadas. É possível lê-las pela ordem em que foram postadas ou pela ordem de relevância, tendo em vista as mais populares, apresentando-se a data de sua postagem, sendo também possível “curtir” tal opinião. Além disso, é possível acessar os perfis dos usuários, visualizando suas fotos, o estado ou cidade em que residem, as dicas publicadas por eles, as avaliações feitas e seus seguidores – esse último recurso, disponível caso o acesso do usuário se dê pelo *Twitter*.

O *check-in* é realizado através do aplicativo *Swarm*, caso este esteja instalado no aparelho do usuário, permitindo a identificação da sua localização em tempo real. Esse recurso facilita a localização do lugar no aplicativo, que passa a ficar registrado no “histórico” de lugares frequentados. O *Foursquare* ainda indica lugares relacionados ao perfil do lugar visitado. Salientamos que as páginas dos lugares são criadas pelos próprios usuários, que devem atribuir um nome a eles, identificar sua localização no mapa e fornecer dados básicos sobre eles. Também é possível inserir seus perfis em redes sociais e indicar a qual categoria de lugar eles pertencem.

Como o aplicativo trabalha com recomendações e é focado em consumo, ele registra os locais frequentados pelos usuários e utiliza essa informação para sugerir outros lugares semelhantes. A empresa oferece aos anunciantes a possibilidade de conexão com públicos consumidores de seus produtos e serviços. Essas características

fazem do *Foursquare* um guia cultural e gastronômico de cidades, a partir da vivência do usuário com o lugar. Quando um usuário adentra em um determinado lugar, como um bairro, uma cidade ou um estabelecimento, a geolocalização do aplicativo apresenta-lhe informações sobre ele, dentre as quais as dicas deixadas por outros usuários – caso a conexão ocorra através da conta do *Facebook* do usuário, por exemplo, serão destacadas as informações postadas pelos seus amigos daquela rede social. Assim, é construído um fluxo informacional que orienta o usuário em seu trânsito pela cidade.

O aplicativo é um exemplo da convergência tecnológica entre as novas tecnologias e os *softwares* de aparatos móveis, o que permite, conforme Eduardo Campos Pellanda (2011), a ligação entre o contexto geográfico e as informações disponíveis no ciberespaço. Já Paulo Victor Souza e Rodrigo do Espírito Santo da Cunha (2012) compreendem que ele permite a anexação de sentidos aos lugares, tirando o caráter abstrato e genérico deles. Há um traço de subjetividade, identidade e história que emana do lugar, por meio das relações entre as pessoas e o ambiente vivido. Para os autores, o foco dos usuários é o estabelecimento de vínculos com seus pares, indo além da simples explanação do espaço urbano.

O aplicativo, na visão de Magda Cunha (2011), é uma rede social em que a narrativa é conectada ao lugar, apresentando-se como um repositório de informações virtuais sobre a cidade, o que auxilia na construção das memórias da cidade por meio das narrativas dos cidadãos. É a soma dessas narrativas que constitui tal memória, como um mosaico de informações que se transforma em um único texto que aborda a memória dos lugares, tanto pela percepção e narração oficial como pela narração dos sujeitos pelas redes sociais (CUNHA, 2013). Assim, o *Foursquare* possibilita a análise das narrativas que os cidadãos constroem sobre a cidade, compondo-se como um produto do setor turístico a serviço da qualificação de nossas vivências cidadinas.

Atualmente, com mais de 75 milhões de dicas de “especialistas locais” e ultrapassando os 13 bilhões de *check-ins* (FOURSQUARE, 2020), o aplicativo continua voltado à produção de informações sobre as relações de consumo dos cidadãos com a cidade. Entretanto, no Brasil, sua utilização pelos usuários locais tem diminuído ano após ano, como é possível verificar nos dados coletados em nosso estudo (ver

subseção 4.4). Seu foco, atualmente, é a parceria com empresas privadas interessadas nas informações dos usuários coletadas pelo aplicativo ao longo dos anos.

No âmbito do setor turístico, contrapondo a narrativa oficial representada pelas informações divulgadas pelos agentes públicos, o aplicativo de geolocalização *Foursquare* apresenta informações produzidas pelos próprios usuários do sistema, no caso, pessoas leigas, por não terem, necessariamente, conhecimentos especializados sobre o lugar que narram, compondo suas histórias sobre a cidade a partir das vivências com ela.

Como explicado, a informação é produzida através de um fluxo informacional em que o usuário, a partir de suas vivências cidadinas, expressa suas opiniões sobre a cidade, produzindo uma “dica” sobre o lugar. Mas essa dica, por óbvio, é fruto de um olhar subjetivo, não possuindo compromisso com os fatos, embora, muitas vezes, possa representá-los. A fonte das informações, nesse caso, não é nenhuma pesquisa aprofundada ou dados demográficos, geográficos ou históricos, pois se originam da vivência com o lugar, da influência dos meios de comunicação ou mesmo do “ouvi falar”, ou seja, da interação entre as pessoas.

Essas dicas constituem uma narrativa não-oficial sobre a cidade, por não ter a mesma institucionalização e o mesmo lugar de destaque e a credibilidade das informações oficiais. Sua capacidade comunicativa, se comparada com a narrativa oficial, é mais restrita, pois o impacto que cada dica possui é pequeno, em meio ao emaranhado de dezenas ou centenas de dicas deixadas por outras pessoas – às vezes, contrapondo-se a ela.

Assim, em vez da imposição, o estatuto do aplicativo lhe faz exercer uma mediação pautada na colaboração, abrindo-se à possibilidade do contraditório, às tensões entre as diferentes visões dos usuários, diferente da narrativa oficial, que é mais homogênea. Esses usuários, em vez de especialistas, são pessoas comuns<sup>3</sup>, cidadãos locais que desejam apenas manifestar sua opinião sobre o lugar, não possuindo o poder de impor sua visão sobre a cidade, a não ser através das dicas que publicam. Nessa narrativa, os esquecimentos podem ser obra do acaso, ignorância ou desconhecimento, não sendo, necessariamente, planejados ou intencionais. Trata-se

---

<sup>3</sup> Salientamos, entretanto, que donos de estabelecimentos podem publicar dicas com vistas à promoção do lugar, inclusive usando robôs.

de uma narrativa produzida no âmbito privado, mas que se torna pública ao ser expressa no aplicativo.

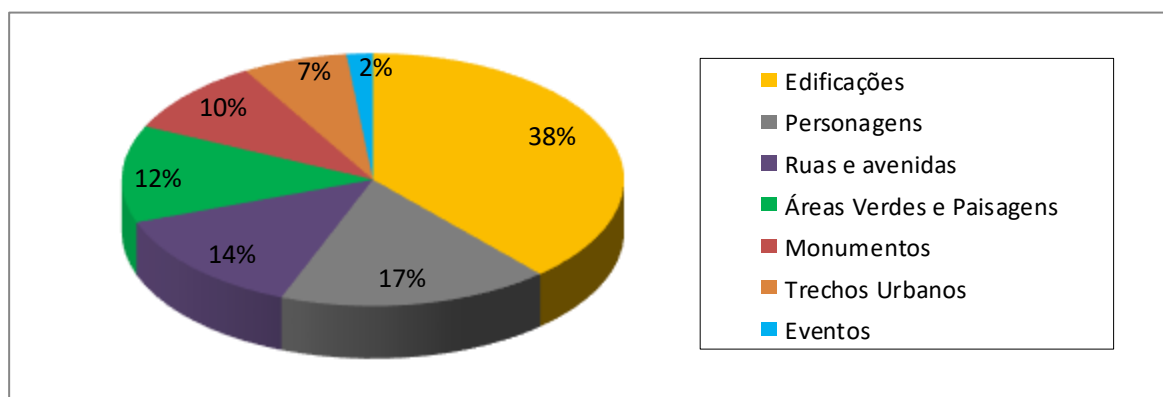
#### 4.3 A NARRATIVA DA LINHA TURISMO

Nesta subseção, apresentamos as narrativas sobre o patrimônio cultural e as memórias da cidade a partir do áudio reproduzido durante o percurso de ônibus da Linha Turismo.

##### 4.3.1 Temas da Cidade nas Narrativas da Linha Turismo

Nos bairros visitados, os patrimônios destacados são apresentados como “atrativos” e dizem respeito, principalmente, a prédios, monumentos, parques e praças, incluindo bens com importância cultural, histórica, política, comercial, religiosa, arquitetônica, paisagística, de lazer, etc. O Gráfico 1 sintetiza os temas da narrativa no que tange às categorias de lugares, patrimônios e pessoas.

Gráfico 1 – Categorias Citadas no *City Tour* Linha Turismo Centro Histórico



Fonte: elaborado por Luis Fernando Herbert Massoni, 2021.

Identificamos menções a 68 edificações, caracterizando-se como o principal tipo de atrativo da cidade, seguido das 31 personagens ou grupos sociais/étnico-raciais citados que marcaram a história da cidade; e das ruas e avenidas, que somam 24. Já áreas verdes e paisagens (praças, parques, largos, jardins, morros, lagos e arroios) somam 22. Também foram identificados 17 monumentos, 12 trechos urbanos



(viadutos, terminais, passarelas, estações de transporte, aeromóvel, aeroporto, píer), além de três eventos. No total, foram contados 177 bens.

Os números do gráfico evidenciam que o foco dado aos edifícios, especialmente os antigos palacetes, reforça uma memória preservada em “pedra e cal”, em uma perspectiva ainda muito tradicional sobre os patrimônios culturais da cidade, em detrimento de seus usos sociais cotidianos, por vezes não mencionados. Conforme Pastor Alfonso (2003), os turistas desejam participar de atividades culturais e realizar visitas a lugares próximos que tenham alguma especificidade, cenário em que se destacam museus, monumentos históricos e parques naturais, categorias que se confirmam na narrativa da Linha Turismo. Ainda de acordo com a autora, o conhecimento sobre o patrimônio cultural por parte dos turistas pode ser muito positivo, pois, se o patrimônio é assimilado por eles, consegue-se que esses indivíduos compreendam alguns aspectos da identidade dos seus anfitriões, despertando nesses últimos o interesse em preservar seu próprio patrimônio.

Na narrativa, também destacam-se algumas personagens e grupos sociais, evidenciando uma cidade que é constituída por pessoas, fruto de suas ações. Fundamentalmente, a história da cidade é o pano de fundo da narrativa, que apresenta diferentes versões acerca da criação ou dos nomes de seus bairros. A própria cidade, que já foi chamada de Porto dos Casais e Porto de Viamão, pode ter o nome “Porto Alegre” advindo de duas origens: homenagem a Portalegre (cidade em Portugal) ou pela beleza da paisagem da Praça da Matriz. A cidade também é destacada como uma das mais arborizadas do país, com mais de uma árvore para cada um dos mais de 1,4 milhões de habitantes.

Os temas da narrativa também exploram curiosidades sobre a cidade, sua história e seus cidadãos. Essas peculiaridades englobam, por exemplo, a língua gaúcha, o “Gauchês”, apresentando expressões típicas dos porto-alegrenses – e, ao mesmo tempo, reforçando sua proximidade com a cultura gaúcha. São exemplos a palavra “lomba”, usada para se referir a uma rua íngreme; além de “guria”, que se refere a mulheres. A essa apropriação da cultura, cabe a ressalva:

Enquanto os atrativos dos lugares forem peças de curiosidade momentânea serão esquecidos logo após o consumo. São assim os produtos massificados: consumidos e esquecidos. A sustentabilidade

do atrativo fruto das interpretações culturais é dada pela possibilidade de nele se incorporar amplos significados. E isso pode ser feito com leveza. Qualquer construção cultural passada continua sendo viva e vivida e a memória construída a projeta para a contemporaneidade. (MENESES, 2009, p. 43).

O anedótico e o pitoresco, com menções a histórias engraçadas, lendas e alegorias urbanas, compõem a narrativa da Linha Turismo. Essas curiosidades também são utilizadas como estratégia de comunicação para “chamar atenção” dos turistas a respeito de determinados lugares da cidade, dando-lhes um tom singular ou peculiar, visando persuadir os visitantes a querer conhecer mais sobre a cidade. Conforme Pastor Alfonso (2003), o caráter de distinção que recai sobre o patrimônio, no viés do turismo, é devido ao seu destaque enquanto “único”. É o caso do bairro Praia de Belas, que pode ter a origem de seu nome tanto pelo fato de ser o lugar onde, originalmente, vivia a Família Belas, como também pela formosura das belas “gurias” que frequentavam a praia, antes de seu aterramento.

Essas curiosidades apontadas são sempre possibilidades explicativas das dinâmicas urbanas, sendo que o olhar interpretativo sobre a cidade, conforme Meneses (2009), pode dar origem a um texto histórico ou também a um mito popular, como deve ser o caso de algumas dessas narrativas criadas para explicar o porquê das coisas serem como são na cidade. Entretanto, precisamos ter em conta que:

A interpretação da cultura com objetivo de transformá-la em atrativo para ser conhecido por outros e valorizada por nós, deve ser cuidadosa. Temos muitos exemplos de erros interpretativos ou de instrumentos de interpretação equivocados, como temos, por outro lado, experiências interpretativas de sucesso. (MENESES, 2009, p. 37).

As curiosidades são usadas de forma a construir um jogo em que a narrativa oficial é séria, mas ao mesmo tempo abre-se para a anedota. As possibilidades de explicação através de aspectos curiosos e exóticos sobre os locais e a sua cultura atizam o imaginário dos visitantes. Assim, por meio da divulgação das informações sobre a cidade e de seus patrimônios culturais, criam-se imagens (representações) sobre a cidade que fortalecem determinados sentidos que são resignificados para o consumo, uma forma de “exotização” da cidade.

Observamos, na narrativa turística, o uso da linguagem persuasiva (publicitária), através de termos e de expressões que qualificam positivamente determinados lugares, o uso de adjetivos e advérbios para qualificá-los e distinguí-los daquilo que poderia ser corriqueiro ou comum, como: “autêntico”, “imponente”, “arrojado”, “mais antiga”, “maior”, “foi a primeira”, “mais alto”, “um dos mais populares”, “maior acervo”, “a mais bonita do mundo”, “a maior feira”, entre outros. Essas expressões possuem uma força simbólica no imaginário dos visitantes, ao mesmo tempo em que exercem um poder de sedução sobre eles. São informações mediadas de modo a fomentar uma representação sobre o lugar e Jovchelovitch (2004) nos ajuda a compreender esse fenômeno, afirmando que a representação não dá ao processo representacional a definição completa do objeto, pois há o perigo da hiper-representação, termo que a autora usa para se referir:

[...] aquelas situações onde as representações são produzidas sem consideração alguma com a realidade do objeto. A representação também distorce, mente, ilude e confunde. A hiper-representação é, naturalmente, parte do poder da representação, já que o simbólico é uma esfera onde a lei do faz-de-conta se aplica. Esta é a faceta do processo representacional que tem um papel decisivo tanto na dimensão criativa e positiva da sua construção como na dimensão negativa e nas possibilidades de subjugação que estão presentes no construcionismo exagerado. Dentro de relações de poder mais amplas que operam em qualquer sociedade, estes efeitos podem, e certamente são, usados por vários grupos sociais em vários momentos para produzir efeitos ligados a interesses e projetos. (JOVCHELOVITCH, 2004, p. 23).

Também há menções à gastronomia local, onde se sobressai o chimarrão, uma herança das tribos indígenas guarani, bebida “feita de erva mate moída e água quente não fervida” que foi incorporada à cultura gaúcha e tornou-se típica no Sul do Brasil. Os esportes praticados pelos porto-alegrenses também são mencionados, com destaque para o futebol. As músicas também são lembradas, como é o caso do Hino de Porto Alegre, composto por Breno Outeiral; e do Hino do Grêmio, composto por Lupicínio Rodrigues. Esse esporte, em especial, projeta a cidade nacional e internacionalmente, especialmente devido à rivalidade entre Grêmio e Internacional – ou gremistas e colorados.

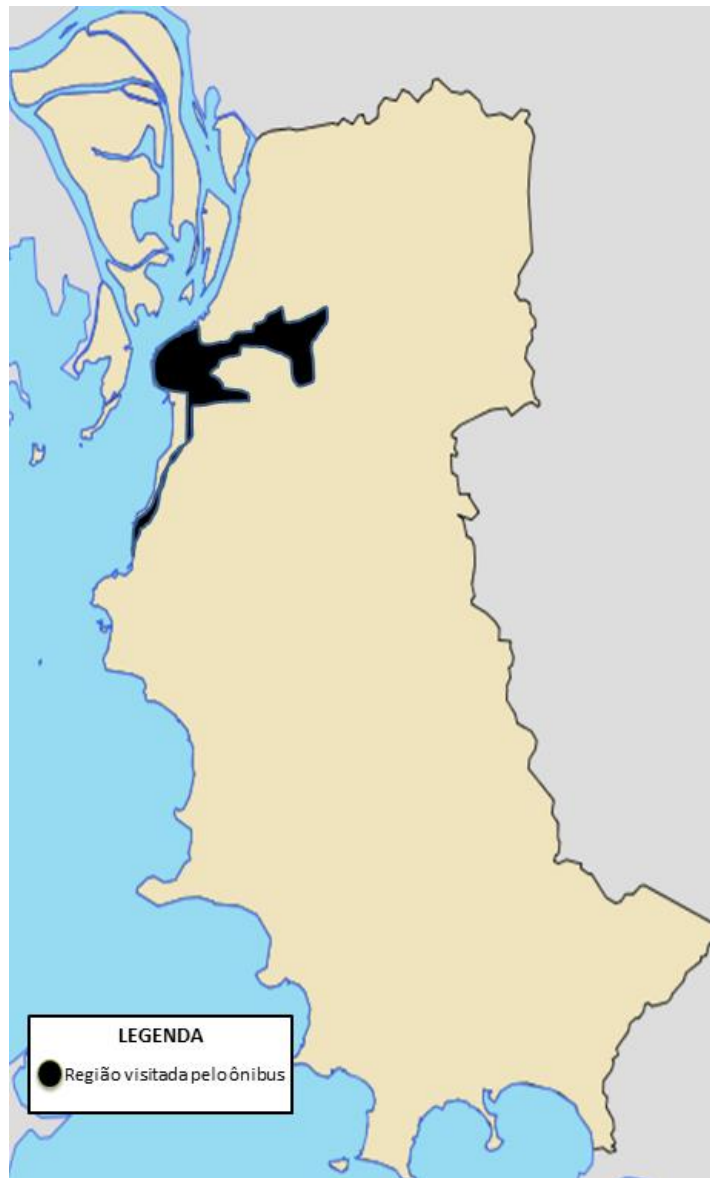
Como podemos perceber, os temas mais recorrentes na narrativa da Linha Turismo dizem respeito à história da cidade, apresentando o que ela tem de peculiar e inusitado, responsável por torná-la única. Todos esses temas são fruto de um processo de seleção que molda a memória da cidade, girando em torno desses patrimônios que, sendo “caros” ao grupo social local, são escolhidos como representantes de sua cultura, apresentados como herança ou bem cultural, digno de preservação, apreciação e orgulho. Esses temas são sempre desenvolvidos em um cenário específico, apresentado ora de forma mais detalhada, ora superficialmente, conforme exposto a seguir.

#### **4.3.2 Cenários da Cidade nas Narrativas da Linha Turismo**

Com relação aos cenários da cidade, destacamos que, ao longo do percurso do ônibus da Linha Turismo, são mencionados os nomes dos bairros por onde ele passa, o que, por si só, reforça o esquecimento de bairros e regiões inteiras. Obviamente, não seria possível percorrer POA em toda sua extensão, mas chama atenção o fato de que, dos 81 bairros oficiais da cidade, apenas 11 sejam visitados nesse trajeto. Quais os critérios de escolhas desses bairros? No Mapa 1, apresentamos uma intervenção no mapa oficial da cidade, em que podemos identificar o percurso da Linha Turismo, com a região visitada destacada em preto.

Acerca do que é mencionado sobre alguns deles, destacam-se: Bom Fim, pela forte presença da cultura judaica; Rio Branco e Santa Cecília, que nasceram de antigas chácaras (a região na época não era muito habitada, pois ficava longe do centro da cidade e lá havia plantações de trigo, que usavam moinhos de vento na sua produção); Moinho de Vento, um dos mais sofisticados e charmosos, conhecido pela intensa vida noturna, com bares, restaurantes e danceterias; Floresta, pela colonização germânica; Centro Histórico, o mais antigo da cidade, com suas ruas estreitas; Praia de Belas, com seu nome peculiar, que pode ter duas origens: a primeira que a família Belas possuía uma chácara nas imediações e a segunda devido à “beleza das gurias” que frequentavam a praia que existia antes do aterramento; e Cidade Baixa, conhecido pela intensa vida noturna.

Mapa 1 – Percurso do Roteiro Centro Histórico da Linha Turismo



Fonte: adaptado de PORTO ALEGRE, [201-?].

A respeito do esquecimento que se presentifica nesses mapas, também convém lembrar que “[...] os mapas são definidos pelo que eles incluem, mas seguidamente eles são mais reveladores no que eles excluem” (TURCHI<sup>4</sup>, 2004, p. 29 *apud* FIALHO, 2007, *online*). Ou seja, os silêncios, os patrimônios não destacados e as esquinas esquecidas nesses mapas também nos auxiliam a compreender as disputas de poder pela memória da cidade.

A assimetria entre as informações produzidas sobre a região central e a periferia da cidade não é algo inédito, já tendo sido percebida em estudos anteriores,

<sup>4</sup> TURCHI, Peter. **Maps of the imagination: the writer as a cartographer**. San Antonio: Trinity University Press, 2004.

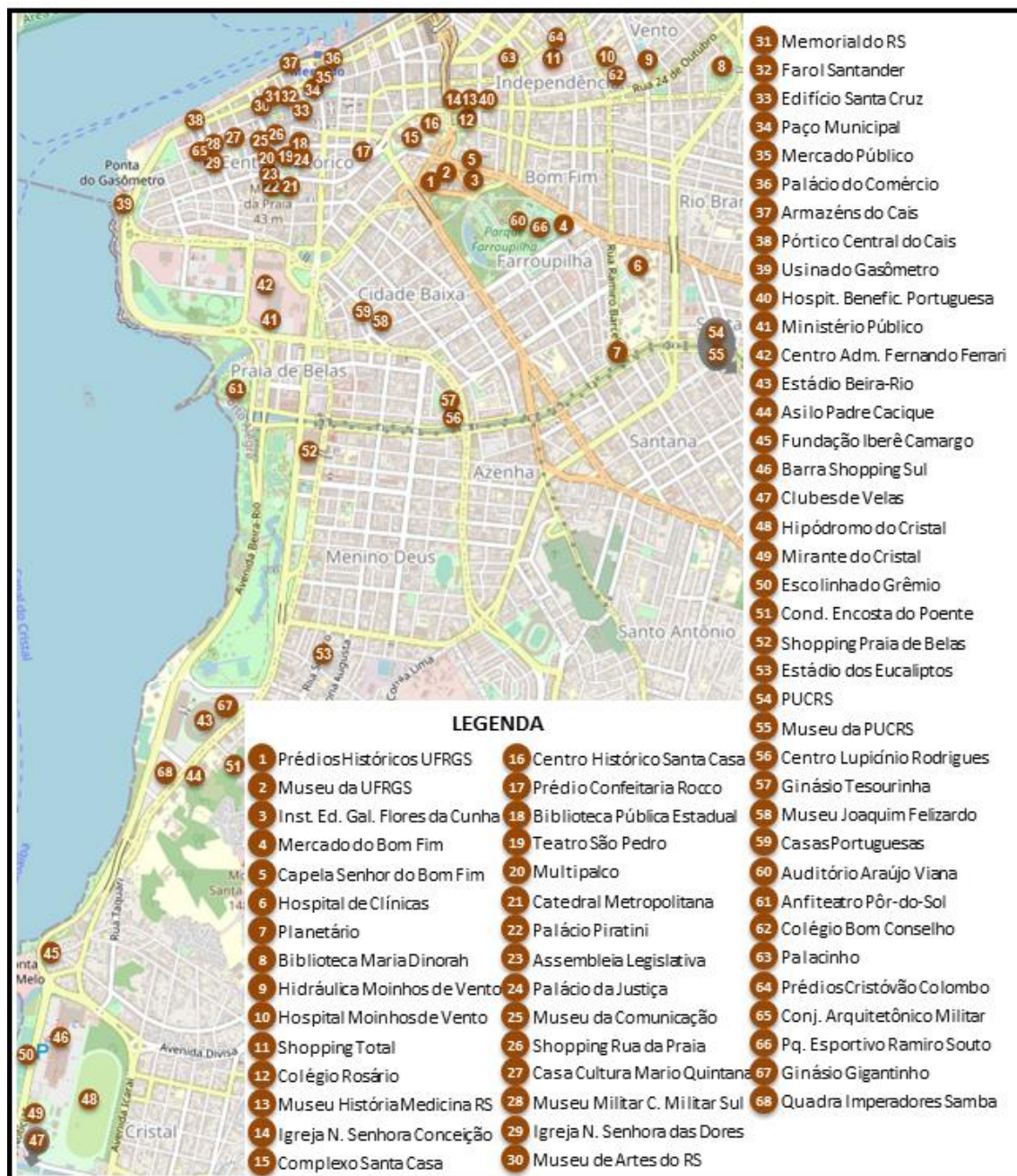
como no TCC e na dissertação do autor (MASSONI, 2014; 2017). O silêncio que recai sobre as regiões mais periféricas é percebido em diversos estudos feitos até aqui, englobando o setor turístico, a mídia impressa (MASSONI, 2014) e também as informações produzidas pelos próprios cidadãos, como no caso do aplicativo *Foursquare* (MASSONI, 2017).

Com quase 500.000km<sup>2</sup> de território, distribuídos em 81 bairros, muitas são as regiões não visitadas ou nem mesmo citadas durante o percurso. A Zona Norte poderia ser citada, por exemplo, pela movimentada Av. Assis Brasil, que liga a capital a outras cidades da região metropolitana. Outro lugar de destaque seria o Shopping Iguatemi, não apenas pela sua importância econômica, mas pelo desenvolvimento que sua instalação ocasionou na região, na década de 1980, especialmente nas imediações da Av. Nilo Peçanha. Também poderia ser explorada a Vila IAPI, um dos mais antigos condomínios do continente, sendo um rico conjunto arquitetônico construído seguindo o modelo de cidade-jardim.

A região do 4º Distrito, por sua vez, no bairro Floresta, poderia ser mencionada como um exemplo de requalificação de áreas degradadas da cidade através da economia criativa. Mais ao norte, o Boulevard Laçador, a Estátua do Laçador, a Arena do Grêmio, o Shopping DC Navegantes e a Ponte do Guaíba poderiam compor outro ponto de interesse. Já a Zona Leste poderia ser contemplada por apresentar o Jardim Botânico. O conjunto de casas históricas do bairro Petrópolis, numa das quais residiu o escritor Erico Verissimo (e, atualmente, o filho, Luís Fernando Verissimo), também poderia ser visitado. Sendo assim, percebemos que há diversas edificações ou mesmo conjuntos inteiros de casas que possuem importância histórica, cultural ou arquitetônica, mas não são mencionados durante o trajeto.

A visibilidade dada a cada um deles varia: muito é dito sobre o Centro Histórico, mas quase nada é mencionado acerca do Cristal e do Santa Cecília, reforçando a concepção de que, quanto mais distante do eixo central da cidade, mais os bairros e seus patrimônios são esquecidos. Não é possível visitar toda a cidade, o que é compreensível, pois se trata de um passeio de curta duração, ressaltamos o silêncio que recai sobre tantas regiões da cidade: afinal de contas, esses lugares são habitados por cidadãos que, não se vendo inseridos nas narrativas oficiais sobre a cidade onde vivem, podem ter comprometida a sua identidade, na qualidade de porto-alegrenses.

Mapa 2 – Edificações Citadas no City Tour Linha Turismo Centro Histórico



Fonte: adaptado de OPENSTREETMAP FOUNDATION..., [202-?].

Com relação às edificações, que se encontram sinalizadas no Mapa 2, identificamos 68 menções, englobando construções dos mais variados tipos, públicas e privadas: igrejas, shoppings, museus, instituições culturais, de ensino, casas e condomínios privados, prédios comerciais, clubes e espaços esportivos, prédios do poder público, hospitais, bibliotecas, dentre outros. De acordo com o áudio, POA possui mais de 50 museus, mas identificamos menções a apenas nove deles ao longo

do trajeto. O número mencionado, neste caso, serve apenas para dar tons de grandeza à cidade visitada, sem uma efetiva valorização de suas instituições museológicas, o que fica evidente quando constatamos que nenhuma delas é ponto de parada do percurso.

O Museu de Arte do Rio Grande do Sul, contando com o maior acervo de artes plásticas do RS, o Memorial do Rio Grande do Sul, onde está preservado o acervo histórico documental do estado, em um prédio que pertencia à Empresa de Correios e Telégrafos, o Farol Santander (antigo Santander Cultural, que converteu cofres do antigo Banco da Província em cinemas e cafeteria), o Museu de História da Medicina do Rio Grande do Sul, o Museu da Comunicação Hipólito José da Costa, o Museu de Ciências e Tecnologia da PUCRS (o mais completo do tipo na América Latina), o Museu Militar do Comando Militar do Sul (detentor de um acervo usado pelo Exército Brasileiro desde a época da colônia); o Museu da UFRGS e o Museu Joaquim José Felizardo (narra a história da cidade através de fotos, documentos e objetos).

Com relação a bibliotecas, é mencionada a Biblioteca Pública Estadual, “uma autêntica” construção representativa do Positivismo, tendo a fachada contornada por bustos dos patronos do calendário positivista, ícones do conhecimento no mundo Ocidental. Também é lembrada a Biblioteca Ecológica Infantil Maria Dinorah, localizada dentro do Parque Moinhos de Vento, e que realiza atividades lúdicas voltadas à conscientização ambiental.

Centros culturais também são lembrados, como a Casa de Cultura Mário Quintana, em um “imponente prédio” rosado que, originalmente, abrigou o Hotel Majestic, inovador para sua época por criar uma rua central entre os prédios, ideia que o arquiteto Theo Wiedersphan teve no início do século XX, tendo sido entregue à comunidade em 1980, abrigando cinemas, teatros, cafés e uma réplica do quarto do famoso poeta que ali morou.

Também são citados: o Auditório Araújo Viana; o Centro Municipal de Arte, Cultura e Lazer Lupicínio Rodrigues, que abriga o Atelier Livre, o Teatro Renascença, a Biblioteca Pública Municipal Josué Guimarães e a Sala Álvaro Moreyra; o Centro Cultural Usina do Gasômetro, que originalmente pertencia à Usina Termoelétrica que produzia eletricidade com carvão mineral, com sua chaminé de 117 metros, hoje abriga cafés, cinema, teatro e exposições; o Centro Histórico Cultural Santa Casa, onde havia o antigo Hospital São Francisco, e aborda a história da Santa Casa e da formação



da cidade; o Teatro São Pedro, uma construção de 1858; o Multipalco, “maior complexo teatral da América Latina”; o Planetário Prof. José Baptista Pereira, que oferta atividades pedagógicas nas áreas da Ciência e da Astronomia; o Anfiteatro Pôr do Sol, um espaço público que suporta cerca de 50 mil pessoas; e a Fundação Iberê Camargo, que abriga o acervo do artista e exposições contemporâneas de arte moderna e contemporânea, em um prédio com mais de 8.000m<sup>2</sup> de área projetado pelo vanguardista arquiteto português Álvaro Siza. O projeto recebeu o Leão de Ouro na Bienal de Arquitetura de Veneza e é um referencial arquitetônico a nível mundial.

Porto Alegre também é marcada pela presença de muitas instituições religiosas, sendo citadas: a Catedral Metropolitana, também conhecida como Matriz, que possui “uma das cinco maiores cúpulas de igreja do mundo”, com 18 metros de diâmetro; a Igreja Nossa Senhora da Conceição, representante do estilo barroco colonial tardio do século XIX; a Capela Nosso Senhor do Bom Fim; e a Igreja das Dores, a mais antiga da cidade, de 1807, a qual a construção durou quase 100 anos e aos seus pés, antigamente, localizava-se um dos pelourinhos da cidade. Percebemos, por essas menções, que há o esquecimento (involuntário ou não) dos espaços de manifestação religiosa de outras vertentes, pois não são citados centros espíritas, casas de umbanda ou templos evangélicos, por exemplo.

Instituições hospitalares incluem o Hospital de Clínicas (referência em saúde, pertencente à UFRGS), o Hospital Moinhos de Vento, o Hospital Beneficência Portuguesa e a Santa Casa de Misericórdia. Esta última recebe destaque no áudio: foi criada em 1803, apenas 30 anos após a fundação da cidade, ocupando uma área que ficava fora dos limites da cidade e, na época, havia um muro que delimitava a área central. Instituições educacionais lembradas incluem a UFRGS, com seu conjunto arquitetônico de prédios históricos (há menções à Reitoria, ao prédio da Escola de Engenharia e ao Museu), a PUCRS, o Colégio Rosário (um prédio rosado construído em 1927), o Colégio Bom Conselho e o Instituto Estadual de Educação General Flores da Cunha, primeira escola pública da cidade, de 1936. Prédios do poder público, que abrigam ícones cívicos da cidade e do estado, também são lembrados, tais como: o Palácio Piratini, sede do governo estadual; o Palacinho, sede do vice-governo do estado; a Assembleia Legislativa; o Palácio da Justiça; o Paço Municipal; o Ministério Público; e o Centro Administrativo Fernando Ferrari.

Das instituições comerciais, há destaque ao Mercado Público, citado como uma excelente opção para desfrutar dos sabores da culinária regional, com mais de 100 lojas, restaurantes, peixarias, artesanato e produtos da cultura gaúcha. É citado o Memorial do Mercado Público e o Bará, entidade de matriz africana representada por uma imagem enterrada em seu interior. O Mercado já sobreviveu a incêndios e a uma grande enchente que ocorreu em 1941, quando a água atingiu 4,76cm. Também são citados o Mercado do Bom Fim, o Shopping Rua da Praia, o Shopping Praia de Belas, o Barra Shopping Sul (um dos maiores da América Latina) e o Palácio do Comércio. O Shopping Total é destacado pelo prédio: uma antiga Cervejaria dos Irmãos Bopp, fundada em 1910, tornando-se, posteriormente, a antiga Cervejaria Brahma, tendo a sua fachada destacada pela presença de estátuas que remetem à antiga Cervejaria.

Prédios, casas e condomínios privados também são citados, especialmente com destaque para os estilos arquitetônicos de algumas edificações. É o caso do “arrojado” Edifício Santa Cruz, com suas “janelas azuis” características, construído em estrutura metálica na década de 1950, sendo até hoje considerado “o prédio mais alto da cidade”, com 34 pavimentos. Também são citadas as casas portuguesas na Rua João Alfredo, herança dos portugueses que habitavam a região, com “arquitetura porta/janela” (apenas uma porta e uma janela, pois, quanto menos aberturas havia para a rua, menores eram os impostos cobrados); o Condomínio Encosta do Poente, em formato de escada, da década de 1970, o primeiro nesse formato no estado; o prédio da antiga Confeitaria Rocco, construída em 1912, em estilo *art nouveau*, um importante ponto de encontro da burguesia e dos políticos da cidade; os prédios em estilo germânico, na Cristóvão Colombo; e o conjunto arquitetônico da área militar, que data dos séculos XIX e XX, importante cenário da Revolução de 1930.

Edificações usadas para a prática de esportes também compõem a narrativa, especialmente os que se destinam ao futebol. São citados o Estádio Gigante da Beira-Rio, atual campo do Sport Club Internacional. Fundado em 1969, com capacidade para mais de 55 mil pessoas, na época de sua construção ficava à beira do rio (o que explica seu nome) e muitas pessoas chegavam de barco para visita-lo. Também é citado o Estádio Eucaliptos, antiga casa do time e que foi sede da Copa do Mundo FIFA 1950. A Escolinha do Grêmio, fundada em 1969, também é lembrada, bem como o Parque Esportivo Ramiro Souto, na Redenção. Aliás, o áudio lembra que, para a Copa do

Mundo de 2014, foi organizado o Caminho do Gol, um trajeto de 3,5 quilômetros com vários atrativos culturais e gastronômicos, que iniciava no Mercado Público Central e ia até o Estádio Beira-Rio, sede do evento. Por esse trajeto, circularam aproximadamente 280 mil pessoas advindas de diversos países, envolvendo “os turistas e os moradores no clima da Copa”. O Ginásio Municipal Tesourinha também é citado, bem como o Hipódromo do Cristal, os Clubes de Velas e o Ginásio Gigantinho. Também é citada a quadra de ensaio da Imperadores do Samba.

Outros espaços citados são o Mirante do Cristal, pertencente à Estação de Bombeamento de Esgoto Cristal, que, com 20 metros de altura, possibilita uma vista privilegiada do pôr do sol, bem como a Hidráulica Moinhos de Vento, antiga Hidráulica Guahybense, com influência do positivismo e prédios inspirados na arquitetura do Palácio de Versalhes, onde funciona uma estação de tratamento de água que conta com áreas de lazer e galeria de arte. Também são citados o Asilo Padre Cacique e os Armazéns do Cais, com destaque ao Pórtico Central do Cais.

Nenhuma instituição arquivística é lembrada ao longo do trajeto, nem mesmo o Arquivo Público do Rio Grande do Sul, pelo qual o ônibus passa em frente, na Rua Riachuelo. Embora passe próximo a diversos pontos que compõem o Museu de Percurso do Negro em Porto Alegre, ele não é mencionado em momento algum, assim como também não é lembrada a Biblioteca Pública Lucília Minssen, localizada na Casa de Cultura Mario Quintana.

Outro enquadramento realizado pelo *city tour* e que acarreta em uma série de ausências é o fato de que o ônibus circula, majoritariamente, pelas grandes avenidas de cada bairro, silenciando as histórias e peculiaridades de ruas ou pequenas vielas menos frequentadas. Entretanto, salientamos que tal trajeto também é escolhido tendo em vista as características de cada via, pois, como o ônibus possui uma altura acima do convencional da maioria dos veículos que trafegam pela cidade, ele só consegue acessar ruas previamente estudadas e planejadas para recebê-lo, sem fios elétricos suspensos e com galhos de árvores aparados.

As ruas e avenidas citadas ao longo do trajeto encontram-se assinaladas no Mapa 3. Uma das vias citadas ao longo do trajeto é a “extensa, arborizada e movimentada” Av. Ipiranga, tendo seu traçado construído sobre o Arroio Dilúvio, contanto com 17 pontes e uma parte da ciclovia da cidade, apresentando

peculiaridades ao preservar a vegetação e os obstáculos naturais desse caminho. Também são citadas: a Av. Osvaldo Aranha, a Av. José Bonifácio, a Rua Ramiro Barcelos (com seu túnel verde de jacarandás, árvore típica do sul), a Av. Silva Só, a Av. Protásio Alves (a mais extensa da cidade), a Av. Goethe, a Rua 24 de Outubro, a Rua Padre Chagas (com sua intensa vida noturna) e a Av. Cristóvão Colombo (destacada pelos prédios em estilo germânico).

Mapa 3 – Ruas e Avenidas Citadas no *City Tour* Linha Turismo Centro Histórico



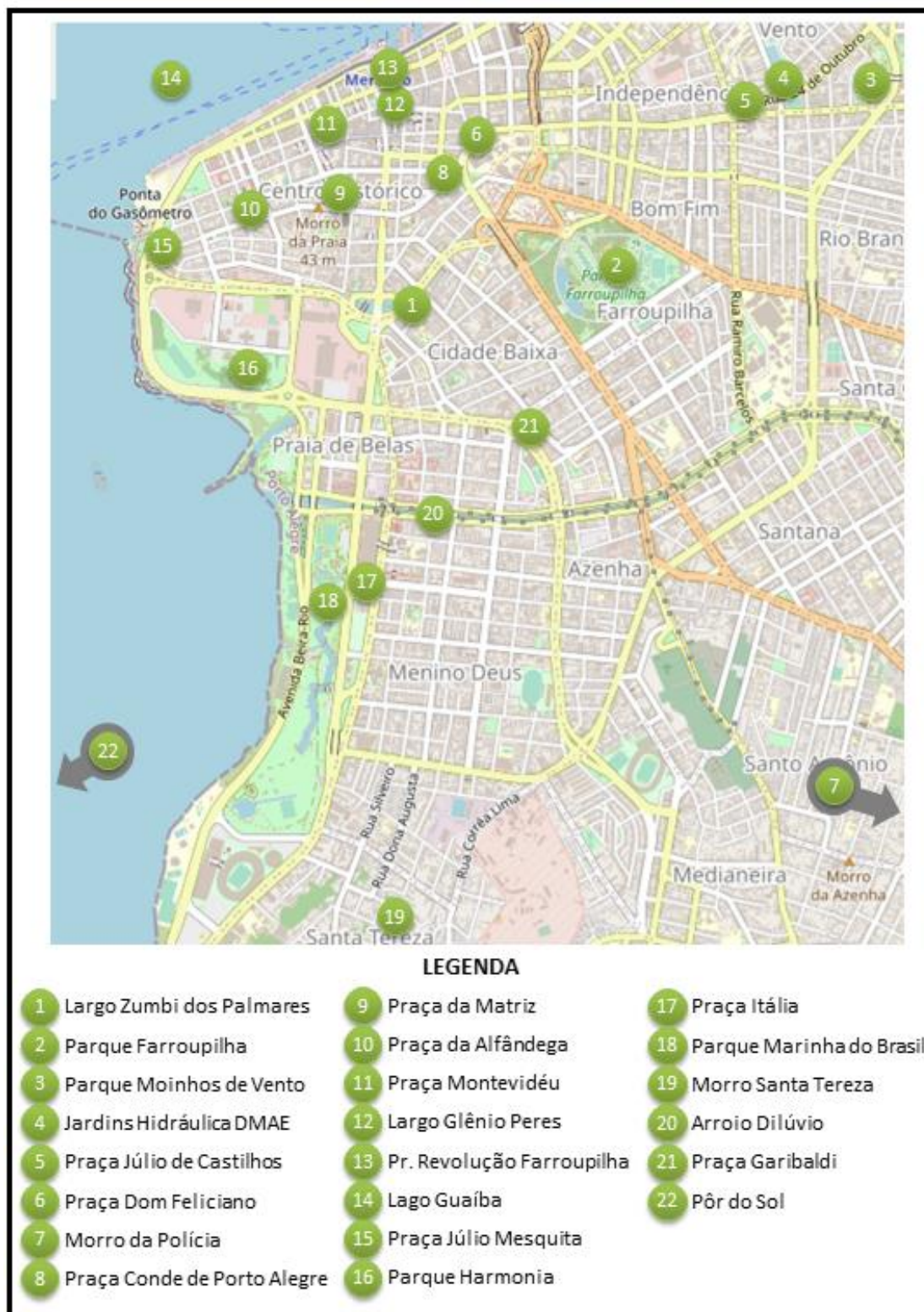
Fonte: adaptado de OPENSTREETMAP FOUNDATION..., [202-?].

A Avenida Independência, no bairro de mesmo nome, destaca-se pelos prédios de “grande valor histórico”, situada em um bairro com “muitos jacarandás”, espécie de árvores nativas, onde se sobressai a Rua Gonçalo de Carvalho, famosa por ter recebido, nas redes sociais, o título de “rua mais bonita do mundo”, pelo túnel verde de árvores centenárias em sua extensão.

No Centro da cidade, há menções à Avenida João Pessoa (antiga Estrada da Azenha) e é destacada a Av. Borges de Medeiros, “a primeira via” a ligar o Centro à Zona Sul, tendo sido construída na década de 1930, além da Rua Riachuelo, “uma das mais antigas”, famosa pelos sebos nela localizados e representativa de uma das características das ruas do bairro, que é a estreiteza. A Rua Siqueira Campos é destacada pelos muitos prédios tombados. Também são mencionadas a Rua Caldas Júnior, a Rua dos Andradas (conhecida como Rua da Praia, devido à praia que havia junto ao alinhamento da rua: onde hoje há ruas e edifícios, antigamente havia o Lago Guaíba, que foi aterrado no início da década de 1920) e a Av. Mauá.

Na parte final do passeio, são citadas a Av. Edvaldo Pereira Paiva, a Av. Padre Cacique, a Av. Érico Veríssimo, a Rua João Alfredo (concentra muitos bares e casas noturnas e foi conhecida como Rua da Margem, porque o Arroio Dilúvio vinha até suas imediações, passando através das casas e por baixo da Ponte de Pedra), e a Av. José Loureiro da Silva. Sobre as ruas e avenidas destacadas, não há menções à Rua Duque de Caxias, uma das mais antigas, conhecidas e importantes da cidade, onde estão localizadas importantes instituições governamentais, religiosas e culturais.

Identificamos menções a apenas 10 praças, conforme ilustrado no Mapa 4, onde constam as áreas verdes e paisagens citadas ao longo do trajeto. São mencionadas: Praça Júlio de Castilhos, com seus bancos que pertenciam ao antigo Auditório Araújo Viana, quando localizado na Praça da Matriz; a Praça Dom Feliciano; a Praça Conde de Porto Alegre, antigamente chamada de Praça do Portão, pois ali ficava o portão de entrada e saída entre o Centro e a Zona Sul. Nela se encontra “um dos monumentos mais antigos” de POA, o monumento ao Conde de Porto Alegre, inaugurado pela Princesa Isabel em 1885.

Mapa 4 – Áreas Verdes e Paisagens Citadas no *City Tour* Linha Turismo Centro Histórico

Fonte: adaptado de OPENSTREETMAP FOUNDATION..., [202-?].

Considerada o lugar “mais importante da cidade do ponto de vista histórico”, a Praça Marechal Deodoro, mais conhecida como Praça da Matriz, também é destacada. Além delas, são citadas a Praça da Alfândega (destacada pelos prédios históricos), a

Praça Montevideu, a Praça Revolução Farroupilha (com seu painel do artista Danúbio Gonçalves, representando a história do RS), a Praça Júlio Mesquita, a Praça Itália e a Praça Garibaldi. Conforme a própria narrativa da Linha Turismo, Porto Alegre possui mais de 600 praças, mas esse número serve apenas para impressionar o visitante, pois, na prática, são mencionadas em torno de 2% das praças da cidade.

Também são mencionados quatro parques<sup>5</sup>, quais sejam: o Parque Farroupilha, conhecido como Redenção (apelido que remete à época da escravatura, pois Porto Alegre teria sido, junto à cidade de Redenção/CE, a primeira a libertar seus escravos, quatro anos antes da Lei Áurea), com aproximadamente 37 hectares, até início do séc. XX, era um curral - ou potreiro, onde o gado descansava antes de ir para o matadouro; o Parque Moinhos de Vento, conhecido como Parcão, área atual que abrigou o primeiro estádio de futebol, do Grêmio, em 1903, onde hoje fica a Av. Goethe, um local “perfeito” para caminhadas e chimarrão, com grande área de lazer, quadras poliesportivas e réplica de um moinho de vento; o Parque Maurício Sirotski Sobrinho, também chamado Parque Harmonia, inaugurado em 1982, onde é realizado o Acampamento Farroupilha; e o Parque Marinha do Brasil, da década de 1970 e com 70 hectares, é o maior parque urbano do estado, possuindo várias opções de lazer e recreação e uma das maiores pistas de skate do país.

Também são lembrados o Largo Zumbi dos Palmares, o Largo Glênio Peres, os Jardins da Hidráulica Moinhos de Vento, o Morro da Polícia, o Morro Santa Tereza e o Arroio Dilúvio, que tem seu nome decorrente das cheias que ocorriam na cidade. Ele nasce em Viamão, cidade vizinha, e segue até o Lago Guaíba. Já foi navegável, quando era mais largo e tinha outro curso, sendo importante para a Revolução Farroupilha. Por fim, mas não menos importante, o Lago Guaíba, “carinhosamente” chamado de “Rio”, que margeia a região central e sul da cidade e teve grande importância no desenvolvimento de Porto Alegre, possuindo uma forte relação com os porto-alegrenses, devido aos espaços criados ao longo da orla, lugares privilegiados e que enquadram o pôr do sol que é considerado o “mais bonito do mundo”.

---

<sup>5</sup> A título de conceituação, entendemos parques como áreas verdes, com função ecológica, estética e de lazer, mas uma extensão maior que as praças e jardins públicos, enquanto que as praças são espaços livres públicos cuja principal função é o lazer (LIMA; CAVALHEIRO; NUCCI; SOUSA; FILHO; DEL PICCHIA, 1994).

Mapa 5 – Monumentos, Trechos Urbanos e Eventos Citados no *City Tour* Linha Turismo Centro Histórico



Fonte: adaptado de OPENSTREETMAP FOUNDATION..., [202-?].

No Mapa 5, assinalamos os monumentos, trechos urbanos e eventos destacados pelo city tour. Com relação aos monumentos, são citados: Ponte de Pedra; Lança de Aço, idealizado pela artista Cláudia Stern, em homenagem aos 300 anos de Zumbi dos Palmares; Estrela de Davi; Castelo Branco, em homenagem ao presidente do período ditatorial; Florêncio Ygartua; Grambrinus, patrono da cerveja, afixado no



prédio do Shopping Total; Conde de Porto Alegre, o mais antigo da cidade; Themis, deusa grega guardiã das leis, que adorna o Palácio da Justiça; no centro da Praça da Matriz, o Monumento a Júlio de Castilhos, que apresenta variadas fases de vida do político e importante governador do RS; a Fonte Talavera de La Reina, presente do governo espanhol em 1935, em comemoração ao centenário da Revolução Farroupilha; o Bará do Mercado; a Estrela Guia II, que presta uma homenagem à humanidade e é do artista Gustavo Nackle; as Supercuias, homenagem ao recipiente onde o gaúcho monta seu chimarrão e foi um presente do artista Sant Clair durante a quarta Bienal do Mercosul; o Leão de São Marcos, em homenagem à imigração italiana em POA; o Pessoas Imprescindíveis, homenageando torturados do regime civil-militar; o Espelho D'água Almirante Tamandaré; e o Painel Epopéia Rio-grandense, Missioneira e Farroupilha.

Não identificamos menções a alguns monumentos bastante conhecidos da cidade, como o Monumento aos Açorianos, o Monumento ao Expedicionário (na Redenção), a Estátua de Elis Regina (na Usina do Gasômetro) e o monumento a Carlos Drummond de Andrade e Mário Quintana (Praça da Alfândega), dentre outros. Esse dado chama atenção, tendo em vista que alguns desses monumentos fazem alusão a personalidades renomadas e até a grupos sociais que, normalmente, são exaltados quando se conta a história da cidade, como os açorianos.

Já os trechos urbanos citados são o Viaduto dos Açorianos, o Viaduto Imperatriz Leopoldina, o Viaduto Tiradentes, a Passarela da Av. Goethe, o Viaduto José Loureiro da Silva, o Terminal Parobé, a Estação Mercado do Trensurb, o Muro da Mauá (construído após a grande enchente de 1941 para prevenir futuras enchentes, medindo três metros acima e abaixo da terra), o Aeromóvel, o Viaduto Abdias do Nascimento, o Píer Barra Shopping Sul e o Aeroporto. Nessa categoria, chama atenção o esquecimento sobre o Viaduto Otávio Rocha, localizado no centro da cidade, no cruzamento entre a Av. Borges de Medeiros e a Rua Duque de Caxias.

Como é possível constatar através da cartografia construída, os cenários da cidade estão repletos de lembranças e de esquecimentos acerca dos lugares, representando uma cidade que mescla edifícios históricos com arrojados *shoppings centers*. Os cenários destacados ao longo do percurso, em sua maioria, são instituições

ligadas ao poder local, à cultura ou à história da cidade, com destaque para o Centro Histórico, onde há mais bens destacados.

#### **4.3.3 Personagens da Cidade nas Narrativas da Linha Turismo**

De acordo com o áudio, Porto Alegre possui aproximadamente 1.400.000 habitantes, mas não são essas as pessoas destacadas na narrativa. As menções recaem às personagens que foram personalidades e autoridades políticas que tiveram alguma importância e que estão grafados em forma de monumentos ou nas escrituras sobre a cidade. Assim, expressam-se as relações de poder que sempre conformam a comunicação turística (BALDISSERA, 2010a), responsável por destacar aqueles que tiveram relevância social no passado e que têm sua imagem imortalizada no presente, sendo citados como primeiros moradores, famílias tradicionais ou mesmo dando nome a praças, ruas, avenidas e demais elementos constituintes da cidade.

Com relação aos seus personagens, identificamos ao menos 19 menções a pessoas ao longo do trajeto, sendo que consideramos, nessa contagem, apenas quando elas são citadas sem ser em nomes de ruas, monumentos ou prédios, ou então quando há alguma explicação sobre elas. Essa escolha se deu para que não houvesse uma repetição da contagem, tendo em vista que os lugares mencionados ao longo do trajeto já foram contados na categoria cenários. A narrativa do áudio apresenta, geralmente, uma pequena biografia da personagem, algum feito importante dela em relação à cidade ou acontecimento relevante com repercussão local, regional ou nacional, justificando imortalizá-la na memória da cidade.

As personagens que identificamos e as narrativas contadas sobre elas são: Lupicínio Rodrigues, morador da Ilhota, cantor e compositor lembrado pela autoria do hino do Grêmio; Florêncio Ygartua, pediatra que também foi zagueiro do Internacional no início do século XX; Elis Regina, a “grande cantora internacional”, que estudou no Instituto de Educação General Flores da Cunha; João Parobé, professor e estrategista educacional que ajudou a fundar a base da UFRGS e também dá nome ao Terminal Parobé; Erico Verissimo, escritor que nasceu em Cruz Alta, mas morou em Porto Alegre por muitos anos e escreveu a trilogia “O Tempo e o Vento”, sua obra-prima, que conta um pouco da história do RS; Manoel Raymundo Soares, sargento assassinado em 1966,

na ditadura militar, em um episódio conhecido como o “caso das mãos amarradas”, homenageado pelo monumento Pessoas Imprescindíveis; Zumbi dos Palmares, grande líder negro abolicionista; Abdias do Nascimento, ativista dos direitos humanos e das populações negras; Tesourinha, importante jogador de futebol da década de 1940, atuando nos times do Grêmio, Internacional e Vasco da Gama; Anita e Giuseppe Garibaldi, casal que lutou durante a Revolução Farroupilha; Bento Gonçalves, líder da Revolução Farroupilha; Mario Quintana, poeta que viveu por mais de uma década no Hotel Majestic; Getúlio Vargas, presidente após a Revolução de 1930; Iberê Camargo, importante artista plástico gaúcho, do século XX; Padre Cacique, fundador do Aliso que leva seu nome, foi um padre baiano de nome Joaquim Cacique de Barros; Júlio de Castilhos, importante governador do RS, do final do século XIX; Dom Feliciano, primeiro bispo do estado; e Gambrinus, Deus da Cerveja.

Além dessas personagens específicas, grupos sociais e étnico-raciais também são mencionados, como: os 60 casais açorianos que inicialmente habitaram a cidade; os descendentes de alemães que influenciaram a região do bairro Floresta; os judeus que influenciaram na criação do Bom Fim; os artistas e estudantes que frequentam o Viaduto da Brooklin; os negros escravizados que foram libertos na região onde hoje se encontra a Redenção; a burguesia e os políticos que se reuniam na antiga Confeitaria Rocco; os imigrantes italianos, homenageados pelo Leão de São Marcos; as famílias portuguesas que legaram à Cidade Baixa belos casarios; os afrodescendentes que tinham presença forte no mesmo bairro; bem como as belas gurias que se banhavam na região do bairro Praia de Belas.

Percebemos que há menções à cultura indígena, em especial sobre a sua influência na culinária (chimarrão) e na denominação de importantes lugares da cidade. É o caso da Av. Ipiranga, que tem seu nome originado da cultura tupi e significa “rio vermelho”, bem como da palavra “Guaíba”, advinda dos tupi-guarani e que significa “encontros das águas”, o que se confirma quando analisamos geograficamente o lago que contorna a cidade: estudos feitos no local concluíram que se trata de um lago que tem como afluentes quatro rios: Jacuí, Caí, Gravataí e dos Sinos. Observamos que, enquanto algumas personagens são lembradas individualmente, sejam políticos, autoridades, cantores, intelectuais, escritores, dirigentes, esportistas, dentre outros, com destaque aos seus feitos, os indígenas são

lembrados enquanto grupo étnico-cultural, pois não identificamos menções a indígenas específicos.

As narrativas sobre os personagens da cidade estão amparadas, basicamente, em representações sobre seus antigos moradores ou personalidades que marcaram a história do lugar, sendo essas pessoas, normalmente, ligadas às camadas sociais mais altas da sociedade porto-alegrense. As referências a grupos étnicos, como germânicos e portugueses, reforçam narrativas conhecidas que exploram as influências histórias de outras nações na construção do lugar, algo bastante refletido na própria nomenclatura de alguns lugares da cidade. Além disso, as menções a grupos sociais minoritários (negros e indígenas) e pessoas deles oriundas buscam marcar sua presença na construção da identidade cultural dos cidadãos, reforçando as representações de Porto Alegre como uma cidade diversa e multicultural.

#### **4.3.4 Enredos da Cidade nas Narrativas da Linha Turismo**

Alguns eventos que marcam o calendário da cidade são lembrados ao longo do trajeto, sendo que os lugares onde eles ocorrem estão assinalados no Mapa 5, anteriormente apresentado. A agenda da cidade é marcada por eventos como a Feira do Livro, que ocorre na primavera, na Praça da Alfândega, e é a “maior feira literária” ao ar livre da América Latina; o Acampamento Farroupilha, em que milhares de pessoas se reúnem em setembro para saudar o movimento tradicionalista, no Parque da Harmonia; e o Brique da Redenção, que ocorre todos os domingos, há mais de 30 anos, na Avenida José Bonifácio, sendo uma tradicional feira de artesanato, antiguidades e gastronomia.

Além desses eventos, são lembradas algumas datas comemorativas, como o 20 de Setembro, em que se comemora a Revolução Farroupilha, e o Dia da Consciência Negra, em 20 de Novembro. Interessante notarmos a menção a essas duas datas, pois justamente demarcam memórias que disputam entre si: sobre a primeira recaem críticas a respeito da falta de destaque que é dada à contribuição dos negros na Revolução Farroupilha, quando foram atacados no evento que ficou conhecido como Massacre de Porongos. A menção a essas duas datas chama atenção e não pode ser

considerada mera coincidência, pois é necessário politizar as lembranças e os esquecimentos, para compreendermos as relações entre memória e poder:

A memória – voluntária ou involuntária, individual ou coletiva – é, como se sabe, sempre seletiva. O seu caráter seletivo deveria ser suficiente para indicar as suas articulações com os dispositivos de poder. São essas articulações e a forma como elas atravessam e utilizam determinadas sobrevivências, representações ou reconstruções do passado no presente que pretendemos estudar [...] (CHAGAS, 2002, p. 36-37).

Nesse sentido, por representar uma narrativa oficial, a Linha Turismo promove, através dessas menções, a conformação das memórias ditas “oficiais” sobre a cidade, demarcando as datas que devem ser comemoradas. Sobre eventos anteriores realizados na cidade, são citados a Bienal do Mercosul, as Copas do Mundo FIFA de 1950 e de 2014, a Revolução Farroupilha e a Revolução de 1930, que culminou com a posse de Getúlio Vargas como Presidente. Sobre os esquecimentos, não há menções à Festa de Nossa Senhora dos Navegantes e ao Fórum Social Mundial. Observando os eventos lembrados e esquecidos, percebemos os processos de seleção que enquadram as atividades da cidade, em que alguns elementos são citados e outros são omitidos:

A memória é uma construção social que edifica identidades distintas e patrimônios de culturas diversas. O que é caro a determinado grupo social é guardado e transformado em bem, em herança que motiva orgulho, que se quer preservar e mostrar ao outro. A leitura gera interpretações costumeiras e leituras críticas e, sobretudo, curiosidade em todos aqueles que buscam conhecer as diferenças culturais. (MENESES, 2009, p. 37).

Nesse sentido, fica a reflexão sobre o que é “caro” à população e quem define quais são as atividades cidadinas importantes aos olhos dos cidadãos locais. Percebemos que Porto Alegre é apresentada como uma cidade repleta de atividades, tendo seu calendário marcado por eventos culturais e festivos que possuem um forte papel na memorização de sua história. Além disso, eventos como os Festejos Farroupilha atuam justamente na conformação da memória, fortalecendo o sentimento de pertencimento à cultura gaúcha e ao tradicionalismo. Por outro lado, a menção ao Dia da Consciência Negra pode ser compreendida como um esforço na

tentativa de marcar a presença dessa população na cidade de Porto Alegre. Chama atenção o silêncio que recai sobre a Festa de Nossa Senhora dos Navegantes, tendo em vista ser esta entidade a padroeira da cidade e o seu dia, dois de fevereiro, constituir um feriado local. Se o critério para esta seleção fosse, por exemplo, evitar o destaque a essa data por representar uma entidade de uma religião específica, o catolicismo, então a narrativa não daria tanto destaque às igrejas, como constatado na seção 4.3.2.

#### 4.3.5 Tempos da Cidade nas Narrativas da Linha Turismo

Como descrito na subseção 4.3.1 (temas), a narrativa da Linha Turismo é, fundamentalmente, amparada por um olhar histórico sobre a cidade, destacando o seu desenvolvimento com o passar dos anos. Os acontecimentos datados constituem marcos históricos e dão noção aos visitantes da transformação da cidade ao longo do tempo. Conforme Ricoeur (2009), os acontecimentos da narrativa não são únicos e singulares, pois contribuem para o desenvolvimento da história narrada. Sinalizamos, no Quadro 2, as menções a datas e períodos identificados ao longo do trajeto e que compõe os seus tempos, em uma visão cronológica.

Quadro 2 – Datas e Períodos Citados no *City Tour* Linha Turismo Centro Histórico

Século	Data	Acontecimento/Evento Histórico
XVIII	26 de março de 1772	Criação da cidade.
XIX	1803	Construção da Santa Casa.
XIX	1807	Construção da Igreja Nossa Senhora das Dores.
XIX	Início do Século XIX	Construção do solar do Museu Felizardo.
XIX	Ao longo do século XIX	Antiga doca portuária abastecia o Mercado Público.
XIX	1835	Revolução Farroupilha.
XIX	Ao longo do Século XIX	Imigração italiana na cidade.
XIX	1858	Construção do Teatro São Pedro.
XIX	1859	Construção do prédio do Mercado Público.
XIX	1881	Construção do Asilo Padre Cacique.
XIX	1884	Área de potreiro recebeu nome de Campos da Redenção.
XIX	1885	Criação do Monumento ao Conde de Porto Alegre, inaugurado pela Princesa Isabel.
XIX	Final do século	Construção da Igreja Nossa Senhora da Conceição.

XIX	Final do século	Construção da Capela do Nosso Senhor do Bom Fim.
XX	1901	Construção da Praça Montevideu/Paço Municipal.
XX	1903	Fundação do Grêmio.
XX	1909	Fundação do Internacional.
XX	1910	Construção do prédio do Museu da UFRGS.
XX	1910	Inauguração da Cervejaria dos Irmãos Bopp.
XX	Início do século XX	A Avenida Goethe era o campo de treino do Grêmio.
XX	Início do século XX	Florêncio Ygartua é zagueiro do Internacional.
XX	Início do século XX	Construção do Hotel Majestic.
XX	Início do século XX	Construção da Biblioteca Pública Estadual.
XX	1912	Construção do prédio da Confeitaria Rocco.
XX	Década de 1920	Aterro da praia próximo à Rua da Praia.
XX	1926	Construção do Palacinho.
XX	1927	Construção do prédio do Colégio Rosário.
XX	1930	Revolução de 1930.
XX	Década de 1930	Construção da Avenida Borges de Medeiros.
XX	1935	Governo Espanhol doa a Fonte Talavera.
XX	1935	Área do Parque Farroupilha é entregue à cidade.
XX	1936	Construção do Instituto de Ed. Gal. Flores da Cunha.
XX	1941	Grande enchente na cidade.
XX	1950	Copa do Mundo FIFA.
XX	Década de 1950	Hipódromo do Cristal e Jockey Club se instalam no bairro Cristal.
XX	Década de 1950	Construção do Edifício Santa Cruz.
XX	Década de 1960	Início da poluição do Arroio Dilúvio.
XX	1966	Assassinato do sargento Manoel Raymundo Soares pela ditadura militar.
XX	Década de 1960	Construção do Estádio Beira-Rio.
XX	1969	Fundação da Escolinha do Grêmio.
XX	1969	Construção do estádio Beira-Rio.
XXI	1970	Inauguração do Parque Marinha do Brasil.
XXI	Década de 1970	Construção do Planetário.
XXI	Década de 1970	Construção do condomínio Encosta do Poente.
XXI	Década de 1970	Construção do Viaduto Loureiro da Silva.
XXI	Década de 1980	Inauguração da Casa de Cultura Mario Quintana.
XXI	1982	Inauguração do Parque Maurício Sirotski Sobrinho.
XXI	2003	Inauguração do Shopping Total.
XXI	2003	IV Bienal do Mercosul.
XXI	2014	Copa do Mundo FIFA.
XXI	2015	Após nova cheia, as comportas junto ao Muro da Mauá foram fechadas para evitar alagamento.

Fonte: elaborado por Luis Fernando Herbert Massoni, 2021.

Realizando uma análise geral dessas datas, percebemos que as menções históricas remontam à criação da cidade, em 1772, demarcando, também, a construção de importantes prédios, os fluxos migratórios, as guerras, os megaeventos de arte e esporte, as transformações urbanas e até os eventos mais corriqueiros, como

as cheias do Guaíba. Iluminados por Ricoeur (2009), entendemos que, mais do que enumerar eventos, a dimensão episódica pode nos dizer algo sobre o lugar, seus temas e/ou sujeitos. Ao analisarmos essas datas, temos uma noção dos processos urbanos que moldaram a história da cidade.

As menções às revoluções fortalecem a representação de uma cidade com pessoas valentes, dispostas a lutar por seus ideais, enquanto os megaeventos indicam uma cidade que se insere em uma dinâmica cultural internacional. A construção de edifícios que hoje compõem a história e o imaginário local dão conta de uma cidade que se orgulha de sua arquitetura e que nela vê refletidas suas conquistas, agregando um valor diferenciado ao tempo. Esses significados são socialmente atribuídos devido à dimensão da configuração (RICOEUR, 2009), que são os traços temporais resultantes da metamorfose causada pelas sucessões.

Olhando para os dados anteriormente apresentados, percebemos que a cidade não é marcada apenas pela sua história, pois também há o destaque aos prédios arrojados, como os *shoppings*, apontando para uma cidade que se deseja representar como moderna. A visão dessa cidade “material” é importante porque nos faz compreender os seus diversos tempos:

A materialidade, que é uma adição do passado e do presente, porque está presente diante de nós, mas nos traz o passado através das formas: basta passear por uma cidade, qualquer que seja, e nos defrontaremos nela, em sua paisagem, com aspectos que foram criados, que foram estabelecidos em momentos que não estão mais presentes, que foram presentes no passado, portanto atuais naquele passado, e com o presente do presente, nos edifícios que acabam de ser concluídos, esse presente que escapa de nossas mãos. (SANTOS, 2002, p. 21).

A análise dos tempos da narrativa vai além das menções a datas e acontecimentos, pois percebemos a transformação da cidade ao longo do tempo, pelas antigas chácaras e sesmarias, que hoje dão lugar a bairros centrais e importantes áreas verdes da cidade. Através dessa dialética entre o passado e o presente, costumeiramente tecida pela memória (GONDAR, 2016), a cidade se refaz, se transforma e se atualiza, sempre movida por interesses éticos e políticos. E é nessa



dialética que o tempo predominante na narrativa, por vezes, deixa de ser o tempo cronológico para ser o tempo imaginário.

O tempo imaginário se constitui também dos relatos que, mais do que remeter ao passado, contextualizam-no e lhe agregam valor: menções à antiga praia por onde circulavam as belas gurias, aos primeiros colonizadores, às crendices populares de outrora, aos casarios e sua arquitetura, etc., recobrem a história e o tempo de sentidos, constituindo um imaginário que nem se sabe se realmente foi vivido, mas permanece sendo sentido, pois é alimentado por essas narrativas. Assim, o tempo da cidade é construído através de projeções, sendo a memória uma construção que envolve passado, presente e futuro.

#### 4.4 AS NARRATIVAS DO *FOURSQUARE*

Em nosso estudo, não seria possível analisar, no *Foursquare*, de forma qualitativa e não automatizada, as páginas de todos os patrimônios citados ao longo do trajeto da Linha Turismo, devido à grande quantidade de informações presente nas dicas deixadas por eles nas páginas de alguns desses lugares. Sendo assim, analisamos as páginas que se referem aos lugares que são pontos de embarque e desembarque da Linha do ônibus turístico, quais sejam: Largo Zumbi dos Palmares, Parque Farroupilha, Parque Moinhos de Vento, Mercado Público, Usina do Gasômetro, Estádio Gigante da Beira-rio e Barra Shopping Sul.

As dicas publicadas e aqui analisadas servem para ilustrar como a informação e a comunicação são operadas para construir essas narrativas, evidenciando os enquadramentos produzidos e/ou reproduzidos pelos usuários do aplicativo e que são responsáveis pelos processos de lembrança e esquecimento. Assim como na narrativa da Linha Turismo, estruturamos nossa análise a partir da narratologia, observando os temas, enredos, cenários, personagens e tempos, quando mencionados nas narrativas.

Como descrito na metodologia deste estudo, nosso critério para a coleta desses dados foi o de incluir todas as dicas publicadas nas páginas desses lugares, desde o início do funcionamento do aplicativo, em 2010, até o mês de março de 2020, incluso. No Quadro 3, apresentamos uma síntese dos dados coletados, com a quantidade de dicas, o número de avaliações feitas e a nota média de cada lugar, bem como a

porcentagem de perfis de homens (H), mulheres (M) ou empresas/entes públicos/não identificados (E/NI) que publicaram dicas sobre esses lugares.

Quadro 3 – Síntese dos Dados Coletados no *Foursquare*

Patrimônio	Nota/ Avaliações	Nº Dicas	Tipo de Usuário		
			H	M	E/NI
Largo Zumbi dos Palmares	6.7 / 211	35	63%	34%	3%
Parque Farroupilha	9.2 / 2702	377	52%	44%	4%
Parque Moinhos de Vento	9.4 / 1997	257	57%	40%	3%
Mercado Público	8.5 / 3179	383	56%	42%	2%
Usina do Gasômetro	8.9 / 2583	230	52%	46%	2%
Estádio Beira-Rio	8.8 / 3760	381	68%	30%	2%
Barra Shopping Sul	8.9 / 5654	406	59%	40%	1%
<b>TOTAL</b>	<b>- / 20086</b>	<b>2069</b>	<b>-</b>	<b>-</b>	<b>-</b>
<b>MÉDIA</b>	<b>8.6 / 2869</b>	<b>295</b>	<b>58%</b>	<b>39%</b>	<b>3%</b>

Fonte: elaborado por Luis Fernando Herbert Massoni, 2021.

Com relação ao número de dicas, o *shopping center* é o lugar onde foi registrada a maior quantidade de dicas, bem como de avaliações dos usuários. Já o Largo Zumbi dos Palmares é o lugar com menos dicas e avaliações, mesmo sendo um lugar por onde igualmente transita uma quantidade considerável de pessoas, devido à proximidade com grandes avenidas, bares e paradas de ônibus, bem como às feiras e manifestações políticas que ali ocorrem. Ou seja, o fluxo de pessoas não parece ter relação direta na quantidade de dicas publicadas.

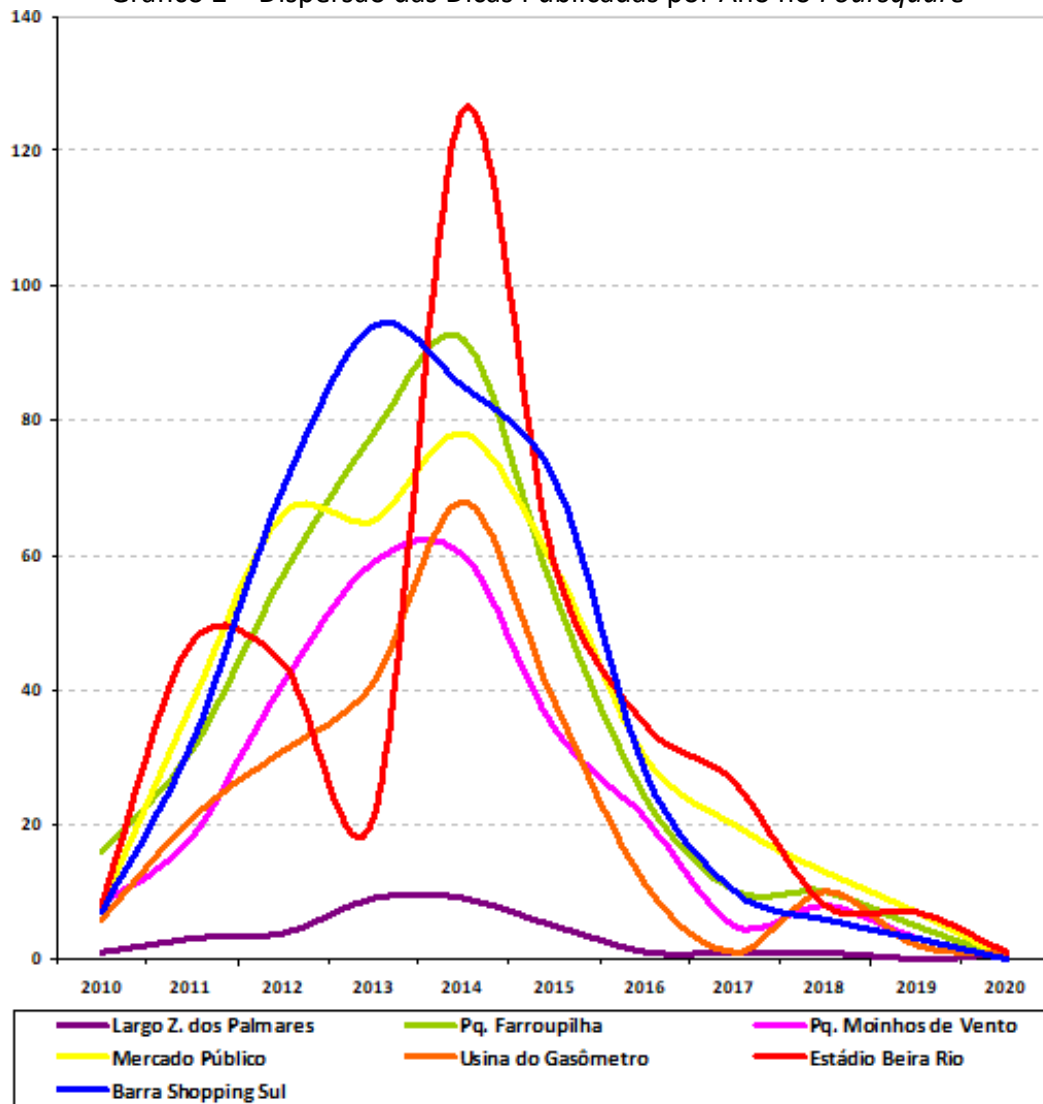
Entretanto, podemos traçar um paralelo entre as notas médias atribuídas pelos usuários a esses lugares e o poder aquisitivo das pessoas que por eles transitam. Enquanto o Parque Moinhos de Vento, localizado em uma das regiões mais nobres da cidade e símbolo de riqueza, é o lugar com a nota mais alta (9.4), os lugares mais populares amargam as notas mais baixas: Mercado Público, com 8.5; e, principalmente, Largo Zumbi dos Palmares, com 6.7. O fluxo de populares, como já constatado em estudo anterior (MASSONI, 2017), afeta diretamente na construção de uma representação negativa sobre os lugares, associando-os ao perigo e à sujeira. A esse respeito, Jodelet (2002, p. 41) nos lembra que, em muitas cidades, detectamos uma “cidade gloriosa”, que é enaltecida, e “uma cidade da qual se tem vergonha”. As notas médias atribuídas aos lugares analisados refletem essa visão de cidade, marcada pelo pertencimento a estes lugares.

Com relação ao sexo dos usuários que publicaram dicas, observamos que homens são maioria em todos os lugares, variando entre 52% e 68%. Entretanto, percebemos sua prevalência em alguns pontos do trajeto, especialmente no Estádio Beira-Rio (68%), enquanto mulheres, mesmo sendo minoria, se sobressaem na Usina do Gasômetro e no Parque Farroupilha (46% e 44%, respectivamente). De qualquer modo, fica evidente que houve uma maior publicação de dicas por parte de homens. Porém, se observamos os dados referentes à composição demográfica da população brasileira, em sua maioria predominam as mulheres.<sup>6</sup> Por fim, com menos de 5% das dicas em todos os lugares, também identificamos perfis de empresas, da Prefeitura de Porto Alegre, de movimentos sociais ou não identificados. Contudo, salientamos que alguns desses perfis podem ser falsos, como no caso de empresas que podem usar o aplicativo para fazer propaganda de suas marcas.

No Gráfico 2, apresentamos a distribuição das dicas por ano, em que é possível identificar em quais períodos houve as maiores e as mais baixas quantidades de dicas postadas pelos usuários. A quantidade de dicas deixadas pelos usuários varia muito: enquanto alguns lugares receberam, no total, mais de 400 (Barra Shopping Sul), outros não chegaram a 50 (Largo Zumbi dos Palmares). Entretanto, percebemos que houve um crescimento exponencial do número de publicações dos usuários entre os anos de 2010 e 2014, seguido por uma queda consecutiva em 2015 e 2016 para, a partir de 2017, diminuir consideravelmente a quantidade de dicas publicadas. Observamos que, em 2019 e 2020, nenhum desses lugares chegou a 10 dicas, o que evidencia que, na atualidade, o aplicativo vem sendo menos utilizado para essa finalidade. Contudo, como a análise englobou apenas os primeiros três meses de 2020, não é possível afirmarmos que há uma tendência ao desuso ou abandono efetivo do aplicativo por parte dos usuários.

---

<sup>6</sup> De acordo com a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNAD) de 2019, as mulheres representam 51,8% da população brasileira, ante 48,2% de homens (IBGE, 2019).

Gráfico 2 – Dispersão das Dicas Publicadas por Ano no *Foursquare*

Fonte: elaborado por Luis Fernando Herbert Massoni, 2021.

O ano de 2014 foi o que obteve maior número de informações postadas pelos usuários, especialmente no caso do Estádio Beira-Rio, que recebeu 126 dicas nesse ano, ante 21 no ano anterior. O provável motivo para esse fenômeno foi o fato do estádio ter sido sede da Copa do Mundo de 2014, enquanto permanecia fechado para reformas em 2013. Outra exceção foi a Usina do Gasômetro, que teve um aumento no número de dicas em 2018, enquanto os demais patrimônios tiveram redução no mesmo período. Não por coincidência, justamente quando foi concluída sua reforma, aguardada pelos frequentadores há anos, como fica evidente nas dicas postadas em sua página. Todas essas dicas se referem a assuntos presentes no cotidiano dos cidadãos, o que discutimos a seguir, na análise dos seus temas.

#### 4.4.1 Temas da Cidade nas Narrativas do *Foursquare*

Na página do Largo Zumbi dos Palmares, no *Foursquare*, constam 35 dicas. Os temas das dicas são, principalmente, elogios ao lugar e à sua capacidade de reunir pessoas, devido às atividades ali realizadas. Já na página do Parque Farroupilha, coletamos 377 dicas, tido como “a alma da capital gaúcha”, o “coração da cidade” e a “essência da cultura portoalegrense”, ele é considerado por alguns usuários o “melhor parque de Porto Alegre” e “um dos mais bonitos” do Rio Grande do Sul, um lugar que “todo mundo conhece ou já ouviu falar”, por ser o “parque mais tradicional da cidade”. Os temas das dicas dos usuários são, especialmente, declarações de amor ao lugar, onde percebemos muito afeto para com o Parque, embora o descuido em sua manutenção e a insegurança do local também sejam bastante mencionados – e lamentados.

Recebendo a aura de “mais porto-alegrense dos parques da cidade”, é um lugar de “muito amor”, que “transmite paz e sossego”, um “refúgio” em meio à correria da cidade, onde “dá até pra esquecer que se está em uma capital”. Por ser um “parque que te recebe de braços abertos”, ele é “o parque querido dos gaúchos”, o “mais vivo” parque da cidade, mas também o “lugar mais roots<sup>7</sup> de porto alegre”, pela diversidade das pessoas que por ele circulam. Por ser “um bom exemplo de espaço urbano que une diversão, cultura, lazer e tradição”, “não tem como vir a POA e não visitar esse parque”. Comparando-o a um famoso Parque dos Estados Unidos, um usuário afirma que ele “é o nosso Central Park”<sup>8</sup>.

Percebemos que os usuários demonstram uma forte relação afetiva com o lugar, sendo algo construído historicamente, pois esse foi um parque importante em vários momentos da história da cidade, além de possuir uma localização privilegiada. Seu popular apelido, Redenção, já foi seu nome oficial, antes de chamar-se Farroupilha, e remete ao período da abolição da escravatura, quando ali os negros eram libertos. Mesquita e Silva (2004) salientam o aspecto de que, em meio a vários nomes que o lugar já teve, um foi escolhido pela memória e pela afetividade popular,

---

<sup>7</sup> A expressão “roots” remete às raízes, ou seja, o lugar é adequado para quem deseja contato com a natureza e menos pressa.

<sup>8</sup> Tradução de “Is our Central Park”.

mesmo após sua substituição, mas advertem que é muito provável que os cidadãos que assim o nomeiam desconheçam a origem e os significados desse nome. Ou seja, embora o termo Redenção esteja sempre presente entre os transeuntes, ainda assim, a invisibilidade recai sobre a presença da cultura negra na história desse lugar.

No *Foursquare*, coletamos 257 dicas sobre o Parque Moinhos de Vento, sendo que seus temas são, principalmente, elogios e exaltações ao lugar, com dicas sobre o que fazer nele, distinguindo-o como a melhor área verde da cidade. Já no Mercado Público, coletamos 383 dicas que o apresentam como um “lugar emblemático no Centro de Porto Alegre”, uma “parada obrigatória” para quem quer conhecer a cidade, por ser “o coração de Porto Alegre”. Ele é um espaço “democrático”, de fácil localização, e “muita coisa bacana tem” nele, sendo um lugar “especial”, “bacana” e “fantástico”, um dos “mais incríveis de Porto Alegre”, onde “tem de tudo”, com tradição e variedade, sendo que “seus cheiros e a diversidade de produtos fazem do Mercado um lugar único para se visitar”. Por ser um “cartão postal da capital dos Gaúchos, com bancas que se encontra de tudo principalmente a cultura do Rio Grande”, ele é até lembrado como “ponto turístico-mor de Porto Alegre” e o perfil da Prefeitura no aplicativo informa: “Neste festival de aromas, cores e sabores, passam diariamente mais de 100 mil pessoas pelas 107 bancas distribuídas por dois andares. Quer conhecer a histórica do Mercado? Visite o Memorial no 2º piso!”.

As dicas evidenciam que, ao mesmo tempo em que é um símbolo da cultura local, o Mercado Público é algo que assemelha a cidade a outras capitais brasileiras, como São Paulo, Curitiba e Belo Horizonte. Um usuário opina que “mercados públicos são bons, a exemplo deste aqui”, enquanto outro adverte que é “o equivalente ao Mercado de SP. Menor, com menos opções, porém com preços bem camaradas”. Longe de ser unanimidade, há tanto os que o consideram “o melhor mercado do Sul”, como os que o veem com menos entusiasmo: “razoável, mas fundamental para turistas em Porto Alegre já que não há muito mais o que fazer”. Independente disso, ele carrega a aura de outros mercados públicos, com “aquela mesma confusão que há em todos os outros mercados centrais”, revelando uma memória compartilhada.

Entretanto, ele é diferente de qualquer outro, pois “é o Mercado Público do Portinho! Precisa dizer mais?”. Ele é “mágico... único... abençoado...”, sendo o melhor lugar para compras na cidade e um “polo gastronômico da capital”. Visitando-o, “se

conhece muito o Rio Grande do Sul”, como se o lugar fosse “quase que uma resenha”, pois é “a Biblioteca do Gastrônomo! O paraíso do Glutão! O Acervo da cidade!”. Ele é um dos lugares mais históricos e tradicionais da cidade e seu caráter popular, ao mesmo tempo em que é criticado, também é o seu maior encanto.

Coletamos 230 dicas sobre a Usina do Gasômetro, sendo que seus temas incluem, especialmente, o deslumbramento com o pôr do sol e a paisagem. Percebemos um forte vínculo entre os porto-alegrenses e o lugar, tanto nas menções afetuosas feitas sobre ele, como nos lamentos com relação ao seu estado de abandono, principalmente antes da reforma, concluída em 2018. A sujeira do lugar, bem como a falta de infraestrutura, foram os principais assuntos de teor negativo discutidos nas dicas. A Usina é descrita como um lugar “aprazível”, “o cartão postal de POA”. Para quem vem de fora, vale a pena conhecer, é “imperdível” por ser um “ícone” de Porto Alegre, um “pedacinho da cultura da cidade”, mas para o porto-alegrense, “é a parte de Porto Alegre que faz valer a pena morar aqui”.

Foram postadas 381 dicas sobre o Estádio Beira-Rio, sendo que nenhum dos usuários se refere ao local pelo seu nome oficial, José Pinheiro Borda. Uma análise transversal dos temas das dicas evidencia que elas são fortemente influenciadas pela emoção dos torcedores do Spot Club Internacional, considerado o “melhor time do mundo”, um “gigante”, o “amor maior”, o “time do coração” de muitos, o que se reflete na aura do lugar, que é um “estádio com alma”. Ele é a casa do colorado, este “baita time”, “rolo compressor”, “campeão de tudo”, glorioso, “o dono do Rio Grande”, um lugar que é “celeiro de Ases Patrão do sul dono das Américas”, o “lar do maior do sul”, a “estância do patrão” do estado, sendo o maior, melhor, mais bonito e sensacional estádio de Porto Alegre, do RS, do sul do Brasil, do Brasil, da América Latina, das Américas e “quicá do mundo”. Por ser “palco da paixão” pelo time e de suas vitórias, “nada é maior que o colorado no Gigante”, que é o “melhor lugar do planeta”.

Ressaltamos que a maioria das dicas, sejam elogios ou críticas, diz respeito ao time Internacional ou entrelaça o time e o Estádio, não se referindo exclusivamente ao lugar. Ou seja, o fato desse estádio ser a sede do time influencia diretamente em sua valorização pelas pessoas e no olhar que elas lançam sobre ele, o que confirma o

pressuposto de Arantes (2009) de que um patrimônio é sempre apropriado e valorado a partir de seus usos sociais.

Coletamos 406 dicas sobre o Barra Shopping Sul no *Foursquare* e, no que tange aos temas delas, nenhuma dizia respeito a questões históricas: em geral, todas abordavam aspectos negativos ou positivos sobre o lugar, sempre tomado como espaço de consumo e prestação de serviços privados. Cabe salientar a esse respeito, por óbvio, que ele é um dos *shoppings centers* mais novos da cidade, inaugurado em 2008. Então, uma eventual importância histórica para a cidade ou para a região ainda não é sentida.

Em uma análise transversal, percebemos que os temas das dicas publicadas sobre todos esses lugares apresentam-nos a partir de fortes relações afetivas tecidas na vivência dos cidadãos com o lugar. Eles são especialmente lembrados no que “tem de bom”, embora problemas também sejam elencados. Entretanto, percebemos que o teor das dicas varia de acordo com o lugar, pois enquanto questões históricas são lembradas a respeito do Mercado Público e da Usina do Gasômetro, o mesmo não se percebe sobre o Barra Shopping Sul, que tem sua narrativa muito mais amparada no tempo presente. O lugar é fundamental para compreender as representações sobre a cidade, o que justifica uma análise sobre seus cenários, como apresentamos a seguir.

#### **4.4.2 Cenários da Cidade nas Narrativas do *Foursquare***

Com relação ao cenário, o Largo Zumbi dos Palmares é lembrado como um “estacionamento liberado o dia inteiro durante a semana”, sendo um “bom lugar para se estacionar carros”, “limpo e agradável”, embora “muito quente”. Há, no entanto, uma controvérsia nas opiniões deixadas pelos usuários, pois, enquanto um o considera “seguro”, outro o cita como um “ponto de assaltos”. Essas diferentes percepções sobre o espaço são esperadas em qualquer estudo sobre memória social, pois a memória, sendo fruto das experiências, é sempre uma representação, uma versão dos fatos, incompleta por natureza, sendo impossível chegarmos a uma “verdade” ou uma reconstituição total dos fatos. Não são citados lugares específicos do Largo, como ilustrado no Mapa 6.



Mapa 6 – Lugares Mencionados no *Foursquare* sobre o Largo Zumbi dos Palmares

Fonte: adaptado de OPENSTREETMAP FOUNDATION..., [202-?].

A respeito do Largo, os esquecimentos são a principal característica das narrativas sobre seu cenário: não há menções a nenhum vendedor das feiras ali realizadas, nem a nenhum espaço específico e muito menos sobre a escultura Lança de Aço, localizada em suas imediações e que homenageia o herói abolicionista Zumbi dos Palmares. A forma como é representado este cenário confirma a afirmativa de Candau (2005), para quem nossas memórias são mais impregnadas daquilo que esquecemos em comum do que daquilo que lembramos em comum.

O Parque Farroupilha é citado como um lugar de “fácil acesso”, “um bosque ao lado do Centro”, com belas paisagens, “ambiente ao ar livre”, árvores e “muito verde”, “extenso”, com “espaço de sobra”, bem arborizado e “limpinho”, com sombras. Os usuários se referem a ele utilizando adjetivos como “lindo”, “muito legal”, “belíssimo” e “formidável”, ao ponto de um questionar: “existe lugar mais bonito?”. Ele é “tranquilo” e “diversificado”, sendo “uma bela atração turística da cidade”, por representar “a melhor parte de Porto Alegre!” A Redenção é um lugar onde o respeito à natureza está tanto nas pessoas como nas políticas de uso, sendo sugerido que se leve repelente ao visitá-lo. Ele “possui hotspots wi-fi espalhados pelo parque” e algumas empresas utilizam de sua página para fazer propaganda de seus serviços.

Embora não sejam contribuições dos usuários comuns do aplicativo (pessoas físicas), as informações que compõem as dicas tecem a narrativa sobre o lugar. É importante registrar que existem também informações de caráter publicitário de diversas empresas que se apropriam de elementos do lugar e suas significações como estratégias de *marketing* para divulgar seus produtos e serviços e veicular as suas marcas com objetivo de criar vínculos entre as empresas produtoras de bens e serviços e o público consumidor, a partir das representações sobre o lugar. Conforme Murguia (2010, p. 11), ao estudarmos a memória social, é preciso “[...] observar a memória como um agenciamento social formado por diversos discursos, diferentes agentes e instituições nos quais ela é criada, ela se contrapõe e se perpetua através dela mesma ou em contraposição com outros discursos e outras instituições.”

No Mapa 7, assinalamos os lugares mencionados pelos usuários no aplicativo. Um usuário cita que ele é “bem família”, parecendo até “uma praça do interior”. Ele é citado como uma área verde que é o “pulmão do bonfa”, apelido do bairro Bom Fim, mas também o “pulmão da cidade”, de onde se pode contemplar um belo pôr do sol. Das vias próximas, são mencionadas apenas a Av. Paulo Gama, próximo à qual há uma estação do BikePoa, bem como a Rua José Bonifácio, onde estão localizados a Bellona Sorvetes Artesanais, a Confeitaria Maomé e o Brique, que é “um ícone da cidade”. Embora não seja mencionada, é na Av. Osvaldo Aranha, principal via do bairro, onde se localiza a Lancheria do Parque, conhecida e apreciada pelos porto-alegrenses, com destaque aos seus sucos.

Dos espaços internos do Parque, são mencionadas suas quadras de esportes e a pista de atletismo que compõem o Parque Ramiro Souto (não mencionado nominalmente, ao contrário do áudio da Linha Turismo), o salão de jogos (xadrez, damas, cartas), a pista de bocha, o mini zoo (extinto em 2011), o parquinho, bem como as trilhas internas. As principais áreas da Redenção estão localizadas nas imediações do Eixo Monumental, que divide o Parque ao meio, onde podemos encontrar o Monumento ao Expedicionário (também chamado de Pórtico, não mencionado pela Linha Turismo), a Fonte Luminosa (também chamada de chafariz, ótima para fotos após o pôr do sol) e o Espelho D’água. De um lado do chafariz, encontra-se o cachorródromo; do outro, o Auditório Araújo Viana. Localizado ao lado do Auditório, é mencionado o Recanto Oriental (também chamado de Templo Budista ou



disputas entre os usuários em relação aos três parques para saber qual é o favorito dos porto-alegrenses. Embora distante dois quilômetros, um usuário cita que o Parque está “ao lado do Gasômetro”, o que evidencia uma ligação simbólica de complementaridade entre os dois lugares, pois na página da Usina do Gasômetro, a Redenção também é mencionada. Essa relação afetiva entre os dois lugares, mesmo tão distantes, só pode ser explicada pelas sensibilidades das quais disserta Pesavento (2005), que são fruto mais das representações e do sentido do que da realidade física.

Alguns elementos do Parque não foram lembrados pelos usuários. Podemos mencionar o Orquidário, o Roseiral, a Fonte Francesa, o Recanto Europeu, o Recanto Solar, o Recanto Alpino, a estátua Gaúcho Oriental e outros monumentos pequenos (o Parque possui 38, no total), bem como as igrejas localizadas em suas imediações, que são citadas pela Linha Turismo. Além disso, embora seus espaços sejam lembrados, não há menções especificamente ao Parque Ramiro Souto e ao Mercado do Bom Fim, também lembrados na narrativa oficial.

Mas o cenário do lugar, nas narrativas, não é lembrado apenas pelo que há de bom, pois é bastante criticado por não ter o cuidado que deveria, com falta de manutenção e sujeira, fruto do descaso dos governos locais, com menção à Prefeitura, embora alguns usuários chamem atenção da própria população, instruindo-a a jogar o “lixo no lixo”. Um usuário lembra sobre o mau estado de conservação dos monumentos: “a praça precisa de mais cuidados, estátuas em homenagem aos nossos heróis sem identificação. A Prefeitura está desleixada com o parque, merece mais zelo”, enquanto outro zomba: “venham rápido conhecer um parque no centro de Porto Alegre abandonado e totalmente destruído. Vcs nunca viram isto no mundo. É imperdível”. Também há uma menção a árvores velhas que caem e matam pessoa, configurando um “arvorecídio”, bem como a sugestão de se ter “cuidado com os bebedouros”. No lugar, há problemas de drenagem e, quando chove, vira um “verdadeiro lamaçal” – quando isso acontecer, “nem se atreva a entrar no parque”. Um usuário afirma que “o sinal do wifi da procempa não é dos melhores”, enquanto outro sugere que, quem for usar o wi-fi, deve ter “cuidado com o notebook, celular, etc.”.

Aliás, a insegurança é um dos problemas mais apontados, pois “alguns pontos são desertos e com gente esquisita”, sendo que “falta iluminação”, pois “pela tarde é

uma maravilha, já a noite é um terror”, evidenciando uma “insegurança exacerbada em relação à criminalidade”. À noite “não é naaaaada seguro!”, por ser muito escuro, sendo “ótimo para ser assaltado”. É um lugar “violento” e “tem coisas que fazem dele muito perigoso”, ocasionando em relatos como o da usuária que afirma: “não me senti segura o tempo todo, mesmo sendo de dia”. Por outro lado, percebemos que a sensação de insegurança nem sempre é fruto de experiências das próprias pessoas, sendo resultado de representações sociais sobre a cidade difundidas por outros meios, como nessa dica: “dizem que é perigoso, fui um pouco antes de anoitecer e achei excelente para uma corrida ou caminhada”. A falta de segurança, mesmo assim, é “um grande problema”, fazendo com que alguns usuários evitem o lugar e lamentem, pois “um parque que é símbolo da cidade não pode ficar atirado as traças!”. Por isso, algumas dicas sugerem que ele seja revitalizado – uma dica de 2015 apontava que o Parque estava revitalizando sua área central.

O Parque Moinhos de Vento é lembrado como “a esquina mais charmosa do bairro”, “convidativo” e “aconchegante”, um lugar “bacana”, de paz e tranquilidade, o mais próximo de ar puro que Porto Alegre dispõe, depois da extrema Zona Sul. É um lugar arborizado e com muita sombra “no meio da cidade”, sendo o “mais bem localizado”, representando o “melhor lado da cidade”, tendo “boa estrutura”, “com Wi-fi” e, em seu entorno, encontram-se estacionamentos, bicicletas para alugar, restaurantes, bares, pizzarias e o Shopping Moinhos de Vento. O Parcão é “lindo e bem cuidado”, limpo, seguro, arrumado e “agradável de sentar com a família sem se preocupar com nada”, com “vários lugares bacanas no entorno”, além de animais e belas paisagens.

Para um usuário, a chegada da primavera é ótima no Parque, enquanto outro afirma que, no verão, o lugar “é fonte interminável de raios UV”, ao passo que um terceiro o considera “perfeito pra uma tarde agradável em qualquer época do ano!”, sendo “bem grande”, “um parque bem família”, a ponto de um usuário considerá-lo sua terceira casa. O lugar é “maravilhoso”, “incrível”, um “charme puro”, o “melhor lugar do mundo”, sendo citado como o parque predileto de alguns usuários ou o melhor da cidade, mas encantando também a quem vem de longe: “Nossa lugar lindo!! Nada igual em Santa Catarina!”

Entretanto, um usuário adverte: é bonito, “mas nada imperdível. Se você não tem muito tempo na cidade, dê prioridade p/ outros pontos turísticos”. E as críticas não param por aí, pois o parque também é citado como mal iluminado, “um pouco mal cuidado”, com “cara de abandonado”, com muitas pedras soltas nas calçadas, sendo que “poderiam substituir a areia por outra coisa”, pois, quando chove, “o parque todo vira um barro só”, além dos “muitos pontos de alagamento” na grama e de ser pequeno demais para correr.

Também destoando da maioria, um usuário considera o Parcão “bagunçado e estranho” e lamenta: “Porto Alegre não cuida das suas áreas públicas”, enquanto outro sugere que se tenha cuidado ao andar por ele, devido ao acentuado de sua geografia. A incidência de mosquitos no lugar incomoda outro usuário, que sugere: “passe repelente!”, enquanto outro pede: “não suje o lago, por favor”. A insegurança também é mencionada, com assaltos que ocorrem “em dias pouco movimentados” ou “ao sair do Parcão”. Sem explicar melhor o porquê de não gostar do lugar, um usuário dispara: “parque da pagação... Não rola.” Salientamos que nosso recorte temporal inclui dicas publicadas desde 2010 e, por isso, alguns dos problemas de infraestrutura apontados podem já ter sido solucionados, especialmente após o Parque ser adotado pela construtora Mielnick Even, que também adotou outras praças e parques da cidade e os reformou. Ainda com relação aos cenários do Parque, alguns lugares nele ou próximos a ele são mencionados pelos usuários, como ilustrado no Mapa 8.

Com relação às ruas, são mencionadas pelos usuários todas as vias que circundam o Parque, com exceção da Rua Mostardeiro. São citadas a Rua Comendador Caminha, a Av. 24 de Outubro e a Av. Goethe, artéria que cruza o bairro – na esquina dessas duas últimas localizavam-se três *pokestops*, do jogo *Pokémon Go*. Também é mencionada a Rua Padre Chagas, principal *point* do bairro à noite, e a Calçada da Fama – tanto a Rua Padre Chagas como a Rua Fernando Gomes são conhecidas por esse apelido, mas como o usuário não deixava explícito a qual se referia, optamos por sinalizar a segunda. O Parque é lembrado pela sua proximidade com o Shopping Moinhos de Vento e por nele estar localizada uma Parada da Linha Turismo. O Parcão é lembrado por muitos usuários como um lugar para lancha, com muitas opções gastronômicas na região, mas apenas identificamos menções a duas lanchonetes específicas: Subway e Vita Juice. Já o bar Cult Pub, que atualmente não está mais em

funcionamento, também foi lembrado e recomendado por um usuário. Uma pessoa também o cita como o melhor parque para apreciar o pôr do sol.

Mapa 8 – Lugares Mencionados no *Foursquare* sobre o Parque Moinhos de Vento



Fonte: adaptado de OPENSTREETMAP FOUNDATION..., [202-?].

Dentro da área do próprio Parque, são lembradas a Pracinha de Brinquedos das crianças, as Pistas de Corrida, que possuem dois percursos: um menor, com 650 metros, e outro mais longo, com 1.000 metros. Também são lembrados o Lago, com diversos animais à sua volta, o Moinho que se encontra no centro do lugar, além do Colégio Uruguai, na frente do qual é possível encontrar muitos cães brincando no cachorródromo (embora este não seja efetivamente citado). Por fim, um usuário cita o “lindo” Monumento a Castelo Branco, com seu “estilo arquitetônico moderno, que representa três guerreiros vigilantes, construído pelo artista Carlos Thenius, em 1979”. O nome de Castelo Branco, entretanto, não é mencionado.

Com relação ao seu cenário, o Mercado Público é citado como um prédio bonito, amplo, com “um ambiente muito agradável”, sendo que “basta caminhar por este edifício histórico para garantir algumas vistas únicas”<sup>9</sup>, valendo a pena “a visita

<sup>9</sup> Tradução de “Just walking through this historic building will guarantee some unique sights”.

pela arquitetura e pela história”, além de possuir uma “ótima luz para se fotografar ao cair da tarde”. As pessoas relatam amar a “atmosfera local” por ele ser “uma zona” e ter “cara de centro”, o que evidencia um carinho delas pelo seu caráter popular, aqui tido como qualidade. É citado que “poucos mercados públicos têm uma estrutura tão boa”, embora outros usuários consideram-no aquém de outros mercados do mesmo gênero: “se estiver procurando algo parecido com o de Curitiba, Belo Horizonte ou São Paulo, você irá se decepcionar. Não é voltado ao turismo e parece um pouco mal cuidado. Péssimo estacionar ao redor.”

Ele está localizado “bem no centro de Porto Alegre”, possui “bons restaurantes e produtos de primeira qualidade”, com “comida muito boa, preço justo com toques da cultura local”, o que fica evidente em seus “aromas”, pois “aquí os cheiros, gostos e crenças do Brasil e do mundo se misturam... Viram uma coisa só... Venham com calma pra apreciar cada cantinho”. O afeto na relação com esse lugar é um destaque nas dicas deixadas, como no usuário que menciona: “Um dos meus lugares preferidos da terrinha. Tem tudo para minhas experiências gastronômicas. Preço, qualidade e tradição!”. Essa memória afetiva com o Mercado é marcada tanto pelas lembranças das vivências dos próprios cidadãos como pelo sentimento de pertencimento ao lugar que advém de sua tradição, ou seja, de sua importância não apenas no cotidiano das pessoas, mas também na história da cidade. Se a memória é formada por aquilo que nos afeta (GONDAR, 2016), este afeto com o lugar é revigorado por meio dessas sensibilidades presentes cotidianamente.

Dos estabelecimentos comerciais localizados em seu interior, são citadas: Banca 10, com os melhores sucos e sorvetes da cidade; a Banca 12, com produtos naturais, cereais e suplementos com bons preços; a Banca 13, pela proteína de soja; a Banca 26, por ter o melhor preço; a Banca 33, pelo bom atendimento e a melhor erva (“a do Clóvis”); Banca 38, pelo atendimento impecável e pelos frios e produtos importados; Banca 40, com “mais de 80 anos de tradição” e ótimos lanches: o sorvete com salada de frutas, nata e morango, a Bomba Royal, o açaí, o caldo de frutas, o Lanche do Paulista, o Sanduíche da Casa e, no inverno, a Sopa de Capelleti. Um usuário cita que o lugar lembra o “sabor da minha infância”; Banca 42, pela geleia de morango; e a Banca 43, pelo bom atendimento (exceto caixas, com mau humor) e queijo sem



lactose, salada russa, pastrame, lombo defumado apimentado fatiado e a pasta caponata.

Também são citadas a Banca do Holandês, “imperdível” e famosa, “peca pelo atendimento com gracejos e brincadeiras excessivas”, possui temperos, queijos, patê de berinjela, missô macrobiótico, caponata, frios frescos e cortados na hora; o Café do Mercado, sendo citado que “um dos melhores cafés do centro de Porto Alegre é o do café do mercado, só perde pro café do porto memorial”, embora a maioria considere ele próprio o melhor; Banca da Reforma Agrária, do Movimento Sem Terra, “onde encontra-se os produtos mais frescos, orgânicos e livre de agrotóxico, sem químicos e sementes transgênicas, e são todos certificados”, sendo citados a geleia de morango, o queijos, o iogurte e a água gelada; a Banca Central, com o catupiry à granel; a Banca Macrobiótica; as “barraquinhas de pimenta”; a Lancheria Panamericano, pela torrada e o pastel frito na hora; e a Pastelaria do Seu João. De restaurantes japoneses, são citados a Temakeria Japeska, o Sayuri (recomendado pelo yakisoba) e o Sushi Seninha.

De restaurantes, mencionam o “centenário restaurante” Gambrinus, sendo sugeridos o bolinho de bacalhau, mas “precisa ter sorte de chegar na hora em que ficam prontos”; o Mamma Julia, pelo pastel de Bacalhau, carne bovina e feijão; o Marco Zero, com o “buffet livre mais gostoso do Sul do Brasil”; o vegetariano Telúrico; além do destaque dado aos restaurantes do mezanino. São lembrados também o Bar Naval, um dos mais tradicionais bares da cidade, com 101 anos, com opções de peixes e frutos do mar; a Doceria de Pelotas; a Confeitaria Copacabana, pelo bolo de aipim e o pão de cerveja; o Armazém do Confeiteiro, a padaria Pão de Açúcar, sendo recomendada a cuca, embora um usuário não recomende o lugar; o Costelão do Mercado, para quem busca carnes; e o San Remo, com carne novinha e suculenta. Sem identificar qual, um usuário cita que “tem um bar/restaurante lá dentro que o litrão de budweiser custa 10 pila. puro amor!”. Também há menções ao Posto de Informações Turísticas localizado ao lado do Mercado, “que vende ingressos para o city tour de ônibus”.

O Mercado, conforme dica deixada no *Foursquare* em 2013 pelo perfil da Prefeitura, possui 107 bancas, sendo que apenas 30 são lembradas pelos usuários, enquanto que a narrativa da Linha Turismo não cita nenhuma banca em especial. Ao contrário da narrativa da Linha Turismo, identificamos que os usuários do *Foursquare*

não citam o Bará do Mercado, assim como as bancas de artigos de matriz africana, popularmente chamadas de floras, também não são lembradas nas dicas. Isso é bastante significativo, pois o Bará está enterrado exatamente no centro do Mercado, visível a qualquer pessoa que passe pelo local, em especial por estar, muitas vezes, rodeado por fiéis. O Mapa 9 apresenta a localização do Mercado e dos lugares próximos citados.

Mapa 9 - Lugares Mencionados no *Foursquare* sobre o Mercado Público



Fonte: adaptado de OPENSTREETMAP FOUNDATION..., [202-?].

Além das bancas, outros espaços citados são o Memorial, localizado no segundo piso, para quem quer conhecer a história do Mercado. Os banheiros são muito criticados, sendo recomendado “se puder evitar, melhor. Não acho muito legal a ideia de uma pessoa separando o papel higiênico que você vai usar”, além da sujeira e do cheiro desagradável e de serem cobrados: “Mercado Público com banheiro privado e igual a banheiro público”. Outras críticas recaem sobre o bicicletário, citado como “o pior” que a pessoa já viu, sendo que “o pessoal da administração poderia ter tido um cuidado maior”, além da escada rolante e do elevador, que nunca funcionam. Também há menções ao bairro Centro Histórico, ao Largo Glênio Peres (embora não seja citado nominalmente, é lembrado como um lugar para se estacionar aos sábados), além do Trensurb.

Apesar de estar localizado no centro da cidade, um usuário considera que “sua localização não é muito privilegiada, infelizmente”, enquanto outro alerta que “tem bastante seguranças mas ainda passa sensação de abandono”, sendo a Prefeitura da cidade responsabilizada pela sensação de abandono do local. Os odores do lugar são bastante citados, devido ao “tenso” e “desagradável” cheiro de peixe, devido às várias bancas que comercializam o produto, especialmente às quintas-feiras. Nas palavras de um usuário, o lugar possui um “cheiro exótico”, enquanto outro resume: “Cheiro de café - cheiro de peixe - cheiro de café - cheiro de peixe - cheiro de café café café peixe peixe peixe”. No verão, não é recomendado para almoço, pois, quando a temperatura passa dos 30°C, “os umidificadores não dão conta e o ambiente fica muito desagradável”, sendo que “todos os restaurantes deviam ter ar condicionado”.

De acordo com alguns, o lugar “está muito largado”, sujo, sem higiene, mal iluminado “por dentro e por fora”, “muito cheio”, barulhento, desorganizado, “escuro e o chão um tanto sujo”, com “fiação elétrica exposta, já pegou fogo inclusive”, nele “não existe fraudário [sic]”, alguns lugares são “um tanto sujos e bem duvidosos” e algumas bancas são consideradas caras. Em resumo, é “um inferno”. Percebemos que muitos problemas são apontados com relação à infraestrutura do lugar, o que “é lamentável pois é um local histórico”. Alguns usuários destacam que ele “carece de uma boa revitalização” e modernização.

A análise do cenário da Usina do Gasômetro evidencia um lugar que divide opiniões, pois ele é “super grande”, “tem programação cultural e oferece informações turísticas úteis”, com uma “arquitetura privilegiada” que proporciona um coletivo de atividades e atrações que tornam “toda montagem uma experiência única”, em um espaço “bárbaro” para “criar”. A Usina é um “espaço enorme” do qual “a população tomou conta”, sendo um ambiente diverso e eclético. Apesar disso, alguns usuários consideram um lugar sem “nada demais”, “sem muitas opções”, sendo recomendada “mais pra quem gosta de história”.

Apesar da vista bonita, o lugar “não é tudo que dizem”, pois possui “infraestrutura ruim e espaço pouco aproveitado” e, sem as exposições (citadas como “ruinzinhas”), “é um mero galpão”, com uma estrutura que precisa totalmente de reformas. Os usuários consideram “uma pena um equipamento com tanto potencial estar subutilizado e mal cuidado”, um “ponto turístico de Porto Alegre ser tão jogado

as traças”, com “calçadas quebradas”, “água suja” e “vendedores de baraquinhas [sic] sem higiene”. O lugar foi restaurado para a Copa do Mundo de 2014, mas permaneceu “com muitos traços de abandono, terraço fechado, apenas o posto de informações turísticas é bem equipado e com funcionário atencioso”. Para uma pessoa, trata-se de um espaço subaproveitado, pois poderia ter exposições mais frequentes e um bom café, enquanto outra alega que “os banheiros precisam de reforma urgentemente”, destacando que a fiação também é perigosa. O lugar é lembrado como sendo tão sujo e mal cuidado que um usuário que foi conhecê-lo achou tanta “perda de tempo que nem quis ficar pra ver o tão falado pôr-do-sol [sic]”.

O entorno da Usina, incluindo a orla e o calçadão, também é criticado, pois está “ao léu” e precisa “dar uma revitalizada” devido à “sujeira e cheiro de lixo”. Um usuário considera “uma pena que o local e os arredores estejam tão degradados” enquanto outro reclama da época em que a orla estava cercada, antes da reforma, quando não era possível “chegar perto da lagoa” e que isso era “triste”. A insegurança do lugar é outro ponto destacado, pois os usuários sugerem que o transeunte esteja “atento e procure não ficar ‘isolado’”, evitando ficar em horários de pouco movimento.

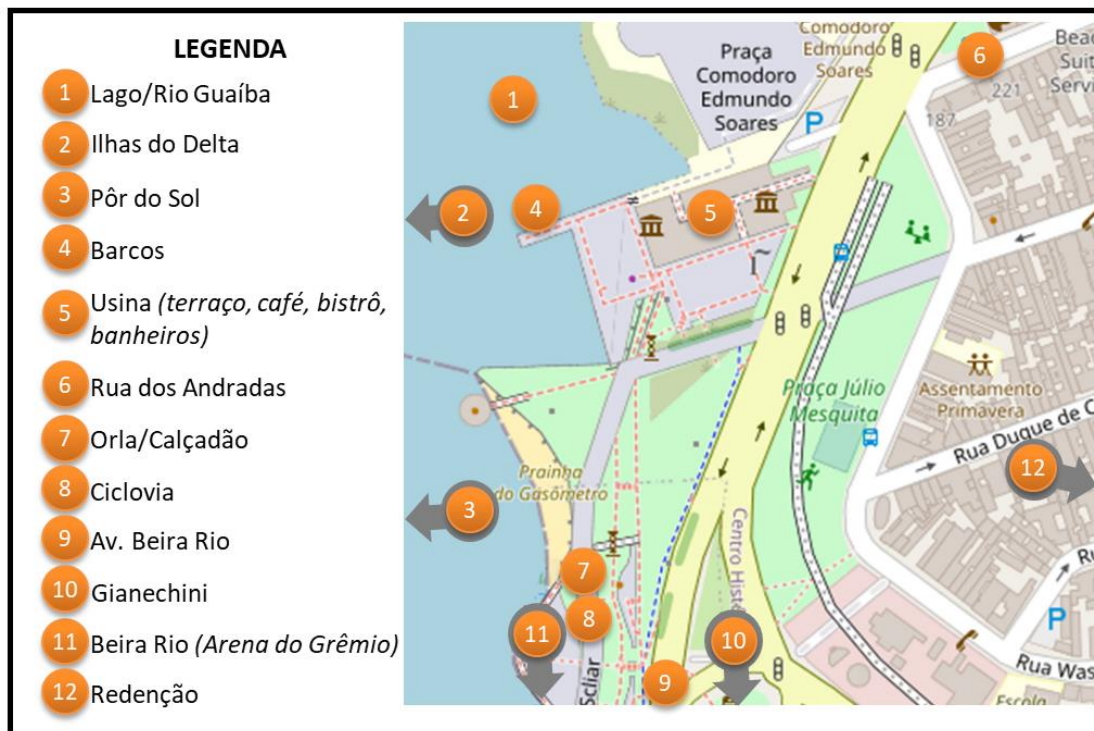
No Mapa 10, sinalizamos os lugares mencionados pelas pessoas no *Foursquare*. A Usina se destaca pela sua localização privilegiada, com “fácil acesso para andarilhos como eu pela rua dos Andradas” e lá há “bancos com sombra” e barraquinhas com água de coco “sempre bem gelada”, sendo citada a barraca do Gianechini. Embora essas bancas tenham sido citadas, após a reforma da orla elas foram removidas das proximidades da *Usina* e realocadas próximo ao Anfiteatro Pôr do Sol, também na orla, mas bem distante do ponto original, sendo o novo lugar bem menos movimentado do que o entorno da Usina. Por esse motivo, assinalamos a barraca do Gianechini fora do mapa. Por alguns é usado “só para deixar o carro e comprar uma água no Gianechini”, embora seja “difícil de achar onde estacionar” e outro usuário considere “um assalto o preço para estacionar” nas ruas das redondezas, além dos flanelinhas<sup>10</sup> “mal encarados” e “não credenciados”, o que “desestimula o passeio”. Na opinião dele, a Prefeitura deveria tomar providências. A orla e o calçadão são mencionados nas dicas,

---

<sup>10</sup> Expressão local para se referir a cuidadores de carros.

juntamente com os barcos que realizam passeios pelas Ilhas do Delta, assim como a ciclovia que acompanha a Av. Beira-Rio.

Mapa 10 – Lugares Mencionados no *Foursquare* sobre a Usina do Gasômetro



Fonte: adaptado de OPENSTREETMAP FOUNDATION..., [202-?].

Mas o grande destaque da Usina é, sem dúvidas, o pôr do sol, citado como símbolo da cidade e para o qual encontramos adjetivos como “único”, “perfeito”, “lindíssimo”, “incrível”, “deslumbrante”, “magnífico”, “fantástico”, “esplêndido”, “um espetáculo da natureza”, “energizante”, embora alguns fiquem “sem palavras” diante do fascínio de assisti-lo, pois ele “dispensa comentários” e até “faz sonhar”. Ele causa tamanha emoção em algumas pessoas que o visitam que é considerado não apenas o “mais lindo de Porto Alegre”, “mais lindo do estado” ou “do sul do Brasil”, mas também o “mais lindo do Brasil” e até o “mais lindo do mundo!”. Embora, obviamente, não seja consenso: “de fato não é o melhor do mundo, contudo é muito bonito, marcante e sem dúvida muito expressivo”. O afeto dos porto-alegrenses por essa paisagem é tão forte que algumas empresas utilizam dele para divulgar sua marca: “Veja um belo pôr-do-sol [sic] com os amigos às margens do Guaíba. E veja a vida com um olhar inovador repleto de novas oportunidades. Unisinos Porto Alegre. Somos

infinitas possibilidades.” Mas a paisagem não precisa ser apreciada apenas pelos olhos nus, pois lá “as fotos ficam mágicas!”.

Dentro do prédio da Usina são destacados um café “simples” no 2º andar, os banheiros (criticados pela sujeira), um bistrô e o terraço do 4º andar, lugar mais apreciado e que, quando está fechado, rende lamentos. As pessoas citam que lá há uma “exposição belíssima” e grama sintética “ótima para deitar e relaxar”, mas a maior dica é “subir pelas escadas até bem lá em cima pra curtir a vista” linda “do Guaíba e da cidade”. Pela sua geografia, o Guaíba se caracteriza como um lago, mas alguns usuários insistem em chamá-lo de rio, perpetuando uma memória antiga da população, que assim o conheceu. Aliás, essa não é a única informação equivocada para quem visita o terraço da Usina: um usuário cita a vista “show de bola” da Arena do Grêmio, mas esta informação está equivocada e ele provavelmente quis se referir ao Estádio Beira-Rio.

Além da Arena do Grêmio equivocadamente citada, também foi mencionado por um usuário que a Usina fica “ao lado da Redenção”, o que não é verdade, pois estão localizadas a dois quilômetros de distância. Enquanto lugares distantes são lembrados, lugares próximos são esquecidos pelos usuários, como a Estátua de Elis Regina e a chaminé, que em nenhum momento são citadas. A Rua dos Andradas e Av. Beira-Rio são as únicas vias citadas, sendo desconsideradas outras vias de importância histórica próximas, como a Rua Duque de Caxias e a Rua Riachuelo.

O Estádio Beira-Rio é lembrado por um usuário como “uma referência. Não só material. Muito do caráter dos gaúchos foi ‘construído’ nele”. Ele é “um palácio”, organizado, limpo, seguro, “confortável e de fácil acesso”, sendo que “o sistema de transporte coletivo, operado nesta zona pelo Sistema Transportador Sul, oferece 25 linhas de ônibus (dentre elas quatro linhas rápidas) que passam pelas dependências do Sport Club Inter”. O Estádio é um “templo sagrado” do futebol, um “Coliseu”, um “luxo”, um “espetáculo”, com uma infraestrutura que impressiona e o torna “digno de copa do mundo”, “de primeiro mundo e primeira divisão”. É um “paraíso”, com “lindo design”, moderno, “espaçoso para se sentar”, confortável e “tem bom wifi”, “um dos 5 mais imponentes do mundo”, lindo com as luzes ligadas e “até no escuro”, “é de primeiro mundo, não é grêmio” (em alusão ao adversário e coirmão). O Estádio possui “a vista mais bonita”, ao mesmo tempo em que essa “casa colorada ruga e embeleza a

cidade de Porto Alegre”, deixando alguns usuários “sem palavras para descrever a emoção”.

Alguns lugares específicos do Estádio são citados, como a Área VIP, que “vale o ingresso”, pois é “top” em dias de jogo e “tem os melhores banheiros e bares, parece um shopping center”, sem filas de espera no intervalo para quem quer um picolé italiano coberto com chocolate. Os banheiros são impecáveis, assim como a linda cobertura inaugurada após a reforma de 2014. São mencionados também a arquibancada superior, a arquibancada inferior, o placar eletrônico (é sugerido sentar perto dele em dias de muito sol para obter sombra mais cedo), o gol (goleira), os vestiários, o portão 7 (de onde sai a visita guiada), o gramado e as entradas da parte de trás, por terem filas menores. Esses cenários se misturam nas lembranças de algumas pessoas: “O mar vermelho antes da entrada, cerveja antecipando um jogo, inferior sul a frente da bandeira de escanteio. Antes era bom, mas agora melhorou!”. Também há menções aos equipamentos culturais do Estádio, como o Museu Sport Club Internacional - Ruy Tedesco, que conta a história do time e expõe os troféus conquistados, além do Monumento Fernandão, em homenagem ao ex-capitão do time, morto em um acidente em 2014.

Também é citado o estacionamento, que divide opiniões, pois, enquanto há quem o recomende: “utilize o estacionamento oficial, não é caro e é fácil sair no final”, há quem os critique, por ser um “caos” estacionar e sair com o carro em dia de jogo, pela falta de ajuda por parte dos funcionários (“não esperem precisar de ajuda no estacionamento C. Você será ignorado por todos”), assim como pelo preço do edifício garagem, que “não compensa”. É citado que, apesar das melhorias após a reforma, o estacionamento continua apresentando problemas, como alagamentos em dias de chuva, e um usuário sugere a colocação de britas onde há chão batido. A vista e o entorno do Estádio também são citados, com menções ao Lago Guaíba (referido como rio) e ao pôr do sol, pois “todos têm estádios, ninguém tem esse pôr-do-sol [sic]”, uma paisagem que é patrimônio da cidade e fica ainda mais belo com o Beira-Rio.

Também identificamos algumas dicas de locais para quem deseja comer e/ou beber nos dias de jogo: há vários “bares com boa comida”, como o bife à parmegiana do Quiosque, e o burger de R\$ 6 do Mek Aurio (melhor do que os cachorros-quentes vendidos a R\$ 12 dentro do Estádio). Comer pipoca e tomar uma “Heineken no portão

8” também são sugestões, além do Lucas Bar, Irineu’s Bar e Tele-X, que “continuam sendo as melhores opções para beber antes do jogo. Ou os ambulantes do Marinha”, em uma referência ao Parque Marinha do Brasil. A Arena do Grêmio, estádio do coirmão, também é lembrada, sempre em circunstância de comparação entre os dois, em uma disputa para se escolher qual é o mais bonito. Um usuário cita que o Beira-Rio só não é melhor do que o Maracanã, enquanto um torcedor do Cruzeiro Esporte Clube lamenta que o estádio de seu time, o Mineirão, tenha piorado após as reformas para a Copa de 2014, ao contrário do Inter, que “está de parabéns”.

Mapa 11 – Lugares Mencionados no *Foursquare* sobre o Estádio Beira-Rio



Fonte: adaptado de OPENSTREETMAP FOUNDATION..., [202-?].

Os lugares lembrados pelas pessoas encontram-se assinalados no Mapa 11. Saliencamos que alguns deles não estão mais em funcionamento, como é o caso do Tele-X e do Mek Aurio. Por estarem muito distantes, também não assinalamos os estádios Maracanã e Mineirão. Não identificamos nenhum estabelecimento nominado Quiosque nas proximidades do Beira-Rio, podendo este ser um nome popular que os frequentadores utilizam para se referir a algum dos outros bares.

Mas todo esse encantamento em relação ao Beira-Rio não o poupa de críticas, pois ele é “meio caído”, sendo criticada a distância do torcedor em relação ao gramado, além da necessidade de melhorar o entorno, pois há “muito engarrafamento em dias de jogos” revelando um estádio “um pouco mal planejado”. Um usuário



sintetiza: “Bem-vindo ao inferno”, ao passo que outro ironiza: “Estádio visivelmente remendado. Padrão Fifa: cheio de poça, sujeira e buraco. Sem contar a lona de circo que esqueceram de tirar.” Muitas opiniões contrárias foram identificadas: enquanto um usuário acha o Beira-Rio “bonito por fora, mas deixa claro q é um local antigo e reformado”, outra afirma que “é feioso por fora, mas por dentro tem um belo acervo”. Nem o próprio aplicativo escapou das críticas: “que palhaçada este foursquare... tinha a chaminé do inter com um monte de check-ins e gente e fecharam”. Percebemos que algumas críticas, pelo tom adotado, são de gremistas movidos pela competição entre os dois times, como os usuários que se refere ao Estádio como o um “lixo” e “remendão do coirmão”. Salientamos, também, que algumas dessas dicas foram publicadas antes de 2014, referindo-se a problemas sanados quando de sua reforma.

Em meio a elogios e críticas, muitos lugares são lembrados com carinho pelos torcedores, mas também há diversos elementos do entorno do Estádio que são esquecidos, como o Gigantinho, a Banda Saldanha, a escola de samba Imperadores do Samba, o Asilo Padre Cacique, o Colégio Maria Imaculada e a Capela de Nossa Senhora das Vitórias (dentro do Estádio), além de nenhuma rua ou avenida ser mencionada.

Com relação aos cenários do Barra Shopping Sul, ele é citado como um “baita shopping”, “gigante”, amplo, seguro, agradável e que “tem de tudo”, com “boa estrutura e planejamento”, bem climatizado, arejado, iluminado, “espaçoso e com grande variedade de lojas” legais, “tops”, “bem selecionadas” e exclusivas, das mais baratas às mais caras, para todos os estilos, tão “enorme” que “às vezes até cansa caminhar de ponta a ponta”, rendendo o relato: “não consegui visitar todo”.

O “mais completo da Zona Sul” de POA, é um “shopping 5 estrelas”, “um luxo! A cara da riqueza!”, completo, com boa praça de alimentação, “muitas opções de restaurantes” especializados “para quem procura algo diferente”. Parecendo se referirem a uma pessoa, alguns usuários usam adjetivos como “divertido”, “acolhedor”, “tranquilo” e “amável” para defini-lo, além de ser “moderno”, “cheiroso”, “não tão caro”, mesmo sendo o “mais elegante de Porto Alegre”, e sua melhor coisa é “a iluminação natural”. É o “melhor shopping” da cidade, do estado e até “do sul do universo”, “dependendo do dia”, sendo que “a concorrência chega a ser até injusta”. Ele é “longe, mas vale o caminho até lá”, por ser “perfeito” e “o mais bonito” – há uma minoria que o considera em uma “ótima localização”.

De acordo com as dicas, as lojas possuem boa estrutura, os corredores são largos e espaçosos, os banheiros são limpos, “mas alguém, por favor, pode mudar esse cheiro enjoativo de Erva Doce dos banheiros?!”. A praça de alimentação é tida como pequena ou “gigante”, a depender da dica – um usuário cita que melhorou após ter sido expandida, pois “ficou menos barulhento”, enquanto outro afirma que “a alimentação demora a vir e ainda vem fria”, além de as mesas serem “muito próximas, te obrigando a comer junto de estranhos e sem privacidade pra conversar”.

Alguns estabelecimentos específicos, onde é possível “encher bem o buchinho”, são citados: a Petisqueira; a Usina das Massas; o Balanceado; a Patroni; o Don Patroni; o Tropical Banana; Outback; o terraço do Applebees; a Kero Ke Ry; a Mr. Cheney's; o Bah; o Bob's; o Yoguti; o Gendai; a Copenhagen; a Champanharia Natalicio; e o Burger King, cuja inauguração foi comemorada por alguns usuários. Outra dica é o “chopp da Brahma lá perto do BIG”, que “é uma boa pedida”. Alguns restaurantes também são lembrados de forma negativa: o café Petites Délices, com atendimento “de chorar” aos domingos; o Divino Fogão, “com carne seca e talheres sujos”, além da demora no atendimento; o Applebees, com atendimento decadente e “ainda mandaram a conta de outra mesa. Não tá valendo o preço não”; e o Mc Donald's, que apenas não é recomendado. Os usuários também lamentam a falta das lojas Starbucks e Chanel no estabelecimento.

Também são citados o bicicletário (elogiado), o fraldário, onde “não há sanitários para crianças” e o estacionamento, dividindo opiniões, pois enquanto alguns consideram “gigante” e que “nunca deixa na mão”, outros o acham caro e “um absurdo um shopping como este ter meia dúzia de vagas cobertas de estacionamento... Em dia de chuva intensa, é uma péssima opção”. Além disso, é citado que os guichês onde se paga o estacionamento com cartão não funcionam.

No Shopping, há “muitas marcas” e “lojas de bom nível”, sendo citadas: a FNAC; a Sony Store; a Apple; a Samsung; a LG; a Saraiva; a Oi; a Made in Brazil; a Timberland; a Luigi Bertolli; a Oakley; a Nike; a World Tennis; a Ellus; a Gaston; a Calles Sports; a Paquetá Esportes; a Forever 21; a GAP; a Spirito Santo; a Schutz; a Brookfield Donna, “no piso Jockey”, recomendada “para mulheres de bom gosto”; a Gi Pitanga; a Polishop; a Vialaser; a estética Werner Coiffeur; a Magazine Luiza; a Colombo; a Fast

Shop; e o caixa eletrônico do Banco do Brasil. Salienta-se que, com o passar do tempo, algumas dessas lojas foram fechadas.

Também é citado o cinema Cinemark, que “tem a nova tecnologia das cadeiras que se mexem” e o espaço de jogos HotZone (antigamente chamado MegaZone, também lembrado como Game Zone), “com o título de maior parque de diversão indoor da América Latina, é o que diz no site”. O espaço para jogar boliche também é lembrado, embora com críticas: “nada é mais palha que o ‘melhor boliche de Porto Alegre’ fechar às 22h da noite em pleno sábado. Muito amadorismo”. O prédio comercial construído em frente ao Shopping (Cristal Tower, não nominado pelo usuário) foi criticado por ter retirado a vista “impagável” que se tinha dos restaurantes. Também são lembrados o Jockey Club, nos fundos do Shopping, onde fica o estacionamento mais tranquilo, “pra quem não quer perder tempo procurando vaga pra estacionar”, bem como o Lago Guaíba e a “vista fabulosa” do pôr do sol.

O “horroroso” supermercado BIG, criticado pela demora no atendimento, é “a única loja que destoa”, pois “não condiz com o requinte do Shopping”, que possui “lojas finas e de marca”, sendo sua presença no lugar uma “pena”. A recusa ao supermercado é tanta que um usuário ironiza o *Shopping*, chamando-o de “Big Shopping”, um “lugar bagunçado e com péssimo atendimento”, não recomendado. Alguns usuários citam que, no lugar do BIG, deveria haver um Zaffari, supermercado que estaria mais “à altura” do Barra.

O estabelecimento é comparado a outros *shoppings* da cidade e até mesmo de outros estados. Os shoppings Iguatemi e o Moinhos de Vento são mencionados como sendo melhores do que o Barra, citado como melhor do que o Shopping Praia de Belas, enquanto o Parkshopping Barigui e o Palladium Curitiba, com 258 e 350 lojas respectivamente, são citados como maiores do que o Barra, que, com 225 lojas, “está longe de ser o maior da América latina”. É citado que, apesar de ser um bom *shopping*, “pra quem tá acostumado com os de Recife vai achar pequeno”, enquanto que há duas tabacarias no Morumbi Shopping, no Barra Sul não há nenhuma. Os usuários também citam que o *Shopping* é “igual ao *do Rio*, com algumas poucas lojas diferentes e locais”, que visitá-lo dá um “gostinho de São Paulo em terras gaúchas” e que ele é tão bom “quanto os de Recife”.

De forma pejorativa, a Av. Azenha, polo de comércio popular da cidade, também é lembrada por um usuário: “passei pela loja da sony e o funk rolando... parecia uma das lojas na Azenha... nem entrei... detalhe, loja vazia”. Esse teor elitista aparece em diversas dicas deixadas pelos usuários, como é o caso do supermercado BIG e também na caracterização dos personagens do *Shopping*, criticado por ser frequentado por pessoas de baixo poder aquisitivo. Aqui, cabe lembramos que o Barra, ao contrário de outros *shoppings* de luxo da cidade, como Iguatemi e Moinhos de Vento, não está localizado em uma região nobre, estando próximo à Vila Conceição, à Vila Hípica e outros lugares onde moram pessoas de baixo poder aquisitivo – aliás, em uma das dicas há uma crítica, justamente, à “vizinhança”. Todos esses lugares, que compõem os cenários do lugar, estão assinalados no Mapa 12.

Mapa 12 - Lugares Mencionados no *Foursquare* sobre o Barra Shopping Sul



Fonte: adaptado de OPENSTREETMAP FOUNDATION..., [202-?].

O *Shopping* também é criticado por abrir apenas às 11h e também por não fechar mais às 23h, por ser pequeno e caro, sendo recomendado levar “mais do que 500 reais, pra garantir”. Ele não tem “âncoras relevantes” e a praça de alimentação é “péssima” e “não condiz com o (suposto) padrão Barra Shopping”, sem alternativas agradáveis, lotada aos finais de semana, onde se passa calor, além de que “poderia ter convênio com restaurantes durante a semana no horário do almoço”, parecendo “projetada por Trainee de arquitetura”. Ele é grande, mas é “ruim a disposição das

lojas” e “mesmo assim no final de semana fica praticamente intransitável”. Há quem o considere “mais do mesmo”, sendo ruins “a estrutura e o transporte em torno do shopping”, fazendo com que alguns julguem que “não vale a pena ir tão longe”, sendo bom “só para quem tem carro” pois “de ônibus é ruim de chegar”.

Alguns usuários citam que “está cada vez mais difícil sair desse Shopping! Os caixas do estacionamento estão cada vez mais longe da saída! Qual o motivo? Uma imbecilidade dos administradores!”. Esse questionamento é respondido por duas outras pessoas, que apresentam versões diferentes: a primeira alega que “os caixas de estacionamento estavam localizados próximos às portarias, em locais que expunham os operadores às variações climáticas”, ao passo que a segunda afirma que “os caixas foram tirados de perto das saídas porque eram *[sic]* ficavam mais vulneráveis a assaltos, expondo clientes e funcionários a riscos”. Sobre essas tensões nas narrativas, cabe lembrar que, conforme Halbwachs (1990), os testemunhos reforçam, enfraquecem e completam o que já sabemos sobre um evento através de informações, embora algumas circunstâncias permaneçam obscuras. Isso ocorre porque a memória, sempre imperfeita e incompleta, nunca é capaz de reproduzir os fatos tal como ocorreram, sempre trabalhando com versões. É possível que ambos os motivos sejam verídicos, mas algumas narrativas podem ser apresentadas para esconder características que depreciem o estabelecimento, como supostos assaltos. Independente do motivo, surge a ironia de que, com os guichês longe, “fazemos um pouco de exercício”.

Ele “não é uma Brastemp” e “não é o melhor shopping de Porto Alegre”, seu cinema é sujo e lotado e “de uns tempos pra cá, anda meio tenso pra pegar táxi”. Para um usuário, o *Barra* está “concorrendo para o Wi-Fi mais bosta da cidade”, sendo que “na porta diz Wii Fi zone, mas tem que fazer um cadastro como se fosse abrir uma conta num banco! Use a 3G!”. Entretanto, há quem dê uma dica válida: “se você já fez o cadastro do wi-fi gratuito de outros *shoppings* da rede Multiplan, é só usar o mesmo login e senha”. E, em meio a tantas exigências, há também quem reprove todo esse modelo de consumo: “Sério saia daqui! Deixe de consumir e vá ao parque!”.

Percebemos que as representações sobre os cenários desses diversos lugares são fundamentalmente amparadas na subjetividade e no olhar sensível sobre eles, privilegiando as memórias cotidianas, em detrimento dos referenciais do passado.

Além disso, identificamos algo já constatado em outros estudos (MASSONI, 2014; 2017): a forte relação afetiva com o pôr do sol, presente em cinco dos sete mapas que elaboramos. Mas esses cenários só são mencionados porque há pessoas que transitam pelo lugar e, ao fazê-lo, apropriam-se dele e atribuem-lhe valor, sendo elas mesmas personagens da cidade, conforme analisamos a seguir.

#### **4.4.3 Personagens da Cidade nas Narrativas do *Foursquare***

Não há menção a personagens específicas em nenhuma das dicas publicadas na página do Largo Zumbi dos Palmares, mas há dicas que exaltam o lugar como um ponto de encontro, especialmente pelas feiras ali realizadas, onde é possível encontrar a “vizinhança toda reunida”, sendo um bom lugar para “curtir com os amigos”. Nesse sentido, as personagens do Largo aparecem representadas em forma de multidão, caracterizando o lugar como espaço de forte sociabilidade. Comparando o áudio da Linha Turismo com as dicas deixadas pelos usuários do *Foursquare*, percebemos que a narrativa oficial dá destaque à figura do herói quilombola, narrativa ligada à luta de um líder negro no passado, enquanto os usuários não o citam em nenhum momento. Inclusive, identificamos que ninguém chama o Largo pelo seu nome oficial, que é Zumbi dos Palmares, e apenas um usuário refere-se a ele como Largo da Epatur, como é popularmente conhecido.

A narrativa apresentada pela Linha Turismo inclui a presença da cultura negra no espaço urbano, de modo ao episódio ser lembrado pelos cidadãos. No entanto, a apropriação do espaço e sua relação com ele faz com que não seja nomeado pelo seu nome oficial. Isso demonstra o quão é complexa a relação entre a memória oficial sobre os lugares e a narrativa não-oficial sobre eles. A força do conhecimento comum (senso comum) sobre os lugares se impõe e torna-se hegemônica aos olhos daqueles que vivem na cidade e nela circulam. Nora (1993) alerta que o uso de objetos, lugares, celebrações, etc., através das recordações, tem a finalidade de possibilitar que a sociedade reflita sobre os episódios do passado, evitando o seu esquecimento, pela incapacidade de eternizar-se por si mesmo.

Nesse sentido, a narrativa oficial, ao nomear algum lugar com o nome de alguma celebridade, líder, acontecimento, etc., tenta reivindicar um espaço no

imaginário coletivo. No caso analisado, o Largo Zumbi dos Palmares é um lugar de memória da cultura negra, tanto pelo nome dado ao Largo, como pela menção que é feita pela narrativa do áudio ao monumento Lança de Aço.

Conforme Jodelet (2002, p. 39), “[...] podemos contestar a eficácia ou a força memorial dos monumentos como lugar da memória quando eles deixam de significar, no presente, aquilo que representavam para a população no momento de sua construção”. Além disso, cabe lembrarmos que, como Dodebei (2006, p. 3) nos alerta, “[...] o receptor da herança cultural vai adicionar à memória do grupo a sua própria experiência, reformatando a informação recebida para devolvê-la [...]”. Assim, a apropriação que os transeuntes fazem do Largo e a forma como eles representam-no é fortemente marcada pelos seus usos sociais, ou seja, pelas atividades que são ali desenvolvidas, sendo esquecidas (ou não percebidas) as referências histórias dos bens culturais ali presentes. No caso dos turistas, isso se intensifica, pois a relação deles com o lugar é passageira, efêmera, tal como as informações do aplicativo, não produzindo um vínculo ou elo de pertencimento mais permanente que o consumo imediato.

A diversidade dos cenários do Parque Farroupilha é o palco perfeito para o encontro de uma ampla diversidade de personagens. Citado como o parque mais popular da cidade, liberal, democrático e plural, o Farroupilha é “onde os diferentes convivem em perfeita harmonia” e se encontra todas as tribos e “diversas classes e culturas do estado”, tornando-se um lugar de bastante “diversidade” e “bem agitado”. Algumas pessoas demonstram um afeto especial pelo Parque, considerando-o “o quintal de casa”, onde se vê “a gauchada toda mateando”, ele é “o lugar mais eclético de Porto Alegre”, talvez por ser “extremamente receptivo”. Sendo um lugar de “alto astral”, nele há “gente alegre” e bonita, pessoas que respeitam a natureza, amigos, sendo também ideal para levar as crianças para brincar no parquinho de diversão. Além disso, é um lugar bem família, mas não para alguns membros específicos dela, é “para toda a família, toda mesmo”. Mas a Redenção também é o lugar de trabalho de muitas pessoas, sendo citados os artistas de rua, como músicos. Remetendo-se à história do lugar, uma dica lembra outro personagem: os negros que foram rendidos na região, tornando-a um “símbolo abolicionista”.

Assim como o cenário da Redenção sofre grandes críticas, alguns de seus frequentadores também são bastante estigmatizados e/ou indesejados: o lugar é bem familiar, mas é muito “tumultuado”, sendo o “maior ponto de encontro dos pais e seus filhos com os punks drogados e bêbados”, além dos “emos”, sendo lamentada a “invasão de maloqueiros” no lugar, pois há “gente esquisita” em alguns pontos do Parque. Um usuário que o aprecia muito afirma: “minha segunda casa, mas os vizinhos podem ser esquisitos às vezes”, enquanto outro ironiza: “Só gente bonita ! #sqn. Afff”. Como é possível perceber, a análise dos personagens da Redenção evidencia a dificuldade de algumas pessoas em lidar com a diversidade e de que modo ela se manifesta na disputa pela ocupação dos espaços da cidade. Percebemos uma tensão entre um parque que é considerado calmo e familiar, mas também tumultuado, sendo essa diferença de apropriação do lugar algo esperado, pois, segundo Gastal (2006), não é a harmonia que forma a cidade, mas o conflito e a complexa dinâmica da vida.

Ao mesmo tempo em que o Parque é o mais “tradicional” da cidade, nele se encontram grupos de jovens (tais como os *emos* e *punks*) e pessoas com baixo poder aquisitivo que justamente tencionam esse ar de tradicionalismo e “ambiente familiar”. Isso ocorre porque há um jogo de memória no urbano, como nos lembra Jodelet (2002). Para a autora, questões como as migrações, a coexistência entre comunidades distintas devido às origens étnicas, nacionais ou regionais, as desigualdades de estatuto e de recursos, bem como as formas de integração no espaço coletivo, complexificaram a problemática da cidade. Para a autora, “[...] tantas dimensões nas formas de habitar e nas relações com a cidade põem em jogo a identidade e a história, ou seja, a memória dos grupos atribui sentido aos seus espaços de vida” (JODELET, 2002, p. 33). A Redenção, como espaço múltiplo, abriga uma série de atividades dos diferentes grupos sociais e é também um lugar em que se manifestam os jogos de poder entre eles. Por exemplo, os grupos indígenas que cantam e vendem produtos artesanais no *brique* aos sábados e domingos, apesar de presentes, não são mencionados.

Mas, tanto quanto as pessoas, há outros personagens vivos que roubam a cena das dicas deixadas pelos usuários: são os *pets*, em especial os cachorros, também chamados de “catoros”, “dogs” ou “cuscos” (gíria da internet, termo em Inglês e termo em “Gauchês”, respectivamente). Conforme um usuário, lá é o “único lugar do



mundo que cachorro chama mais atenção que Camaro”, embora também seja um “ótimo lugar para passear com o seu porquinho da índia”. Um usuário cita que, “apesar de tantos cachorros”, é um lugar limpo e não cheira mal, enquanto outros enfatizam os cuidados necessários: “cuidado com os cachorros (brabos) que andam sem coleira e sem fucinheira [sic]” e “seja educado e junte os cocôs do seu cão”. Os animais silvestres também são citados, como as tartarugas e os peixes. Além disso, há uma frase de duplo sentido que afirma que a Redenção é o “local ideal para conhecer toda a ‘fauna’ porto-alegrense, durante o dia, fora de seus habitats naturais”.

No que tange às personagens do Parque Moinhos de Vento, só há a menção específica ao Geleinha na dica “o geleinha correndo é uma figura folclórica do Parcão!”, mas não se sabe de quem se trata essa personagem. As pessoas evidenciam que gostam de descansar, se exercitar ou passear pelo local no intervalo do almoço: “adoro fazer minha caminhada aqui, próximo a meu trabalho, tudo de bom”, encontrando lá seus amigos, familiares, seu “par romântico” ou brincando com as crianças. A quantidade de pessoas que perambulam pelo lugar, entretanto, chateia alguns usuários, que reclamam por não conseguirem realizar suas atividades por acabarem esbarrando em outros que se exercitam ou nos “panfleteiros segurando faixas publicitárias na calçada”.

Lá há muita “gente bonita”, “pessoas bem humoradas”, sendo bastante movimentado, com “altos gatos fazendo slack”, ao mesmo tempo em que é o “lugar com maior número de mulheres bonitas de Porto Alegre”, opinião confirmada por outro usuário: “Cheio das gatas, me apaixonei umas 5x em menos de meia hora”. Interessante observarmos essas representações que, embora pareçam bastante subjetivas e peculiares, são compartilhadas por mais de uma pessoa. Esse é um dos aspectos que fundamentam o conceito de memória coletiva, pois, conforme Halbwachs (1990), se nossa impressão não se baseia apenas na nossa lembrança, mas também na de outros, a confiança na exatidão dessa recordação será maior, pois se tratam de experiências compartilhadas. Nas palavras do autor, “[...] se a memória coletiva tira sua força e sua duração por ter como base um conjunto de pessoas, são os indivíduos que se lembram, enquanto integrantes do grupo.” (HALBWACHS, 1990, p. 69).

O caráter de “nobreza” é uma das representações sobre o Parcão, o que o diferencia dos demais lugares, porque as pessoas que ali vivem possuem alto poder aquisitivo. Essa distinção social de seus frequentadores é apontada como um dos aspectos positivos nas dicas, pois ele é “o parque mais bem frequentado” da cidade. O fato do Parque estar localizado em uma das áreas consideradas nobres da cidade faz com que ele seja associado a esse atributo de possuir caráter de “nobreza”. De acordo com um usuário, o Parque em si não possui muitos atrativos, o que o diferencia são as pessoas: “o charme estão [sic] nas pessoas e no entorno, pois o Moinhos de Vento é um dos mais charmosos e melhores bairros para viver e passear”. O Parque, especialmente a partir de 2015, virou ponto de encontro e palco de manifestação política dos partidos e dos grupos de direita, fazendo com que seus frequentadores sejam chamados de “coxinhas nervosos” por um usuário.

Além das pessoas, são muito lembrados os outros animais, como peixes, marrecos, cágados, tartarugas e “os patos mais feios do mundo”, sendo que alguns usuários se queixam que eles “poderiam ser mais controlados. Cada um que passa, dá uma porcária para os patos e peixes comerem”. Cenas de interação entre esses animais também são lembradas: “as tartarugas continuam comendo os pombos do lago”. A presença de muitos cachorros também é algo destacado pelos usuários, embora cause certo desconforto em alguns, pois uma pessoa afirma que “poderia ter bem menos cães fora da coleira”, enquanto outra critica: “se você acha que o seu cachorro é de cristal, não traga ele ao parque. Lá existem cachorros normais loucos para brincar”, ao passo que um terceiro destaca “a alegria dos cachorros na frente do colégio Uruguaí. Quase dá para ouvir eles rindo!”.

Com relação às personagens do Mercado Público, conforme dica deixada pela Prefeitura, pelo local passam mais de 100 mil pessoas por dia, sendo um lugar recomendado “para qualquer visitante ou morador da cidade”, embora seja “bom pra quem curte uma muvuca, uma bagunça”, pois é “cheio como qualquer mercado público”. Os comerciantes são citados como gentis, mas também como grosseiros, de acordo com cada dica, sendo também lembrada a presença de seguranças. Os únicos comerciantes específicos lembrados são os trabalhadores sem terra do Movimento Sem Terra (MST), da Banca da Reforma Agrária. O Mercado Público “tem roda [sic] a cultura gaúcha representada em seus produtos e pessoas”, sendo citada a parceria

como palavra-chave entre os comerciantes, pois “se você pede algum produto que a banca não vende ou tá em falta, já te indicam onde ir pra achar!”

Novamente, chamamos atenção para o fato de que, assim como a entidade Bará do Mercado, as pessoas que praticam sua fé no lugar não são mencionadas. É comum encontrar pessoas vestidas com roupas típicas da religião africana nas entradas e no centro do Mercado, junto ao Bará, vendendo artigos religiosos ou dando passes nos transeuntes, bem como fiéis jogando moedas na área onde está enterrada a entidade. Nesse sentido, diferente da narrativa oficial, nas narrativas dos usuários do aplicativo, não é mencionado o Bará.

Sobre a Usina do Gasômetro, os próprios usuários se colocam como ocupantes do lugar, deixando transparecer seus afetos e vivências no lugar em trechos como “meu quintal de casa” e “minha vista de todos os dias”. A esse respeito, Mesquita e Silva (2004) destacam que o lugar e as imagens que guardamos dele representam as emoções presentes em nossas lembranças, sendo o lugar um centro de significados. Mas a Usina também “é onde os porto-alegrenses se encontram no domingo de tarde”, “um dos locais mais plurais de Porto Alegre”, “bem frequentado”, com “pessoas bonitas passeando”, “pessoas liiindas”, “famílias descansando”, “crianças bonitas”, um lugar para “encontrar a gurizada” e recomendado “para todas as idades”. O lugar é “meio populoso aos finais de semana” ou até mesmo “muito cheio”, sendo que “durante a semana é melhor, tem menos gente”. São mencionados os vendedores de lanches (alguns sem higiene, de acordo com um usuário), flanelinhas (mal encarados), os cães de rua e o funcionário “atencioso” do posto de informações. A Usina é um lugar que “só gaúcho tem”.

Na página do Estádio Beira-Rio, as pessoas evidenciam suas próprias vivências e afetos pelo Estádio e pelo time, inclusive declamando versos: “Cada sorriso tem seu motivo, e cada lágrima tem sua história. Tu és o grande amor da minha vida, colorado das glórias, querido, é por você que eu morro de amor”. Outros prometem que nunca abandonarão o time, levando-o sempre consigo e que nada mudará o fato de serem colorados. Os torcedores relatam que o Estádio é sua “segunda casa”, seu “Gigante” (com ‘G’ maiúsculo), e comemoram sua reabertura, após a reforma: “Minha casa ta [sic] de volta”.

Sendo a “casa dos campeões”, é palco da “dinastia colorada”, que “para os adversários é o Inferno Vermelho”, pois “na popular tem bafo em cima deles”. Também é onde se reúne a “maior e melhor torcida” do estado, uma torcida “linda”, mas também receptiva, pois “colorados e convidados sintam-se a vontade”, sendo que “só indo para saber o que se passa com esta torcida e este clube”. Mesmo o estádio estando “lotadooooo”, é um “pessoal gente boa”, que torce pelo “clube do povo”, onde “#CadaUmEOnze” e a união dessa torcida é tanta que “nada vai nos separar”. Um usuário cita que o Estádio “é a casa do ‘Cololado’ (gêmeos Davi & Sofia 2 anos e 11 meses)”, mostrando que sua paixão pelo time passa de geração em geração.

Mas toda essa harmonia também é tensionada por xingamentos e preconceitos presentes em algumas dicas. Enquanto um usuário diz que o *Beira-Rio* é um “lugar de macho campeão de tudo, vamo inter porra”, outro o cita como “estágio de morangas”, enquanto um terceiro, em um dia de jogo, menciona que “é dia de bater nas gazelas”. Um adversário afirma que “o Inter realmente é a Academia do Povo porque este Remendo é cheio de puxadinho. Como toda a favela ou maloca de pobre”. Assim, há comentários machistas, homofóbicos e classistas, tanto de colorados como de adversários. Também há um comentário de descontentamento por parte de um torcedor: “Clube do povo? Isso é passado!! Nenhuma atenção aos sócios, cancelamos 4 associações, meus pais, eu e me irmão, virou caça níquel declarado!”.

Alguns personagens específicos desse cenário são mencionados, como o jogador Dalessandro, que é “rei” e “o melhor camisa 10 de todos os tempos”, além do “eterno capitão” Fernandão, o ex-técnico Mano Menezes e o ex-jogador Van Persie, “de um carisma imenso, um futebol ousado, padrão FIFA”, que se tornou um ídolo “e ídolos a gente não esquece”. Há uma menção a Hierro, que não identificamos quem possa ser ou se é, realmente, um personagem, além de uma menção à torcida organizada Camisa 12. É mencionada a necessidade de troca da diretoria do time, e o incômodo causado pelos flanelinhas da região, além dos funcionários do Estádio, que “estragam o lugar, são mal educados e não estão preparados para atender o público”, enquanto outra pessoa considera o atendimento “fora de série”, com menções ao “pessoal do Marketing”, que é “super gente boa”.

Com relação ao Barra Shopping Sul, é uma “muvuca sem fim”, embora seja “pouco movimentado durante a semana”, sendo “um lugar para passear com a

família”, com as crianças, com “as gurias” – por sinal, ele é repleto de “mulheres bonitas”. Alguns usuários demonstram um afeto ao lugar, em dicas como “queria morar aqui dentro” e “é bom ter um shopping no quintal de casa”, evidenciando um pertencimento ao estabelecimento. Já outra pessoa afirma que o Barra Sul é igual ao Barra do Rio de Janeiro, “cheio pra caramba! Só que de gaúchos!”. Também é citado como um lugar “pet Friendly”.

O Shopping tem lojas para “todos os estilos”, mas a diversidade, como sempre, incomoda alguns! Há quem entenda que ele “tem lojas que não coincidem com público frequentador”, sendo que, nos finais de semana, perambulam por lá “bondes” e “pirralhada”, o que desagradou a uma pessoa, que alegou não pretender voltar mais ao local. Nas palavras de outros, lá é “só farofa e chinelo” e, “como nos demais” *shoppings* da cidade, “muita tigrada nos finais de semana”. Mas o problema, cabe salientar, não é do *Shopping* em si: “o shopping é lindo, mas a vizinhança é horrível!!”.

Um usuário elogia a equipe de segurança e a administração do *Shopping*, que presta um atendimento excelente para “quem precisa de cadeira de rodas, sendo “todos atenciosos e prestativos”; outro critica a falta de paciência e habilidade com o público por parte dos atendentes; um terceiro critica o “pessoal que cuida da temperatura”, por não entender do assunto: “muito calor e isso é muito ruim pra saúde. Gripe na certa!”. Mas as maiores críticas, com relação a funcionários, são a respeito da segurança do local, pois um usuário relata: “Fui buscar meu carro no estacionamento e fui abordado por dois seguranças com arma em punho e me tratando com hostilidade e violência desnecessária, sai chocado e revoltado com tamanha ignorância”. Outro afirma que eles ficam com a mão na arma, prontos para sacar e atirar, mesmo não podendo efetuar disparos em ambiente fechado, causando constrangimento aos frequentadores.

Em uma análise transversal desses dados, percebemos que os personagens de Porto Alegre são múltiplos, incluindo desde os próprios cidadãos até os funcionários dos lugares e os animais de estimação que por eles transitam. Ao mesmo tempo em que muitos são lembrados, certamente muitos são esquecidos, por vezes, devido à própria reprodução de representações advindas das histórias oficiais. Por outro lado, há os que são lembrados de forma pejorativa, relegados a um papel negativo nas memórias. Em uma narrativa, os personagens são fundamentais, pois suas ações é que

dão sentido e estruturam a história narrada. Esse conjunto de atividades cidadinas desempenhadas pelos personagens é analisado a seguir, na apresentação dos cenários da cidade.

#### **4.4.4 Enredos da Cidade nas Narrativas do *Foursquare***

O enredo é tomado por nós como o suceder dos acontecimentos, eventos e ações que movimentam a cidade, bem como as relações estabelecidas entre eles. Ao contrário da narrativa da Linha Turismo, que é fruto de pesquisa e, portanto, melhor construída e encadeada, compreender esses enredos nas dicas dos usuários do *Foursquare* é como tecer uma colcha de retalhos, o que torna a tarefa mais difícil, pois “[...] a inteligibilidade da história como um todo consiste em sua capacidade de ser seguida” (RICOEUR, 2009, p. 303), algo complexo de se fazer quando o que temos são dicas muitas vezes descontextualizadas e imprecisas.

Nas palavras de um usuário do *Foursquare*, o Largo Zumbi dos Palmares é um lugar onde “há sempre alguma movimentação interessante”. Ele é citado como um “excelente lugar para lanchar e curtir com os amigos” e o principal evento de seu enredo lembrado pelos usuários é a feira aos sábados pela manhã e terças-feiras, com preços acessíveis e produtos como “frutas, doces, produtos coloniais e o melhor suco de laranja”, além do suco de uva, do pastel e do antepasto de berinjela. Fazer feira, conforme um usuário, “é uma terapia”, com “produtos frescos e a vizinhança toda reunida”. Embora as feiras de ambos os dias sejam lembradas pela sua qualidade, um usuário alerta que “a de sábado costuma ser mais cara”.

O Largo também é lembrado por ser ponto de partida do Massa Crítica, pedalada que reúne um grande grupo de ciclistas para circular pelas ruas da cidade e ocorre toda última sexta-feira de cada mês, começando entre 18h30min e 18h45min. Um usuário deixa o convite: “Venha celebrar a bicicleta como o meio de transporte mais limpo, democrático, ágil, saudável e sustentável”. No lugar também foi instalada uma estação do BikePoa, com bicicletas disponíveis para locação, mas “depois das 18h tem que ter paciência, tem só 8 vagas e falta bikes”. Um usuário também cita a Pedalada Pelada, evento do mesmo tipo, mas que reúne pessoas nuas para pedalem

pedindo respeito aos ciclistas, em protesto contra a violência no trânsito e o machismo contra mulheres ciclistas.

Além desses, o Largo é lembrado como um espaço onde são realizadas múltiplas atividades, tais como acontecimentos políticos, reuniões públicas, feiras africanas, shows *punk*, comícios e pelos encontros de carros antigos. Um usuário, que publicou sua dica em 26 de outubro de 2014, escreveu “festa vitória”, referindo-se à vitória de Dilma Rousseff na eleição presidencial que ocorrera neste mesmo dia e que foi comemorada no lugar, embora esta explicação não fosse dada. O fato de ser um dos pontos da Linha Turismo também é lembrado por um usuário. Como podemos perceber, o lugar reúne constantemente uma grande quantidade de pessoas, está sempre “bombando” e “há sempre alguma movimentação interessante”.

Com relação aos eventos que compõem seu enredo, a Redenção é um lugar cheio de atividades, oferecendo “tudo o que um parque pode oferecer e mais um pouco”, sendo um bom lugar para sentar na grama e “lagartear ao Sol, praticar esportes, treinar, assistir a shows, brincar nas praças e namorar”, reunir-se com os amigos, “bater papo”, mas é bom “tomar cuidado para não levar uma bolada dos atletas de fds” e, se for “fazer piquenique, traga sua cadeira e esteira”. Com relação às corridas, são citadas as rústicas, competição de corrida que ocorre um sábado por mês, sendo que um usuário alerta: “se você ver uma linha branca no chão por favor não pare perto dela!”. Por ser um lugar “pra todos os momentos”, ele é ideal para “colocar os pensamentos no lugar”, “pensar na vida”, “se distrair”, “ver gente”, “tirar fotos”, “expulsar o stress semanal do corpo”, enfim, “pra quem quer pazz”. Ele também é indicado para “ler um bom livro”, sendo que, numa tarde de sol durante a semana, “a leitura rende mais do que no escritório”.

Recomendado tanto no inverno como no verão, ele é adequado para andar de bicicleta – ou, como se diria no Gauchês, “dar uma banda de bike”. Entretanto, há quem diga que “o Parque Farroupilha não é um bom lugar pra pedalar”, especialmente no final de semana, devido à aglomeração de pessoas. Nele, é possível “correr no entorno do parque, dar umas esticadas nas barras e fazer uns apoios nas paralelas”, praticar *slackline*, além de outras atividades “emocionantes”, como trilhas e rapel. Enfim, a maior sugestão do lugar é sintetizada pelo usuário que diz “integre-se com a natureza!”.

Com “várias opções de lazer e entretenimento”, ele é “legalzinho para levar as crianças”, tomar chimarrão, água de coco (ou bebida alcoólica), comer bergamota no sol, pipoca (de chocolate com leite condensado ou brigadeiro ou a do carrinho espelhado, que “é feita com Nescau mesmo!”), churros (de “mumu”), comida de rua dos quiosques, acarajé, algodão doce feito na hora, café ou cappuccino no inverno e uma “cerveja bem gelada” no verão. Sobre o chimarrão, tradicional bebida gaúcha e, de longe, a mais citada pelos usuários, um usuário informa que “os chimarródromos garantem chimarrão quente o dia inteiro”, enquanto outro questiona “cadê a água quente?????”. Além desses petiscos, os usuários destacam que, ao redor do Parque, é possível almoçar, tomar café ou cerveja, com muitas opções de restaurantes – inclusive gastronomia vegetariana.

Alguns usuários indicam andar nos pedalinhos do lago (que fecham às 17h30min e são muito românticos), relaxar, “curtir a natureza”, “sair da vida urbana” e “deixar a cabeça voar” – uma pessoa afirma: “hoje fiquei vidrado nas raízes de uma árvore, perto do laguinho”. Também é indicado para ginástica, caminhar, correr (ideal, por ser “bem plano” e possui 2,5km de circunferência), andar de bicicleta, ver o pôr do sol, jogar futebol, *Pokémon Go* e carteadado, treinar malabares, alimentar as tartarugas e peixes, ir à igreja (um perfil institucional alega ser um “ótimo lugar para evangelizar”) e “curtir as feirinhas de livros e artesanatos” (chamadas de “feirinha da pulga”).

Por sinal, as feiras, que costumam lotar, são atividades muito apreciadas no lugar, “repletas de achados”, e o brique é indicado “pra quem quiser conhecer a cultura e o povo portoalegrense [*sic*]”, mas é bom ir cedo, para “evitar o ‘crowd’”. Já na visão de outro usuário, “não importa o horário”, o lugar é sempre bom, enquanto outro adverte que, para turistas, especialmente os paulistas, o brique não apresenta nada de diferente, pois tudo que tem nele se encontra nas feiras de artesanato paulistas. No brique, aos domingos, encontram-se antiguidades e artesanato, com itens como quadros e livros. Já aos sábados de manhã, há uma “ótima feira de agricultura e de artesanato”, com hortifrútis orgânicos e “a melhor rapadura do mundo”, sendo “uma perdição”.

Também há menções a teatro de bonecos, shows e eventos populares, como o Bate Cabelo das Travas LGBT, além de atrações e músicos, com “rodas de violão, política, é lá que as gurias... etc e tal...”, em referência à música Porto Alegre é Demais,



de Isabela Fogaça. São citadas as aulas abertas de yoga nos domingos, às 10h30min, sendo um bom lugar para meditar e “fumar seu beck”, mas, aos fumantes, um usuário avverte: “se tu fuma, não seja escroto de deixar toco de cigarro na grama”. Ainda de acordo com as dicas, “no inverno, os bancos do chafariz são a pedida. No verão, melhor é no parque budista”, sendo indicado passar uma tarde de final de semana, mas nesses dias ele fica tão cheio que “acaba não se tornando um local muito contemplativo”. Apesar de tudo isso, ainda assim, um usuário o cita como um lugar “sem muitas atividades”.

Em janeiro de 2016, ocorreu uma forte tempestade em Porto Alegre, causando estragos que foram lembrados por um usuário, que desabafa: “dói ver o estrago que o temporal fez nessas árvores centenárias”. Furtos e assaltos também são relatados, como nessa dica: “sou de Manaus e quase fui assaltado às 17 hrs, o parque tava lotado e com maior luz do dia, tinha até os policiais da Brigada, mas se for turista, NÃO VÁ SOZINHO a qualquer hora, piora de noite.” Apesar de pairar sobre o Parque uma forte representação de insegurança, essa foi a única dica em que identificamos um relato de fato. Com relação aos esquecimentos, chama atenção que não é mencionado o passeio de trenzinho.

Com relação aos eventos que formam o enredo do Parque Moinhos de Vento, ele é lembrado como um lugar “bem movimentado”, onde “sempre tem alguma coisa acontecendo”, tanto que algumas pessoas sugerem sentar nos bancos para apreciar o movimento. Ele é ideal para se aproveitar um dia de sol (ou “mesmo com chuva”) e praticar atividades físicas – “fitnes” –, como caminhadas, corridas, exercícios funcionais, de força, resistência, flexibilidade e equilíbrio, além de passear de patinetes ou bicicleta, bem como jogar basquete e futsal em horários alternativos – ou *parkour* aos sábados. Ele também é lembrado como um bom espaço para patinação, com quadras de futebol, tênis, vôlei e ginástica infantil com equipamentos artesanais.

Mas o fato do Parque ser bastante movimentado incomoda um usuário, que ironiza: “pra quem curte corrida com obstáculos é um bom lugar, cheio de gente caminhando em grupos, cachorros e panfleteiros segurando faixas publicitárias na calçada”. Com perspectiva diferente, outra pessoa prefere frequentá-lo de manhã cedo, pois é quando “não tem aquele tumulto de pessoas se exercitando”. Já para outro usuário, quem frequenta o lugar corre “risco alto de ser soterrado pelos

músculos dos playboys ou comida vivo pelos cágados assassinos”. Essas informações que aparecem através das dicas mostram que há uma disputa pelo espaço entre aqueles que se exercitam nele e os que o frequentam para descanso e lazer.

O Parcão, aliás, é lembrado como um lugar muito agradável para relaxar, “aliviar o stress”, “lagartear” e “papear”, ler um livro sob a sombra das árvores, “curtir um pôr-do-sol [sic]”, passear pelos caminhos arborizados, “ficar de boa”, “celebrar a vida” e ter “qualidade de vida”, embora, para um usuário, isso seja mais recomendado “durante a semana em horário comercial, pois nos finais-de-semana lota” – outros, ao contrário, destacam o prazer de desfrutá-lo justamente aos domingos. Também são lembradas as aulas de yoga que ocorrem aos domingos, às 10h30 e, nas palavras de um usuário: “praticar Tai Chi com um ótimo grupo de pessoas faz bem pro corpo e espírito. Tem treino diário e gratuito perto do lago”, enquanto outro destaca que, no lugar, são realizados treinos de tiro ao meio-dia. Já de acordo com outro, não são necessárias dicas: “só vem, trás uma toalha e aproveita o parque”.

Chama atenção, nas dicas, a forma espontânea e descontraída com que os usuários se expressam, especialmente em termos como “papear”, “lagartear”, etc. Esse comportamento é bastante característico dos usuários desse tipo de mídia, pois, conforme Casalegno (2006), a emoção e a espontaneidade caracterizam as informações compartilhadas pelos usuários desses ambientes virtuais de partilha de memória. Sendo um bom ponto de encontro e *happy hour*, é ótimo para “dar uma banda”, paquerar, namorar, fazer piquenique (inclusive noturno), passear com os cães, tomar chimarrão – “o bom e velho chimarrão gaudério” –, ver os bichos, brincar com as crianças na pracinha, tomar açaí e água de coco, comer sushi e a Pipoca do Amor, que é a melhor do parque, próximo ao moinho. De acordo com uma das dicas, o lugar é agradável porque lá é possível relaxar “sem ser incomodado por pessoas sem noção que colocam som alto ou ficam azucrinando”.

Foi citada a Estação ZH, espaço comemorativo aos 50 anos do jornal Zero Hora, instalado em 2014 e que promovia atrações aos frequentadores do local. O lugar é lembrado pelas suas ótimas opções para almoçar por perto ou mesmo por ser adequado para caminhadas pós-almoço. Também é citado como um *point* de jogadores de *Pokémon Go*, com três *pokestops* na esquina da Av. Goethe com a Av. 24 de Outubro.

Um usuário cita “passeio i8”, sem dar maiores detalhes sobre a que pode estar se referindo com essa menção. Uma das possibilidades é que ele esteja se referindo ao carro i8, uma BMW esportiva de luxo, o que faria sentido, dado o fato do Parque estar situado no coração de um bairro nobre, símbolo de riqueza. Aliás, isso também fica evidente em outras dicas, especialmente dos usuários que reclamam dos preços praticados no lugar: um usuário afirma que, “por estar localizado em região nobre, a água de côco [sic] vale ouro! Nove reais por uma garrafinha de 500ml”, dica ratificada por outro: “aqui você encontra a água de côco [sic] mais cara da história da humanidade. 430ml por 9 dilmas.” Aliás, a menção política feita pelo usuário também está presente em outras dicas, como no caso de uma pessoa que acha uma “pena ter sido adotado como palco de manifestações de direita”, bem como outra que zomba dos manifestantes: “Cuidado! Coxinhas raivosos”.

No que tange aos eventos do Mercado Público, para além de um lugar de compras, percebe-se que ele se difere de um supermercado comum, pois é um lugar para se conhecer e visitar: “apesar de maltratado, é um lugar que todos devem conhecer, pois apresenta produtos de uma forma muito diferente em relação aos supermercados”, tendo comida boa e preços baixos, bom para comer, beber, fazer compras e “abastecer a casa”. Lá, “qualquer refeição é muito bem servida”, sendo indicado para almoços, sobremesa, sorvete (artesanal), cafezinho (“o cheiro de café é muito convidativo!”), *happy*, chopp ou uma “loira gelada”. São citados o “clássico” à la minuta, o sushi, o temaki, a tainha na telha com molho de camarão, o peixe congrio ao molho de alcaparras e champinhon e “o melhor bolinho de bacalhau de POA”.

Há uma divergência de informações com relação ao horário de funcionamento do lugar, pois um usuário informa que ele encerra suas atividades às 19h, enquanto outro afirma ser às 20h. Ambas estão erradas: de acordo com o *site* institucional do Mercado Público, as bancas e lojas funcionam até às 19h30min durante a semana e até às 18h30min, nos sábados (MERCADO PÚBLICO DE..., 2019). Essas confusões são características de informações advindas de fontes inseguras, como é o caso das dicas deixadas no aplicativo. A esse respeito, Logan (2012) afirma que a informação incorreta ou desinformação é fornecida por um agente desinformador, equivocado ou mal-intencionado. No caso em análise, provavelmente trata-se de um equívoco por parte dos usuários. Independente disso, para quem chegar após o fechamento do

lugar, fica a dica: “na noite atrás do mercado fica uns bares um ambiente legal agradável”.

No Mercado é possível “viver um pouco da cultura porto-alegrense” e conhecer mais do Cone Sul, onde “se encontra de tudo em gêneros alimentícios”, proporcionando um “ótimo passeio para os gourmets de plantão”. Nele, há produtos integrais e naturais “fresquinhos”, orgânicos, guloseimas, suplementos alimentares, produtos a granel e embutidos, além dos “raros”, “que não são encontrados facilmente pela cidade”. Resumidamente, lá “vai encontrar o que precisas!”.

Segundo as dicas, no Mercado encontramos comida local, típica, produtos culturais “legais do sul”, “artigos gaúchos”, bem como uma variedade de especiarias e ingredientes que atendem “qualquer gosto e qualquer bolso”. São citados: mel, ovos caipiras, laticínios, queijos – “único lugar que eu achei o verdadeiro queijo minas frescal”, pães integrais, “vinhos bons e baratos”, cafés das melhores safras, cachaças, azeites, cervejas artesanais, pimentas, temperos caseiros “da melhor qualidade”, grãos, carnes, frutos do mar, os “melhores peixes da cidade”, sempre frescos, “copa light e convencional muito aromáticas”, bacalhau, frios, camarão, charque, tomates secos, cereais, chás, ervas, frutas secas e cristalizadas, “amêndoas novas e de vários tipos”, pistache, castanhas, nozes, granola, damasco, frutas (algumas diferentes, mas “bem caras”), legumes, verduras, coco em lascas, aveia, “entre outras diversidades”.

Lá encontramos desde os produtos coloniais, típicos e “tradicionais dos Pampas”, como erva para chimarrão, chimia<sup>11</sup>, queijo colonial e salame, até “iguarias importadas da culinária internacional”, como salame de javali, cervejas importadas, vinhos argentinos e doce de leite uruguaio Lapataia. A riqueza de variedade e preços é tanta, “que vale a pena enfrentar as filas de algumas bancas”. O lugar é indicado para o turista “conhecer um pouco da cultura gaúcha” e para o cidadão local “conhecer um pouco dos nossos próprios costumes”.

Comprar lembrancinhas é outra dica, embora alguns achem “bem salgado os preços das lembrancinhas”. Lá também é um lugar “bom para quem tem alergias, pois tem lojinhas naturais”, além de *souvenirs*, discos vinis (como da Madonna), couros, camisetas e “acessórios para a bebida sagrada gaudéria”, o chimarrão, como ervas que

---

<sup>11</sup> Palavra local que designa os diferentes tipos de comida que podem ser passadas no pão, como geleias.

não se encontra nos supermercados, bombas, cuias (inclusive as gajetas, que são tipos específicos de cuias), bem como antiguidades, artesanato e “até presente pra lemanjá” – essa foi a única dica, dentre as 383, que fez referência a algum elemento da cultura africana.

São citadas também as mini-feiras realizadas a cada semana, com venda e compra de artigos usados e antigos, costura, etc: “todo sábado, no espaço de eventos, rola uma feira de antiguidades bacaníssima, com um pouco de tudo: joias, decoração, camisetas de futebol e muitas câmeras fotográficas”. Também são lembradas a feira do peixe e o festival de sopas da Banca 40. Para quem deseja economizar, a dica é ir “aos sábados no meio da tarde, há variedades de promoções, porém é preciso escolher bem os produtos”, enquanto que, se a prioridade for evitar a aglomeração excessiva, a sugestão é ir “aos sábados das 7-8h. Mercado vazio, Bancas vazias. Ideal para fazer suas compras rapidamente antes do tumulto”. Ele é um lugar “gostoso de andar”, mas “evite no sábado à tarde. Parece Shopping na semana do Natal: entupido de gente”.

Um acontecimento que marcou a história do lugar foi o incêndio ocorrido em seis de julho de 2013, que causou danos severos, especialmente ao segundo andar do prédio. Um usuário lamenta: “saudades do segundo andar sem fogo”. A maioria das dicas sobre esse assunto são críticas com relação à demora na reforma que se sucedeu ao sinistro: enquanto um usuário afirma que a “reforma faz mais de 1 ano e nada de ficar pronta”, outro alega que “depois de quatro anos ainda não arrumaram a parte de cima depois do incêndio”. O perfil da Prefeitura, por sua vez, comemorou a reabertura do lugar: “O dia 13 de agosto de 2013 entra para a história do nosso Mercado Público. Depois de um incêndio que atingiu parte do prédio, as portas do Mercado estão abertas novamente! #MercadoVoltou ! \o/”.

Ele é citado como um lugar “bem turístico, inclusive os preços”, e um usuário considera que não vale a pena visitá-lo, por ter “filas absurdas, corredores lotados, preço maior que no supermercado”, enquanto outro afirma que, “apesar da aparência, os preços não são necessariamente mais baixos”. Um usuário o desqualifica, considerando-o um “mercado como qualquer outro, pequeno, modesto, ao redor do prédio cuidado nada de vacilar com celular e dinheiro! Extremamente perigoso, da [sic] medo de andar, livremente vc vê tráfico de drogas”. Também é alertado para que

se tenha “cuidado com roubos e furtos especialmente no entorno ao pegar ônibus, agem qd [sic] há descuidos”. O mau atendimento também é criticado, além de ser muito tumultuado, um “bom lugar mas apenas para pegar algo em alguma banca e sair. Não vale a pena ficar mais de 15 minutos”.

Já a Usina do Gasômetro é lembrada como um “local público”, com várias opções de diversão e lazer, contando com “todo tipo de atividade ao ar livre”, recomendado para caminhar, correr, andar de patins ou bicicleta, skate e atividades físicas – o que rende o aviso aos transeuntes: “cuidado com as bicicletas e skates na rua”. Além disso, é também um lugar para “descansar a mente”, “lagartear na grama de algum canteiro”, “recarregando as pilhas para semana” ou “naqueles dias em que a cabeça precisa ser esvaziada”. É um lugar para quem quer “renovar as energias” e “colocar os pensamentos em dia”, especialmente assistindo ao pôr do sol, lugar para dar um “rolê”, inclusive, “com direito à marofa<sup>12</sup> [...] e um clima de nostalgia do FSM”.

A região da Usina é o “melhor lugar para começar a manhã”, com destaque para o “domingão”, sendo um programa familiar em que “a dica é aproveitar ao máximo”: “tomar um chimarrão no final de tarde” (ou “matear”, como referem alguns usuários), água de coco, pipoca doce ou então “salgados e quentão”. O perfil de uma empresa também deixa uma dica de atividades a se fazer: “Não somente o Gasômetro, mas os caminhos ao redor: não tem programa melhor para um sábado de manhã do que correr ou caminhar da Usina em direção à Av. Beira-Rio. Agradável, lindo, saudável e de graça!”

Fugindo ao previsível, um usuário menciona uma atividade peculiar: dar umas “braçadas matinais” no Guaíba. Essa afirmação causa estranhamento, dado o fato do lago ser inadequado para banho, devido à poluição, pois recebe dejetos advindos da cidade, através do Arroio Dilúvio. Apesar da sujeira e dos demais problemas anteriormente mencionados sobre a Usina, ainda assim, ela é um lugar altamente recomendado: “Quer viajar, vem pra cá. Tem 'tipo praia', sol”. Além disso, também são sugeridos os passeios de barco, com destaque para os realizados no Dia de Nossa Senhora dos Navegantes, mas cabe a ressalva: “não tem passeios quando o tempo está fechado. Parece que setembro é o pior mês”. Como podemos perceber, ao contrário

---

<sup>12</sup> Maconha.

da narrativa oficial da Linha Turismo, a Festa de Navegantes é lembrada pelos usuários do *Foursquare*.

Enquanto um usuário alega que “falta o que fazer” no lugar, pois “exposições são raras”, outro alega haver um “montão” delas. Os que corroboram com a segunda opinião consideram a Usina um lugar que “respira cultura”, um “espaço democrático da verdadeira cultura”, com lazer, música e arte, um “espaço para eventos e ótima feira”, englobando atrações artísticas e culturais, como exposições temporárias, oficinas, mostras de cinema e teatro. São citadas pelos usuários duas atividades específicas, quais sejam um encontro de anime (com muitos adolescentes) e a Bienal do Mercosul de 2015, além do Usina das Artes, “projeto que dá residência a vários grupos de Teatro e dança na usina. Uma vasta programação de espetáculos, cursos e pesquisas podem se *[sic]* conferidas todos os dias do ano!”

O Beira-Rio é marcado por muitos eventos, sendo o principal deles, obviamente, os jogos, pois é um “ótimo lugar para você e sua família curtir o melhor do futebol brasileiro”, valendo a “visita em um sábado ou domingo de sol, seja para ver de fora ou entrar e assistir a um jogo”, palco de “belos espetáculos”, pois ver o “timão” ao vivo ser campeão “não tem preço”, valendo “cantar, beber e brigar”, embora comedimento também seja sugerido: “Domingo com sol vou ver meu time pra descontrair um pouco! Sem fanatismo, apenas distração”. Mas, para ser um bom torcedor, é preciso “apoiar nas boas e nas más”, “do início ao fim”, pois “durante os 90 minutos, torcida de fé tem que apoiar, independentemente do que aconteça. Quer vaiar? Ao menos espera o fim do jogo, porque só termina quando acaba!”. Quando a fé e a torcida dão certo e o torcedor fica com a “emoção à flor da pele”, ele se permite cantar: “O GIGANTE ME ESPERA, PARA COMEÇAR A FESTA, XALAIALAI, XALAIALAI”.

Mas o Beira-Rio, pela bela paisagem, também é indicado para se assistir ao pôr do sol e “tirar umas fotos com o estádio, com o Fernandão”, além de nele serem realizados shows. Para quem deseja conhecê-lo melhor, “a visita guiada é muito boa! Vale a pena”, custa R\$ 40 e apresenta a “linda história do clube”, “com acesso a *[sic]* arquibancada, vestiários e campo... mesmo para quem não torce para o Inter vale, custa R\$20,00 e tem meia entrada, de hora em hora na frente do portão 7” (como podemos perceber, há um choque de informações sobre o valor do ingresso). Indicada

para conhecer os bastidores do Estádio, “a visita é boa ou ruim dependendo do dia”<sup>13</sup> e “poderia exibir mais coisas”, de acordo com alguns usuários.

O Beira-Rio é o “melhor lugar do mundo para ver um Grenal”, sendo que, “de quebra, além de ver um grande jogo, tu pode acabar vendo o time levantar mais uma taça! Não é fácil ver isso pela cidade” (em alusão ao oponente, Grêmio). Além do Grenal, são citados jogos beneficentes para arrecadar doações para instituições de caridade, da Libertadores da América, do Sub-20, mas, sem dúvidas, o grande evento realizado no Estádio, presente em muitas dicas, foi a Copa do Mundo de 2014. Identificamos que a história do Estádio, nas narrativas dos usuários, se divide em antes e depois da realização da Copa, tanto pela grande reforma pela qual o lugar passou, como pelo orgulho que esse feito gerou nos torcedores.

O Estádio foi reformado, mas tem “cara de novo”, “com acesso fácil e estacionamento gigantesco. Muitas bilheteria espalhadas e ótima visão do campo”, ficou “ainda mais exuberante”, belíssimo, “ficou top mesmo”, ou, nas palavras de um usuário mais comedido: “até que ficou bonito”. Com tantas melhorias, a reabertura foi bastante emocionante, uma “linda festa” com um “estádio de primeiro mundo”. Um usuário citou estar “muito feliz de poder viver este momento, junto a todos os colorados”, enquanto outro lembra: “como dancei na reinauguração do Beira-rio foi a melhor coisa que fiz em minha vida”. Entretanto, nada o livra de críticas, como o relato de um jogo “confirmado 5 horas antes!! Amadorismo e incompetência”, enquanto outro sugere que “a direção poderia colocar mais vezes os valores dos ingressos mais acessíveis, pra lotar sempre”.

No que se refere ao Barra Shopping Sul, é um “bom lugar para se curtir” e passear, “fácil de se locomover”, com “boas opções para compra” e restaurantes para *happy hour*, sendo “bem servido de serviços”, com “ótimas atrações”, boliche, cinema e exposições interessantes, o “melhor lugar pros dias de chuva”. Ele está “sempre com alguma novidade exposta”, sendo citado o Espaço Móveis do Bem, na Feira Conceito. Entretanto, nem tudo agrada ao público: “Não venham na praça de alimentação nas terças e quintas a noite tem uma música ao vivo horrorosa”. Ele é um bom lugar também “pra sair e fugir do calor... ar condicionado de primeira”, “sempre ligado no -5

---

<sup>13</sup> Tradução de “la visita es buena o mala dependiendo el día”.



graus”. Para quem for fazer compras, um usuário alerta: “pesquise bem antes de fechar uma compra. E de olho nos direitos do consumidor”. Uma pessoa elogia a “sempre linda decoração de Natal”, valendo a dica: “semana pós Natal as lojas ficam com descontos tentadores”. Devido à superlotação aos finais de semana, outra dica é: “faça suas compras em dias de semana à noite”, quando “é o paraíso”, não sendo recomendado aos finais de semana – “se estiver quente então, fuja!”. Além disso, é bom lembrar que “em início de mês, pior não há”.

O Barra é um estabelecimento voltado para o consumo, mas isso não impede que, no seu cotidiano, se constituam memórias nos trânsitos das pessoas que por ele passam. Conforme Casalegno (2006), as informações digitais espalhadas pelo território exaltam os laços físicos e o ambiente se transforma em uma verdadeira interface da memória. As dicas sobre o *Shopping*, como pudemos observar, compõem-se de relatos das formas de ser e estar no lugar, com representações positivas e negativas sobre o comportamento social. Essas narrativas são suplentes da experiência compartilhada e atuam na fundação da memória coletiva, pois “a narração, a possibilidade de que todos os membros de uma comunidade têm de acessar e de enviar as informações que nutrem um sistema, permitem a formação dessa memória comum” (CASALEGNO, 2006, p. 32). Assim, por mais que o *Shopping* seja um lugar de consumo, na vivência cotidiana, nele também são tecidas sensibilidades que constituem memórias coletivas.

Uma narrativa só se desenvolve porque há um suceder de eventos narrados que, ora em harmonia, ora frutos de tensão, são apresentados de forma relativamente coesa, mesmo quando há uma multiplicidade de narradores, como é o caso das dicas publicadas no *Foursquare*, que conta com uma autoria compartilhada. Esses eventos, ao serem costurados, constituem um enredo e possibilitam observar a passagem do tempo, seja este cronológico ou imaginário, conforme analisamos na próxima seção.

#### **4.4.5 Tempos da Cidade nas Narrativas do *Foursquare***

Com relação aos tempos das narrativas, diferentemente da Linha Turismo, identificamos poucas referências ao tempo cronológico: raras são as dicas que mencionam datas específicas. Entretanto, a passagem do tempo é sentida pela transformação do espaço, pois identificamos menções a mudanças que ocorreram

nesses lugares e que alteraram a forma como as pessoas os representam. Em seus escritos, Benjamin (1994) abordava a relação entre tempo e narrativa, algo que também identificamos nas dicas deixadas pelos usuários. Suas experiências com o lugar ficam evidentes pelo teor das dicas por eles publicadas, pois identificamos, em muitos casos, um precioso detalhamento das atividades, cores e cheiros desses lugares, algo que só é possível de se construir quando há a experiência com o lugar.

Diferente da narrativa da Linha Turismo, fortemente histórica, mas que pouco se aprofunda a respeito das atividades corriqueiras de muitos lugares visitados, nas narrativas do *Foursquare*, há diversidade e muitas menções às particularidades dos lugares, revelando múltiplas percepções da cidade e de seus tempos que, mais do que cronológicos e por nós contados, são imaginários, pois os sentimos e projetamos. Essa narrativa é constituída de relatos, pequenos fragmentos de memória, passagens rápidas materializados na descrição de momentos ou instantes que, mesmo ligeiros, passam a compor nossas memórias. Esse tempo fragmentado é bastante característico de nossa sociedade, influenciada por fluxos informacionais incessantes e amparada em tecnologias que aceleram nossa vivência do real. Trata-se de um tempo fluído em que, às vezes, não há a perenidade necessária para sedimentar uma memória, evidenciando a constituição de identidades cambiantes e em constante transformação.

Com relação aos tempos da narrativa do Largo Zumbi dos palmares, não há nenhuma referência histórica sobre o lugar ou sua formação, todas as menções dos usuários são ao tempo presente. Percebemos, também, que nenhuma referência é feita a Zumbi dos Palmares, nomeação do lugar relacionada a um líder negro do passado. Apenas um usuário cita a presença de traços da cultura negra na região, quando menciona as feiras africanas que lá ocorrem. Assim sendo, entre os usuários que publicaram essas dicas no aplicativo, parece não haver a conexão com o tempo de outrora (ou mesmo o seu conhecimento), quando aquela região da cidade era fortemente povoada pela população negra. Amparando-nos em Ricoeur (2012), podemos compreender que, nessas dicas, não há uma relação dialética entre o passado, o presente e o futuro do lugar, importante para o encadeamento de uma narrativa.

Já no caso do Parque Farroupilha, o tempo da narrativa dos usuários se faz presente quando lembram da presença do lugar em suas próprias histórias de vida, em

dicas como “passei minha infância, adolescência e juventude na redenção” e “infância, juventude, maturidade... a redenção nos acompanha do início ao fim”, nostalgia que culmina, também, na saudade que relatam, em trechos como “saudade da Redenção.... deve fazer mais de 48 meses que não coloco os pés nela...” e “saudade de morar juntinho da Redença!”. Em sua obra, Halbwachs (1990) aborda essa relação afetiva entre as pessoas e a cidade, frisando que, junto com as casas e muralhas, persistem ao longo do tempo as pessoas do grupo social que estão em contato com elas e que confundem suas próprias vidas com as delas. Para o autor, “quando um grupo humano vive muito tempo em lugar adaptado a seus hábitos, não somente os seus movimentos, mas também seus pensamentos se regulam pela sucessão das imagens que lhe representam os objetos exteriores” (HALBWACHS, 1990, p. 136), lembrando que o grupo social se transforma de acordo com os movimentos do lugar onde está inserido e vice-versa. Em um entrelaçar de histórias, tanto do lugar como das pessoas, identificamos uma sinergia entre a cidade e os seus cidadãos ao longo do tempo.

Algumas pessoas também lembram fatos históricos sobre o lugar. Embora o termo “Redenção” seja muito utilizado para se referir ao Parque, apenas um usuário lembra o motivo desse nome, que foi o uso do lugar para a redenção dos negros escravizados, como também é contado pela narrativa da Linha Turismo. Chama atenção, entretanto, a dica de outro usuário que cita que, no lugar, quando ainda se chamava Campo da Várzea, funcionou o “estádio do Beira-rio no início do clube”. Essa informação está um pouco equivocada, pois o Estádio Beira-Rio só foi criado anos depois, posteriormente ao Estádio dos Eucaliptos, no bairro Menino Deus. Na época em que o Internacional jogava na Redenção, no início do século XX, ainda não existia o Beira-Rio. Entretanto, a informação de que o time jogou algumas partidas no lugar onde hoje está a Redenção é verdadeira, embora pouco conhecida – algo nem mesmo mencionado pela Linha Turismo.

Mas a importância histórica do lugar se expressa nos termos usados pelos usuários, ao citarem suas “árvores centenárias” e as tradicionais feiras, que são um “passeio clássico” na cidade, sendo que a Redenção é “um dos parques mais antigos da capital, faz parte da cultura da cidade e do estado”. A palavra “tradicional” é usada com frequência para se referir ao Parque e às atividades nele desenvolvidas, às quais

são mencionadas como constituintes da cultura da cidade: “tomar chimarrão, comer churros e passear no Brique da Redenção é indispensável para quem se considera gaúcho ou está visitando Porto Alegre”. Percebemos, assim, uma forte associação também à identidade gaúcha e porto-alegrense.

Algumas dicas refletem o desenvolvimento do lugar ao longo do tempo, onde podemos perceber suas marcas e transformações, como é o caso de algumas menções pontuais a reformas feitas em alguns de seus espaços, os estragos causados por um forte temporal, além das melhorias e planos de reutilização de antigos espaços, como na dica “o auditório Araújo Vianna, fechado desde 2005, tem reinauguração prevista para o final de 2011”. Mesmo ao lamentarem o estado de abandono do Parque, os usuários projetam para o futuro um lugar melhor conservado: “mal cuidado por essa nossa prefeitura. Espero poder voltar aqui e reescrever”. Por outro lado, nem todos são otimistas, como uma pessoa que desabafa não entender o porquê de insistir ir ao Parque, pois ele “a cada domingo piora”. A análise do tempo evidencia que o lugar está em declínio, piorando com o tempo, em estado de abandono, ao contrário de lugares como a Usina do Gasômetro.

Embora as dicas deixadas pelos usuários na página do Parque Moinhos de Vento não revelem dados históricos sobre o lugar, é possível percebermos a passagem do tempo quando observamos as transformações pelas quais o Parque passou: “antes tinha mais patos e tartarugas”. As menções aos eventos ocorridos anteriormente, às lanchonetes preferidas dos usuários, mas que hoje não funcionam mais, bem como os problemas antigos e que hoje foram solucionados, nos revelam um lugar em constante transformação. Entretanto, certas coisas não mudam, seja porque “as tartarugas continuam comendo os pombos do lago” ou porque o mesmo parque escolhido para receber um gigantesco monumento em homenagem a um ditador em 1979 é, hoje, palco de manifestações antidemocráticas.

A pertinência de se pensar a memória está na dialética que ela promove entre passado, presente e futuro, estabelecendo formas de vida sem ruptura brutal, respeitando um presente que tem no passado sua fundamentação, o que é válido para estudar os modos como indivíduos e grupos se situam e se ligam à cidade (JODELET, 2002). As referências ao tempo na narrativa sobre o Mercado Público no aplicativo

ficam por conta do caráter histórico do prédio, pois é “sempre bom conhecer os mercados históricos”.

Há diversos termos usados pelos usuários que remetem à história do Mercado Público, sendo ele um “prédio antigo, símbolo da cidade”, “um clássico”, tradicional e “nostálgico”, um “posto histórico de Porto Alegre”, permanecendo “sempre encantador”, exemplo de “um típico mercado a moda antiga”. Suas bancas “estão lá desde 1919” e, em meio aos centenários restaurantes, a Bomba Royal da Banca 40 é, “desde 1927, o melhor e mais tradicional sorvete de todo o estado”. Uma pessoa afirma frequentá-lo desde muito pequena, enquanto outra alega que não tem preço voltar ao lugar. Ambas podem ficar tranquilas, pois “o Mercado Público resiste!” e, mais do que isso, está “cada dia melhor”. Ele seria uma espécie de aura memorial, permanecendo e fortalecendo as tradições do passado no presente. Conforme Santos (2002, p. 21), “[...] a cidade nos traz, através de sua materialidade, que é um dado fundamental da compreensão do espaço, essa presença dos tempos que se foram e que permanecem através das formas e objetos [...]”. O Mercado Público é um dos símbolos da cidade e sua presença, ao longo do tempo, auxiliou na construção da identidade dos porto-alegrenses.

Os tempos das narrativas dos usuários sobre a Usina do Gasômetro permeiam o passado, o presente e o futuro do lugar. O passado é lembrado em algumas dicas que citam sua história, especialmente nas narrativas de empresas que escrevem sobre o lugar. De acordo com essas dicas, o que é hoje um “espaço multicultural”, um “misto de museu e local de exposições e cultura”, já foi uma antiga usina que “produzia energia termoelétrica a partir da queima do carvão”, fornecendo “energia elétrica à base de carvão mineral para POA de 1928 a 1974, quando foi desativada.” Mas percebemos que os sujeitos que interagem com esse patrimônio atuam como testemunhas de suas transformações. Sobre os esquecimentos de sua história, destacamos que, assim como na narrativa da Linha Turismo, não há menções à antiga casa de reclusão que havia no lugar.

Um dos usuários relata suas impressões acerca de uma experiência anterior com o lugar: “em janeiro de 2016 era um dos espaços mais degradados e abandonados que conheci em Poa. Uma pena, pois tinha tudo para ser um vibrante centro cultural pra quem vem conhecer a cidade. Precisa melhorar.” O tempo passou, o lugar se

transformou e o aplicativo é um lugar onde se manifestam suas novas representações: “Nova Orla ficou de primeiro mundo! Não tem como não se apaixonar!” Nesse sentido, enquanto a história mais antiga do lugar é lembrada pelas empresas, sua história recente é rememorada por aqueles que a presenciaram: as próprias pessoas. Diante das transformações incessantes dos equipamentos urbanos, para quem quiser lembrar-se futuramente de como eles são, talvez o melhor seja seguir a dica deixada por um usuário: “bater algumas fotos antes da mudança”.

Mas a passagem do tempo não é compreendida apenas pela razão, pois a emoção é que dá a tônica à apropriação do espaço. O Gasômetro segue sendo “lindo como sempre” e, “desde sempre, é aqui o pôr-do-sol [sic] mais lindo do mundo!”. Um usuário inclui o lugar em seus sonhos de vida: “um dia... ainda mudo p poa, em definitivo... e vou todos os dias no gasômetro....#sonhodeconsumo”. Essa projeção sobre o lugar confirma a visão de que “[...] a cidade não se expande só no território, porque ela não é apenas o espaço físico, mas todo um emaranhado de ideias, aspirações e utopias: a cidade é o sonho que cada um dos seus moradores acalenta em segredo.” (GASTAL, 2006, p. 213). E assim, vivendo o presente e lembrando o passado, vamos projetando e construindo o futuro, presenciando uma Usina do Gasômetro que está “cada dia melhor”, conforme a última dica coletada no aplicativo, publicada em 2020.

Com relação aos tempos do Estádio Beira-Rio, ele é um lugar histórico, mas “não perde a sua história. Sempre teve e sempre terá”, sendo a “casa onde o Sport Club Internacional dá shows desde 1969”. Novamente, a história do time se entrelaça com a dos torcedores, que possuem “orgulho de nascer COLORADO”: um lembra do jogo que assistiu quando tinha 11 anos, na Argentina, enquanto outro relata estar “voltando feliz” ao *Estádio*. Outra pessoa relata: “Voltando ao Gigante percebo como a copa do mundo fez bem! Antes o entorno estava ruim, agora está muito bom”, o que é confirmado em outra dica: “Ficou mais lindo ainda depois da restauração para a Copa”. Dicas publicadas em 2013, em meio às obras, citavam-no como o então maior estádio da região Sul do Brasil e projetavam-no como o “futuro estádio mais bonito do mundo”. Mas ele segue sendo idealizado para o futuro, pois está “cada dia mais lindo” e os torcedores desejam a ele “vida longa” e que sua história seja “para sempre”.

Como dito anteriormente, o Barra Shopping Sul é um lugar relativamente novo na cidade, ainda pouco expressivo em sua história, rendendo poucos relatos que enriqueçam os tempos de suas narrativas. Em uma dica publicada em 2015, ele era citado como “o mais novo dos shoppings em Porto Alegre”, enquanto outro usuário relata: “desde minha dica em 2012, nada mudou na praça de alimentação. É um pesadelo, evitem”. Acerca dos tempos, entretanto, identificamos uma dica peculiar, pois um usuário afirmou que o Barra Shopping Sul funciona no espaço da “antiga fábrica da Brahma”, o que está incorreto, pois o lugar onde funcionava essa fábrica é, hoje, ocupado pelo Shopping Total, em outra região da cidade.

Em todos os lugares narrados, identificamos as marcas da passagem do tempo, seja este o tempo identitário, medido pelo relógio e pelo calendário e dividido em períodos iguais, ou o tempo imaginário, indefinível e maleável, socialmente instituído pelo movimento dos fazeres e sentires dos sujeitos (CASTORIADIS, 1982). Entretanto, o tempo imaginário se sobressai, pois pouco há, por parte dos usuários do aplicativo, a preocupação em demarcar datas ou períodos históricos. Na relação afetiva que desenvolvemos com o lugar, surgem sensibilidades que nos orientam a uma apropriação específica dele, por vezes distante da realidade, contexto no qual até o tempo parece diferente, não sendo passível de medição, apenas de sensação.

#### 4.5 COMPARAÇÃO ENTRE AS NARRATIVAS DO SETOR TURÍSTICO

Após analisarmos de forma mais específica cada uma das narrativas, debruçamo-nos sobre uma comparação entre elas, de modo a evidenciar no que se aproximam e no que se afastam, para que possamos melhor visualizar e compreender os estatutos por trás de cada uma delas. No Quadro 4, apresentamos uma síntese comparativa entre as narrativas da Linha Turismo e do *Foursquare*, mostrando as diferenças entre as abordagens em relação ao que é lembrado e ao que é esquecido, o que facilita a contraposição entre elas, revelando suas tensões e conflitos.

Quadro 4 – Síntese Comparativa Entre as Narrativas da Linha Turismo e do *Foursquare*

Aspectos Observados	Narrativas	
	Linha Turismo – Oficial	<i>Foursquare</i> – Não-oficial
Origem	Ente público: a Prefeitura de Porto Alegre.	Ente privado: as pessoas que publicam no aplicativo.
Narradores	Especialistas no assunto, técnicos concursados da Prefeitura.	Os próprios sujeitos que utilizam o aplicativo, em geral, cidadãos comuns e leigos.
Temas	Visão otimista sobre a cidade. Patrimônios apresentados como “atrativos”. Menções à história e à cultura local (expressões idiomáticas locais, gastronomia, esportes, etc.). Citações de muitas curiosidades e personagens ou eventos pitorescos, de modo a chamar atenção do visitante.	Visão otimista sobre a cidade. Forte vínculo emocional com os lugares narrados. Menções a elementos da cultura local (expressões idiomáticas locais, gastronomia, esportes, etc.). Presença de ironias, especialmente acompanhadas de críticas.
Cenários	Destaque à arquitetura antiga. História e modernidade se entrecruzam, representando uma cidade diversa, tradicional e cosmopolita ao mesmo tempo.	Destaque à apropriação do espaço e o prazer em desfrutá-lo. Lamentos pelo abandono de alguns lugares, com críticas contundentes à sujeira e falta de cuidado com a cidade.
Personagens	Grandes personalidades da história e grupos sociais fundadores da cidade e influenciadores da cultura local. Há menções à cultura negra.	As próprias pessoas se colocam como personagens das narrativas, com menções também às pessoas que circulam pelos lugares, incluindo animais. Há um esquecimento da cultura negra.
Enredos	Eventos históricos são maioria, com menções às atividades cotidianas, como a prática de esportes e o chimarrão.	Eventos históricos menos destacados, com ênfase às atividades cotidianas, por vezes minuciosamente descritas.
Tempos	Destaque ao tempo identitário, com marcações temporais bastante delimitadas, especialmente remetendo-se ao passado.	Destaque ao tempo imaginário, com poucas marcações temporais, mas muitas menções à transformação dos lugares ao longo do tempo e às apropriações da cidade pelos sujeitos, destacando o presente.
Fontes de Informação	Livros técnicos resultantes de pesquisas científicas, dados históricos e demográficos. Fontes de informação fidedignas, sem identificação de informações falsas ou equivocadas.	A própria experiência, o senso comum e a oralidade. Fontes de informação menos fidedignas, com identificação de informações equivocadas.

Fonte: elaborado por Luis Fernando Herbert Massoni, 2021.



A narrativa turística oficial é composta por um serviço de produção e divulgação de informações ligado diretamente aos órgãos públicos, com a finalidade de atrair turistas e promover a valorização da cidade a partir de informações sobre o patrimônio cultural, o que molda diretamente a forma como constrói suas narrativas, que seguem uma determinada lógica. Já a narrativa não-oficial é composta por dicas publicadas de forma menos pretensiosa, mas também enquadrada, por cidadãos comuns que têm como base suas experiências com o lugar, gerando informações por vezes desconstruídas, imprecisas ou mesmo equivocadas. Esse estatuto de cada uma dessas narrativas é fundamental para que possamos compreender as aproximações e diferenças entre elas.

A origem dessas narrativas é um aspecto fundamental para as compreendermos, pois, além do caráter institucional da primeira, esta também é representante do poder público, ao passo que a segunda se constitui da tessitura de narrativas individuais produzidas em âmbito privado. Assim, interesses públicos e privados são postos em jogo, principalmente quando identificamos que alguns dos estabelecimentos destacados pela narrativa oficial são *shoppings centers*, evidenciando que a narrativa do setor público também privilegia interesses privados.

Com relação aos narradores, é imprescindível destacarmos que o perfil de cada pessoa é um aspecto definitivo para moldar o tipo de informação que ela produz, pois, sendo a informação um conhecimento registrado, ela é sempre fruto das representações dos sujeitos que a produzem. Essas representações, por sua vez, amparam-se nas memórias construídas pelas suas experiências. É por isso que identificamos diferenças consideráveis entre as duas narrativas: enquanto uma é produzida por especialistas, tornando-se mais homogênea e precisa, a outra é feita por pessoas com diversos olhares e variadas experiências com a cidade, portanto, mais heterogênea e imprecisa.

Os temas das narrativas se assemelham, recaindo a diferença especialmente na abordagem que é dada em cada uma delas. A visão otimista sobre a cidade é algo presente em ambas, mas a narrativa dos usuários do aplicativo *Foursquare* apresenta maior tensão, em comparação com a narrativa oficial, que é fortemente marcada pela reprodução de representações consolidadas sobre a cidade e seus patrimônios. No aplicativo, as pessoas manifestam seus desconfortos e insatisfações com a cidade, algo

silenciado pela Linha Turismo, que justamente opta por destacar o que a cidade “tem de bom”, tratando seus patrimônios como atrativos turísticos.

Com relação aos cenários, o destaque da narrativa oficial são os prédios e suas respectivas histórias, o que é de se esperar, tendo em vista que esta é uma narrativa amparada em pesquisas sobre o lugar, realizadas por especialistas. Já a narrativa não-oficial inclui, por vezes, descrições pormenorizadas de alguns lugares, elementos ausentes nos livros de história ou na narrativa oficial. Quase que totalmente ausentes na narrativa oficial, as críticas aos lugares abundam as dicas publicadas pelos usuários no *Foursquare*, o que é de se esperar, pela vinculação institucional da Linha Turismo.

Embora os porto-alegrenses sejam citados pela narrativa turística, os personagens destacados por ela são os “heróis”, os políticos, os artistas, os esportistas e algumas das famílias influentes na história da cidade. São pessoas que, de alguma forma, são consideradas modelos de cidadãos, por sua grandeza e supostas benfeitorias que teriam feito à cidade. Do outro lado, temos o *Foursquare* apresentando os cidadãos comuns e suas experiências como centro das narrativas, moldadas pela relação afetiva com o lugar.

Os acontecimentos destacados na narrativa da Linha Turismo são, especialmente, os grandes feitos históricos e a construção dos lugares, dando uma noção do desenvolvimento da cidade, conformando o enredo apresentado. O enredo narrado no *Foursquare*, ao contrário, pouco menciona fatos históricos, atendo-se aos acontecimentos cotidianos vividos ou praticados pelas pessoas que transitam pelos seus espaços, incluindo obras, assaltos ou demais inconveniências do dia a dia. Algumas exceções, na narrativa da Linha Turismo, incluem a menção aos esportes e ao chimarrão, envolvendo o bem-estar da população e as tradições da cidade, aspectos usados para valorizar a cidade.

Com datas bem delimitadas, o passado se destaca nos tempos da narrativa da Linha Turismo, apresentando a origem de alguns bairros, as datas de construção de determinados prédios, dentre outras informações precisas. Já a narrativa dos usuários do *Foursquare* privilegia o tempo vivido (e sentido), com menções à transformação da cidade ao longo do tempo, mas sem tantas marcações temporais específicas. Neste contexto, o passado distante é geralmente esquecido, provavelmente por

desconhecimento. Por outro lado, o passado próximo é lembrado, embora o foco temporal seja o presente.

Todas essas características conformam as narrativas que, tidas como informação, são sempre resultantes de processos de representação. Essas informações também variam de acordo com as fontes utilizadas para produzi-las, contexto no qual identificamos diferenças consideráveis entre as narrativas: a narrativa oficial utiliza fontes publicadas, como livros, dados demográficos e históricos advindos de estudos prévios, sendo consideradas fidedignas; a narrativa não-oficial, calcada nas dicas publicadas pelos usuários do aplicativo, advém das suas próprias experiências com o lugar, além, é claro, do senso comum, pois algumas dicas, possivelmente, são reproduções de impressões de terceiros. Essas fontes de informação, pelo caráter subjetivo, são tidas, *à priori*, como menos fidedignas, embora possam relatar detalhes esquecidos ou silenciados pelas fontes oficiais.

## 5 ENCERRANDO UM TRAJETO

Chegamos ao fim de nosso trajeto e é o momento de refletirmos panoramicamente sobre nossas impressões e descobertas. Desde o momento em que nos propomos a comparar as duas narrativas sobre o turismo, uma oficial e outra não-oficial, era sabido que elas seriam constituídas por diferentes estatutos, estando enredadas pelas disputas de poder que moldam suas representações.

A partir da comparação entre as duas narrativas, observamos que, em todos os patrimônios culturais analisados, existem diferenças de abordagem entre ambas: a narrativa oficial e institucional sobre o turismo prioriza e divulga informações e lembranças dos acontecimentos e das pessoas apoiando-se na narrativa da história da cidade, utilizando fontes de informação oficiais, citação de datas e de personagens importantes que fizeram parte da cidade. Assim, o presente da cidade é resultado das ações do passado do lugar. Trata-se de uma memória oficial sobre a cidade.

Na narrativa não-oficial, as informações sobre a cidade são decorrentes de fontes informais, que são os resultados das impressões captadas facilmente no dia a dia pelo senso comum, possuindo ampla difusão na sociedade e no imaginário social. Embora ela apresente um certo grau de detalhamento em relação aos lugares e às vivências cotidianas dos cidadãos com a cidade (é através dela que somos informados sobre os aromas do Mercado Público ou do prazer de comer churros ou “lagartear” na Redenção, por exemplo), ela é superficial. Assim, abrindo mão dos referenciais do passado para focar no presente vivido, a partir da narrativa do *Foursquare*, manifesta-se uma memória efêmera, passageira, privilegiando relatos das apropriações do espaço em detrimento das informações oficiais institucionais.

Diante dos desafios de nossa pesquisa, o delineamento metodológico influenciou diretamente na forma de cercar nosso objeto para análise. A experiência do passeio na Linha Turismo nos colocou no papel de turistas, receptores das informações mediadas pelo serviço, um lugar privilegiado de observação dessa narrativa. A narratologia permitiu-nos perceber que as narrativas são constituídas por elementos que, quando articulados, contam uma história coesa sobre a cidade. O método da narratologia tem sua validade no estudo ao permitir observarmos de que modo as histórias da cidade são narradas na tessitura do presente e como a memória é

usada para fortalecer os laços emocionais com o lugar. Temas, cenários, enredos, personagens e tempos são orquestrados de modo a produzir um sentido ao visitante da Linha Turismo e ao leitor das dicas.

Há alguns panos de fundo sob os quais se desenvolvem as narrativas. Eles compõem as metanarrativas das histórias contadas e identificamos, dentre outras: os heróis de guerra, que servem como exemplo e se destacam em meio aos personagens que marcam a história da cidade, pela sua coragem, bravura e amor ao lugar; o progresso e a admiração pela ciência, decorrentes do Iluminismo e presentes na influência positivista na história da cidade; e o idealismo, que se manifesta quando da produção mental da cidade que, ao ser memorada, é também projetada e idealizada.

Essas metanarrativas estruturam as narrativas e fortalecem os vínculos emocionais com o lugar. E os sentimentos são muitos nas narrativas analisadas: o carinho pela cidade, o orgulho pelos seus feitos, a admiração pelos personagens presentes em sua história e a satisfação em ver seu desenvolvimento. A narrativa do *Foursquare*, mais plural e menos idealizada, também apresenta manifestações como a saudade da cidade do passado, a felicidade em tornar a visitá-la, o medo decorrente da violência que a assola e a tristeza pelo abandono de seus patrimônios e pela sua sujeira, embora os lamentos dos usuários expressem, também, a esperança de que dias melhores virão, em que a cidade será mais cuidada e valorizada.

A cartografia, da forma como a aplicamos em nosso estudo, permitiu visualizar o mapa afetivo da cidade a partir dos seus lugares, das lembranças e dos esquecimentos. A cartografia reflete as sensibilidades construídas na interação com o lugar e os mapas, mais do que meras ilustrações, possuem um papel fundamental na compreensão da forma como o lugar é narrado, ao representarem imagetivamente as lembranças e os esquecimentos da paisagem urbana.

A relação entre informação e narrativa turística, explorado em nossa tessitura teórica, reflete em nossa empiria, pois percebemos que a informação, além de nos apresentar novas narrativas sobre a cidade, atualiza as que já conhecemos, confrontando-as consigo mesmas, com dados oficiais e com a diversidade das opiniões. Assim, a partir de nosso estudo, podemos inferir que a informação que acessamos nutre nossas narrativas, ao mesmo tempo em que as tensiona e expande, pois quanto mais informações possuímos sobre um lugar, mais podemos questionar as

narrativas consolidadas sobre ele. A informação sobre a cidade é constituída pelas suas narrativas e o acesso a ela promove a reinvenção nas formas de apropriação do lugar.

A comparação entre a narrativa oficial da Linha Turismo sobre a cidade e seus patrimônios e a narrativa turística não-oficial, formada pelas informações contidas nas dicas deixadas pelos usuários do *Foursquare*, nos mostra que elas divergem em muitos aspectos. Na narrativa oficial, a fonte das informações utilizadas, com a origem dos fatos e dos acontecimentos narrados, apoia-se em uma narrativa histórica da cidade e de seus lugares. Ao passo que as opiniões emitidas pelos usuários do aplicativo são moldadas pelas representações decorrentes de suas vivências e das representações hegemônicas provenientes dos meios de comunicação.

Os esquecimentos de algumas regiões da cidade pelo setor turístico ficam visíveis em nosso estudo, tanto na narrativa oficial como na narrativa dos usuários do *Foursquare*. Alguns lugares, como o Arquivo Público do Rio Grande do Sul, o Museu de Percurso do Negro em Porto Alegre, o Museu Júlio de Castilhos, a Rua Duque de Caxias, dentre outros, não são mencionados em nenhum momento, por nenhuma das narrativas, mesmo possuindo importante papel histórico. Na dialética entre lembrança e esquecimento, é fundamental compreendermos que o silêncio, mais do que mera lacuna acidental ou equívoco, por vezes representa vontades ou intenções, atuando como uma escolha que compõe um projeto de memória.

A relação da cidade com a cultura gaúcha é lembrada em ambas as narrativas: assim como palavras locais, típicas do “Gauchês”, são usadas pela Linha Turismo para se referir aos lugares, como a “lomba” da Rua Ramiro Barcelos e as belas “gurias” que se banhavam no Praia de Belas, também as narrativas dos usuários do *Foursquare* estão rodeadas de expressões locais, como quando se referem ao Barra como um “baita *shopping*”. A língua é um elemento importante na construção da identidade cultural e percebemos sua influência nas narrativas, por meio do uso de regionalismos que reforçam a presença da cultura local.

Percebemos, na comparação entre as narrativas oficial e não-oficial, uma diferença a respeito das lembranças e dos esquecimentos quanto à presença da cultura negra na cidade. Enquanto a Linha Turismo dá destaque a Zumbi dos Palmares, Abdias do Nascimento e ao Bará do Mercado, em nenhum momento essas personagens são citadas nas dicas dos usuários. Convém lembrar, também, as

menções que a Linha Turismo faz ao Dia da Consciência Negra. Assim, esse esquecimento não é promovido pela narrativa oficial, mas sim pelas próprias pessoas que publicaram suas dicas no aplicativo, evidenciando que talvez desconheçam esses personagens. Por outro lado, também há esquecimentos em comum, como o Museu de Percurso do Negro, que não é lembrado por nenhuma das narrativas. Sugerimos que os motivos e as circunstâncias específicas desses esquecimentos sejam estudados em pesquisas futuras.

No caso dos grupos indígenas, sua presença atual na cidade não é lembrada pelo áudio da Linha Turismo, mesmo eles ocupando espaços bem centrais, como a Rua da Praia e a Redenção. Por outro lado, a narrativa oficial menciona ser o chimarrão um produto de origem indígena, bem como as palavras “Guaíba” e “Ipiranga”, que denominam o lago tão apreciado pelos moradores e uma das avenidas mais extensas da cidade. Na narrativa dos usuários do aplicativo, a presença indígena é completamente esquecida, pois tanto na história da cidade como na descrição de seu cotidiano, em nenhum momento há menções a esse grupo étnico. A partir dessas observações, percebemos que a narrativa da Linha Turismo inclui a presença e a contribuição de grupos sociais historicamente marginalizados na constituição da cidade, resquícios invisibilizados na narrativa do *Foursquare*, mesmo ela sendo colaborativa. Essa invisibilidade torna-se ainda mais inquietante quando percebemos que, em lugares como a Redenção, os indígenas não são lembrados, mas os animais de estimação que transitam pelo lugar são mencionados, revelando um pouco do valor que nossa sociedade dá aos grupos tradicionais.

Obviamente, as críticas que tecemos ao longo de nossa análise não possuem o intuito de desqualificar a Linha Turismo, haja vista que seria impossível, em um passeio que se propõe a durar menos de duas horas, contemplar toda a cidade – nem mesmo os moradores locais frequentam ou conhecem todas as regiões da cidade. Nossa análise pode auxiliar o roteiro turístico na inclusão de alguns lugares importantes na história da cidade. O roteiro poderia contemplar outros lugares próximos às regiões visitadas. Ao passar pelo Parque Moinhos de Vento, por exemplo, o ônibus poderia adentrar pelas ruas repletas de casas antigas que se encontram pelo bairro, além de mencionar a Associação Leopoldina Juvenil e a Praça Maurício Cardoso.

O casario antigo do bairro Petrópolis, juntamente com a Praça Mafalda Verissimo e a Praça da Encol, por sua vez, poderiam ser visitados em um trajeto que explorasse as regiões Norte e Leste, podendo incluir, também, a região do Jardim Botânico e o Museu de Ciência e Tecnologia da PUCRS, a Vila do IAPI, a Praça Província de Shiga, o Laçador, a Ponte do Guaíba e o 4º Distrito, com destaque para a Associação Cultural Vila Flores. Apresentar ao turista esse último trecho, em especial, teria a função de mostrar a forma como a cidade se reinventa para requalificar zonas degradadas. Embora nosso estudo não tenha esse interesse inicial, pode contribuir para repensar a narrativa da Linha Turismo, expandindo-a e qualificando-a, na medida do possível, explorando outras partes da cidade e outras memórias.

Analisando as dicas deixadas pelos usuários, percebemos o quanto a distribuição geográfica dos bens culturais influencia na representação que se faz sobre eles. Além da narrativa oficial, enquadrada por natureza, que privilegia os lugares mais centrais, percebemos o quanto os próprios usuários do *Foursquare* evidenciam, em suas dicas, que gostam do Parcão por estar localizado no “melhor lado da cidade”, enquanto um dos principais aspectos negativos do Barra Shopping Sul é ser distante da região central. Em nosso estudo, salta aos olhos uma geografia da memória que, calcada na desvalorização das regiões periféricas, lança sobre elas o manto do esquecimento ou os holofotes da lembrança negativa. Ao analisarmos uma mídia social contemporânea, precisamos ter em conta que o esquecimento não é apenas fruto de uma escolha humana, pois os próprios algoritmos dos aplicativos promovem-no, através de uma ausência de memórias que é compulsória e programada, fazendo uma seleção de conteúdos a partir dos gostos do usuário.

Embora não tenha sido foco deste estudo, a pandemia de Covid-19, enquanto fenômeno que alterou drasticamente a forma como nos relacionamos com as cidades, suscita discussões que poderão ser exploradas em estudos futuros. Novas análises da Linha Turismo, por exemplo, poderão comparar narrativas futuras apresentadas por esse serviço à narrativa analisada nesta tese, evidenciando as diferenças e/ou adaptações, inclusive observando se as futuras narrativas serão influenciadas pela pandemia. Já o *Foursquare*, por depender do trânsito das pessoas pela cidade, caso continue a ser utilizado (vide sua tendência ao desuso, conforme percebido no estudo), poderá ser um lugar de registro das novas representações sobre os lugares



(alguns dos quais podem ter fechado devido à pandemia), onde as pessoas compartilharão um pouco de suas memórias com a cidade que, após tanto tempo, puderam voltar a frequentar.

Os resultados deste estudo também evidenciam um aspecto que perpassa as discussões sobre o patrimônio cultural e as memórias da cidade: a disputa entre o públicos e privados. O patrimônio cultural, seja no âmbito do turismo ou em qualquer contexto no qual esteja inserido, é sempre cercado por tensões, dentre as quais destaca-se o jogo entre o bem-estar coletivo e o desejo de grupos específicos, por vezes movidos por interesses econômicos que não veem a preservação do patrimônio como lucrativa. Neste contexto, o simples fato de pesquisarmos o patrimônio já demarca um posicionamento, especialmente quando nos propomos a estudar aquilo que é esquecido pelas narrativas que moldam as representações sobre a cidade.

Ainda a esse respeito, lembramos que as narrativas do *Foursquare*, embora não passem por um filtro editorial especializado, não são menos tendenciosas, pois podem ser fruto de interesses de grupos específicos. Empresários, por exemplo, podem publicar na rede social (ou até mesmo pagar alguém ou programar robôs para fazer isso), elogiando seus estabelecimentos com vistas a promovê-los e aumentar sua avaliação positiva no aplicativo.

A informação, em ambas as narrativas turísticas analisadas, é mediada de forma a promover o conhecimento sobre a cidade e seus espaços, reforçando laços coletivos e memórias afetivas. Seja na Linha Turismo ou no aplicativo *Foursquare*, a informação, mais do que informar, produz sentidos e revela intencionalidades, reforçando determinadas representações sobre esses lugares. Desse modo, confirma-se nossa tese de que as informações comunicadas por diferentes agentes formam narrativas, sejam essas oficiais ou não-oficiais, sobre as memórias da cidade e de seus patrimônios, construindo e reforçando lembranças e esquecimentos que tencionam as representações sobre o lugar, influenciando a forma como os cidadãos dele se apropriam.

As dicas deixadas pelos usuários do aplicativo indicam que Porto Alegre é uma cidade com muitos problemas de infraestrutura, com espaços públicos sujos, inseguros e com aspecto de abandono. Entretanto, uma outra face dessa mesma cidade se revela promissora: a maioria das críticas à cidade vem acompanhada de lamento, de

nostalgia ou de esperança. Percebemos, em diversos momentos, que a cidade “infelizmente” tem muitos problemas, já não é tão bem cuidada como antes, mas alguns usuários projetam em seus sonhos o desejo de vê-la melhor no futuro, e nos chama atenção o grande afeto que elas demonstram pelos lugares que estudamos. Ao mesmo tempo em que lamentam o “abandono” de lugares como a Redenção e o Mercado Público, também reconhecem as melhorias feitas, como nas reformas da Usina do Gasômetro e do Estádio Beira-Rio. Assim, Porto Alegre não é apenas tema deste estudo, pois se apresenta como a cidade amada por ser o cenário onde ocorrem eventos importantes na vida de muitos personagens que a escolheram como lugar de morada ao longo do tempo – um tempo que não é apenas cronológico, mas imaginário, calcado na memória afetiva. Ela não está presente apenas no passado desses sujeitos, mas também nos seus projetos e sonhos de vida, evidenciando que a presença da cidade em suas narrativas não se esgota por aqui.

## REFERÊNCIAS

ABREU, Maurício de Almeida. Sobre a memória das cidades. **Revista da Faculdade de Letras**, Porto, v. 14, p. 77-97, 1998.

ALDRIGUE, Natália de Sousa. **Mediatização das práticas turísticas**: estudo de caso sobre o site Tripadvisor e a página Trip Tips. 2016. 176 f. Tese (Doutorado em Comunicação) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2016.

ARANTES, Antônio Augusto. Patrimônio cultural e cidade. *In*: FORTUNA, Carlos; LEITE, Rogério P. (Org.). **Plural de cidade**: novos léxicos urbanos. Coimbra: Edições Almedina, 2009. p. 11-24.

ARAÚJO, Carlos Alberto Ávila. **O que é ciência da informação**. Belo Horizonte: KMA, 2018.

ARAUJO, Raniery Silva Guedes de. Memória, silêncio, esquecimento e turismo. *In*: SEMINÁRIO INTERNACIONAL EM MEMÓRIA SOCIAL, 2., 2016, Rio de Janeiro. **Anais [...]**. Rio de Janeiro: PPGMS, 2016. p. 1-8.

BALDISSERA, Rudimar. Comunicação turística. **Rosa dos Ventos**, Caxias do Sul. v. 1, n. 1, p. 6-15, jan./jun. 2010a.

BALDISSERA, Rudimar. Comunicação turística: a comunicação das Secretarias municipais de Turismo da rota romântica, Vale do Sinos e Vale do Paranhana (RS). **Conexão**: Comunicação e Cultura, Caxias do Sul, v. 9, n. 17, p. 67-83, jan./jun. 2010b.

BARBOSA, Jackson da Silva. **Narrativas desenraizadas**: comunicação pública e representação da memória social na linha imaginária do Equador. 2014. 140 f. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014.

BARBOSA, Marcio Ferreira. **Experiência e narrativa**. Salvador: Edufba, 2003.

BARBOZA, Elder Lopes. **Contribuições dos fluxos de informação para o turismo de Bonito-MS**. 2019. 250 f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Marília, 2019.

BENJAMIN, Walter. O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. *In*: BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política**: ensaios sobre literatura e história da cultura. São Paulo: Brasiliense, 1994. p. 197-221.

BERGSON, Henri. **Matéria e memória**: ensaio sobre a relação do corpo com o espírito. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

BITTENCOURT, Yolle Vacariuc. **Informação e participação social no turismo sustentável**: o caso da zona portuária da cidade do Rio de Janeiro. 2014. 124 f.

Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia/Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014.

CANDAU, Joel. **Antropologia da memória**. Lisboa: Instituto Piaget, 2005.

CAPURRO, Rafael. Epistemologia e ciência da informação. *In*: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 5., 2003, Belo Horizonte. **Anais [...]**. Belo Horizonte: ECI/UFMG, 2003.

CAPURRO, Rafael; HJORLAND, Birger. O conceito de informação. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v. 12, n. 1, p. 148-207, jan./abr. 2007.

CASALEGNO, Federico. Federico Casalegno: uma abordagem ecológica da memória em rede. *In*: CASALEGNO, Federico. **Memória cotidiana: comunidades e comunicação na era das redes**. Porto Alegre: Sulina, 2006. p. 19-33.

CASTORIADIS, Cornelius. **A instituição imaginária da sociedade**. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

CHAGAS, Mário. Memória e poder: dois movimentos. **Cadernos de Sociomuseologia**, Lisboa, v. 19, n. 19, p. 35-67, 2002.

CISNE, Rebecca de Nazareth Costa. Roteiro turístico, do simples ao complexo: a necessidade de reflexões. *In*: FÓRUM INTERNACIONAL DE TURISMO DO IGUAÇU, 10., 2016, Foz do Iguaçu. **Anais [...]**. Foz do Iguaçu, 2016.

CRUZ, Ana Carolina Dias; ARRUDA, Angela. Por um estudo do ausente: a ausência como objetivação da alteridade em mapas mentais do Brasil. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, Rio de Janeiro, v. 8, n. 3, p. 789-806, jul./dez. 2008.

CUNHA, Magda Rodrigues da. Cidade e memória nas redes sociais na internet. **ECO-Pós**, Rio de Janeiro, v. 16, n. 3, p. 113-128, set./dez. 2013.

CUNHA, Magda Rodrigues da. Memória na era da reconexão e do esquecimento. **Em Questão**, Porto Alegre, v. 17, p. 103-117, 2011.

DODEBEI, Vera. Digital virtual: o patrimônio no século XXI. *In*: DODEBEI, Vera; ABREU, Regina (Org.). **E o patrimônio?** Rio de Janeiro: Contra Capa; PPGMS/UNIRIO, 2008. p. 11-32.

DODEBEI, Vera. Memória e informação: interações no campo da pesquisa. *In*: MURGUIA, Eduardo Ismael (Org.). **Memória: um lugar de diálogo para arquivos, bibliotecas e museus**. São Carlos: Compacta, 2010. p. 59-78.

DODEBEI, Vera. Patrimônio e memória digital. **Morpheus**, Rio de Janeiro, v. 4, n. 8, 2006.

DODEBEI, Vera; GOUVEIA, Inês. Memória do futuro no ciberespaço: entre lembrar e esquecer. **DataGramZero**, Rio de Janeiro, v. 9, n. 5, out. 2008.

DURKHEIM, Émile. Representações individuais e representações coletivas. *In*: DURKHEIM, Émile. **Sociologia e Filosofia**. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense, 1979. p. 15-49.

DUVEEN, Gerard. Introdução: o poder das ideias. *In*: MOSCOVICI, Serge. **Representações sociais: investigações em psicologia social**. Petrópolis: Vozes, 2003. p. 7-28.

FALCO, Débora de Paula. **Identidades em trânsito na narrativa jornalística: percepções dos deslocamentos contemporâneos de turistas e migrantes**. 355 f. 2010. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2010.

FERRAZ, Maria Cristina Franco. Tecnologias, memória e esquecimento: da modernidade à contemporaneidade. **Revista FAMECOS**, Porto Alegre, n. 27, p. 49-57, ago. 2005.

FIALHO, Daniela Marzola. Uma leitura sensível da cidade: a cartografia urbana. **Nuevo Mundo Mundos Nuevos**. 12 mar. 2007. Disponível em: <http://journals.openedition.org/nuevomundo/3698>. Acesso em: 6 fev. 2020.

FOURSQUARE. **Sobre nós**. Disponível em: [pt.foursquare.com/about](http://pt.foursquare.com/about). Acesso em: 18 abr. 2020.

FROHMANN, Bernd. O caráter social, material e público da informação. *In*: FUJITA, Mariângela Spotti Lopes; MARTELETO, Regina Maria; LARA, Marilda Lopes Ginez de. (Org.). **A dimensão epistemológica da ciência da informação e suas interfaces técnicas, políticas e institucionais nos processos de produção, acesso e disseminação da informação**. São Paulo: Cultura Acadêmica Editora; Marília: Fundepe Editora, 2008. p. 13-36.

GANCHO, Cândida Vilares. **Como analisar narrativas**. São Paulo: Ática, 2002.

GARCÍA CANCLINI, Néstor. **Diferentes, desiguales y desconectados: mapas de la interculturalidad**. 3. ed. Barcelona: Gedisa, 2009.

GARCÍA CANCLINI, Néstor. O patrimônio cultural e a construção imaginária do nacional. **Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional**, n. 23, 1994.

GASTAL, Susana. **Alegorias urbanas: o passado como subterfúgio**. Campinas: Papyrus, 2006.

GASTAL, Susana. Imaginário urbano: relendo o texto praça. *In*: LUSOCOM, 6., 2004, Covilhã. **Anais [...]**. Covilhã: Universidade da Beira Interior, 2005. p. 207-215.

- GERLIN, Meri Nadia Marques. **No balanço das redes dos contadores de histórias: competência narrativa e competência em informação no século XXI**. 2015. 325 f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) – Universidade de Brasília, Brasília, DF, 2015.
- GOMES, Carina Sousa. Imagens e narrativas da Coimbra turística: entre a cidade real e a cidade (re)imaginada. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, n. 83, p. 55-78, dez. 2008.
- GONDAR, Jô. Cinco proposições sobre memória social. **Morpheus**, Rio de Janeiro, v. 9, n. 15, p. 19-40, 2016.
- GONZÁLEZ DE GÓMEZ, Maria Nélide. Novos cenários políticos para a informação. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 31, n. 1, p. 27-40, jan./abr. 2002.
- GONZÁLEZ DE GÓMEZ, Maria Nélide. O caráter seletivo das ações de informação. **Informare**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 2, 1999, p. 7-31.
- GONZÁLEZ DE GÓMEZ, Maria Nélide. Regime de informação: construção de um conceito. **Informação & Sociedade: Estudos**, João Pessoa, v. 22, n. 3, p. 43-60, set./dez. 2012.
- GRAEBIN, Cleusa Maria Gomes; VIEGAS, Danielle Heberle. Por uma história rizomática: apontamentos teórico-metodológicos sobre a prática de uma cartografia. **História Revista**, Goiânia, v. 17, n. 1, p. 123-142, jan./jun. 2012.
- HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990.
- HENRIQUES, Roseli Maria Nunes; DODEBEI, Vera. A virtualização da memória no Facebook. **CES Revista**, Juiz de Fora, v. 27, n. 1, p. 257-273, jan./dez. 2013.
- HOLANDA, Adriana Buarque de. **Memória e esquecimento na ciência da informação: um estudo exploratório**. 2011. 142 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2011.
- IBGE. IBGE Educa. **Quantidade de homens e mulheres**. [S./], 2019. Disponível em: <https://educa.ibge.gov.br/jovens/conheca-o-brasil/populacao/18320-quantidade-de-homens-e-mulheres.html>. Acesso em: 02 jun. 2021.
- JODELET, Denise. A cidade e a memória. *In*: RIO, Vicente Del; DUARTE, Cristiane Rose; RHEINGANTZ, Paulo Afonso (Org.). **Projeto do lugar: colaboração entre psicologia, arquitetura e urbanismo**. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria/PROARQ, 2002, p. 31-43.
- JODELET, Denise. O movimento de retorno ao sujeito e a abordagem das representações sociais. **Sociedade e Estado**, Brasília, v. 24, n. 3, p. 679-712, set./dez. 2009.
- JODELET, Denise. Representações sociais: um domínio em expansão. *In*: JODELET, Denise (Org.). **As representações sociais**. Rio de Janeiro: UERJ, 2001. p. 17-44.

JOVCHELOVITCH, Sandra. **Os contextos do saber: representações, comunidade e cultura**. Petrópolis: Vozes, 2008.

JOVCHELOVITCH, Sandra. Psicologia social, saber, comunidade e cultura. **Psicologia & Sociedade**, v. 16, n. 2, p. 20-31, maio/ago. 2004.

LIMA, A. M. L. P.; CAVALHEIRO, F.; NUCCI, J. C.; SOUSA, M. A. L. B.; FILHO, N. DEL PICCHIA, P. C. D. Problemas de utilização na conceituação de termos como espaços livres, áreas verdes e correlatos. *In*: CONGRESSO DE ARBORIZAÇÃO URBANA, 2., 1994, São Luís, **Anais [...]**. São Luís: SBAU, 1994. p. 539-553.

LOGAN, Robert K. **Que é informação?** a propagação da organização na biosfera, na simbolosfera, na tecnosfera e na econosfera. Rio de Janeiro: Contraponto/PUC-RIO, 2012.

MACEDO, Carolina Souza. **"Tudo sobre a ditadura militar" e, sobretudo, a ditadura militar: memória e esquecimento no jornal Folha de S. Paulo**. 2018. 175 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2018.

MACHADO, Andréia Ramos. **O turismo nas mídias digitais: contratos enunciativos com o turista da atualidade**. 2017. 220 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2017.

MANGAN, Patrícia Kayser Vargas. Construção de memórias digitais virtuais no ciberespaço. *In*: FRANÇA, Cristina Caminho de Castilhos; LOPES, Cícero Galeno; BERND, Zilá (Org.). **Patrimônios memoriais: identidades, práticas sociais e cibercultura**. Porto Alegre: Movimento; Canoas: Unilasalle, 2010. p. 170-184.

MARTELETO, Regina Maria. Conhecimento e sociedade: pressupostos da antropologia da informação. *In*: AQUINO, Míriam Albuquerque. **O campo da Ciência da Informação: gênese, conexões e especificidades**. João Pessoa: Ed. Universitária, 2002. p. 101-115.

MARTELETO, Regina Maria. O lugar da cultura no campo de estudos da informação: cenários prospectivos. *In*: LARA, Marilda Lopes Ginez de; FUJINO, Asa; NORONHA, Daisy Pires (Org.). **Informação e contemporaneidade: perspectivas**. Recife: Néctar, 2007. p. 13-26.

MARTELETO, Regina Maria; SALDANHA, Gustavo. Informação: qual estatuto epistemológico? *In*: MORIGI, Valdir Jose; JACKS, Nilda; GOLIN, Cida (Org.). **Epistemologias, comunicação e informação**. Porto Alegre: Sulina, 2016. p. 69-90.

MASSONI, Luis Fernando Herbert. **A construção das memórias virtuais da cidade: narrativas sobre Porto Alegre no aplicativo Foursquare**. 143 f. 2017. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Informação) – Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2017.

MASSONI, Luis Fernando Herbert. **Informação e imaginários urbanos: um estudo sobre a cidade e seu patrimônio cultural a partir do jornal Zero Hora de Porto Alegre.** 123 f. 2014. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Biblioteconomia) – Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. 2014.

MASSONI, Luis Fernando Herbert; MORIGI, Valdir Jose. A cidade na palma da mão: informações e memórias no aplicativo Foursquare. *In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO*, 18., 2017, Marília. **Anais [...]**. Marília: UNESP, 2017. p. 1-19.

MASSONI, Luis Fernando Herbert. Narratologia como método para estudar as representações sobre a cidade. SEMINÁRIO DISCENTE DO PPGCOM/UFRGS, 1., Porto Alegre, 2016, Porto Alegre. **Anais [...]**. Porto Alegre: UFRGS, 2016. p. 11-16.

MEDAGLIA, Juliana. **Os desafios do uso qualificado da informação em turismo: o caso da pesquisa de demanda turística real de Diamantina/MG.** 2017. 200 f. Tese (Doutorado em Ciências da Informação) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2017.

MENESES, José Newton Coelho. Memória e historicidade dos lugares: uma reflexão sobre a interpretação do patrimônio cultural das cidades. *In: AZEVEDO, Flávia Lemos Mota de; PIRES, João Ricardo Ferreira; CATÃO, Leandro Pena (Org.). Cidadania, memória e patrimônio: as dimensões do museu no cenário atual.* Belo Horizonte: Crisálida, 2009, p. 32-45.

MERCADO PÚBLICO DE PORTO ALEGRE. **Mercado Público de Porto Alegre te dá as boas-vindas.** 2019. Disponível em: [www.mercadopublico.com.br](http://www.mercadopublico.com.br). Acesso em: 4 maio 2020.

MESQUITA, Zilá; SILVA, Valéria Pereira da. Lugar e imagem: desvelando significados. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, n. 34, p. 116-138, jul./dez. 2004.

MORIGI, Valdir Jose. **Ônibus Linha Turismo.** 1 foto color. Porto Alegre, 2018.

MORIGI, Valdir Jose; BONOTTO, Martha E. K. Kling. A narrativa musical, memória e fonte de informação afetiva. **Em Questão**, Porto Alegre, v. 10, n. 1, p. 143-161, jan./jun. 2004.

MORIGI, Valdir Jose; COSTA, Carmen Lucia Oliveira. Informações turísticas e cultura: um estudo sobre o material publicitário na construção da memória social. *In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO*, 11., 2010, Rio de Janeiro. **Anais [...]**. Rio de Janeiro: IBICT, 2010, p. 1-21.



MORIGI, Valdir Jose; MASSONI, Luis Fernando Herbert. Memórias em rede: as fotografias em ambientes virtuais. **Liinc em Revista**, Rio de Janeiro, v. 11, n. 2, p. 517-530, nov. 2015.

MORIGI, Valdir José; MASSONI, Luis Fernando Herbert; MILANI, Luciana. Roteiros turísticos, itinerários memoriais: a Linha Turismo de Porto Alegre. **Revista Iberoamericana de Turismo**, Maceió, v. 9, n. esp., p. 80-96, 2019.

MORIGI, Valdir José; MILANI, Luciana; MASSONI, Luis Fernando Herbert. Itinerários memoriais: a cidade e seus patrimônios culturais na narrativa turística. **Mouseion**, Canoas, n. 35, p. 71-83, 2020.

MOSCOVICI, Serge. **Representações sociais: investigações em psicologia social**. Rio de Janeiro: Vozes, 2003.

MOTTA, Luis Gonzaga. **Análise crítica da narrativa**. Brasília: Editora UnB, 2013.

MURGUIA, Eduardo Ismael. A memória e sua relação com arquivos, bibliotecas e museus. *In*: MURGUIA, Eduardo Ismael (Org.). **Memória: um lugar de diálogo para arquivos, bibliotecas e museus**. São Carlos: Compacta, 2010. p. 11-32.

NASCIMENTO, Patrícia Ceolin. **A informação como narrativa: mídia e troca simbólica**. 2007. 101 f. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

NORA, Pierre. Entre a memória e a história: a problemática dos lugares. **Projeto História**, São Paulo, v. 10, dez. 1993, p. 7-28.

OLIVEIRA, Maria Amália Silva Alves. “Biografia cultural das coisas”: aporte metodológico para o estudo do turismo. **Resgate: Rev. Interdiscip. Cult.**, Campinas, v. 23, n. 30, p. 29-42, jul./dez. 2015.

OPENSTREETMAP FOUNDATION CONTRIBUTORS. **OpenStreetMap**. [s.l.]: [202-?]. Disponível em: [www.openstreetmap.org](http://www.openstreetmap.org). Acesso em: 12 maio 2020.

PASTOR ALFONSO, María José. El patrimonio cultural como opción turística. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, v. 9, n. 20, p. 97-115, out. 2003.

PELLANDA, Eduardo Campos. A conexão entre lugares e espaços proporcionada pela rede Foursquare. **Intexto**, Porto Alegre, v. 1, n. 24, p. 164-175, jan./jun. 2011.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. Sensibilidades no tempo, tempo das sensibilidades. **Nuevo Mundo Mundos Nuevos**. 4 fev. 2005. Disponível em: <http://journals.openedition.org/nuevomundo/229>. Acesso em: 8 fev. 2020.

PORTO ALEGRE. PROCEMPA. **Mapa digital oficial de Porto Alegre**. [201-?]. Disponível em: <http://mapas.procempa.com.br/mapaoficial/>. Acesso em: 02 abr. 2020.

PRATA, Juliana Mendes. **Patrimônio cultural e cidade: práticas de preservação em São Paulo**. 2009. 182 f. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, 2009.

PORTO ALEGRE. **Secretaria Municipal de Desenvolvimento Econômico e Turismo**. Disponível em: <https://prefeitura.poa.br/smdet>. Acesso em: 11 jun. 2021.

REIS, Carlos. Narratologia(s) e teoria da personagem. **Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade de Passo Fundo**, Passo Fundo, v. 2, n. 1, p. 26-36, jan./jun. 2006.

RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Campinas: Editora da Unicamp, 2007.

RICOEUR, Paul. Entre tempo e narrativa: concordância/discordância. **Kriterion**, Belo Horizonte, n. 125, p. 299-310, jun. 2012.

ROXO, Lucas Costa. A virtualização da memória: linguagem, memória e imaginação. **Mouseion**, Canoas, n. 9, p. 3-18, jan./jul. 2011.

SANTOS, Milton. O tempo nas cidades. **Ciência e Cultura**, São Paulo, v. 54, n. 2, p. 21-22. out./dez. 2002.

SANTOS, Regina Tavares de Menezes dos. **Memórias em trânsito: confrontos entre lembrança e memória nos ambientes propostos pelos Centros de Memória e Cultura na Zona Leste do município de São Paulo**. 2015. 234 f. Tese (Doutorado em Comunicação) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2015.

SANTOS, Tatiana Cristina Siqueira dos. **Narrativa no fluxo de informação durante o compartilhamento de conhecimento em MPes: um estudo multicaso nos núcleos setoriais e câmaras da ACIF**. 2014. 202 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2014.

SANTOS JÚNIOR, Luiz Celso dos; BALDISSERA, Rudimar. Reflexões sobre a articulação: Comunicação-Cultura-Identidade no Turismo. **Gestão & Desenvolvimento**, Novo Hamburgo, V. 4, n. 2, p. 121-128, 2007.

SCHITTINE, Denise Ventura. Memória virtual: construção de arquivos e instrumentação de leitores na internet. **Artefactum**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 152-171, jul. 2009.

SENA, Jocelaine Rodrigues de. **A memória virtual de Porto Alegre a partir das informações contidas nas postagens da página do projeto Ruas da Cidade no Facebook**. 50 f. 2015. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Biblioteconomia) – Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. 2015.

SILVA, Vanessa Tonelli da. **O turismo e a reconfiguração de linguagem no ciberespaço: uma análise do portal Visit Brasil**. 2017. 139 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2017.

SOUZA; Paulo Victor; CUNHA, Rodrigo do Espírito Santo da. Entre o ser e o estar: a representação do eu e do lugar no Foursquare. *In*: RIBEIRO, José Carlos; FALCÃO, Thiago; SILVA, Tarcízio (Org.). **Mídias sociais: saberes e representações**. Salvador: EDUFBA, 2012. p. 31-47.

TAVARES, Adriana de Menezes. **City-tour**. São Paulo: Aleph, 2002.

VALENCIA, José Francisco. Representações sociais e memória social: vicissitudes de um objeto em busca de uma teoria. *In*: SÁ, Celso Pereira de (Coord.). **Memória, imaginário e representações sociais**. Rio de Janeiro: Museu da República, 2005. p. 99-119.

VILLAS BÔAS, Lúcia. História, memória e representações sociais: por uma abordagem crítica e interdisciplinar. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, v. 45, n. 156, p. 244-258, abr./jun. 2015.

## APÊNDICE A – E-mails Enviados à Secretaria de Desenvolvimento Econômico

### Contato 1 – E-mail Enviado em 13 de Dezembro de 2020

Solicitação de Acesso ao Áudio **Linha Turismo** >



**Luis Fernando Massoni** <luisfernandomassoni@gmail.com>  
para leonardo.hoff ▾

dom., 13 de dez. de 2020 19:03 ☆ ↶ ⋮

Prezado Secretário Leonardo Hoff,

Sou estudante de doutorado do Programa de Pós-graduação em Comunicação da FABICO/UFRGS e estudo, em minha tese, as memórias da cidade de Porto Alegre narradas pelo setor **turístico**. Estou estudando a **Linha Turismo**, especialmente o áudio que é reproduzido ao longo do trajeto de ônibus.

Tendo em vista que o serviço encontra-se indisponível, devido à pandemia de COVID-19, solicito à Secretária de Desenvolvimento Econômico se é possível que me envie o áudio ou sua transcrição em texto. Peço essa ajuda pois, sem esse material, o desenvolvimento da pesquisa seria bastante comprometido.

No anexo, encaminho um texto formal solicitando acesso ao material e me comprometendo a utilizá-lo somente para fins acadêmicos.

Contando com sua colaboração, agradeço desde já!

Atenciosamente,

--

**Luis Fernando Herbert Massoni**

Doutorando e Mestre em Comunicação e Informação (PPGCOM/UFRGS)

Bacharel em Biblioteconomia (UFRGS)

Lattes: <http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?id=K4354573U4>

Fonte: elaborado por Luis Fernando Herbert Massoni, 2021.

### Contato 2 – E-mail Enviado em 18 de Janeiro de 2021

Solicitação de Acesso ao Áudio da **Linha Turismo** - para tese UFRGS >



**Luis Fernando Massoni** <luisfernandomassoni@gmail.com>  
para contato.smde ▾

seg., 18 de jan. 11:51 ☆ ↶ ⋮

Prezada Equipe da Secretaria Municipal de Desenvolvimento Econômico.

Sou estudante de doutorado do Programa de Pós-graduação em Comunicação da FABICO/UFRGS e estudo, em minha tese, as memórias da cidade de Porto Alegre narradas pelo setor **turístico**. Estou estudando a **Linha Turismo**, especialmente o áudio que é reproduzido ao longo do trajeto de ônibus no percurso Centro Histórico.

Tendo em vista que o serviço encontra-se indisponível, devido à pandemia de COVID-19, solicito à Secretária Municipal de Desenvolvimento Econômico se é possível que me envie o áudio ou sua transcrição em texto. Peço essa ajuda pois, sem esse material, o desenvolvimento da pesquisa seria bastante comprometido.

No anexo, encaminho um texto formal solicitando acesso ao material e me comprometendo a utilizá-lo somente para fins acadêmicos.

Contando com a colaboração da SMDE, agradeço desde já!

Atenciosamente,

--

**Luis Fernando Herbert Massoni**

Doutorando e Mestre em Comunicação e Informação (PPGCOM/UFRGS)

Bacharel em Biblioteconomia (UFRGS)

Lattes: <http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?id=K4354573U4>

Fonte: elaborado por Luis Fernando Herbert Massoni, 2021.